REVISTA DA SEMANA

N.º 27 ★ 8-7-50

Cr$ 3,00 em todo o Brasil





NESTE NÚMERO:

EDIÇÃO DE 50º ANIVERSÁRIO

Guarde bem a lembrança dêste momento...



O costume de se entrelaçarem rosas ou lírios brancos no buquê de noiva vem de tempos imemoriais. Os antigos, entretanto, não admitiam que se usassem flores artificiais para êsse fim, porque, diziam, a lembrança do perfume das flores naturais, notadamente as rosas, devia ficar para sempre associada, na mente dos jovens noivos, à recordação do momento mais feliz de suas vidas.

★

Das nuvens vaporosas do seu véu de noiva, deixe que se evole a suave fragrância de Leite de Rosas.

Servindo de base à delicada e discreta maquilagem dêsse dia, assegurando a perfeição e o aveludado de sua cútis, Leite de Rosas ficará indelevelmente entre as mais doces recordações de sua festa nupcial.

LABORATÓRIOS LEITE DE ROSAS LTDA.

Rua São Luiz Gonzaga, 2.085

Tel. 48-7660 — Rio

Photographias, vistas instantaneas, desenhos e ...

REVISTA DA SEMANA

Anno I — N. 1 DOMINGO, 20 DE MAIO Numero: 300 réis

AS FESTAS DO IV CENTENARIO



O monumento commemorativo do descobrimento do Brazil, trabalho do esculptor Rodolpho Bernardelli. Vista da praça da Gloria no dia 3 de Maio (Photographia offerecida pelos Srs. Bastos & Dias)

Reprodução da primeira capa da REVISTA DA SEMANA, a famosa fotografia da inauguração do monumento a Cabral, por ocasião do IV Centenário do descobrimento do Brasil. Então essa data ainda era celebrada no dia 3 de maio, por mais que a história indicasse a de 22 de abril.

MEIO SÉCULO

ESTA publicação, a mais antiga do Brasil, no seu gênero, vem de completar meio século de existência. Cinqüenta anos de vida ininterrupta foram vencidos, dentro desta casa que vale por uma tradição vinculada aos primórdios da Imprensa Ilustrada do país no Século XX. Foi a fundação da REVISTA DA SEMANA, obra do dr. Álvaro de Tefé, tendo circulado o primeiro número a 20 de maio de 1900. Meses mais tarde, imperativos de ordem particular levavam-no a transferi-la para os irmãos Mendes de Almeida, ou melhor, para a Sociedade Anônima Jornal do Brasil, à qual pertenceu até 1915. Foi nesse ano que Aureliano Machado, homem empreendedor e de visão, adquiriu a propriedade da REVISTA DA SEMANA, organizando uma sociedade anônima, intitulada Companhia Editôra Americana, juntamente com Artur Brandão e Carlos Malheiros Dias. Desligada do "Jornal do Brasil", a antiga revista de Álvaro de Tefé ficou sem oficinas próprias. Foi por algum tempo ainda impressa nas daquele matutino. Mas o progresso da REVISTA, o aumento de sua circulação e o êxito da nova fase, criaram uma dificuldade maior: as máquinas do "Jornal do Brasil" ficavam em apuros para desobrigar-se da tarefa semanal de editar esta publicação. Temporàriamente, ela passou a ser impressa nas oficinas de Francisco Alves. Entrementes, os mesmos óbices, fruto daquele progresso sempre crescente, repetiam-se pouco mais tarde. Só havia um recurso: instalar oficinas próprias. Aureliano Machado e Artur Brandão providenciaram essa iniciativa sem demora. E as oficinas, sob a razão social de Machado & Brandão, foram fundadas, a princípio distintas da Companhia Editôra Americana. Em 1918, Artur Brandão desligava-se da companhia e da firma Machado & Brandão, seguindo para Portugal e ali ingressando na política, tornando-se também editor. Por espaço de cinco anos ainda Carlos Malheiros Dias permaneceu ao lado de Aureliano Machado. Seguia também, em 1925, para Portugal, dedicando-se ao desenvolvimento de uma sociedade vinícola. Mais tarde regressava ao Rio, aqui reencetando suas atividades jornalísticas. Desde então ficou Aureliano Machado sòzinho, à frente das emprêsas que havia fundado. E a REVISTA DA SEMANA não estacionou. Mais tarde era adquirido o prédio da rua Maranguape, onde ainda se encontra, o mesmo em que anteriormente havia funcionado o velho Hotel dos Estados. Nesse novo edifício foi consolidada a existência da revista pioneira no seu gênero. Em fins de 1935, dava-se o falecimento de Aureliano Machado, energia criadora e bem orientada, a quem se deve tanto daquele sucesso jornalístico. Mas a sua obra continuou, entregue aos herdeiros e sucessores que se prezam de honrar a memória do homem de iniciativa e realização que êle soube ser.

★

No momento em que a REVISTA DA SEMANA vê encetar o seu quinquagésimo primeiro ano de vida, tendo assistido ao desenrolar dos acontecimentos no Brasil e no Mundo dêste agitado meio século de tão marcantes ocorrências e no seu pôsto de honra para os que hão de vir — aqui ficam a gratidão e as homenagens dos que a servem atualmente, aos que a fizeram, antes, e aos que a lêem. Outro meio século virá. E ainda outros. Os homens passam, as coisas morrem, mas uma publicação da estirpe a que se ufana de pertencer a REVISTA DA SEMANA, quanto mais avançada na idade — mais moça e com vitalidade maior. — A REDAÇÃO.

1900-1950

CINQUENTA ANOS DE VIDA COMPLETA A VETERANA DAS REVISTAS BRASILEIRAS ★ UM POUCO DE SUA HISTÓRIA ATRAVÉS DE SEUS ARQUIVOS E DA ENTREVISTA DO FUNDADOR ÁLVARO DE TEFFÉ

Texto de SABINO CANALINI



ALVARO DE TEFFÉ quando estudante de Medicina, na época em que criava com o pensamento o que depois seria realidade, a **REVISTA DA SEMANA.**

EM 20 de maio de 1900, isto é, nos últimos meses do século passado, após uma vasta propaganda, que inundou a cidade de cartazes alusivos, saía a público o primeiro número desta Revista. O que foi o sucesso dêsse empreendimento, arrojado para a época, é claramente evidenciado pelo fato de que só aquêle primeiro número tirou três edições! Desde então passaram-se cinquenta anos de ininterrupta atividade e, para comemorar um fato nada depreciável na imprensa, onde dezenas de publicações apareceram e morreram, foi preparado êste número, e nós fomos incumbidos de pesquisar no arquivo da Revista o que foi, em traços gerais, o seu aparecimento e vida até hoje.

Mergulhamos então, nos preciosos primeiros volumes da coleção da Revista e em cada década procuramos o número alusivo ao aniversário. Encontramos formatos diferentes para os anos de 1910 e 1920. Eram bem menores, mais grossas, porém. Isso evidencia o espírito de renovação que sempre animou a Revista, sempre procurando alguma coisa para o maior sucesso da publicação, nem que fôsse simplesmente no formato.

Para o ano de 1910, não houve pròpriamente um número especial, apenas, no número de 22 de maio apareceu um pequeno tópico a respeito. Mesmo assim, as poucas palavras escritas, refletem claramente o que era a mentalidade da época e o que se pensava sôbre leis, direito, liberdade, moral e outros assuntos, hoje tratados com muito maior naturalidade. A preocupação máxima, como aliás continua hoje em certos meios, era a de anunciar de modo bem ostensivo que a publicação era perfeitamente familiar. Textualmente: "Orgulhamo-nos de nossa Revista poder ainda figurar na cesta de costura de nossas patrícias". Isso queria dizer que o semanário tinha entrada livre no mais recôndito ângulo da casa, o mesmo que a lareira para os europeus e o tálamo para os clássicos. Mas também mostra que a mulher aqui no Brasil ainda não havia começado a lutar por um lugar ao sol. Ainda existia um ambiente mais ou menos feudal para certa classe de mulheres. O próprio Rio mantinha o aspecto colonial. Feio, sujo, cheio de doenças, sem confôrto, "Enfim, uma porcaria!" — como nos disse o fundador desta Revista, apesar de carioca. Acreditamos piamente que não deveria ser muito agradável sair à rua para salpicar de lama as saias-balão. Mas não chegamos ao extremo de acreditar que as leituras das moças e senhoras de então fôssem constituídas exclusivamente pelos Floretes de São Francisco. Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Bocage, Júlio Ribeiro, Guy de Maupassant e Gustave Flaubert, eram lidos às escondidas, àvidamente, para suavizar as páginas de "A moreninha", sem falar nos folhetos em série chegados diretamente de Paris! E' bem possível, portanto, que a Revista figurasse nas cestas de costuras das cariocas. Bem à mostra, naturalmente, enquanto que, no fundo, hàbilmente escondido pelos inocentes bordados, devia estar um volume de "A carne". Não, positivamente não! As publicações dedicadas exclusivamente às famílias escondiam de propósito, ignoravam os problemas da vida, como realmente ela é. Podem nos dizer os que viveram então que tipo de moral existia naquela época? Não era a mesma sem-vergonhice de agora? Se as publicações eram recatadas, censuradas, ou se mesmo não existiam, à que se deve então a falta de pudor, a irresponsabilidade e a devassa imoralidade que a história nos conta e que tanto prejudicou a nossa época e a nossa formação? A Revista hoje é diferente. Não diz que é familiar nem que não é. Mostra cruamente qual é a vida de hoje, sem máscaras. Se às vêzes aborda assuntos mais ou menos perigosos, é para ensinar, focalizar para os espíritos bem formados o que não lhes é dado conhecer de perto. E se alguém achar que há farta distribuição de carapuças, pois bem, tenha coragem bastante para vesti-las, foram feitas para serem usadas. A imprensa de hoje deve vigiar e acusar, não esconder os interêsses de quem quer que seja!

Em 1920, um artigo de fundo lembrava aos leitores o que haviam sido as duas primeiras décadas de vida da Revista. Recordava a crônica que Medeiros e Albuquerque assinara para o primeiro número: "Simples apresentação". Nada de política nem de apoio ostensivo a qualquer

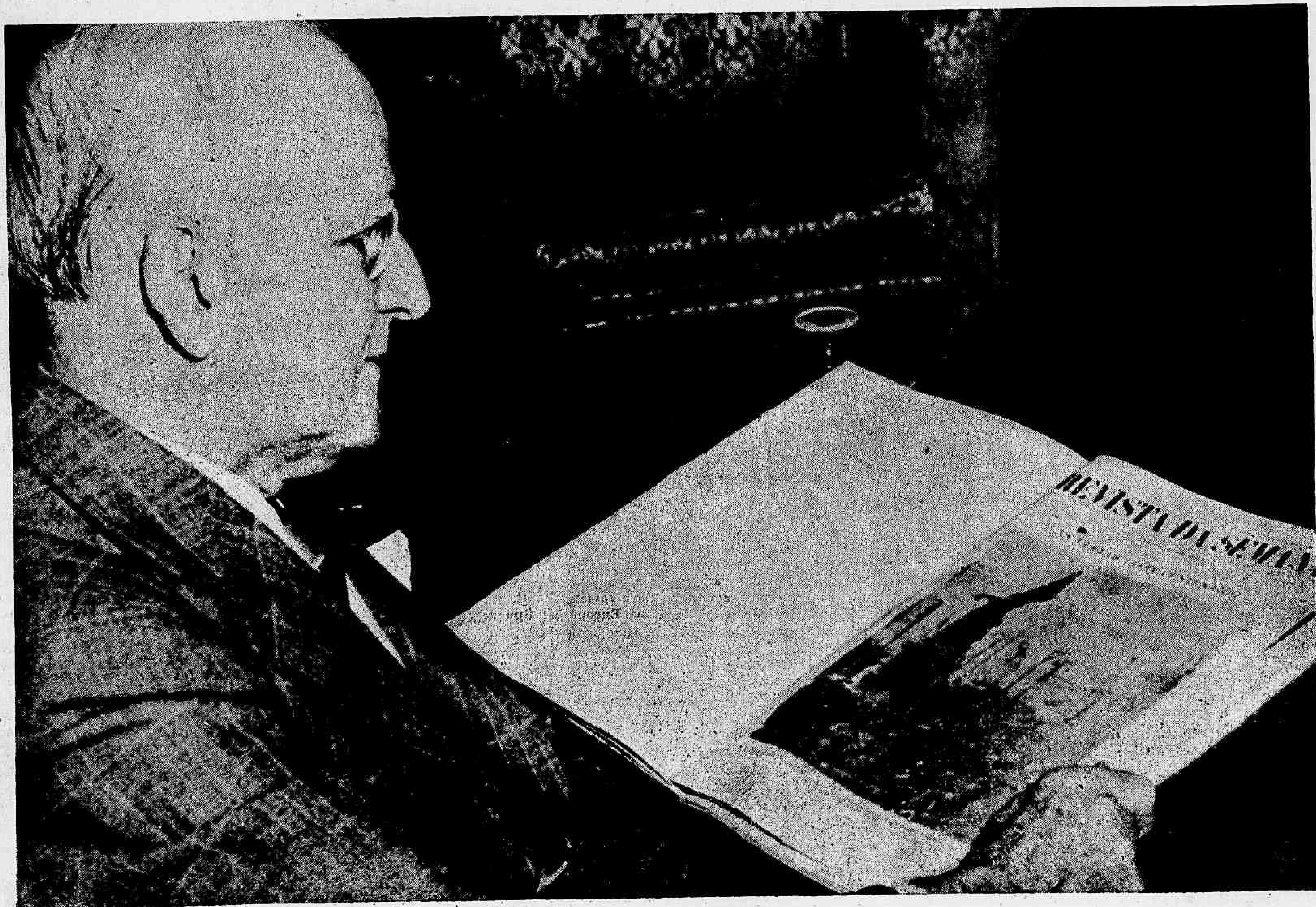


FOTO ATUAL do fundador de nossa Revista quando folheava o primeiro número da mesma e recordava para o repórter os acontecimentos que antecederam o aparecimento da mesma. Para a época foi sem dúvida um empreendimento de fôlego, ainda mais porque ia de encontro à mentalidade estreita do fim do século. Contou porém logo com um grande aliado, a aceitação da massa burguesa, que garantiu o sucesso.

escola literária, prometia então o cronista. E' que as rodas boêmias digladiavam-se através de combates literários. Clássicos, românticos, modernistas. Bom tempo êsse em que havia tempo para intermináveis horas perdidas em discussões inúteis nos abundantes cafés da Rua do Ouvidor ou da Avenida! Quanto poeta de pé-quebrado! Como cheira a môfo isso tudo, agora, época de televisão e bomba-atômica! Prometia Medeiros e Albuquerque uma revista para o povo, isso há cinquenta anos atrás. O polvo dos proletários já começava a ser respeitado. Mas se agora existem 75% de analfabetos, imaginem no fim do século passado. Apesar de tudo a Revista teve sucesso e chegou a tirar 25.000 cópias, para a capital e o interior. Explica-se pelo fato de ser a única e reproduzir fotografias. A mentalidade era ainda meio colonial. A tradição conservadora, a apatia e o marcar-passo do Império ainda influenciavam grandemente os saudosistas da escravidão e das outras instituições sagradas. A onda renovadora da República ainda estava muito no início. Ainda era a fase de oportunismo, com as consequentes lutas políticas. Apesar disso, os que sabiam ler mostraram logo preferência pela publicação nova e ousada. Era o desejo inato de progredir, de curiosar, de conhecer coisas novas. Prometiam-se "muitas ilustrações, especialmente fotografias de assuntos nacionais e estrangeiros, caricaturas, modas, cenas das grandes obras dramáticas, peças de música, romances, abstenção de crítica literária". Em linhas gerais, continua assim até hoje, a finalidade é a mesma. Se a Revista resistiu, porém, é porque soube adaptar-se aos tempos, evoluiu sempre, não se apegou a um conservadorismo insensato. Observa-se fàcilmente percorrendo os inúmeros volumes do arquivo, espêlho exato dos últimos cinquenta anos de vida no Brasil e no mundo. Já em 1900 era iniciada a base de tôda a imprensa de hoje: a reportagem. Atual, viva, quase sempre fiel, revelando aos leitores facetas de coisas e acontecimentos que de outra forma não chegariam ao conhecimento público, "tão indispensável a curiosos espíritos que nela busquem sobretudo a crônica ilustrada dos sucessos contemporâneos". Passaram-se cinquenta anos, e mais do que nunca está evidenciada a utilidade da reportagem.

Para o número de aniversário de 1930, a Revista publicou um artigo de Álvaro de Teffé, o fundador, sob o título "Como surgiu a REVISTA DA SEMANA" em que lembrava as lutas iniciais para fundar e publicar a que chama de "filha única". Por haver seguido outros rumos na vida, como seja a política antes e a diplomacia depois, Álvaro de Teffé desligou-se quase logo da Revista, é por isso que pouca gente sabe que foi êle o fundador da nossa Revista, mesmo porque no cabeçalho não há referência alguma. Procuramo-lo em sua atual residência, onde nos confessou que mesmo seus amigos desconhecem suas atividades jornalísticas. O político e o diplomata Álvaro de Teffé é conhecido, mas o homem de imprensa não, muito menos o fundador da precursora da fotogravura em nosso país. Aí é que está o grande mérito da Revista. Outras publicações ilustradas já existiam, especialmente devido à caricatura do mestre Ângelo Agostini, o introdutor da litogravura no Brasil, mas nenhuma reproduzia fotografias. Álvaro de Tefé, que então estudava na Sorbonne, pensou em fundar uma revista à imitação da "Illustration" francesa. Mesmo na Europa tal tipo de publicação era raro, novidade absoluta foi para o Brasil e América do Sul. O material empregado era do melhor, desde os tipos franceses e inglêses, ao papel "couché". A gravura que ilustra a capa do primeiro número é uma fotografia da inauguração da estátua de Pedro Álvares Cabral, por ocasião do IV Centenário da descoberta do Brasil. Essa fotografia tem uma história, que vamos relatar na palavra de Álvaro de Teffé.



FOTO TIRADA em 1920 na atual sede da Revista, por ocasião da visita que Álvaro de Teffé realizou a convite de Aureliano Machado (o da direita) diretor da Revista



PROCURADO PELA reportagem, Álvaro de Teffé autografou a foto acima reproduzida e na qual se pode ler a dedicatória abaixo transcrita.

— Além dos outros obstáculos de ordem técnica — contou-nos — a maior dificuldade foi encontrar quem trabalhasse como repórter fotográfico. Essa profissão não existia ainda. Havia vários estúdios, mas exclusivamente para as clássicas poses artísticas ou grupos familiares. Ninguém ousava tirar fotografias no meio da rua, principalmente devido ao fato de requerer um tal preparo ostensivo que terminava por chamar a atenção dos molecotes de então que, por meio de vaias e pedradas, impediam o trabalho do profissional. Foi o que aconteceu por ocasião da inauguração do monumento a Cabral. Tempos antes, para reconhecer o lugar e preparar tudo, o rapaz que havia sido contratado para tal fim, acercou-se do monumento e começou a armar o tripé que deveria segurar a máquina. Não devemos esquecer que era o fim do sé-

(Continua na pág. 22)

GRANDE é a minha alegria por ter podido assistir ao meio século de publicação ininterrupta da REVISTA DA SEMANA, na qual, desde o ano de 1900, foram impressas, pela primeira vez na América do Sul, fotografias das principais ocorrências hebdomadárias, gravuras que substituiram com êxito formidável, os desenhos lito ou zincografados então em uso. Brindo ao outro meio século, e mais séculos futuros de sua existência. 28-6-50.

ALVARO DE TEFFÉ

COPA do MUNDO...

A Copa do Mundo prende tôdas as atenções. A cidade está cheia de turistas desejáveis e indesejáveis.

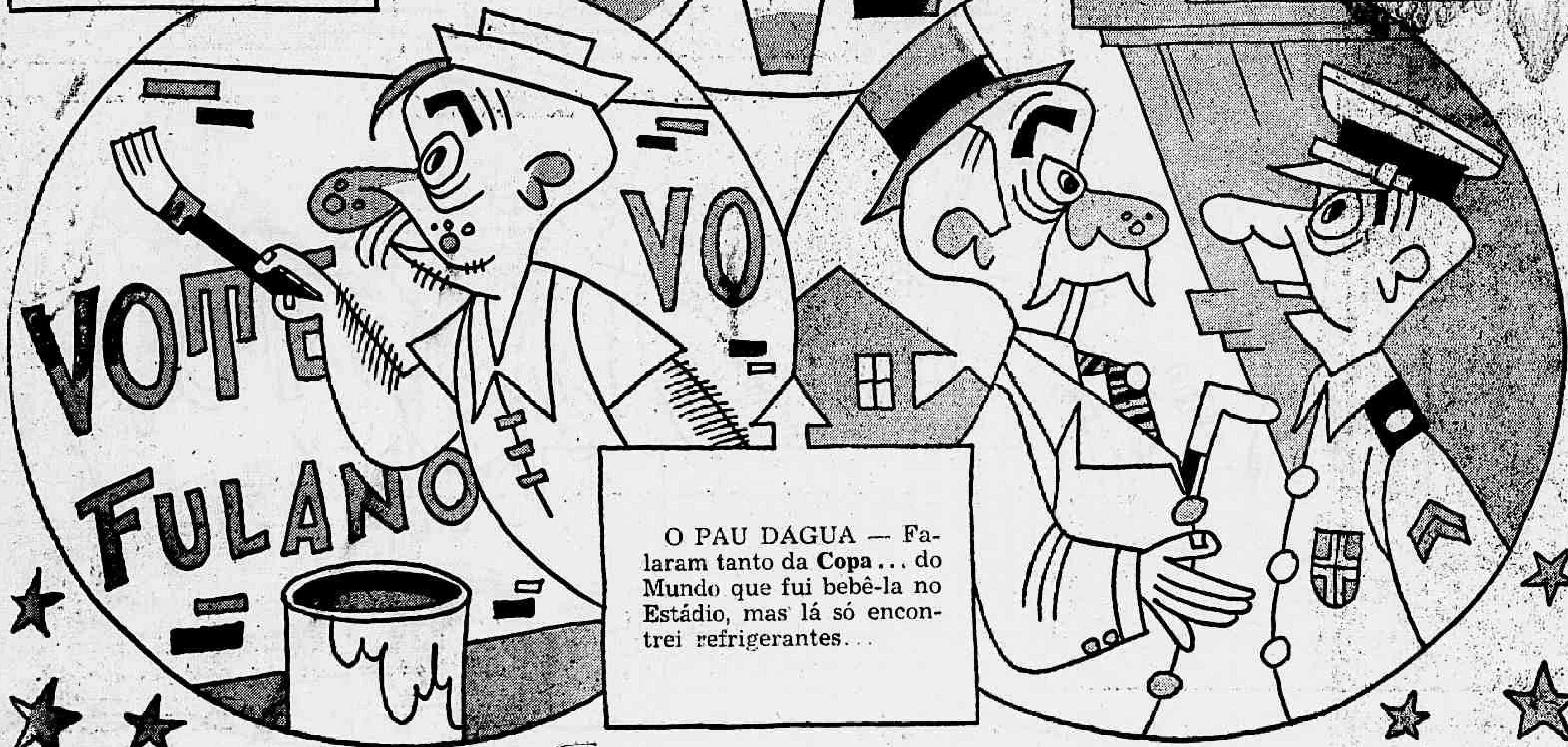


— Eu tenho uma inveja de você, seu turista!
— Você descompõe o juiz lá de sua terra e êle entende!

Os batedores de carteira fazem uma féria, na hora em que o torcida descompõe o juiz!...

Os caçadores de votos ocuparam tôdas as paredes próximas ao estádio. O torcida que **vota** no concurso de **cracks** está fazendo uma tremenda confusão.

— Gastaram tanto dinheiro no Estádio e não puseram elevadores lá para o último andar?!



O PAU DAGUA — Falaram tanto da **Copa**... do Mundo que fui bebê-la no Estádio, mas lá só encontrei refrigerantes...

O PRIMEIRO GOAL DO BRASIL NA COPA DO MUNDO

Demorou um pouco a queda do arco mexicano na inaugural das finais da Copa do Mundo. Sòmente no 32º minuto a ofensiva brasileira se fêz sentir, quando o "homem-chave" marcou o primeiro tento nacional. Aproveitando a bola ter escapulido do contrôle do goleiro, Carvajal, após um tiro de Baltasar, Ademir encheu o pé, atingindo as redes mexicanas, enquanto Uchôa corria para salvar o perigo — mas era tarde e o couro havia batido nas redes. Foi nesse momento histórico da Copa do Mundo de 1950 que a objetiva de José Santos colheu êste flagrante por todos os títulos excepcional.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ N.º 27 ★ 8-7-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJOS

PUBLICACAO DE ARTE.
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL
E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .. Cr$ 140.00
Seis meses .... Cr$ 70.00
Registrada — Um ano ... Cr$ 170.00
Seis meses .... Cr$ 85.00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270.00
Seis meses .... Cr$ 140.00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3.50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5[illegible]

A SEMANA EM REVISTA

OS LADRÕES SE APERFEIÇOAM...



Foi divulgada pela imprensa do Rio uma estatística das mais curiosas: o resultado da luta polícia x gatunos no espaço de um trimestre: março, abril e maio dêste ano. Da apuração em número de furtos e roubos, chega-se a êste resultado: mais de dez por dia, no valor médio de Cr$ 11.015,00, nível bastante alto, e que demonstra que os larápios não se arriscam por bagatelas. E' claro que a saíra é ainda muito maior, sabendo-se que, na estatística só foram computados os casos figurados em queixas à polícia nos diversos distritos da capital. E os que são vítimas de furtos e preferem dar o caso por consumado? O total furtado (ou roubado) se elevou, em dinheiro à considerável cifra de Cr$ 10.806.052,00 englobando nada menos de 981 queixas! Dêsse montão de delitos, só foram apreendidos cêrca de Cr$ 5.000.000,00, ou seja, mais ou menos a metade. A outra parte continua em poder dos malandros, e, quanto ao número de furtos, só conseguiu a polícia vencer 273, ficando ainda a solucionar, nada menos de 708.

Teremos então de concluir o seguinte: ou nossa organização policial ainda é incompleta, exigindo maior número de agentes para enfrentar o exército de delinquentes, ou então êsses meliantes estão conseguindo elevado nível de aperfeiçoamento em suas manigâncias... E que cada habitante da cidade meta trancas às portas!

MULHER, NÃO!



E' tradicional a proibição de mulher acompanhar tripulantes masculinos nas viagens de seus respectivos barcos. As marinhas mercantes de todos os países vedam a promiscuidade entre os sexos a bordo de seus navios, exceção única da URSS que possui elementos femininos trabalhando na profissão de marítimos. Contudo, os homens do mar não se cansam de lutar por essa reivindicação e tudo fazem para conseguir a revogação dessa praxe, permitindo-lhes conduzirem suas espôsas a bordo nas longas viagens por êsses mares sem fim.

Ouvindo essas solicitações, a emprêsa marítima "Orion Shipping and Trading", de Nova York, há cêrca de um ano, abriu uma exceção para os comandantes de seus barcos, permitindo-lhes levarem as caras-metades em plena função pelo mundo. Para justificar a quebra da tradição, alegaram os armadores que a experiência tinha por objetivo levantar o moral dos capitães dos vinte e dois navios da Companhia.

Um ano se passou sob êsse novo e revolucionário regime e nos informa a "Orion Shipping and Trading" que a experiência foi coberta de êxito sem precedentes, de tal sorte que muito provàvelmente, ela tirará patente da idéia...

Estamos, pois, em começo de sérias transformações na vida do marítimo. Se já se fêz exceção para os comandantes, dentro em pouco todos os demais oficiais e marinheiros serão beneficiados com a nova ordem: Mulher? Sim...

MUITO OBRIGADO, MEXICANOS!



Dizem que a educação esportiva é parte integrante da cultura moderna. Infelizmente, porém, nem todos os países dêste mundo errado segue êsse conceito, perfeitamente de acôrdo com o velhíssimo "Mens sana in corpore sano". Pelo caráter de violência do futebol, com seus pontapés de arrasar rochedos, é êsse esporte um dos que mais exigem instrução cívica, educação moral, disciplina esportiva, tanto por parte dos seus apreciadores, como no que toca aos próprios jogadores. Nada mais degradante do que vermos espetáculos como os a que assistimos continuadamente em nossos campos. Após encontros "amistosas", cabeças lascadas, juizes em frangalhos, jogadores agredidos, campo invadido, prisões, assistência pública, pronto socorro, necrotério...

Esporte destinado a unir os povos, o futebol tem causado mais desarmonia do que aproximação. Não é culpa do próprio jôgo, e sim de má educação esportiva de jogadores e torcedores. Quando, porém, registramos atitudes e procedimentos de alta significação cívica por parte de jogadores de futebol, reacende-se em todos nós a esperança de que, em futuro próximo, estará êsse popular esporte enquadrado no seu verdadeiro lugar: um elemento catalizador na fraternidade dos povos. Veja-se o que acaba de fazer a embaixada de jogadores mexicanos de futebol presentes no Rio para a disputa da Taça do Mundo. Logo após sua chegada compareceram incorporados ao Largo de S. Francisco e depositaram uma coroa de flores ao pé da estátua de José Bonifácio, o "Patariarca" de nossa Independência. Muito obrigado, mexicanos, responde-lhes o Brasil.

CEGO PODE VOTAR?



Está em votação no Senado um projeto dos mais interessantes pelo aspecto que encerra, tanto no campo do direito, como em face da pessoa humana. E' o projeto que concede direito de voto aos cegos brasileiros. Segundo o redator do atual projeto, o sr. Jorge Cabral de Lacerda, cego e incansável lutador por êsse direito, o voto deve ser mantido em relação aos cegos, pois a Constituição de 1934 o consagrava e êsse mesmo direito foi mantido pela Lei Eleitoral de 1945. Mas, sòmente teria direito a votar, o cego alfabetizado, sabendo escrever pelo sistema de Braile, ou, se tambem sabe escrever normalmente, teria êsse mesmo direito à inscrição nos registros eleitorais, exercendo suas funções de eleitor.

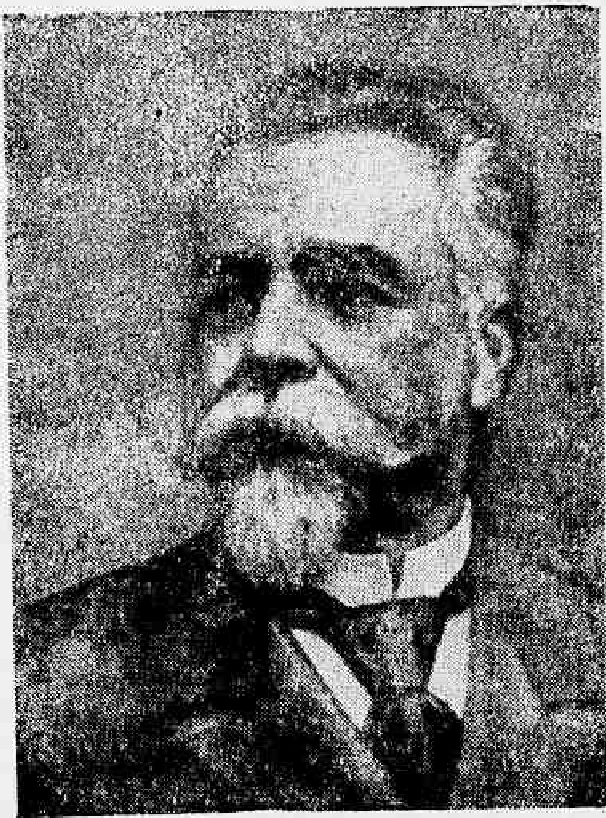
A emenda n. 50, conferindo tais direitos já passou na Câmara, e está agora em debates (ou esteve) na Comissão de Justiça do Senado, resultando já num empate de quatro votos contra quatro. Os que se insurgem contra o voto dos cegos alegam que isso não pode ser exercido por êles porque o voto é secreto e um cego não poderia votar secretamente. Em verdade, essa argumentação é razoável; entretanto, o segrêdo do voto é puramente teórico, e, em geral, ninguém guarda êsse segrêdo. Ora, que mal haveria em se permitir que os cegos, ao receberem as sobrecartas, perguntassem à mesa que chapa era aquela que tinha à mão? E se a mesma fôsse em caracteres Braille, nem isso seria preciso.

A PERSONAGEM DA SEMANA

A situação de insegurança internacional, os atritos entre as nações, as desinteligências entre chancelarias e membros da própria ONU (Organização das Nações Unidas), são uma conseqüência lógica da crise de unidade de vistas resultante dos interêsses e problemas que deixou no mundo a vitória dos aliados na última grande guerra. Por êsse motivo, dizem os estadistas e dizem bem: "ganhamos a guerra; agora precisamos ganhar a paz". Nos detritos ainda flutuando no tabuleiro das conversações internacionais, duas grandes potências se defrontam, cada uma alegando razões para suas respectivas atitudes no campo das influências internacionais: a Rússia e os Estados Unidos da América do Norte. Desde a vitória dos exércitos de Mao Tse Tung contra Chiang Kai Chek, irromperam, em vários pontos da Ásia sul-oriental, pronunciamentos de caráter perigoso para a paz do mundo. Dentre êsses tumultos aparentemente internos e nacionais, um se agravou há cêrca de dois anos: o da Coréia. Examinando-se a posição daquela península, verificamos que estará sempre sujeita a perturbações inspiradas por países fortes com interêsses comerciais ou estratégicos em seu território de quase 220 mil quilômetros quadrados, de terras férteis e fàcilmente cultiváveis. Foi assim, nos fins do século passado, com a China e o Japão, ambos procurando impôr-se ao então reino da Coréia, culminando com a guerra sino-japonêsa de 1894, a vitória do Japão e a independência da Coréia pelo tratado de Shimonosaki. Hoje, os mesmos problemas se repetem. De um lado, os comunistas lutam para que tôda a Coréia seja dirigida por um só govêrno de inspiração soviética; do outro, os coreanos do sul, dirigidos por Rhee, seu atual presidente, se esforçam para manter o país na direção do Ocidente. Para contornar dificuldades, a ONU obteve esta solução: dividir o país em duas partes pelo paralelo 38, pouco ao norte da capital, Seul. Há mais de dois anos que os guerrilheiros do norte vêm promovendo lutas até que agora, a 25 de junho, as tropas regulares do norte invadiram o território do sul, atravessando a linha demarcatória e marchando até Seul, ocupada em 48 horas. Rhee, presidente da Coréia do Sul, obteve imediato auxilio dos Estados Unidos, por intermédio de Mac Arthur sediado no Japão, separado da Coréia por um estreito formado pelo Mar Amarelo e o Mar do Japão. A ONU, reunida sem a presença da Rússia e de outros paises de sua órbita, aprovou as medidas norte-americanas de socorro ao govêrno Rhee, enquanto a Rússia declara neutralidade na guerra paradoxalmente civil e diz que a intervenção americana é ilegal. O mundo inteiro, ao escrevermos estas linhas, está alarmado, enquanto as chancelarias das grandes nações ocidentais estudam cuidadosamente a situação do Presidente da Coréia do Sul, havendo grandes esforços no sentido de que os invasores do Norte retrocedam até sua região mantendo-se a divisória do paralelo 38, marco da paz universal. O que é muito grave, nesse fato, é a significação do mesmo: uma invasão abrutamente feita, do dia para a noite, relembrando os processos totalitários que o mundo civilizado repudia.



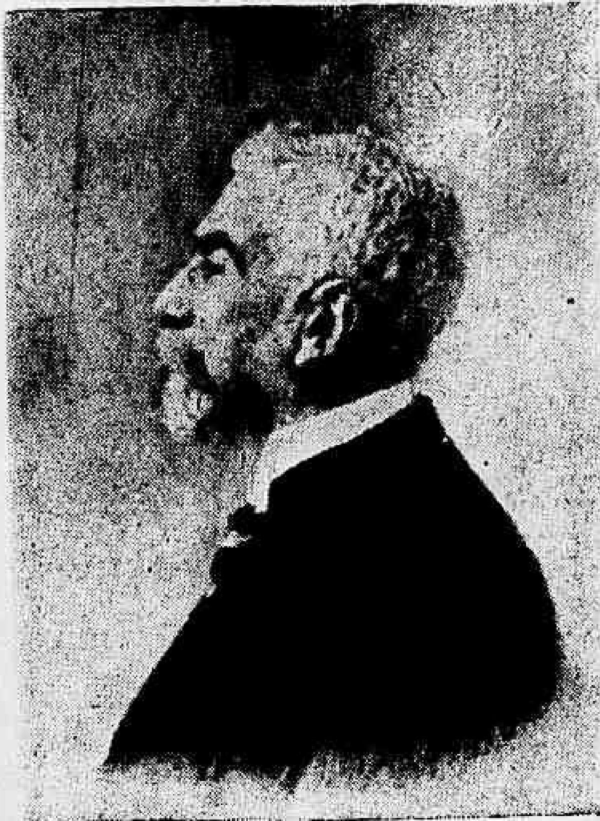
Presidente Rhee, da Coréia do Sul



MANUEL FERRAZ de Campos Sales, cujo programa de govêrno proporcionou ao período seguinte, recursos suficientes para a maior campanha de saneamento do Brasil



OSWALDO CRUZ, um dos luminares da medicina sul-americana e a quem deve o Brasil a extinção da febre amarela, da bubônica e da varíola no território nacional



O GRANDE PREFEITO Pereira Passos, um dos fautores do progresso urbanístico do Rio de Janeiro, o homem que transformou o Rio colonial numa cidade moderna



JOSE' MARIA da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, o maior dos nossos diplomatas e a quem deve o Brasil a solução dos seus problemas de limites com os vizinhos

MEIO SÉCULO DE POLÍTICA EM REVISTA

RENATO DE ALENCAR

SURGIU esta REVISTA a 20 de maio de 1900, o último ano do século XIX, o maior de todos os séculos, a centúria das maiores conquistas da humanidade, o século da Luz. Seis meses e dez dias após o aparecimento da REVISTA DA SEMANA, entrava tôda a humanidade no século XX, entre festas mundiais, erguendo-se marcos no cimo dos montes, enchendo-se o coração humano de esperanças e fé.

No Brasil dominava generalizado desejo de progresso, e o govêrno de Campos Sales, tendo recebido do seu antecessor um acêrvo que mais se assemelhava a colossal massa falida, empreendeu a tarefa ciclópica de restaurar as finanças nacionais, como base fundamental para qualquer plano de estímulos ao progresso, de renovação industrial, de saneamentos urbanos, de consolidação do crédito interno, de fortalecimento de nosso nome no exterior.

Não foi sem razão que os nossos historiadores assim classificaram os quatro Presidentes da República, desde 1889: Deodoro, o "Proclamador"; Floriano, o "Consolidador"; Prudente de Morais, o "Pacificador"; Campos Sales, o "Restaurador".

Ao surgir a REVISTA DA SEMANA no campo jornalístico do país já ia a meio o quadriênio Campos Sales. Embora gozando de absoluta paz em todos os pontos do território nacional, era alarmante a situação financeira do Brasil em virtude do desenfreado jôgo na Bôlsa, do desvario do "Encilhamento", recorrendo então Campos Sales a um médico, Joaquim Murtinho, para curar a vertigem de especulação que alucinava o Brasil. E Joaquim Murtinho salvou a nação, deteve o descalabro financeiro, promoveu melhoramentos, conseguiu cêrca de 2 mil quilômetros de estradas de ferro para a União, sem emitir um tostão, e reduziu substancialmente a moeda fiduciária em circulação, restaurando, num milagre de saber, as finanças nacionais.

Campos Sales também melhorou as nossas relações internacionais, especialmente com a República Argentina, visitando aquela nação irmã e amiga, o que proporcionou a vinda de seu Presidente ao nosso país em retribuição.

A 15 de novembro de 1902, deixava Campos Sales o govêrno, cedendo o bastão de comando a Rodrigues Alves. Nunca êste país soube escolher tão bem um Presidente de República. E note-se: não era Francisco de Paula Rodrigues Alves um republicano histórico, um adepto do barrête frígio como sucedera com os dois primeiros guias civis da República. Pelo contrário. Rodrigues Alves era um antigo político do trono, homem de espírito formado na escola democrática do segundo reinado, Conselheiro de Estado, probo, circunspecto, venerado pela sua dignidade, patriotismo, saber e cultura.

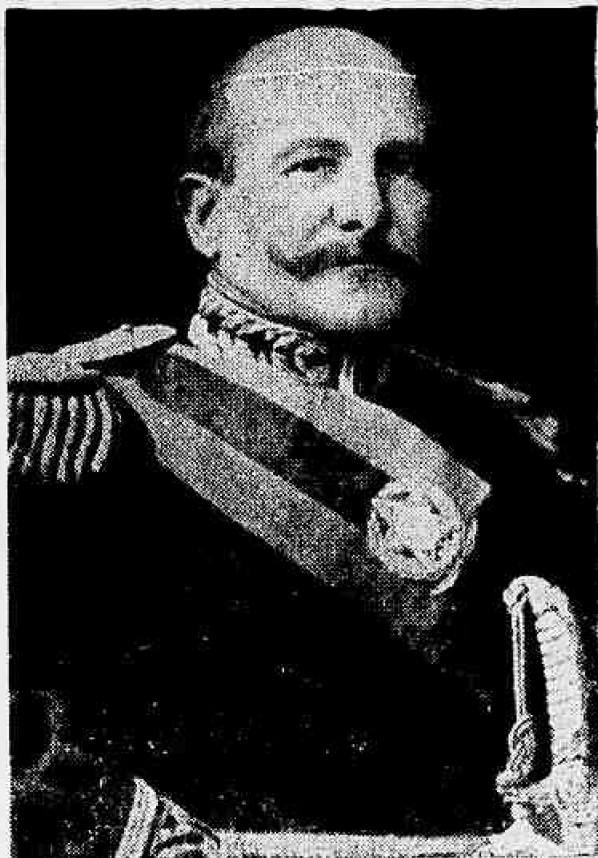
De 1902 data uma espécie de febre de progresso no país, e o Rio de Janeiro se transforma fundamentalmente. Rodrigues Alves escolhe ministros capazes e executa um programa de obras que desperta o entusiasmo de quantos vão assistindo ao seu desenrolar. A Marinha de Guerra é entregue a Júlio de Noronha; o Itamarati, a Rio Branco; na Viação coloca Lauro Müller; na Prefeitura da Capital Federal pontificava êsse gênio imortal que se chamou Pereira Passos, o qual, unindo-se ao maior engenheiro do país — Paulo de Frontin — conseguiu o milagre de transformar o Rio, cidade de becos e vielas infectas, numa capital arejada, com ruas largas, arborização intensa, início de uma era que nunca mais parou. E não ficou nisso. Para completar a obra imortal e grandiosa, nomeou Rodrigues Alves um jovem médico de 30 anos, Diretor-Geral da Saúde Pública, diante da resposta negativo do Dr. Sales Guerra, que não podendo aceitar o convite que lhe fôra dirigido, indicou o nome de Oswaldo Cruz. Rodrigues Alves, que jamais ouvira falar nêle, embora já fôsse o jovem cientista um nome conhecido especialmente nos trabalhos de Manguinhos, aceitou a indicação.

Rodrigues Alves desejava entregar a Saúde Pública a um homem de ação que pudesse livrar o Rio de Janeiro dos surtos de febre amarela, labéu que envergonhava o Brasil, tornando o pôrto do Rio o pavor dos navios estrangeiros. Assume Oswaldo Cruz a direção da Saúde Pública a 26 de março de 1903, elabora o plano de saneamento e redenção do Rio, enviando ao então Ministro da Justiça e Negócios Interiores, uma exposição que provocou assombro e debates por todos os lados. Era como que a repetição das palavras de Rodrigues Alves na sua primeira entrevista com o chefe da nação: "Extermino a febre amarela neste quadriênio".

O que foi a luta de Rodrigues Alves contra a ignorância, o reacionarismo, a estupidez de grande número de patrícios e estrangeiros, de gente culta ou não, pode ser lido em obras biográficas e crônicas nos jornais da época. E não era sòmente a febre amarela que estava sendo combatida pelo inolvidável brasileiro; tinha ainda que debelar a peste bubônica, flagelo que desde 1900 dizimava o povo do Rio, sem falar na varíola.

Em junho de 1904 viu Oswaldo Cruz os seus esforços aplaudidos pelas maiores sumidades médicas do mundo, celebrando-se no Rio a Convenção Internacional de Higiene, com a presença da Argentina, Paraguai e Uruguai, para a profilaxia da febre amarela, da cólera e da bubônica, adotando-se para a primeira os métodos usados por Oswaldo Cruz, cujo nome era consagrado na Europa e na América.

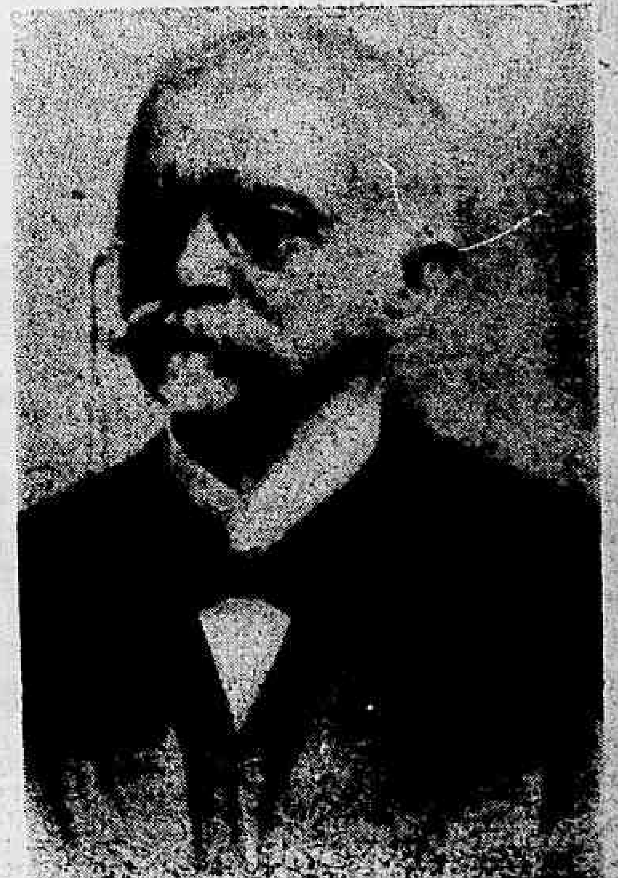
Mas, apesar de todos os seus méritos e dos sacrifícios que fazia para dar higiene ao Brasil e livrar o Rio da pecha de "pôrto sujo", lavra na Capital da República uma onda de revolta contra as medidas compulsórias do inesquecível higienista. A imprensa agride-o grosseiramente, dando ao Regulamento Sanitário o injurioso nome de "Código de Torturas"; o povo, guiado pelos detratores e instigado pela própria classe médica, ainda amarrada nos velhos espartilhos de uma ciência trôpega, resistia à vacinas, à matança de ratos, à aniquilação de mosquitos transmissores da febre ama-



MARECHAL HERMES da Fonseca, em cujo govêrno se verificaram grandes alterações na vida política do país e rebentaram movimentos armados de terra e mar



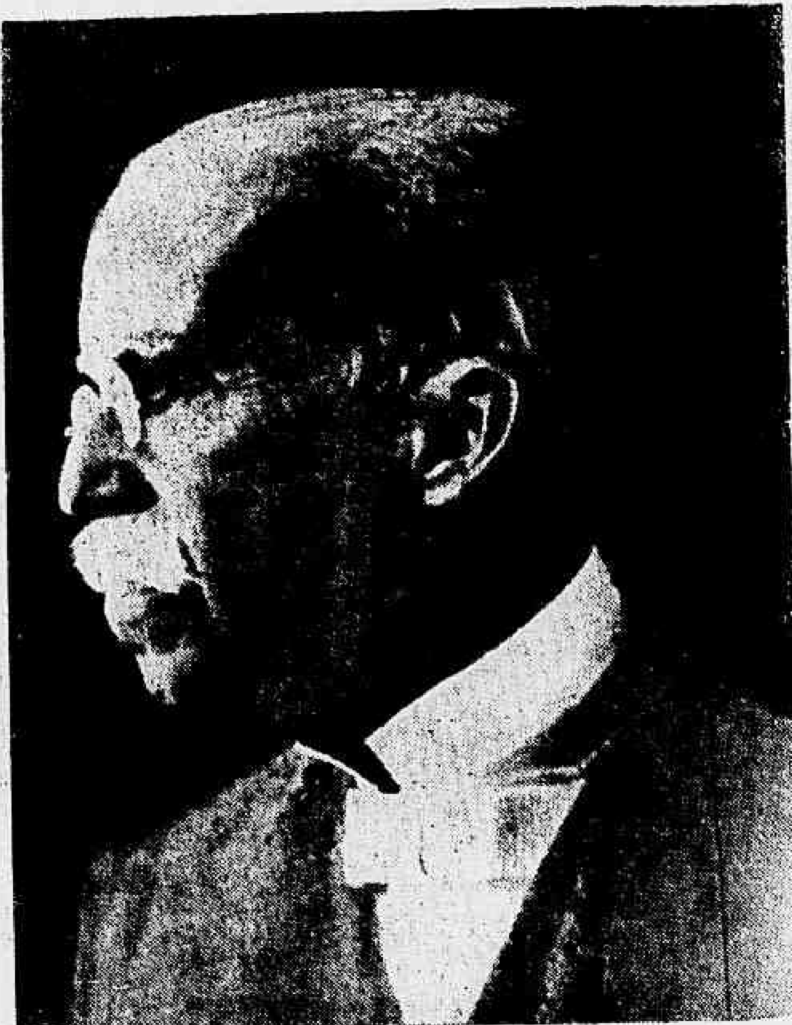
ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO Nacional em 1908, com os pavilhões armados na Praia Vermelha, entre os morros da Urca e Babilônia. Um dêsses pavilhões, o dos Estados, serve hoje de sede à Faculdade de Medicina, e o outro, o atual Monroe, foi reconstruído num dos lados do Passeio Público, e é o nosso conhecidíssimo edifício do Senado Federal



AFONSO AUGUSTO de Moreira Pena, mineiro da velha escola, o primeiro presidente da República a excursionar pelo país, a fim de poder governar com segurança



ARTUR BERNARDES, com uma neta ao colo, em foto tirada em 1922, ao suceder a Epitácio Pessoa. Em seu govêrno explodiram revoltas militares, forçando-o a governar todo o seu intranqüilo quatriênio, em estado de sítio



RUI BARBOSA, cognominado a "Águia de Haya", pelos triunfos oratórios e jurídicos alcançados na I Conferência Internacional da Paz, na capital da Holanda, em 1917, sobrepujando grandes estadistas europeus e americanos



O FAMOSO MARINHEIRO João Cândido, "Almirante Negro", chefe da revolta da Armada no govêrno Hermes, em 1910, em tôrno de quem se espalhou no Brasil uma lenda glorificadora de sua bravura contra a desumanidade

rela, enquanto os proprietários de imóveis no centro da cidade revoltavam-se contra as demolições e aberturas de novas avenidas.

À sombra dêsse desassossêgo geral, os políticos dissidentes estimulavam a subversão da ordem, e a 14 de novembro de 1904, rebenta a insurreição da Escola Militar da Praia Vermelha, sob a chefia do general Silvestre Travassos.

Rodrigues Alves enfrenta os insurretos e se mantém no pôsto até ver sufocada a rebelião. Mas Oswaldo Cruz está decepcionado. Sentindo que tudo aquilo era por sua causa, porque êle estava lutando para dar saúde ao povo do Brasil, para libertá-lo das endemias, da febre amarela, da bubônica, da cólera, das bexigas, apresenta-se ao Presidente e depõe em suas mãos o cargo que tantos embaraços estava causando ao seu govêrno.

Nas ruas e em frente ao Palácio Presidencial, o povo exige, exaltadamente, em altos brados, a demissão de Oswaldo Cruz, a revogação da vacina obrigatória, cuja condenação pública já inspirara os trovadores daquele tempo em canções populares cheias de censuras e conceitos ridicularizantes.

Mas Rodrigues Alves manteve-o na direção da Saúde Pública.

Para fazer-se uma idéia do que era a devastação da febre amarela no Rio, basta dizer-se que, num decênio, sòmente nesta capital foram mortas 22.527 pessoas, até 1897. No comêço do século XX, chegava ao auge no obituário. Pois bem: já em 1906, antes de Rodrigues Alves passar o govêrno a Afonso Pena, "deixou a febre amarela de ser a pregoeira de nosso descrédito", graças àquele gênio de ação, coragem moral e patriotismo invulgar que se chamou Oswaldo Cruz. E cumpria a promessa: "Extermino a febre amarela neste quadriênio". E cumpriu.

Enquanto sustentava Oswaldo Cruz a guerra contra as endemias, outro gigante do govêrno Rodrigues Alves mantinha o fogo de sua habilidade diplomática na solução dos nossos problemas de limites: o grande Barão do Rio Branco. Em 1903, firmamos com a Bolivia o tratado de Petrópolis e resolvemos com a Inglaterra a questão da Guiana.

No campo financeiro o Brasil estava no auge da solidez e da opulência, com um movimento comercial que se elevava de 532.900 contos em 1889 a 1.288.955 contos em 1904. O câmbio marchava em constante ascensão progressiva, os títulos internos cotados ao par.

Em 1906, assume as rédeas da República outro monarquista, o saudoso Afonso Pena, que, dois anos mais tarde, por motivo de saúde abalada, passa o govêrno ao vice-presidente, Nilo Peçanha. O govêrno Afonso Pena se caracterizou pela firmeza de suas diretivas, mantendo a moeda sadia, estabilizando as taxas cambiais. Fundou a Caixa de Conversão. Foi nesse período que o Exército e a Marinha se reorganizaram, recebendo as águas do Brasil os mais possantes vasos de guerra até então conhecidos.

Em 1908 a Grande Exposição Nacional mostrava ao mundo o progresso do Brasil. Rio Branco continuava à frente de nossas relações com o exterior, e foi ainda no quadriênio Pena que alcançamos outra grande vitória diplomática: o tratado de 1909 com o Uruguai, pelo qual ficou instituído o condomínio da lagoa Mirim.

Terminado o período Afonso Pena—Nilo Peçanha, entrou em visível decadência a instituição republicana em nosso país. Lavrou em todos os Estados uma espécie de pandemia anti-republicana, abastardando-se o conceito de República nos moldes imaginados pelo imortal Benjamin Constant. Os interêsses individuais sacrificaram os elevados interêsses nacionais. Pinheiro Machado dirigia os destinos políticos do Brasil, e foi nessa época, na crise aguda em que se percebia o descambar da República na direção do caudilhismo que surgiu a campanha civilista de Ruy contra a candidatura militar de Hermes da Fonseca. Ruy, ainda aureolado pelas glórias em Haya, empolgou a nação.

Durante seu govêrno duas revoltas estouraram: a da Ilha das Cobras e a da Armada Nacional com os dois encouraçados, o "Minas Gerais" e o "S. Paulo" à frente da mesma, sob a chefia do marinheiro João Cândido.

Era de tal nervosismo a situação nacional, que um homem simples, estimulado pela campanha da imprensa, assassinou Pinheiro Machado no vestíbulo do Hotel dos Estrangeiros. Teve, porém, um mérito o período Hermes: derrubou as oligarquias existentes nos Estados do Pará, Ceará, Pernambuco, Alagoas e Bahia.

A Hermes sucedeu Wenceslau Braz, que fôra o vice-Presidente no quadriênio que findava. O conhecido político mineiro deu à sua gestão um caráter de sobriedade, tratou de reconstruir a máquina administrativa do país, estimular suas riquezas, desenvolver a economia geral; mas, infelizmente, em seu govêrno estourou a primeira grande guerra, comprometendo todo o seu plano de realizações. Na seara do Direito, o seu período presidencial se recomendou pela promulgação do Código Civil, e no campo religioso, a criação do primeiro cardinalato sul-americano com sede no Rio, com a escolha do arcebispo D. Joaquim Arcoverde.

Com a saída de Wenceslau Braz, foi eleito, pela segunda vez, o grande Rodrigues Alves, não tendo tomado posse porque a morte o arrebatou. Assumiu então, as rédeas da República, o vice-Presidente, Sr. Delfim Moreira, até 25 de julho de 1919, quando entrou na galeria dos Presidentes da República, o Sr. Epitácio Pessoa, nome dos mais ilustres e que acabava de regressar da Europa, onde representara o Brasil na Segunda Conferência da Paz, em



FOTOGRAFIA APANHADA no pátio do Palácio Guanabara, no dia 24 de outubro, às 1[illegible] horas, quando saía para o Forte de Copacabana, em companhia do Cardeal Leme, o presidente Washington Luís, deposto pela revolução de 30



GRUPO FEITO numa cabine do trem que vinha de São Paulo para o Rio, os srs. general Miguel Costa, o então coronel Góis Monteiro e o governador do Rio Grande, Getúlio Vargas, à frente da revolução triunfante em 1930



NO GOVÊRNO GETÚLIO Vargas êstes aspectos de rua eram comuns. O ex-ditador gostava de excursionar, o que fêz por todo o país. Aqui vemos um aspecto de sua chegada a São Bernardo, São Paulo, ao tempo de Fernando Costa



A 29 DE OUTUBRO de 1945, os fados mudaram em relação ao sr. Getúlio Vargas, e a tropa federal saiu à rua para depô-lo, entregando os destinos da Nação ao ministro Linhares, para que presidisse às eleições federais. O pleito se efetuou na maior ordem, disputando o Catete quatro candidatos, dos quais saiu vencedor o general Eurico Gaspar Dutra



A SEGUNDA grande guerra mundial envolveu o Brasil e, nossa pátria tomou posição ativa, mobilizando tôdas as suas fôrças de terra, mar e ar, para combater as potências do Eixo Roma-Berlim. Nossas armas se cobriram de glórias e o Brasil, mais uma vez, cumpriu o seu dever de nação democrática, sempre disposta a lutar pelo Direito e pela Justiça

Haya, determinada pelo término das hostilidades da grande guerra de 1914-1918.

O período Epitácio foi a era do intercâmbio internacional e das realizações internas. Dois chefes de Estado europeus visitaram o Brasil: o Rei dos Belgas e o Presidente de Portugal. Celebrou-se com grandes festejos a passagem do primeiro centenário de nossa independência, atraindo-se para o Rio grandes correntes de turistas, causando admiração a todos, os progressos que o Brasil fizera em vários setores das atividades humanas. Além de outros empreendimentos, tratou o govêrno Epitácio, de solucionar o problema das sêcas no nordeste, fundando a Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas. Foi no fim de seu período que rebentou a revolta de 5 de julho, encerrando-se com a bravura lendária dos "18 do Forte".

Depois de Epitácio Pessoa, tivemos Artur Bernardes. A ninguém restava dúvida quanto ao período de agitações que êsse govêrno ia enfrentar. A tremenda oposição que encontrou, forçou-o a governar em permanente estado de sítio, perturbado por violentas revoluções e atacado cruelmente pela imprensa.

Sucedeu-o o Sr. Washington Luís; homem experimentado na administração pública, historiador, culto e probo, procurou repetir no seu govêrno o que fizera Rodrigues Alves: cercou-se de elementos de grande valor e elaborou planos para resolver no Brasil o problema das distâncias: "governar é abrir estradas". Uma de suas obstinadas idéias fôra a da estabilidade cambial, o que conseguira, evitando que as taxas de trocas de dinheiro entre o Brasil e os demais povos sofressem oscilações inconvenientes ao custo da vida. Em seu govêrno se organizou a mudança de nome e padrão do dinheiro nacional, passando de *mil réis* a *cruzeiro*, do sistema milesimal ao centesimal.

Pouco faltava para encerrar sua gestão, quando rebenta a chamada "Revolução de Outubro", em 1930. As causas dêsse levante armado tinham raizes na situação política e no assassínio de João Pessoa. Washington Luís amparava seu candidato, Júlio Prestes, enquanto os partidários da Aliança Liberal lutavam em favor da vitória de Getúlio Vargas, que saíra derrotado nas urnas. Júlio Prestes, governador de S. Paulo, seria o sucessor de Washington Luís, não fôra a revolução chefiada pelos Estados do Rio Grande do Sul, Minas e Paraíba, à qual aderiram as guarnições de outros Estados do país, convergindo as tropas em direção do Rio. Antes de grande batalha em perspectiva, ferir-se em Itararé, limites de S. Paulo com o Paraná, generais da guarnição do Rio depuseram o Presidente da República e assumiram a direção do país mediante a formação de uma Junta a 24 de Outubro. Faltavam apenas 22 dias para extinguir-se, legal e constitucionalmente, o tempo de Washington Luís...

Com a vitória das armas em 1930, inaugurou-se no Brasil o período chamado de "Segunda República", uma ditadura até 1934. Em 1932, o Estado de S. Paulo, numa luta tenaz pela Constitucionalização do país ergueu-se em armas.

E' de ontem o que foi a epopéia bandeirante. Não estava ainda cicatrizado o corpo da nação, quando explode a revolta armada de caráter comunista de 1935, no Rio, com irradiações no Recife e Natal. Vencidos os revoltosos, seguia a nação o seu caminho, quando se verifica o golpe de Estado de 1937, acabando-se com a Carta Constitucional de 1934 substituída pela "Constituição" de 1937 sem Constituinte, fruto de gabinete.

Um ano depois, rebenta nova insurreição, desta vez chefiada pelos integralistas, os quais, pela nova lei, não podiam mais fazer paradas, usar insígnias, as saudações com "anauê".

Durou apenas horas, êsse levante, que não encontrou repercussão fora do Rio.

O fato mais importante do período ditatorial de Vargas foi o deflagrar da segunda grande guerra na Europa, o que lhe proporcionou a possibilidade de manter-se no govêrno sem submeter a nação ao plebiscito a que o obrigava a Constituição de 1937.

O Brasil figurou ao lado das nações unidas na luta contra a Alemanha e Itália, mandando aos campos da Europa uma fôrça expedicionária que se cobriu de glórias nos campos da Itália.

Com a vitória da democracia mudou completamente a fisionomia política do Brasil, e o chamado "Estado Novo" de Getúlio Vargas recebeu os primeiros golpes. O povo já saía à rua para reclamar anistia aos presos políticos, e a imprensa arrebentava as mordaças que o DIP lhe impusera, abalando os alicerces do poder ditatorial. Eleições livres e honestas com o voto secreto iam ser procedidas no país. Quatro candidatos se inscreviam: o General Dutra, o Brigadeiro Eduardo Gomes, o engenheiro Fiuza, e o Sr. Rolim Teles, candidato do Partido Rural de S. Paulo.

Desconfiando-se, porém, de que o Sr. Getúlio Vargas arquitetava um segundo golpe para perpetuar-se no poder, as fôrças armadas do Distrito Federal o depuseram e entregaram o govêrno ao Ministro José Linhares, sob cuja guarda se processaram as eleições federais de 1945.

Eleito e empossado o General Eurico Gaspar Dutra, vem o país marchando sem convulsões, reorganizando-se dentro do possível a economia nacional, desenvolvendo-se nosso parque industrial e aproveitando-se as quedas d'água, como está sucedendo com a cachoeira de Paulo Afonso, no rio São Francisco.

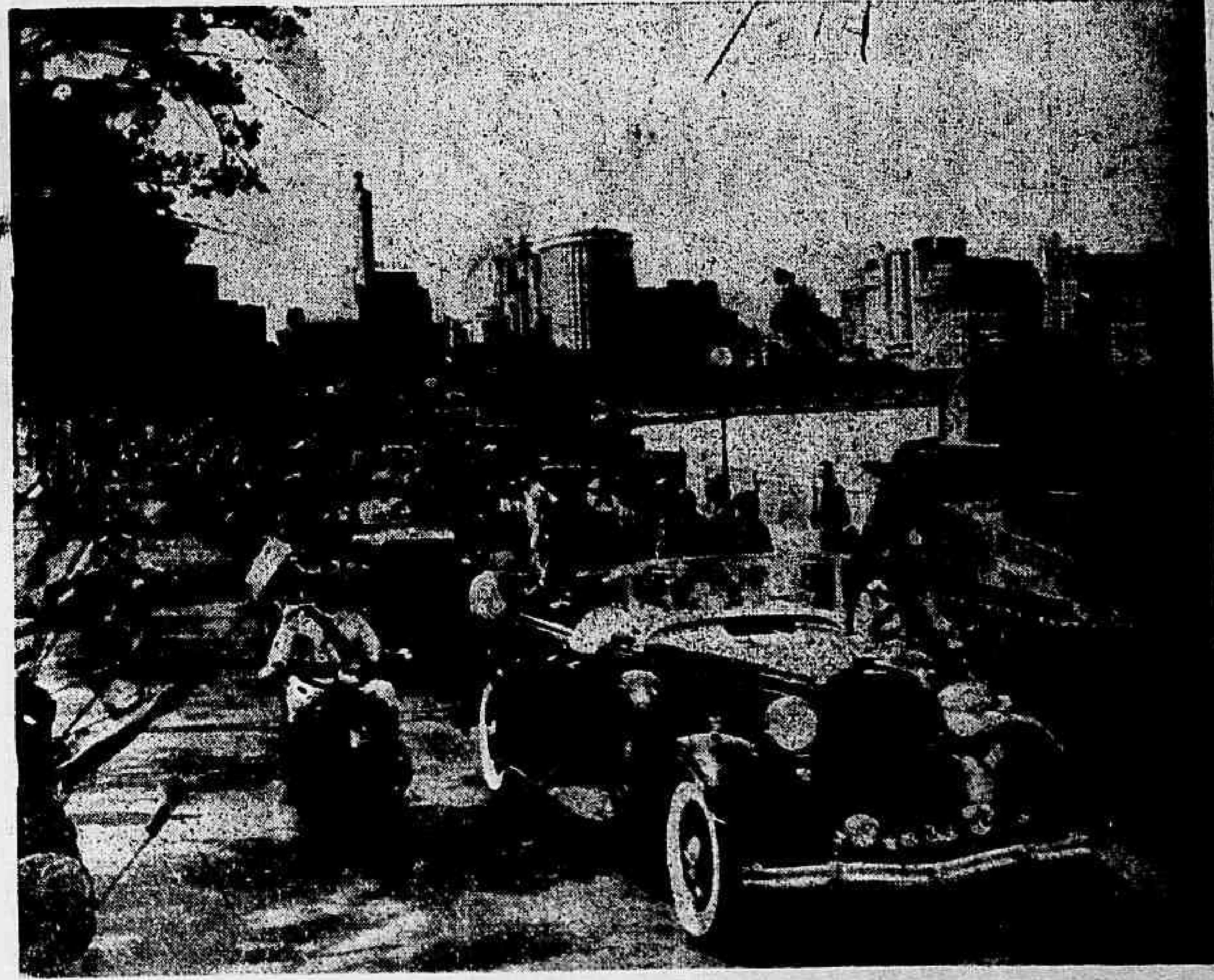
Marchamos agora para nova luta eleitoral. A REVISTA DA SEMANA se vem ocupando, desde 1900, de todos os mais importantes acontecimentos do país, e os divulga, tanto em reportagens ilustradas como em tópicos semanais, proporcionando aos seus leitores o mais completo e desapaixonado conhecimento dos fatos, personagens e mais importantes episódios no âmbito político do Brasil.

Meio século de existência a serviço da inteligência, da cultura, do progresso político e mental de nossa terra e de nossa gente, eis o que foram os cinquenta anos já vividos por esta REVISTA, sem uma interrupção, sem desfalecimentos, sem desvios na estrada do seu dever em face do povo brasileiro.

FAZIA MAIS de uma década que o povo brasileiro não sabia o que era comparecer às urnas para eleger os seus dirigentes, os seus legisladores, seus candidatos. Em 1945, a nação inteira se mobilizou e foi cumprir o dever cívico. A fila eleitoral era uma novidade, e nesta vemos um dos candidatos, o general Eurico Dutra, esperando sua vez de votar



AS FÔRÇAS ARMADAS do Brasil prestam homenagens ao Chefe da Nação recentemente empossado, general Eurico Dutra, que é saudado pela multidão postada numa das aléias da Praia do Russell, entrada do Flamengo, ao dirigir-se o presidente da República para o Palácio do Catete, a 9 de fevereiro de 1946, iniciando no país a Terceira República



não esqueça o bêbê ...



atenda-o com

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

Passou a dôr?

-um SORRISO-



graças a

CAFIASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA



Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação de óleo de peroba.

O milagre do amor

(Continuação da pág. 65)

— Ainda não pensou que somos apenas peças de xadrez, colocadas no gigantesco tabuleiro da Vida e diante do qual a Felicidade está empenhada numa luta de morte contra a Fatalidade?

— Interessante definição. Serve para justificar os nossos erros...

— E os nossos êxitos. Neste momento a Felicidade está conseguindo um xeque-mate contra sua acérrima inimiga. E' possível que seja apenas uma concessão calculada, um golpe cruelmente irônico com que a Fatalidade procura se divertir, antegozando a amarga derrota que se seguirá.

— Tem mêdo de que isto aconteça?

— Mêdo?... Possuo um profundo ceticismo que me serve de couraça contra as ilusões, e, se neste momento deixo-me empolgar por um sentimento contra o qual só devo lutar é por um simples desejo de variação.

— Não está acostumado a se tornar prêsa de tais sentimentos?

— Nunca o fui.

— Isto muito lisonjea. Não fôra eu uma fugitiva do inferno e trataria de cultivar essa raridade.

— Fugitiva do inferno? Insiste nessa afirmativa depois de eu lhe ter falado de um jôgo de xadrez no qual somos as figuras insignificantes, vítimas inocentes de um Destino caprichoso? Você é apenas uma figura movimentada pela Felicidade ou pela Fatalidade...

— Pela Fatalidade. Refletindo sôbre a sua comparação, chego a conclusão de que lhe não falta razão, Realmente, devemos ser pedras de xadrez. Estou certa de que sou movimentada pela fatalidade e essa é a razão do meu êxito.

— Não a compreendo.

— Nem o deseje.

— Mas é preciso que a compreenda. Vamos ao *terrace* e conte-me as suas preocupações.

— Prolonguemos êste sonho. Positivamente, não terei e nunca tive antes um momento igual em minha vida.

— Agora sou eu o lisonjeado.

— Tenho vivido num ambiente de luxo e hipocrisia. Aprendi coisas que devia ignorar para sempre. Descobri que a bajulação tem a propriedade de irritar os meus mais insignificantes nervos. A admiração ridícula que desperto na humanidade imbecil revolta-me profundamente. Quisera esmagar todos os idiotas que se atravessam em meu caminho, com o pêso do meu desprêzo...

— Você me assusta. Como pode tão linda criatura falar de tal maneira?

— Tenho carradas de razões para falar assim. A Fatalidade, no seu cruel desejo de martirizar sua antagonista, suplicia suas próprias figuras.

— Sei que é assim. Neste momento, um simples pião está ao lado de uma formosa rainha. Até quando?

— Até quando? Sim. Até quando durará a felicidade desta rainha?

— E dêste humilde pião?

— A rainha é bem mais infeliz do que o humilde pião. A Natureza fê-la dura e fria. Uma rainha cujos súditos gostariam de vê-la... morta.

— Não é possível. Esta rainha precisa de auxílio. A união faz a fôrça. Por que não se revoltam as figuras de xadrez? Sim, por que não desafiar o poder desarrazoado da Fatalidade? Unir-nos-emos e desfaremos os infames projetos da tirana que nos dirige.

— Excelente idéia! Lutemos contra ela, a Fatalidade. Quem sabe não conseguiremos triunfar? Vale a pena tentar.

— Agora começo a admirar a linda rainha. Assim é que se fala.

— Às vêzes pergunto a mim mesma se não sofro de esquisofrenia. Uma criatura normal não faria as coisas que costumo fazer. Positivamente, meu amigo. Sou uma esquisofrênica.

— Não creio. Diante de suas palavras, imagino-a apenas esquisotímica.

— Talvez você tenha razão. Sinto que tenho um mundo de complexos contra o qual dêvo lutar, mas não o tenho tentado, ao contrário, só o tenho alimentado egoìsticamente, selvagemente.

— Você é estranha. Sei que é jovem pelo que posso ver do seu rosto. Êsses dois pedacinhos de céu que posso vislumbrar através dos furos da máscara, muita coisa revelam... coisas de uma formosura sem par. Por que tanta amargura nesse coração que só devia conhecer o amor?

— Por que êsse conjunto de beleza como supõe, forma apenas uma figura de xadrez, movida pela Fatalidade.

— Lutarei para arrancá-la desta tirana que a martiriza.

Daise jamais sentira algo semelhante. Não compreendia como podia estar falando assim, com um desconhecido. Um irrefreável desejo de confissão a empolgava. Era uma loucura curiosa, aquela, e não sabia a que atribuir tal sentimentalismo. Uma onda de ternura a invadia, tornando-a irreconhecível para ela própria. Que estava dizendo? Quem seria êsse homem extraordinário que tanto a dominava? Havia um gôsto de morte em sua alma, morte da Daise que ela conhecera até então. Um vazio imenso lhe comprimia o coração. Sentia-se à margem de um grande abismo, onde estava prestes a sucumbir, mas aquela voz máscula, quente e meiga lhe dizia ao ouvido. "Lutemos contra a Fatalidade; ajudá-la-ei a vencer a tirana..." e Daise ficava parada, fascinada por essas palavras, dominada pela fôrça viril dêsse homem sincero que ela nem sequer sabia quem era. Num assomo de egoísmo evocou todo o seu antigo orgulho, a sua frieza bárbara de mulher dominadora. Ergueu a cabeça, fitou os olhos do desconhecido e falou com a maior gravidade que pôde encontrar, reconhecendo embora que ainda assim sua voz soara falsa aos seus próprios ouvidos:

— Não acha que já nos excedemos?

— Não compreendo. De onde vem esta transformação?

(Cont. no próximo número)

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos, passe levemente, com uma flanela, óleo de peroba.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

EDITORA PAULO DE AZEVEDO, LTDA.

LIVREIROS E EDITORES

Artigos de Papelaria e Material Escolar

Rua do Ouvidor, 166

RIO DE JANEIRO

S. PAULO
292, rua Líbero Badaró

BELO HORIZONTE
Rua Rio de Janeiro, 655

RIO ELEGANTE

ALFAIATARIA

SOUZA & CHAPETA LTDA.

111, AVENIDA RIO BRANCO, 111

2.º ANDAR — SALA 202

TELEFONE 52-3234

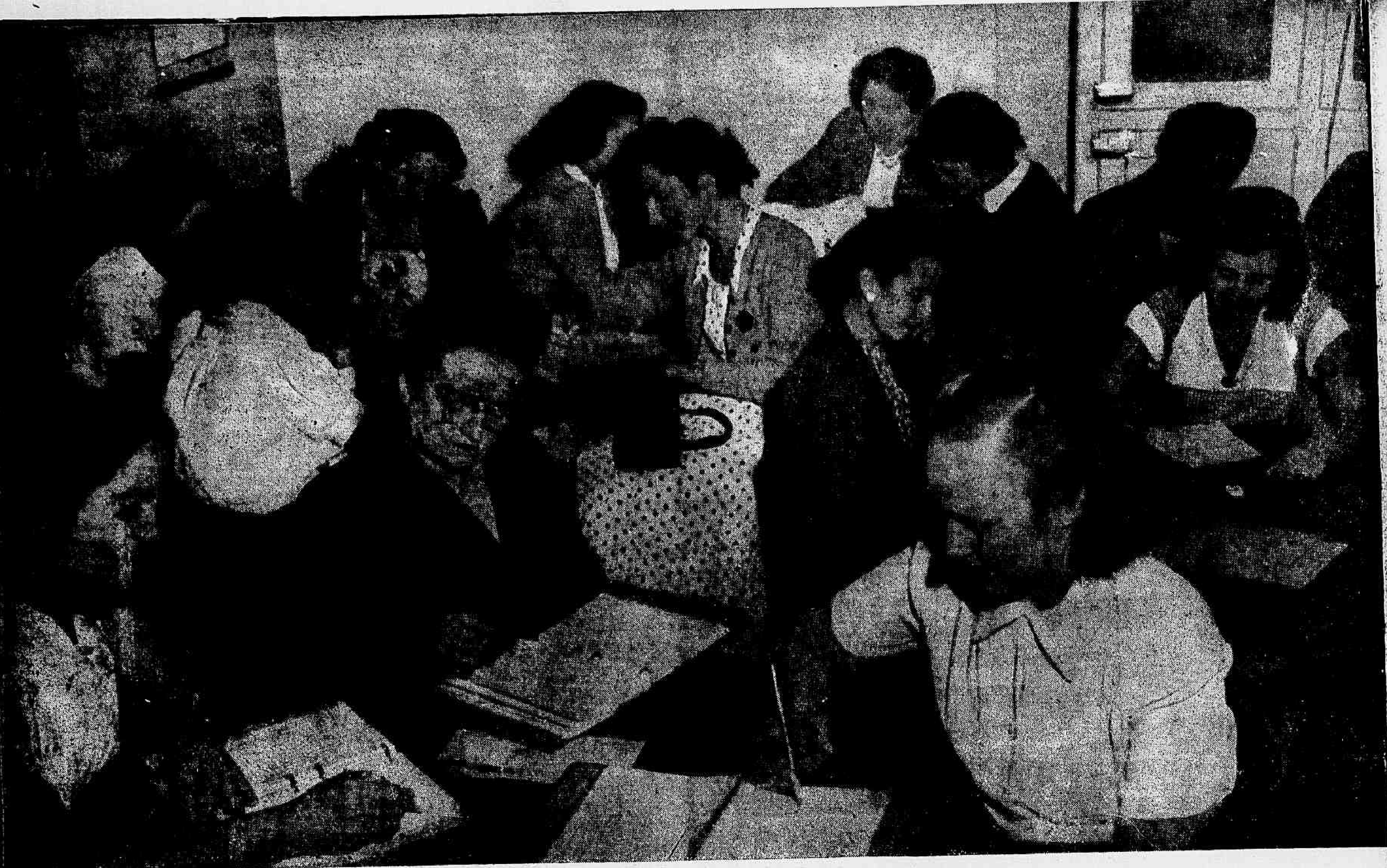
Um perfume de Myrurgia



EXTRATO
LOÇÃO
PÓ DE ARROZ

MADERAS DE ORIENTE

MYRURGIA



O interêsse demonstrado pelas professôras nos cursos mantidos no Setor de Educação Pre-Vocacional, é uma prova evidente de sua utilidade. De ano para ano o número de matrículas sobe em proporções cada vez maiores. A fotografia acima foi colhida na ocasião em que era ministrada uma aula teórica de Economia Doméstica a uma das várias turmas

A ESPECIALIZAÇÃO DE PROFESSÔRES PARA O ENSINO PRÉ-VOCACIONAL

A educação de um povo, não resta a menor dúvida que é o fator principal de seu progresso e consequente engrandecimento de sua terra. Não se pode mesmo conceber essa questão relegada a plano secundário dentre as várias outras de caráter público que assoberbam um govêrno.

No nosso país, de alguns tempos para cá, o problema de educação vem merecendo cuidadoso exame e apoio do govêrno. Como não poderia deixar de ser, pela sua complexidade e importância a assistência educacional à infância ocupou logo de início lugar de destaque entre os muitos problemas relacionados à educação.

Escolas modernas, arejadas, dotadas de todo confôrto, aparelhadas especialmente para a infância, têm surgido em profusão o que naturalmente tem concorrido muito para que os nossos pequenos escolares criem amor pelo ambiente escolar e ganhem interêsse pelos livros. Entretanto, além dessas escolas, era necessário instruir o professorado dentro das novas técnicas pedagógicas. Para tanto foram criados diversos cursos especializados, nos quais os professôres entram em contacto com diretrizes de ensino que condizem perfeitamente com o progresso de nossa época.

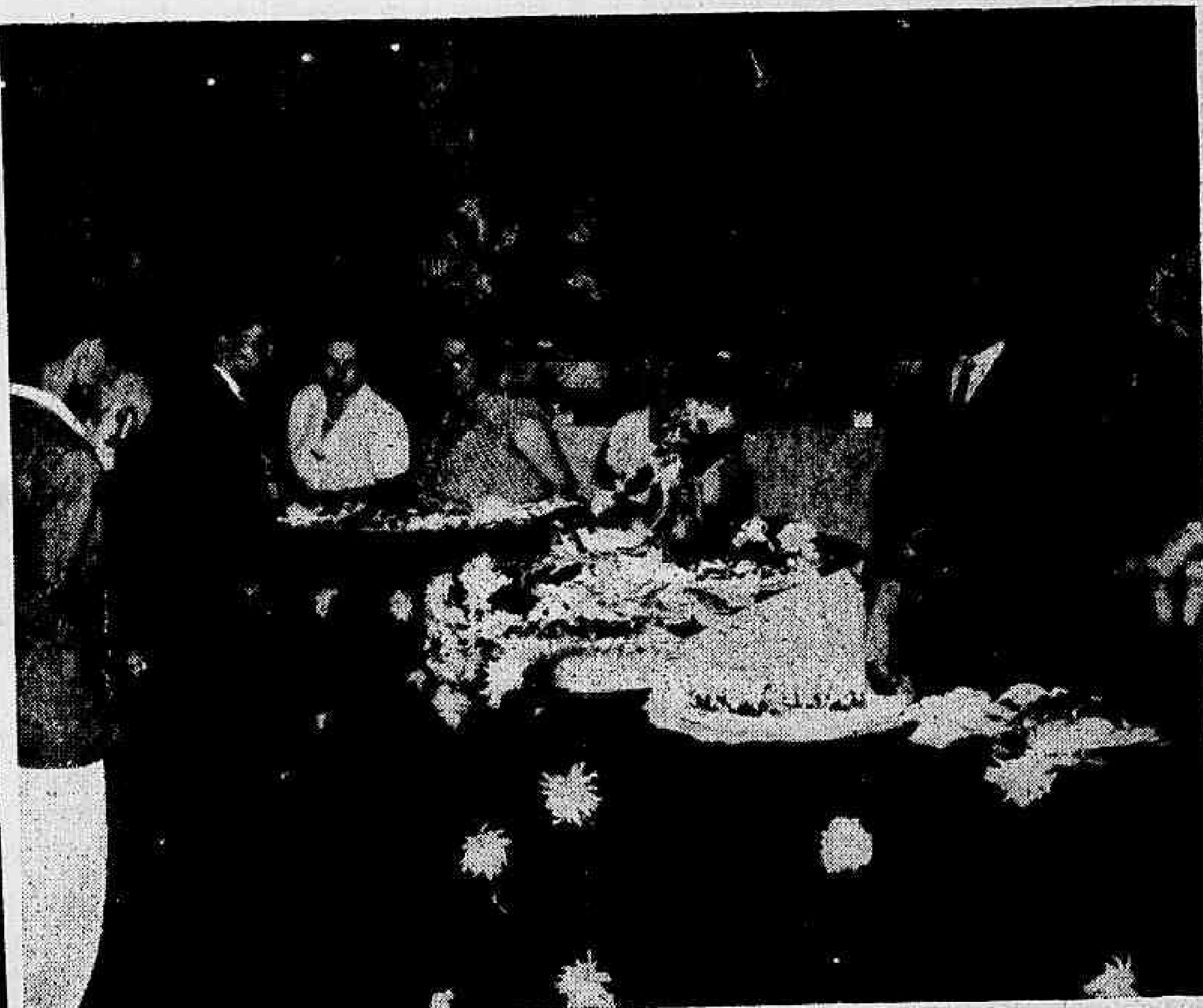
E, entre êsses diversos cursos especializados, também surgiram os que têm como finalidade precípua nortear as atividades pré-vocacionais nas escolas. Com êsse objetivo, foram criados em princípio os diversos setores para estudo e planejamento das diretrizes técnicas que deveriam orientar essas atividades, como os de Trabalhos Manuais e Economia Doméstica, de Cooperativismo e Iniciação Agrícola e de Piscicultura e o de Orientação Educacional e Profissional.

O trabalho dêstes setores era articulado pela função de um Coordenador, e cada qual estava sob a responsabilidade direta de um encarregado. Coube-lhes, inicialmente, organizar o trabalho e mesmo preparar o pessoal disponível para o desempenho de suas funções dentro da orientação geral que se impunha — a de servir ao importante e complexo problema da educação pré-vocacional. Assim foi que os professôres em exercício no setor de Trabalhos Manuais e Economia Doméstica ajustaram seu preparo geral e especializado às exigências das atribuições que lhes eram



Além das aulas teóricas, são ministradas também aulas práticas em todos os cursos mantidos pelo setor. O problema alimentar dos pequenos escolares é abordado com o maior carinho





Fotografias colhidas quando da inauguração da exposição dos trabalhos das professoras diplomadas pelos diversos cursos do Setor de Educação Pré-Vocacional no Salão Assírio, em março do corrente ano. Essa exposição foi realizada em articulação com a das escolas do Setor Rural. Na foto à esquerda, um flagrante do momento em que o dr. Clóvis Monteiro, secretário do Departamento de Educação Primária cortava a fita simbólica, ladeado pelo dr. Maciel Pinheiro e por d. Arteobela Frederico, diretora daquele Setor

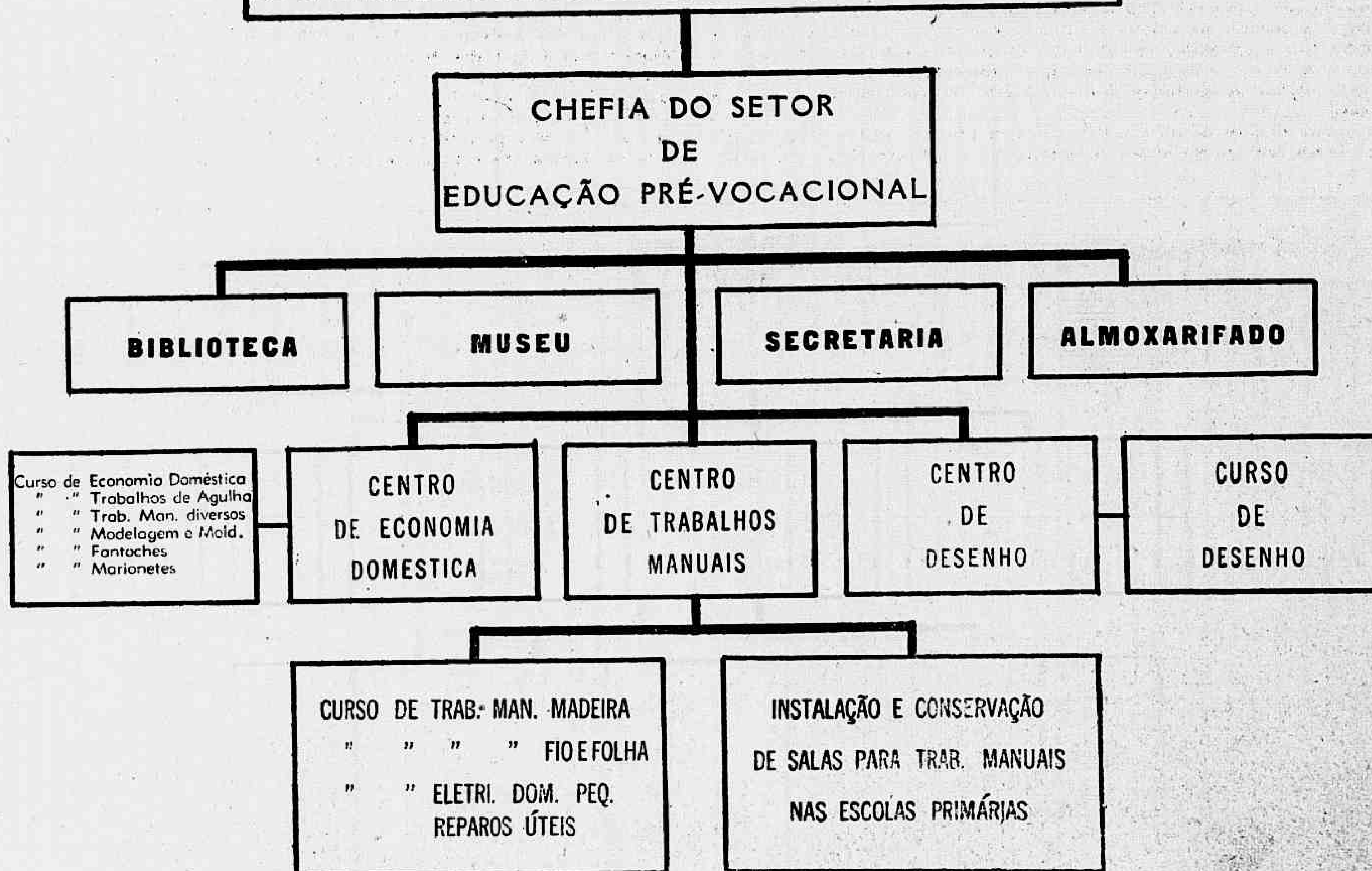
conferidas e através dos cursos por êles organizados (desenho, trabalhos manuais em madeira, fio e fôlha, artes femininas ou trabalhos manuais diversos), puseram-se em conformidade com o ensino que viria a ser feito nas escolas primárias municipais.

Consequentemente, os programas dos cursos de aperfeiçoamento, destinados aos professôres dos Setores de Atividades Pré-Vocacionais, atendiam às necessidades imediatas do ensino na escola primária, é claro, mas nêles incluiram, ainda, evidentemente, conhecimentos além dêstes limites, maior desenvolvimento das técnicas especializadas a serem ensinadas e a respectiva orientação didática, assegurando a êsses professôres a liberdade de ação que iriam ter, enfim — a capacidade de ensinar a seus colegas que dentro em pouco seriam alunos dos cursos por êles ministrados. E como o ensino primário é o mais articulado possivel e não é feito por professôres especializados em cada matéria mas sim, de modo global, pelo professor encarregado da classe — o grupo que ia constituir o corpo docente de Desenho e de Trabalhos Manuais fêz o aperfeiçoamento não só na matéria que lecionaria, mes em tôdas consideradas no curso. Êste mesmo critério, aliás, vem sendo mantido até hoje dentro das possibilidades práticas, é claro.

As matriculas nesses setores desde sua criação que vêm sendo bastante concorridas, o que demonstra o interêsse despertado em nossos professôres encarregados da educação primária nos seus cursos e, consequentemente, no desenvolvimento de seus conhecimentos pedagógicos. No fim de cada curso, que geralmente tem a duração de dois anos, todos os diplomados concorrem às exposições, que tão bem falam do aproveitamento colhido naqueles cursos.

Êsses setores foram também objeto de atenção especial do govêrno do Prefeito Mendes de Morais, que não tem poupado esforços no sentido de difundi-los o mais amplamente possivel. Tanto é que, a fim de facilitar os trabalhos de coordenação, vieram os setores que compreendiam os chamados Setores de Atividades Pré-Vocacionais de sofrer uma reestruturação geral, em 1947, ficando então criado o Setor de Educação Pré-Vocacional, constituido da seguinte forma: Centro de Desenho, Centro de Trabalhos Manuais e Centro de Economia Doméstica. Mais tarde, isto é, em 1949, foram ainda criados os cursos de

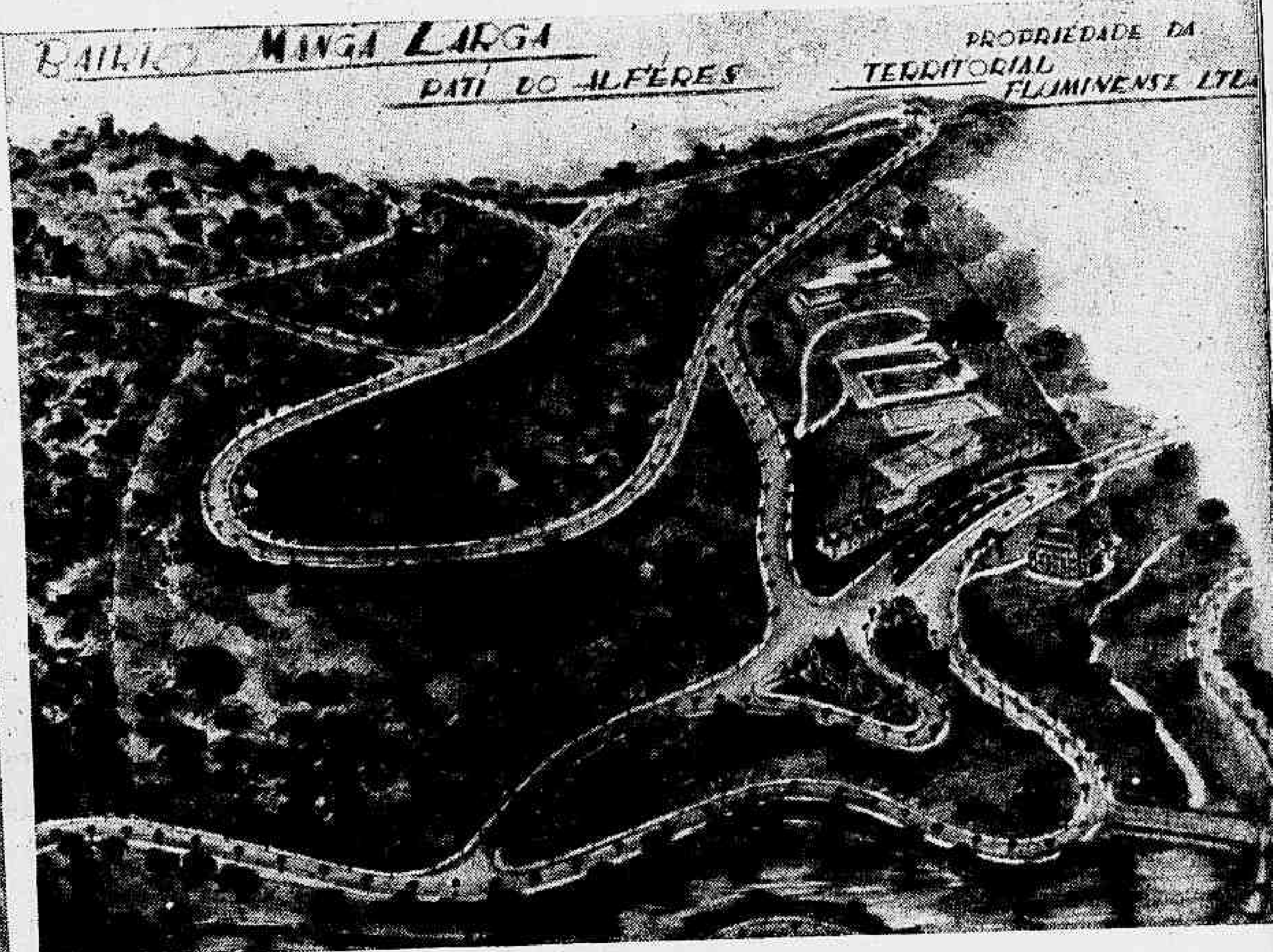
(*Cont. na pág.* 22)



MODERNO E FUTUROSO CENTRO DE TURISMO E FÉRIAS

O GRANDE E MODELAR PLANO DE URBANIZAÇÃO DO BAIRRO DE MANGA LARGA ★ AMBIENTE CONVIDATIVO PARA O REPOUSO E A MEDITAÇÃO ★ BELÍSSIMOS CAMPOS DE ESPORTES, PISCINAS, UM "PLAYGROUND" PARA ESPORTES INFANTIS, CINE-TEATRO, MERCADO, ETC, CONSTAM TAMBEM DO GRANDE PLANO





Perspectivas da urbanização do Bairro de Manga Larga

UM dos planos mais completos de urbanização dos centros de turismo do país é, sem dúvida, o do Bairro Manga Larga, em Pati do Alferes, o grande centro fluminense de férias e verão tão estimado dos cariocas. O grande e modelar plano de urbanização foi idealizado pela Territorial Fluminense Limitada, tendo sido a sua elaboração entregue a técnicos de notória idoneidade e competência, que estudaram e planejaram o novo Bairro aproveitando-se de todos os acidentes naturais e, cobrindo-os com o manto de uma vegetação intensa e florida, aumentaram, em muito, a beleza da sua paisagem que constitui a admiração dos apreciadores da natureza tão dadivosa e cheia de encantos.

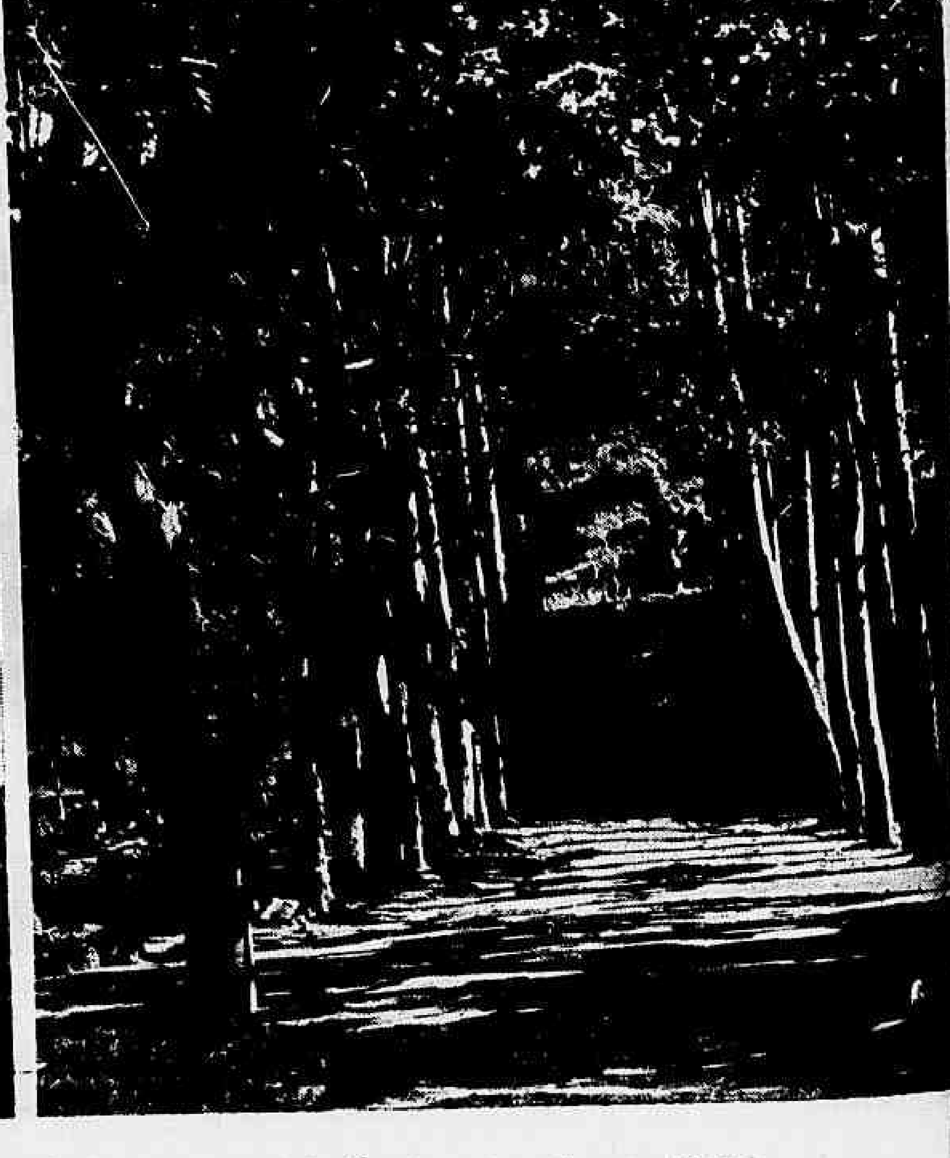
Localizado no centro de Pati do Alferes, portanto, bem próximo do Distrito Federal é o Bairro Manga Larga um recanto aprazível, especialmente indicado para aquêles que desejam se afastar da agitação crepitante, do tráfego intenso e congestionado, dos ruídos incômodos, da fumaça e do calor sufocante do verão desta grande metrópole que é o Rio de Janeiro.

Dado o vertiginoso desenvolvimento de Pati do Alferes como estação de turismo e de repouso das mais procuradas, a elaboração do plano de urbanização do Bairro Manga Larga exigiu dos técnicos qualidades e cuidados excepcionais, uma vez que foram estudados meticulosamente todos os seus problemas fundamentais, a fim de enquadrá-lo entre os mais modernos bairros, dotando-o de todos os serviços públicos que tornam os grandes centros ideais no confôrto que oferecem a seus habitantes.

Os seus grandes parques, as suas aléas gramadas e arborizadas embelezando os córregos em tôda a sua extensão, o lago, cujas margens, de linhas graciosas, gramadas e







[illegible] futuroso [illegible] córregos, cascatas e bosques [illegible] lhe encantamento paradisíaco

arborizadas com o popular "Chorão", intercalado com árvores de floração intensa, darão ao Bairro Manga Larga a graça e o encantamento que são os fatôres marcantes das Cidades Jardins, constituindo assim a nota alegre da paisagem pelas suas linhas projetadas com requintes de bom-gôsto e pela vegetação intensa e forte, de colorido vivo e brilhante.

As suas avenidas e ruas largas, calçadas e tècnicamente arborizadas darão um interessante e agradável aspecto ao conjunto, concorrendo para que se tornem encantadores todos os seus recantos.

As vias de acesso — avenidas, caminhos vicinais e ruas — serão arborizadas dentro dos princípios que regem o moderno urbanismo, tudo projetado em função da paisagem, e receberão árvores de acôrdo com a sua magnitude, exemplares conduzidos em vegetação alta e intensa, donas de uma floração abundante, vistosa e prolongada. Êsses trabalhos foram confiados a técnicos especializados, que projetaram todo o serviço e se utilizarão dos exemplares florísticos mais adaptáveis e com o escopo principal de ornamentar a paisagem e constituir motivo de encantamento e sadia vivacidade para o espírito. Essas mudas foram selecionadas entre espécies e variedades que melhor se adaptam ao meio, tomando-se por base os requisitos exigidos aos exemplares para a arborização urbana, tendo em vista a sua exuberância vegetativa e a riqueza e colorido de sua florescência.

O problema das belezas naturais mereceu a melhor atenção dos técnicos e com o estabelecimento de áreas "non edificandi", foi garantida aos seus habitantes a possibilidade da contemplação dos mais belos panoramas da natureza.

O Bairro Manga Larga será dotado de todos os serviços públicos: abastecimento d'água, rêde de esgotos sanitários, escoamento de águas pluviais, fornecimento de energia elétrica pública e particular, além de calçamento e meio-fio.

Possuirá o Bairro Manga Larga um belíssimo campo de esporte com piscina de natação, tênis, basquete e volei, além de um "play-ground" para a prática de esportes infantis. Terá ainda um Grupo Escolar Modêlo, Igreja tendo sido estudados, para o futuro, outros empreendimentos, tais como Cine-Teatro, Mercado e outros, que serão localizados no centro comercial. A firma urbanizadora concederá vantagens excepcionais a todos aquêles que ali desejem instalar colégios e ginásios. O Bairro Manga Larga, terá ainda um Clube dotado de todos os requisitos modernos de molde a tornar cada vez mais estreitos os laços que unirão todos os seus moradores.

O centro comercial do Bairro ficará situado na avenida ao longo da Rodovia Petrópolis-Pati do Alferes. A localização e distribuição do comércio ao longo dessa grande avenida, controladas as edificações para se estabelecer uma harmonia nos tipos de construção, virão modernizar e embelezar a principal via pública do Bairro.

O Bairro Manga Larga situado a um altitude de 640 a 900 metros, de onde se descortina um panorama surpreendente de beleza, será um ambiente convidativo para o repouso e a meditação dos atribulados pela vida exaustiva das grandes cidades.

Os raios actínios do sol das montanhas, assim como o ar sêco das matas, a temperatura amena do ambiente e a beleza da paisagem são os traços característicos do Bairro Manga Larga. A natureza foi pródiga aí e reuniu todos êsses elementos para criar um "habitat" ideal para aquêles que, vivendo atribulosamente na metrópole tentacular e absorvente, precisam refazer as suas fôrças e tonificar o espírito junto aos seus entes queridos longe do bulício dos centros superpovoados e agitados. Os passeios e excursões a cavalo e a charretes, a prática de esportes como a natação, o tênis, o volei e o basquete são prazeres da vida que se poderão apreciar com tranquilidade no Bairro Manga Larga.

Próximo ao Distrito Federal, Pati do Alferes está a êle ligado pelas rodovias Rio-Petrópolis-Pati do Rlferes, a mais bela estrada de turismo do Brasil pela beleza incomparável que o seu percurso oferece a quantos por ela trafegam, em fase de têrmino de construção no trecho Petrópolis-Pati do Alferes (37 quilômetros), mas já entregue ao tráfego; Rodovia Rio-Belém-Pati do Alferes, também com um trecho belíssimo de percurso pela serra até Pati do Alferes e Rodovia Rio-Vassouras-Pati do Alferes, a mais antiga rodovia de ligação. Por via ferroviária está ligado pela Linha Auxiliar da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Zona onde há abundância de carne, ovos, legumes, leite e derivados, os problemas domésticos cruciantes de obtenção de gêneros alimentícios aí não existem. População hospitaleira e ordeira, todos que procuram Pati dos Alferes sentem-se logo como em sua própria casa.

A firme decisão da Territorial Fluminense Limitada secundada pela perfeita compreensão por parte daqueles que cooperaram na elaboração do grande plano, permitirá ser levada a efeito esta grande obra, considerada, sob o ponto de vista estritamente urbanístico, a de maior vulto que já se realizou em uma zona fluminense de turismo. Fica assim a Territorial Fluminense Limitada na vanguarda do movimento renovador de Pati do Alferes com uma iniciativa que abrirá, incontestàvelmente, novas e interessantes perspectivas ao progresso da grande estação de recreio e férias, enriquecendo com isso o patrimônio artístico do Estado do Rio.

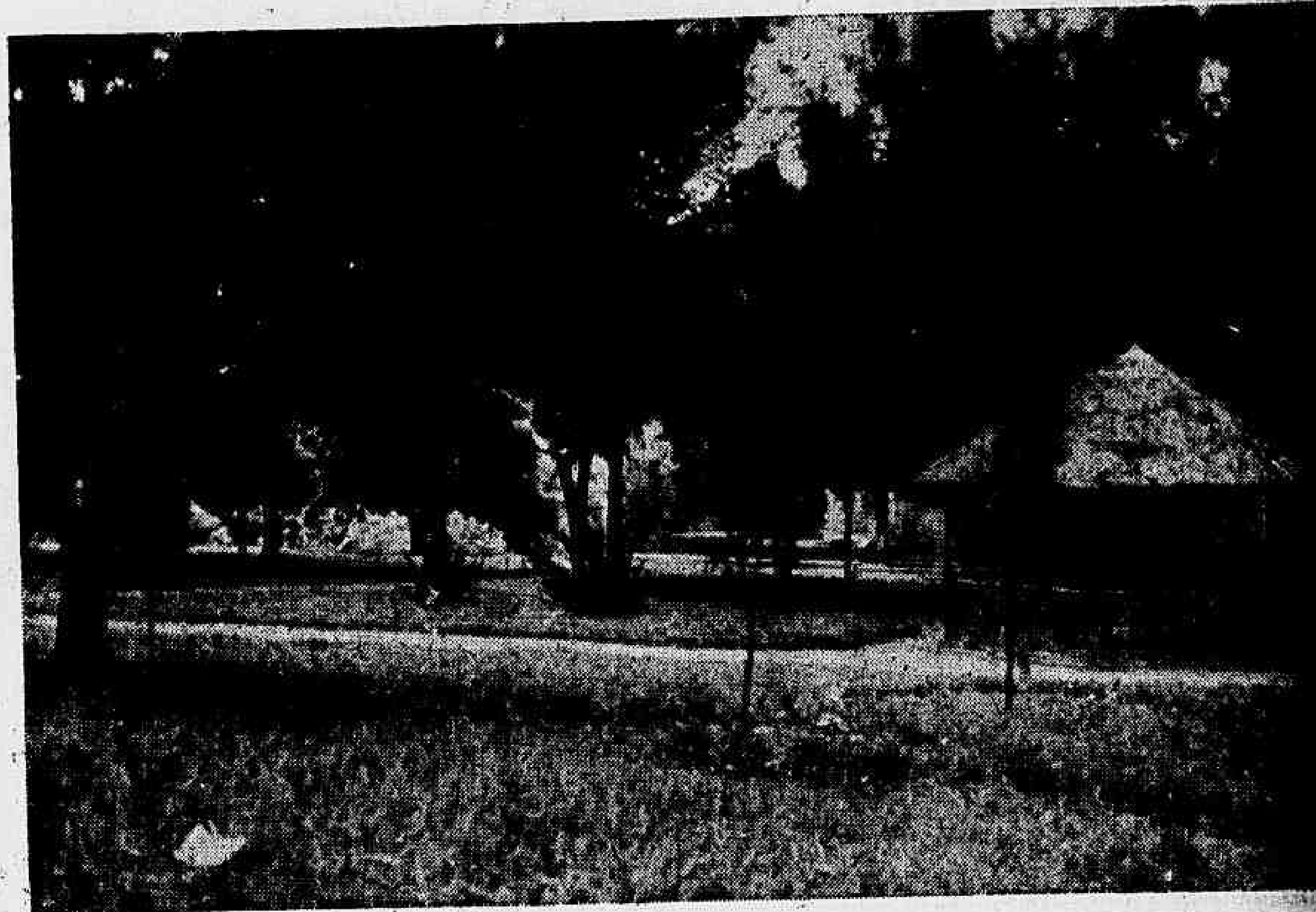
A região de Pati do Alferes, conhecida na história pátria como a mais opulenta nos últimos tempos do Império, com suas Fazendas freqùentadas pelos grandes da Côrte, terá, agora, com a execução do plano de urbanização do BAIRRO MANGA LARGA, sua fase de renascimento, voltando a ter, em futuro próximo, o período áureo do Império.

O grande plano de urbanização do BAIRRO MANGA LARGA, será um atestado vibrante à capacidade técnica dos profissionais patrícios.

A Territorial Fluminense Limitada, em seu escritório, à Rua do México, 45, 4º andar, sala 407, estará à disposição dos interessados no seu grande plano de urbanização do Bairro Manga Larga, dispondo de pessoal habilitado a fornecer todos os informes.



Uma das alamedas de Manga Larga

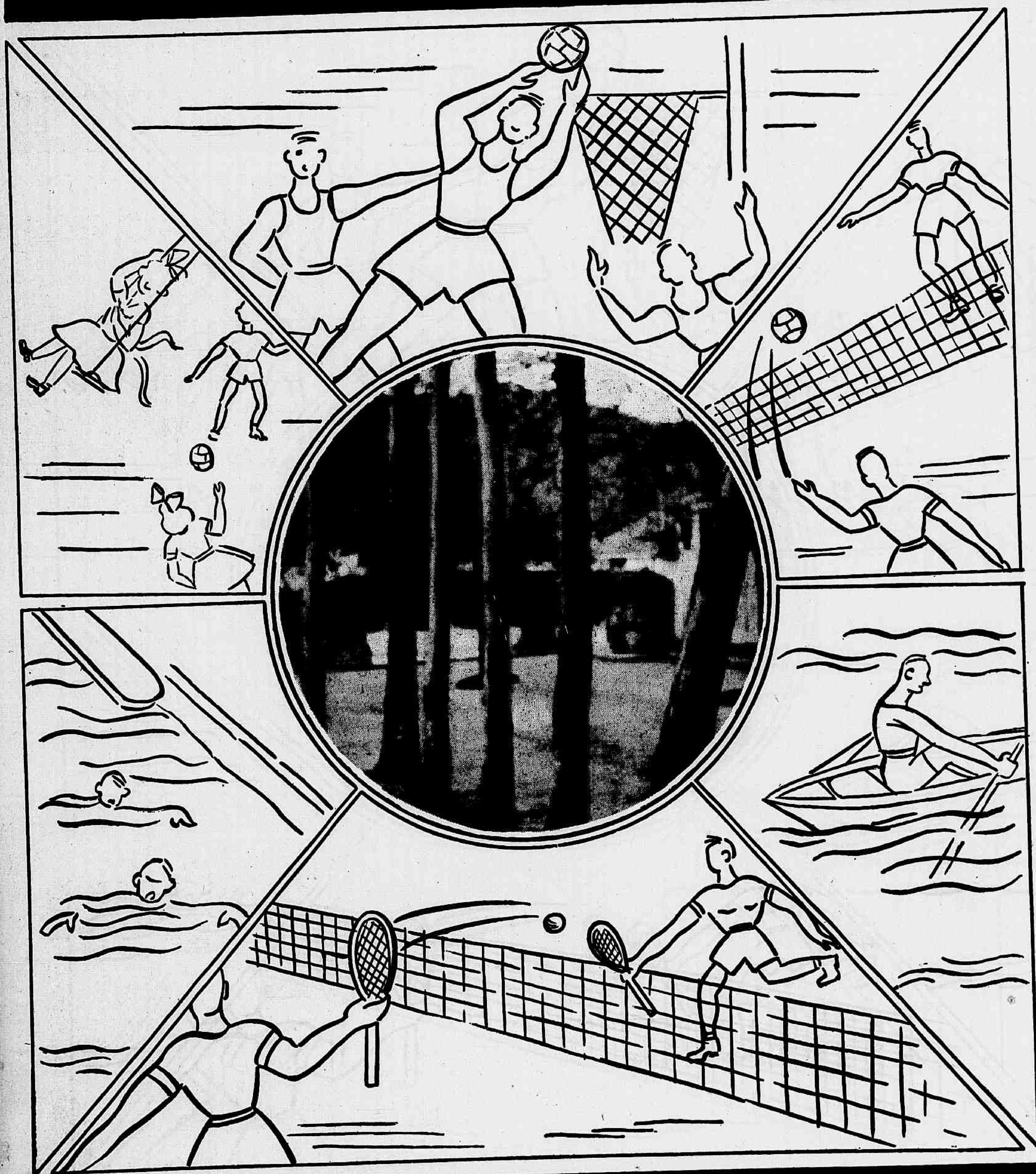


Um dos inúmeros bosques



Vista panorâmica da parte montanhosa, que constitui um convite irresistível àquêles que sabem aproveitar as delícias e beneficências de um passeio ao ar livre

O MAIS ENCANTADOR CENTRO DE TURISMO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



No plano de urbanização do Bairro de Manga Larga está incluído também o problema que se refere à prática dos esportes em geral, tais como voleibol, basquetebol, tênis, etc., além de diversas piscinas e um «play-ground» para os esportes infantis. Ainda aquêles que gostam de regatas, encontram no vasto lago um local próprio para sua prática





ACREDITEM OU NÃO, graças à aguardente nasceu o beijo. Aguardente tem um milhão de nomes, à escolha do leitor. Mas passemos à origem do beijo. Veja a foto imediata.

DESDE PRISCAS ERAS os celtas conheciam o álcool, que era proibido às mulheres. E para se certificarem se a proibição era cumprida, os maridos cheiravam a bôca da espôsa. Daí...

BEIJO... LINGUAGEM UNIVERSAL!

Sua difusão através dos tempos ★ Como nasceu e como é usado entre vários povos ★ O teatro, o cinema e a "arte de beijar" com infinitas nuances voluptuosas ★ O "delirium tremens" do beijo salivar de Greta Garbo ★ O concupiscente de Robert Taylor e os intempestivos de Boyer e Jean Gabin

Texto de ABDIAS RODRIGUES ★ Fotos de ARNALDO VIEIRA

B E I J O . . .

O costume de beijar vem dos celtas e não foi senão séculos mais tarde que se tornou um hábito europeu. Homero, em suas famosas Odes, quase não fala do beijo. E entre os poetas da Grécia antiga pouca referência se emcontra a êsse respeito.

Na Europa medieval o beijo se introduziu nas classes superiores como um refinamento dos sentimentos amorosos e afetivos. Quando Erasmo de Rotterdam visitou a velha Inglaterra daquele tempo, encontrou êsse hábito de beijar amplamente difundido a título de cumprimento.

Os romanos tinham três palavras para designar o beijo: *osculum*, *basium* e *suavium*.

A primeira correspondia ao que chamamos beijo de amizade; a segunda, mais terna, era o beijo dos pais e dos esposos. Suavium aplicava-se aos beijos dos amantes.

Todavia, essa distinção era apenas aparente e, em poesia, sobretudo, os três termos eram freqüentemente empregados um pelo outro.

Naquela época, uma visita que chegava beijava o dono da casa, a dona, todos os filhos e até mesmo o cão e o gato.

A LENDA DO BEIJO

Evidentemente não nos referimos à famosa valsa "A lenda do beijo" e sim ao que se diz acêrca da sua origem.

Desde priscas eras os celtas conheciam o alcool. Todavia, era proibido que as mulheres bebessem. A fiscalização era severa. Os maridos mais desconfiados costumavam, ao







DAÍ ATÉ O BEIJO cinematográfico de nossos dias, quantas reviravoltas deu o mundo! Quantos beijos foram dados! Quanta água correu sob a ponte! Mas o aperfeiçoamento do beijo foi aumentado... E uma técnica especial apareceu, que os filmes se incumbiram de divulgar em larga escala e os discípulos trataram de aprender direitinho...



BEIJOS HÁ MUITOS. E quando o galã quer mostrar humildade, rendido aos encantos da amada, beija o pesinho mimoso da eleita. Do pé para a mão o salto é bem fácil.



E OS PROGRESSOS vão continuando. Agora um beijo na mãosinha d·licada, e um mundo de palavras bonitas estonteantes, cheias de emoção. E' um beijo preparatório!



— "TEUS CABELOS são maravilhosos, amor! Deixa-me beijá-los..." E os lábios do rapaz tocam às rêpas (perdão, às madeixas) da garota romântica. Ela vibra, feliz. Pudera!



VEM DEPOIS,, como por acaso, incidentalmente — mas preconcebido! — o beijo na nuca. Os cabelos curtos da deusa facilitam o ósculo. Ela sonha com uma aliança...



AH! MAS FALTA êste: um beijo na face não se pede, dá-se... Ele também não pediu. Foi beijando por conta própria, sem protestos da pequena. Oh! moço beijoqueiro!



SE ELA NÃO gostasse, já teria protestado. Mas como silenciou, êle continua beijando e sussurrando coisas galantes no ouvida moreno da moça bonita. Um arrepio...



NESTA ALTURA ela faz uma pausa para meditação... e êle continua beijando, beijando. O pensamento da garota perde-se no infinito... — "Será que vai me pedir hoje?"



— "VIDA DA MINHA VIDA, pedaço do meu coração, não duvides de mim! Sou teu para a eternidade..." Mas a eternidade, às vêzes dura um minuto. Será que êle não para?



CLARO QUE SIM! Faltava o epílogo. O beijo que Rostand comparou à letra do alfabeto... O casamento está marcado para breve. E' só tratar dos papéis. Mamãe consentirá!

chegar em casa, cheirar a boca da espôsa a fim de cientificarem-se da sua culpa ou inocência. Cheirando mais de perto houve o roçagar de lábios e conseqüentemente a sensação voluptuosa... e o primeiro beijo.

...VEÍCULO DE POPULARIDADE

Na França, os escolásticos, distinguiram três espécies de ósculos: — beijo de amizade, de amor e de afeição honesta e de deboche; mas havia apenas uma palavra para os designar a todos.

Luís XII, instituiu a bênção real sob a forma do beijo. Com essa inovação, ganhou aquêle monarca imensa popularidade e consolidou-se no seu trôno. E, até hoje, políticos e ditadores recorrem a êsse expediente para conquistar a simpatia do seu povo, beijando crianças diante de multidões e mesmo de câmaras fotográficas.

Na Rússia do Tzar, o beijo era considerado a mais alta forma de reconhecimento oficial.

Dizem os entendidos que, no amor, o primeiro beijo é decisivo para a felicidade, mas acontece, que o primeiro beijo nunca é dado com a boca, mas com os olhos.

...FORA DO AMOR

No Oriente, o beijo aparece mais como prova de reverência do que de amor. Os devotos árabes beijam as imagens dos seus deuses e não beijam as mulheres. Na Ásia menor, o vassalo beija seu Senhor. Mesmo na Roma antiga o beijo era muito mais praticado em sinal de respeito do que como prova de amor. Os reflexos dêsse velho hábito se encontram entre os antigos cristãos, que atribuiam ao beijo um sentido sacramental. Até hoje se beijam as relíquias dos santos, os pés do Papa, o anel dos bispos e a mão dos sacerdotes. Os nativos de certas tribus africanas beijam as pegadas dos seus chefes. O chinês beija a terra em sinal de gratidão. Aliás, os chineses têm o beijo, tal como é praticado no mundo ocidental, isto é, na conta de brutal agressão. Aos seus olhos, tal hábito de beijar tem qualquer coisa de canibalesco e é costume entre as mães chinesas amedrontar as crianças, ameaçando-as com o beijo. E os meninos tremem de medo.

Na literatura japonêsa, beijos e abraços entre namorados, pais e filhos, amigos ou parentes, não existem.

Entre certas tribus da Índia Oriental, o beijo afeta mais o sentido do olfato que o do tato. E ao invés de dizer: beija-me, a bem amada dirá: — cheira-me.

...PASSATEMPO

Na velha Europa continente originário do ósculo, existte uma série de jogos de salão que têm como finalidade o beijo. Na Nova Inglaterra um homem que consegue apoderar-se das luvas de u'a moça ou senhora pode exigir de sua proprietária um beijo, no ato da devolução. Por sua vez, um homem beijado por u'a mulher durante o sono é obrigado a comprar-lhe um par de luvas.

...CORTESIA

As mulheres, quando se encontram ou se despedem beijam-se Também os homens se beijam a título de cortesia. Êsse cumprimento pode ser aplicado em uma só ou em ambas as faces. Essa modalidade de saudação é uma característica da civilização francêsa. Faz parte das formalidades quando dois altos dignitários políticos ou militares se encontram. E em tais ocasiões o beijo não raro se confunde com o clássico beijo de Judas...

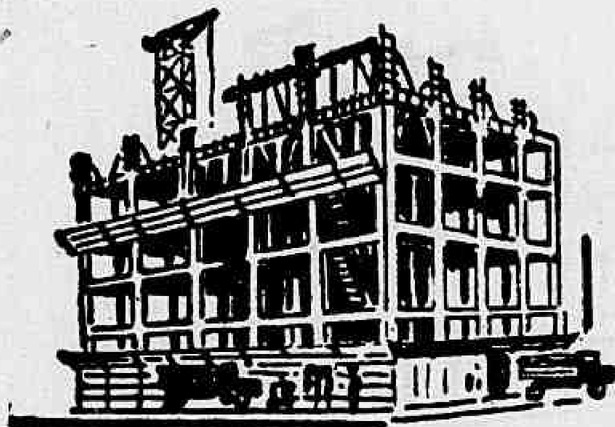
E existe ainda o beijo epistolar que consiste numa impressão labial, devidamente carregada de baton, abaixo da assinatura

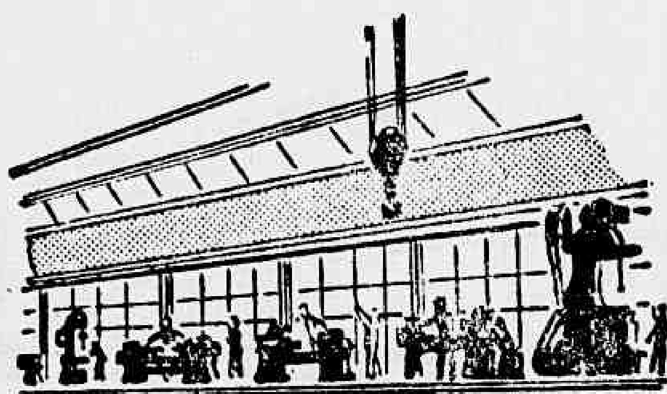
(Continua na pág. seguinte)

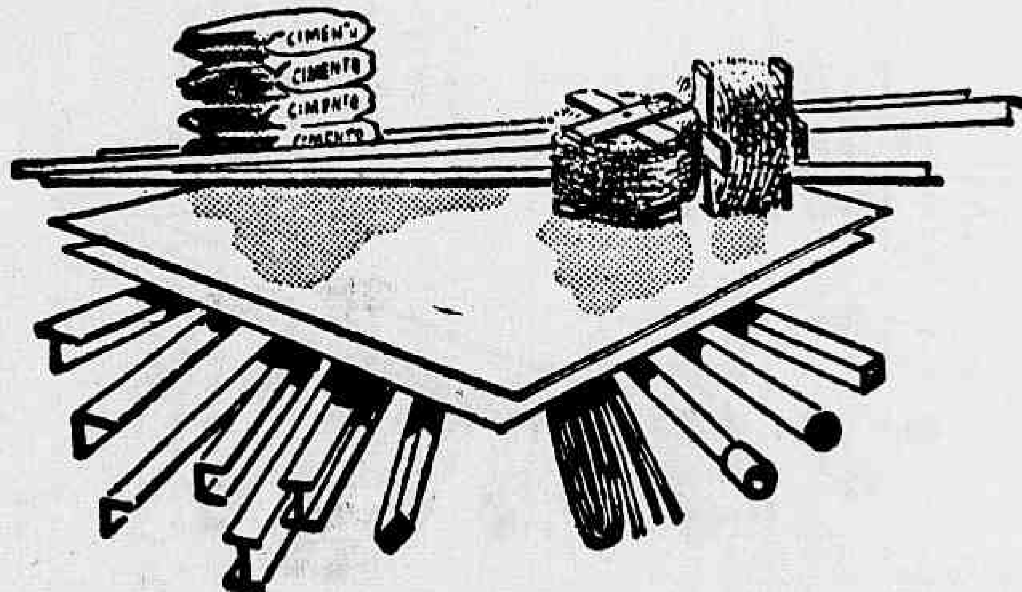


E ACABOU-SE A HISTÓRIA, amigos! Daí por diante, todos os demais beijos serão prosaicos e rotineiros... Que saudades!...

PARA CONSTRUÇÕES PARA A INDÚSTRIA







Estoque permanente de: Cimentos estrangeiros. Portland e branco, Cimento Mauá (distribuição) - Ferro redondo para construção - Tubos pretos e galvanizados para agua e gás - Tubos electrodutos, Conexões galvanizadas - Pregos, canos de chumbo, cobre em bobinas - Pás, picaretas, enxadas, baldes, carrinhos etc.

Aço chato p. molas, aço oitavado p. brocas - Eixos polidos - Chapas pretas e galv. - Folha de flandres - Ferros chato, quadrado, redondo, cantoneira e T - Vigas U e I - Arame farpado, grampos p. cerca - Perfis especiais p. venezianas, portas pantográficas e para vasilhame de leite - Tubos p. caldeira, tubos leves p. móveis.



MACIFE S/A, MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

SEDE: Av. Pres. Vargas, 509 - 3.º pav.
Fone: 23-9151 (rede int.) - RIO DE JANEIRO
FILIAL: Niterói - R. Benjamin Constant, 231
Fone: 6648

End. Tel.: MACIFE - Caixa Postal, 1901
DEPÓSITOS: Praça Marechal Hermes, 10
Fone: 43-4661, Avenida Brasil, 1852
Fone: 48-7387

REPRESENTANTES EM TODOS OS ESTADOS DO BRASIL

BEIJO... LINGUAGEM UNIVERSAL

... NO CINEMA

O beijo tem suas leis e regras pois é ao mesmo tempo uma ciência experimental e uma arte. O teatro e logo em seguida o cinema muito contribuíram para a sua superdifusão e, ipsofacto, para torná-lo linguagem universal.

Entre os artistas cinematográficos cujos beijos sempre constituíram o chamado «delirium tremens», figura Greta Garbo — introdutora, no cinema, do beijo sáfico ou salivar. Esse beijo é de uma lascividade inigualável.

Robert Taylor é outro artista muito admirado pela sua maneira concupiscente de beijar. Charles Boyer e Jean Gabin têm sempre atitudes intempestivas ao beijar, razão que muito contribuiu para torná-los célebres e admirados pelo belo sexo.

Muito já se tem escrito sôbre o beijo e muito ainda há de se escrever. Beijar, hoje em dia, constitui vocação?! E já houve mesmo quem publicasse uma obra intitulada — «A arte de beijar».

Vejâmos, ligeiramente, como o autor do excêntrico livro acha que pode ser o beijo: — «doce, terno, louco, apaixonado, furtivo, respeitoso, quente, úmido, comprido, roubado, clandestino, traidor, acariciante, rápido, vivo, leve, curto longo, redobrado, excitante, etc.»

E há ainda o beijo cheio de infinitas nuances de sensações que constitui tôda a chave da arte de amar.

... NO AMOR

— «Eu amo, e por um beijo dou o meu gênio» — dizia Alfredo de Musset. O que mais encanta no amor não é, como se poderia crer, a deliciosa angústia anterior à confissão, mas o período imediatamente precedente à posse, e que se poderia chamar «a hora do beijo».

O leve roçar, o contacto delicado, a carícia mais sugestiva que material, que excita muito mais a imaginação do que os sentidos — o beijo é a suprema expressão de ternura, a maior prova de afeto que uma pessoa pode dar a outra.

De tôdas as carícias, a mais perturbadora, a mais íntima e perigosa. Num beijo a mulher se entrega, se abandona; num beijo o homem desfalecente bebe a volúpia nas próprias fontes da bondade e do amor. Há lábios de mulher que atraem, há lábios de mulher que matam. Prodigalizam um tal encanto que não se lhes pode resistir, de tal maneira inebriam, que não se lhes pode sobreviver. De tôdas as realidades do amor, o beijo é a mais deliciosa, a mais pura, a mais ideal, aquela cujo gôzo não deixa aborrecimento nem amargor, e da qual se conserva até à morte, o imperecível estigma sôbre os lábios, com a recordação de tudo o que foi bom, grande e divino na vida.

O beijo — disse Victor Hugo — é uma carícia e deve inspirar tôdas as loucuras. E Bilac acrescenta: — dá a palavra aos mudos e a vida aos mortos.

E' a expressão de um idioma universal — afirma Campoamor. Uma estrofe que duas bocas rima — escreveu Coelho Neto... E uma bôca beijada não perde a frescura, concluiu Gerard Bendall. E o leitor, naturalmente, apoiando Gautier, dirá: — o verdadeiro paraíso não está no céu, mas na bôca da mulher amada.

1900-1950

(Cont. da pág. 5)

culo passado. Foi o bastante para que uma turma de moleques das cabeças de porco que existiam na Glória se aproximasse e impedisse que a fotografia fôsse tirada. O recurso consistiu em fazer um flagrante da inauguração de uma janela de um sobrado no Catete, usando para isso uma tele-objetiva.

Não há dúvida que para a época foi uma sensação. Imaginem em 1900 usar tele-objetiva! E' por isso que o número tirou três edições.

Como no artigo escrito em 1930, Álvaro de Tefé terminava fazendo votos para que a Revista continuasse melhorando sempre e despedia-se com um "até o meio centenário", pedimos-lhe uma saudação por ocasião da passagem do meio século de existência, e êle autografou uma foto, reproduzida neste artigo com tôda a dedicatória.

Os cinquenta anos da REVISTA DA SEMANA resumem-se em dias felizes e difíceis, em registros de tôda espécie do desenrolar da vida em todos os setores dos acontecimentos nacionais e estrangeiros, arte e literatura, política e religião, música e teatro, modas e curiosidades, invenções e guerras, calamidades e festividades, esportes e tudo o mais que pudesse interessar a qualquer tipo de leitor. Nada de mais, portanto, que se queira homenagear aqui a pessoa a quem devemos a existência dêste órgão ilustrado, para tirá-lo um pouco da sombra modesta em que se meteu após haver entregue a Revista aos irmãos Mendes do "Jornal do Brasil", e declarar que é a antevisão de seu espírito empreendedor, como se evidenciou no caso da profecia do embelezamento do Rio, que a REVISTA DA SEMANA deve a existência, o estímulo e diretriz inicial. Para terminar, dizemos que, como integrantes de seu corpo de colaboradores, desejamos que a data se repita, muitas vêzes ainda, mostrando sempre sinais de vitalidade e renovação para fazer jus à evolução da inteligência humana, sob o lema "per aspera ad astra".

A beleza dos seus móveis consiste ùnicamente em tratá-los constantemente com óleo de peroba.

A especialização de...

(Cont. da pág. 15)

Fantoches e Marionetes, dos quais tivemos oportunidade de assistir no Salão Assírio a diversas representações do Teatro de Bonecos — representações essas que valeram como prova do aproveitamento das professôras alunas, que não só aprendem a fazê-los e vesti-los mas também a manejá-los no pequeno palco, transformando-os em atores das peças por elas especialmente escritas.

O Setor de Educação Pré-Vocacional vem prestando relevantes serviços à população escolar, pois preparando professôras para o delicado mister da profissão que abraçaram, ajustam-nas às novas diretrizes do ensino moderno, notadamente o ensino de economia doméstica, que, essencialmente sob a direção da Profa. D. Maria Dulce Cardoso Linoeiro, que já entregou ao Departamento de Educação Primária diversas turmas de professôras especializadas.

Merece todo nosso aplauso e incentivo o trabalho da Professôra D. Artcobela Frederico, graças a cujos esforços na direção do Setor de Educação Pré-Vocacionais, do qual damos abaixo uma estrutura geral de seu mecanismo funcional, têm nossos educandários primários contado com professôras altamente eficientes.



FREDERICO TROTTA
Antigo Vereador pelo Partido Autonomista
1935—1937
Ex-Governador dos Territórios de Iguaçu e de Guaporé

BRASILEIRO!

Dá teu voto em defesa da Democracia e dos interêsses do Povo e da Tua Cidade.

Manda novamente, com teu sufrágio para a CAMARA MUNICIPAL, aquêle que sempre esteve a teu lado:

FREDERICO TROTTA

Sua atuação no passado, garante sua ação no futuro.

★

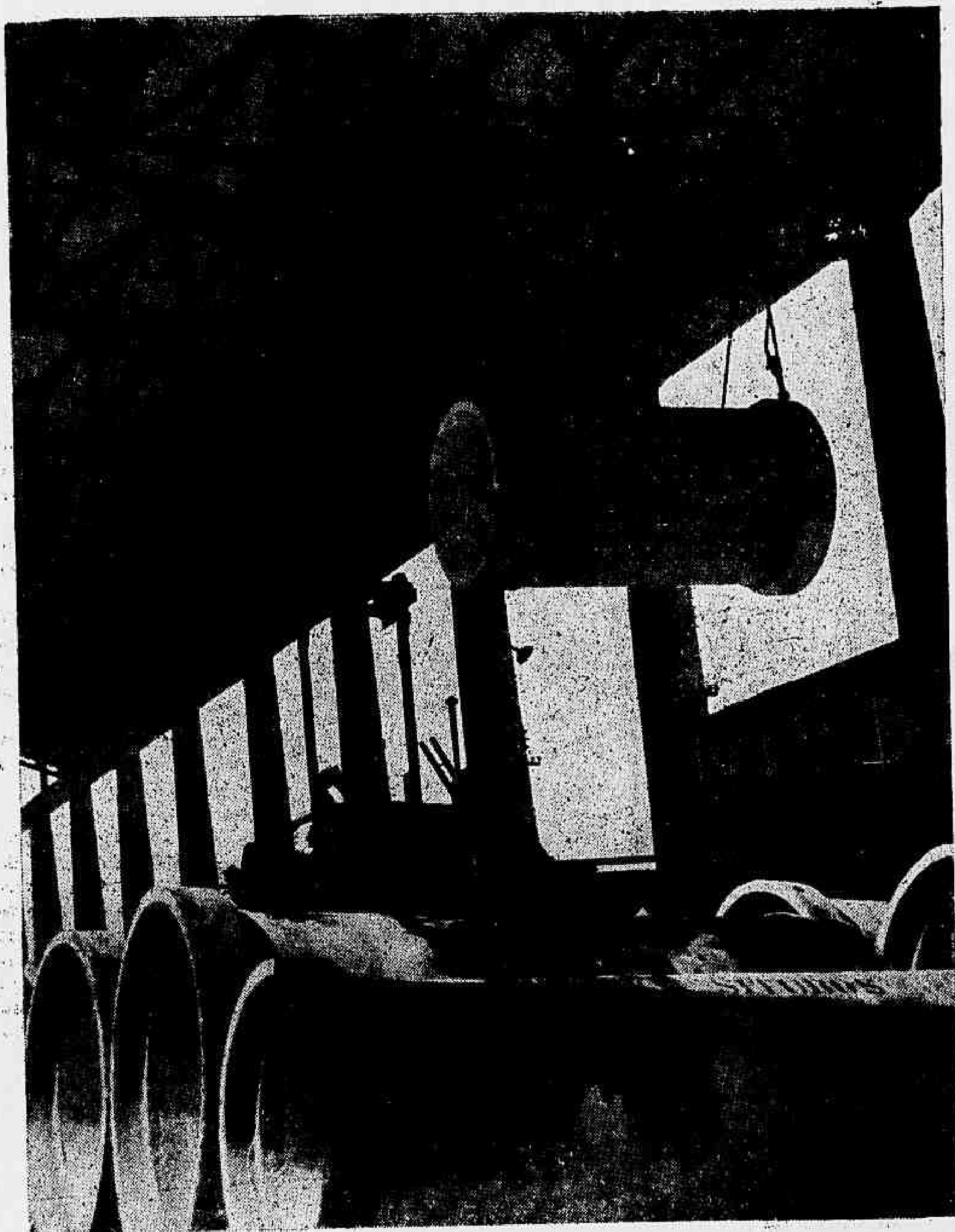
P.S.T. P.S.T.

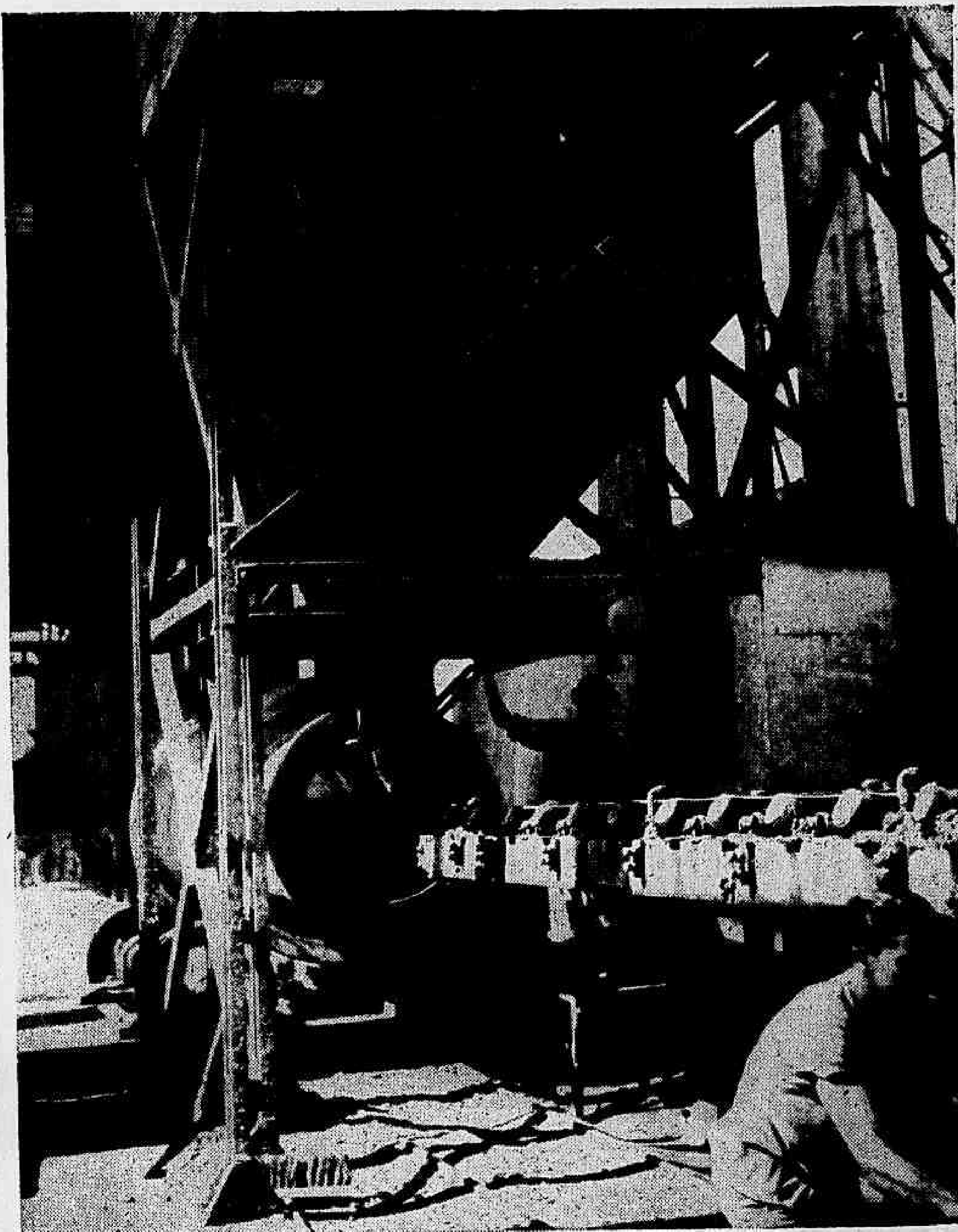
LIMA, Cidade dos Reis

(Cont. da pág. 70)

falto, seu jôgo de luzes fosforescentes e a multiplicidade de seus cinemas assim como o antigo e fino espírito que se caracteriza no nome de uma rua, no anacronismo gentil de um costume, num balcão de várias janelas, na majestuosidade exterior de uma igreja, personalidade e alma de Lima, que tem que se desejar que não desapareçam e que fazem, ante os gulosos olhos do estrangeiro, desfilar como em síntese, o passado, o presente e o futuro; e que na nova Lima os edifícios de vários andares, que são poucos, terminem suas lineas retas; que na Praça Maior, os comerciantes continuem tendo ao lado a Casa do Govêrno, o Cabido e a igreáa; "cholas" (mulheres do povo) perambulem sempre pela cidade vendendo loteria com seus trajes típicos, e, principalmente, se mantenha o amor pelas dramáticas touradas e até o americanizado Country Club se eleve, entre campos e jardins, a pouca distância das 'huacas", velhas capelas dos velhos peruanos.

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos, passe levemente, com uma flanela, óleo de peroba.


Aspecto do transporte de tubos no interior da fábrica do Rio


Máquina de centrifugação operando a fabricação de um tubo

"SITUBOS"

SOCIEDADE ANÔNIMA INDUSTRIAL DE TUBOS

Matriz: Av. Presidente Antônio Carlos, 201 - 10.° — Rio.
Fábrica: Antiga Est. Rio-S. Paulo - Km. 16 - Sen. Camará.

Filial: Rua 7 de Abril, 282 - 2.° — SÃO PAULO.
Fábrica: Av. Prosperidade, s/n — São Caetano.

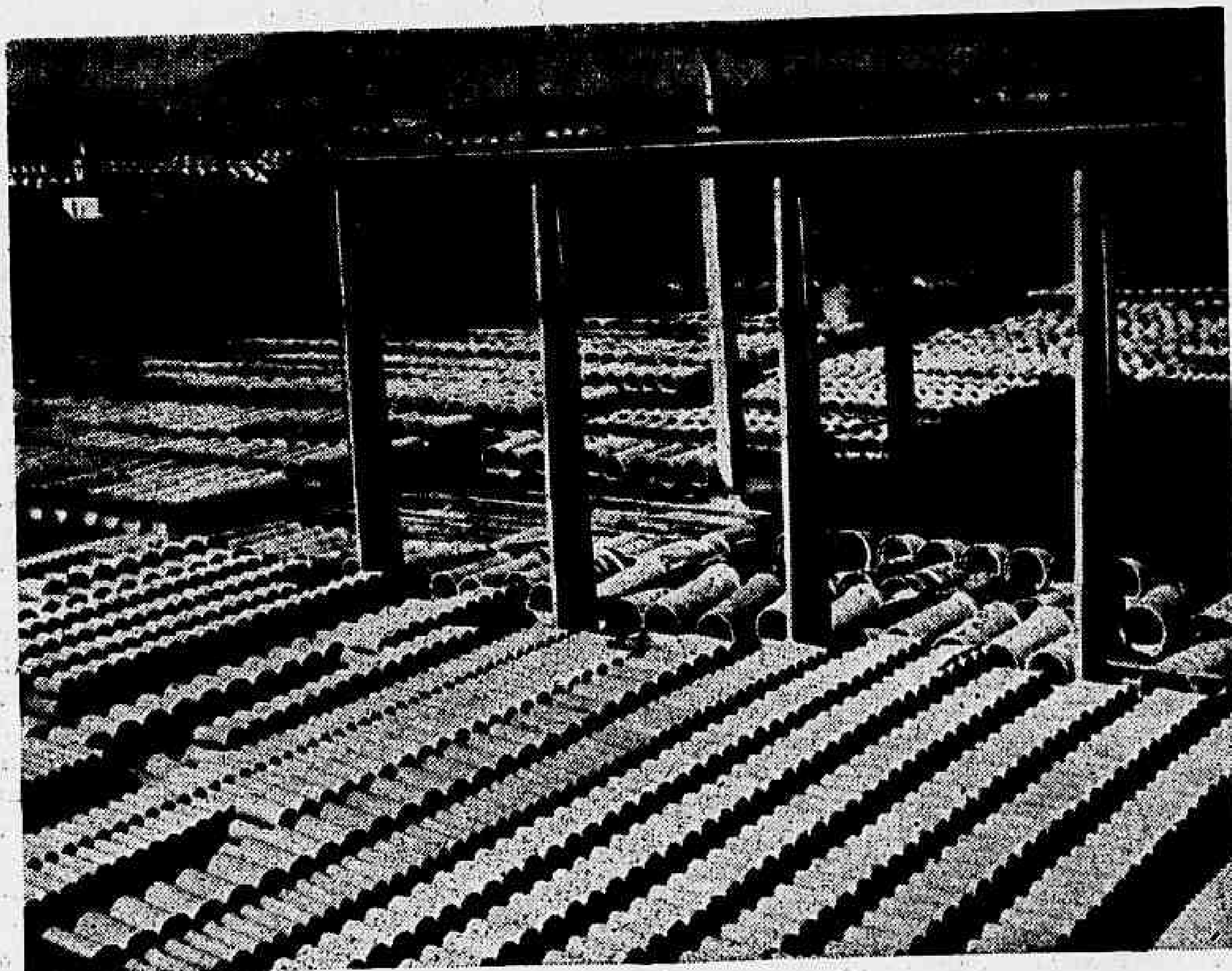
Fabricantes dos tubos da primeira Adutora de Ribeirão das Lajes e Volta Redonda

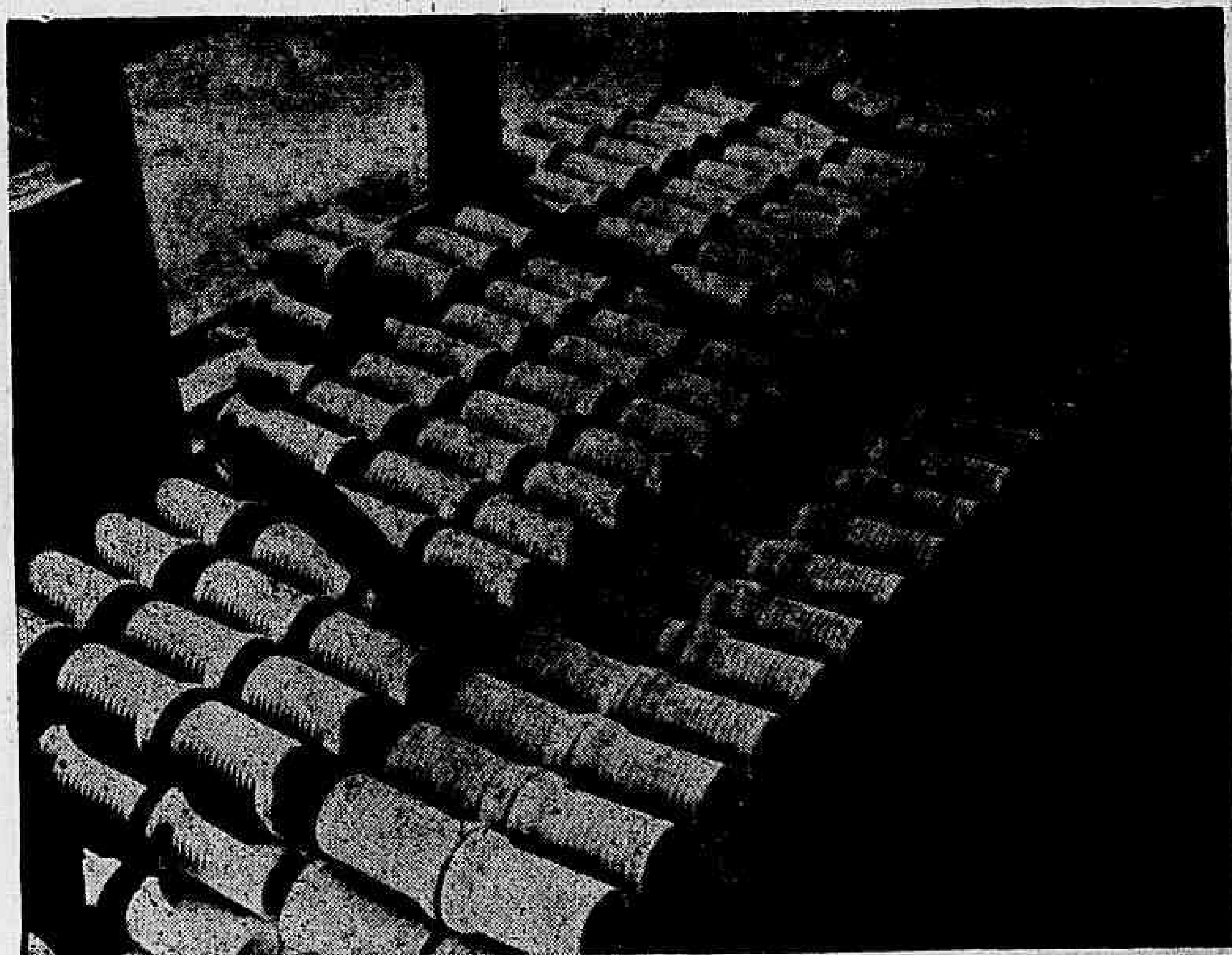
Os tubos de concreto simples tipo "Mac-Cracken" são especiais para rêdes de esgotos sanitários, águas pluviais, saneamento, drenagem, etc.

TUBOS DE CONCRETO ARMADO E CONCRETO PROTENDIDO PARA TODOS OS FINS

E.B. 6 para tubos de 100 até 600 m/m.

Boletim 120 do D.O.P. da P.D.F. para tubos acima de 600 m/m de concreto armado.


Vista tomada dos depósitos de tubos na fábrica de Senador Camará


Aspecto do depósito de tubos tipo «Mac-Cracken»

O MILAGRE DO AMOR

NOVELA DE LYSA CASTRO

(CONCLUSÃO)

— Se há alguém aqui que se deva impacientar, sou eu.

— Está bem, Miss Breston. Vou acompanhá-la ao solar.

Skyb acompanhou-a até ao carro, onde foi sêcamente apresentada ao homem que se achava no interior do veículo. Regis Stone, agente de publicidade. Skyb tomou lugar ao lado do motorista e Regis saiu do carro para dar passagem à moça.

— Fiz contrato de um ano, de acôrdo com suas ordens — disse Skyb virando-se para olhar a moça.

— Não precisa virar-se. Tem um microfone instalado à sua frente que me permite escutar tôdas as suas palavras. Pode falar.

— O solar é maravilhoso, Miss Breston; um dos mais antigos de Heiknéa e possui um passado histórico...

Não me interessa o passado de coisa nenhuma. Fale de negócios...

— Deixe-me dizer-lhe tudo. O proprietário alugou-o com a condição de se não fazer nenhuma modificação nem introduzir outros móveis, usando-se apenas os que lá já se encontram.

— Espero que essa velha habitação me ofereça o confôrto que desejo.

— Sem dúvida alguma. Mandei decorá-la tôda trocando as cortinas, papéis de parede, etc. Tudo está maravilhoso... isto é... — aqui o advogado deteve-se embaraçado e pigarreou.

— Isto é...? — interrompeu Daise franzindo a testa.

— Uma exigência idiota do proprietário, que me deixou preocupado. O solar não tem telefone.

— Que se instale um com urgência.

— Aí é que está a dificuldade: Grayson não quer que o façamos.

— Que absurdo! Que justificativa apresenta êle?

— Que seus antepassados jamais o permitiriam. E' um atrazadão. Só alugou o solar porque precisava de dinheiro. Mas agora êle está viajando e isso lhe fará muito bem, pois só assim reconhecerá o valor das novas invenções.

— Idiota — disse Daise entre-dentes. — Um animal selvagem que devia desaparecer da civilização. Mas não faz mal. Talvez seja melhor que eu fique sem telefone, o que de certo modo livrar-me-á de muitos aborrecimentos.

Pouco depois chegavam ao solar. Daise mandou parar o carro para admirar o magnífico imóvel que se erguia à sua frente. As tôrres esguias pareciam querer chegar ao céu. Linhas harmoniosas formavam tôda a colossal construção. Um soberbo jardim separava-o do muro com gradil que o cercava. Um pesado portão de carvalho abria-se dando início a uma curta estrada que levava à entrada principal, onde uma escadaria de mármore polido erguia-se convidativa dando acesso ao interior do solar.

Conquanto estivesse cansada da viagem, Daise não pôde conter sua curiosidade e percorreu todo o castelo. O pavimento superior estava constituído de três dormitórios. Um dos quais fôra preparado para a moça. No pavimento térreo ficava a sala de visitas, a de jantar, de fumar, etc. Em um olhar logo se percebia a finura de seus antigos proprietários. Todo o solar formava um conjunto harmonioso de luxo e confôrto.



O motorista carregou as valises para o interior, entregando-as a um criado, pois o advogado tudo providenciara com relação a criadagem que a uma semana esperavam a nova patroa. Tudo ficou nos eixos. Daise, perfeitamente instalada, ordenou que seu agente entrasse em ação. Dentro de um mês, seu nome era o mais pronunciado na cidade inteira, embora fôsse de seu inteiro desagrado qualquer espécie de publicidade. Assinava contratos, exibia-se ao microfone, empolgava os ouvintes com sua voz maravilhosa, mas não dava autógrafos, não respondia cartas nem concedia entrevistas. Sua beleza perturbadora era a melhor gazua para tôdas as portas, embora fôsse ela uma jovem fria como um "iceberg". Vamos surpreender uma estranha conversa entre Daise e seu agente Regis:

— Você já tem tôdas as informações?

— Já. Mr. Trayce vem tomar chá na quinta-feira. E' solteirão e milionário. Tem um casal de empregados a seu serviço que, na ausência do patrão, também saem. O trabalho será fácil.

— Já sabe como agir? Tem certeza de que não precisará comprar a cumplicidade dos criados? Não quero que haja nenhuma falha.

— Não haverá. A situação é a mesma em que estêve o industrial Larry, lembra-se? Um trabalho magnífico — terminou com um sorriso amplo.

— E' claro que me lembro. Contudo a precaução nunca é demais.

— Aqui está a planta do gabinete particular — Regis abriu sôbre a mesa uma fôlha de papel. — Aqui está o cofre. Êsses números são o segrêdo. Eis a fotografia de algumas das jóias. Estão avaliadas em cêrca de dois milhões de cruzeiros. Êsse trabalho só por si, nos recompensará de tôdas as despesas.

— Mas tenho outros planos. O "serviço" com o negociante Smith nos dará mais de um milhão e quinhentos mil cruzeiros. O de Mr. Charles Bennett, o magnata do óleo, dar-nos-á quase três milhões e tem ainda o industrial Clement, das construções navais, que nos proporcionará mais de dois milhões.

— A senhora já possui "fichas" de todos êles?

— Sim. Já os tenho seguros.

— Aguardo suas ordens.

— Dar-lhas-ei oportunamente.

Regis ia retirar-se quando ocorreu-lhe uma idéia, fazendo-o retroceder. Com voz estranhamente mole, perguntou:

— A senhora pensou no que lhe disse duas semanas atrás?

— Não pensei e nem pretendo pensar — retrucou Daise friamente.

— Não está sendo sensata, Miss Breston. Creio que não haveria solução mais favorável para o nosso caso. E permita que lhe diga: isto me daria grande felicidade.

— Tenho outros planos, Regis. Não será você quem me fará mudá-los.

— Lembre-se de que sou o único homem que a conhece verdadeiramente. Uma palavra minha e...

— Vá embora, Regis — mandou Daise entre-dentes. — Vá embora.

— Com licença, Miss Breston. Vou tratar dos nossos negócios.

Ficando só, Daise pensou que Regis estava se tornando cacête. Se êle soubesse o que aconteceu à Herbert, seu antecessor nessas funções talvez tivesse mais cuidado. Todavia, êle ignorava que teve um antecessor, cujos pensamentos foram justamente os mesmos de Regis. A coisa ia muito mal para êle. Daise era de um orgulho inexcedível e criara em tôrno de si um círculo intransponível. Um desprêzo profundo por tudo e por todos se estampava em seu belo rosto, detendo os mais ousados. Os fãs para ela nada significavam e exigia que as referências a seu respeito fôssem as mais restringidas. Só o dinheiro a interessava e sabia consegui-lo como ninguém.

Vamos encontrar a jovem Daise em seu quarto de vestir, dando os últimos retoques em sua apurada "toilette", auxiliada por sua camareira Andira. Daise está particularmente irritada.

— Olha êste laço. Prende-o mais acima.

— Um momento. Vou lhe pôr um alfinete.

— Depressa, Andira. Cada vez ficas mais... — interrompeu-a certa música que lhe chegou aos ouvidos, vindo da rua. Sua voz ficou ainda mais irritada quando falou:

— Ouves, Andira? E' o mesmo idiota que tem vindo nestas últimas noites fazer serenata diante de minha janela.

— E' sim, Miss Daise.

O "idiota" era Willi, um rapaz pobre, boêmio e poeta, que se sentia morrer de paixão pela jovem, sem que esta se apercebesse de sua existência. Sua voz de forte modulações, rica de harmonia, chegou até ao quarto levando a canção que êle escrevera inspirado na beleza e indiferença de Miss Breston. A melodia tomara conta da cidade e todos conheciam "Miss Indiferença". Começava assim:

"As estrêlas lá do céu
não têm o mesmo fulgor
dessa beleza ofuscante
do teu rosto sedutor
Um sorriso de desdém
paira em tua linda bôca
teu olhar altivo esmaga
a minha esperança louca.

Daise puxou violentamente o cordão da campainha.

— Malditos atrazados! — vociferou. — Até a campainha só funciona com puxões. Tenho muito que modificar nesse maldito castelo. Êsse tal de Grayson que vá para o diabo, eu é que não estou para usar velharias.

Nesse momento, o romântico e apaixonado Willi cantava o estribilho:

Miss Indiferença, não mates a minha [crença
Nessa auréola de orgulho, nessa beleza [fatal
Miss Indiferença, minha alma está sus- [pensa
Dos teus olhos, dos teus lábios, do [teu carinho ideal
Miss Indiferença, virá um dia a des- [crença.

Neste momento batem à porta. Daise ordenou que entrassem, e o corpulento Marcos mostrou sua gigantesca figura em atitude respeitosa, sem se atraver a transpor a soleira.

— Quero que dês um banho de água gelada naquele cantor de meia-tijela, que me está azucrinando os ouvidos. Quero um banho em regra. Vou observar.

— Assim farei — disse Marcos, logo que pôde controlar os nervos sacudidos diante de tal pedido.

— Nada de condescendência. Olharei teu trabalho aqui da janela.

Momentos depois, Marcos esgueirava-se rente ao muro, levando um respeitável balde com água. Fazia-o com cuidado, pois sabia que Daise o observava por trás das cortinas. No momento preciso ergueu o balde e deixou que a água caisse em cheio sôbre a cabeça do pobre rapaz.

Daise deixou a janela satisfeita. Estava certa de que Willi não a aborreceria tão cedo, com as suas canções idiotas. Uma hora depois, seu carro rodava em direção de um "night-club" elegante, onde pretendia passar algumas horas. Seguiu diretamente para o salão de baile, onde sua beleza logo monopolizou as atenções masculinas. Embora achassem estranho ver uma jovem sòzinha em um clube, não deixavam de avaliar as vantagens que isto lhes oferecia.

(Continua na pág. 54)

MEIO SÉCULO DE LITERATURA BRASILEIRA

EDMUNDO LYS

NESTE ano que assinala a metade do século, por tôda a parte, e mesmo entre nós, tem se feito o balanço das atividades literárias. E' o que, por nossa vez, vamos procurar resumir neste artigo, para os leitores da REVISTA DA SEMANA.

Uma página como esta representa trabalho arriscado e, naturalmente, imperfeito. Obra de pesquisa laboriosa e paciente, de método, que deve ser — não será num artigo jornalístico, como êste, escrito sôbre a perna, em poucas horas, para um número especial de revista semanal, que poderíamos apresentar trabalho aceitável. Nenhum mérito, pois, tem esta resenha, mais do que sua honestidade e sua preocupação de inventariar, com a maior isenção, o legado literário dêste meio século, servindo de roteiro-sumário aos estudiosos de nossas letras.

★

Ao terminar o século nosso mundo literário estava dividido pelos dois movimentos dominantes: realistas e parnasianos, de um lado, e simbolistas, do outro.

Entre êsses dois movimentos, coexistia como sempre, representantes das antigas maneiras literárias, do romantismo e do classicismo. E nem poderíamos dizer que apenas os poetas e prosadores menores se atinham às formas tradicionais. Poetas como Luís Delfino, romântico, e José Albano, que restabelecia os contactos com o classicismo não podem ser considerados menores e muito pelo contrário. Entre os prosadores, Coelho Neto e Euclides da Cunha podem ser, por muitos títulos colocados mais distantes de seus contemporâneos, como neo-clássicos. Xavier Marques, que nos deu o idílio praiano de "Jana e Joel", e o Graça Aranha de "Canaan", situam-se mais próximos dos românticos.

Mas, estamos aqui assinalando um fenômeno comum da história e, neste ponto, lembra-nos a *boutade* de Eça de Queiroz, quando disse alguém supor que, no último dia da Idade-Média, um sujeito se despedia de outro nestes têrmos:

— Bem, então até amanhã, no Renascimento...

★

O que podemos chamar um movimento literário só se opera entre nós ao advento do Naturalismo, na prosa e do Parnasianismo, na poesia.

Ao aparecer Machado de Assis, prosador, poeta, dramaturgo, crítico, esboça-se êsse largo debate que chegaria até o primeiro quarto dêste século, como reação ao romantismo. Machado que, como ficcionista e como crítico, exerceu uma larga influência no Brasil — influência que se prolonga mesmo entre os modernos como, por exemplo, no romancista Ciro dos Anjos, um dos mais fortes valores da prosa brasileira atual — faleceu em 1908.

Com os de Machado, surgiram os romances de Aluízio Azevedo, Franklin Távora, Domingos Olímpio e alguns outros.

A verdadeira *bomba* do Movimento Naturalista foi, entretanto, "A Carne", romance de Júlio Ribeiro, eminente gramático e professor, que, para maior luxo de rebeldia, dedicou sua obra a Emílio Zola. A importância dêsse livro tem sido subestimada até hoje, quando a crítica teima em colocá-lo "hors litterature", o que, aliás, num fácil paradoxo, vem afirmar aquilo mesmo que pretende negar.

Depois dos livros de poesia de Machado, que foi, entre nós, o codificador do Parnasianismo, surgem os nossos chamados grandes parnasianos — Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac. Junto dêles, com justiça, devemos colocar também Augusto de Lima e Francisca Júlia, que nos deu a poesia mais formal dos parnasianos brasileiros.

Se acompanharmos através dos dois excelentes volumes de Agripino Grieco — "Evolução da poesia brasileira" e "Evolução da prosa brasileira" — a nossa marcha literária, encontraremos, ainda, entre êsses grandes nomes e outros menores, muitos vultos de importância: Raul Pompéia, Garcia Redondo, Inglês de Souza, Figueiredo Pimentel — celebrizado principalmente por sua crônica mundana o "Binóculo", da "Gazeta de Notícias", onde lançou o famoso brado: "O Rio civiliza-se" — com romances de ruidosa repercussão na época; Artur Lôbo, Adolfo Caminha, João do Rio (Paulo Barreto), Lima Barreto, Afrânio Peixoto, Mário Sette, Albertina Berta, Benedito Costa, Théo Filho, Benjamin Costallat, prosadores; e os poetas Teófilo Dias, B. Lopes, Vicente de Carvalho, Amadeu Amaral, Emílio de Menezes, Martins Fontes, Bastos Tigre, João Ribeiro — também filólogo eminente — Múcio Teixeira, Guimarães Passos, Fontoura Xavier, Lúcio de Mendonça, Artur Azevedo — sobretudo notável como teatrólogo — Luís Murat, José Severiano de Rezende, Luís Carlos, Goulart de Andrade, Luís Guimarães Filho, e outros. Ainda na primeira e na segunda década de 1900, devemos mencionar os nomes de Humberto de Campos — também o grande prosador que, depois dos dois volumes de "Poeira" iríamos conhecer. E mais: Gilka Machado, Ana Amélia, Maria Eugênia Celso, Rosalina Coelho Lisboa.

★

Constituindo um gênero que participa da poesia e da prosa, e que tem, em tôdas as literaturas, extensa influência popular, o teatro, entre os dois séculos e no princípio dêste, não é muito abundante, como qualidade. Podemos citar escassa obra representativa de nossa literatura teatral e, com as peças de Machado e de Artur Azevedo, as de Coelho Neto, o teatro de João do Rio, Viriato Correia, Cláudio de Souza, Oduvaldo Viana, Renato Viana e, principalmente, o de Roberto Gomes.

★

O Simbolismo foi um movimento exclusivamente poético e nos veio diretamente de França, como o provam alguns de seus corifeus, discípulos de Mallarmée e de Verlaine. E' curioso, entretanto, observar que o maior de nossos simbolistas, Cruz e Souza, não foi um livresco e, portanto, seu simbolismo constituiu uma atitude espontânea de temperamento.

Ao lado de Cruz e Souza devemos colocar, pela altitude e pela larga influência que se prolonga até à atualidade — como, por exemplo, na poesia de Enrique de Rezende — Alfonsus de Guimaraens, o grande poeta de Mariana.

Outros simbolistas da primeira fase: — Emílio Perneta, Silveira Neto, Marcelo Gama e Mário Pederneiras.

Incluímos aqui o nome de Augusto dos Anjos mais por uma questão cronológica. O poeta do "Eu" é um caso tão singular entre nós como o de Antônio Nobre, em Portugal. E, como o homem do "Só", Augusto dos Anjos é irredutível a qualquer escola. O mesmo se verificaria, depois, com um dos mais altos poetas dêste meio século, o humanista Raul de Leoni, que também nos legou um só livro e dos mais originais e fortes da língua portuguêsa: "Luz Mediterrânea".

Pela bondade acolhedora de Lima Campos, Mário Pederneiras e Gonzaga Duque — Mário, o maior poeta, Duque, o maior prosador aparecidos no princípio do século — reúne-se na revista "Fon-Fon", de Gasparoni e Fogliani, se não nos enganamos, cujo nome é uma onomatopéia da busina dos primeiros automóveis — a nova geração de simbolistas.

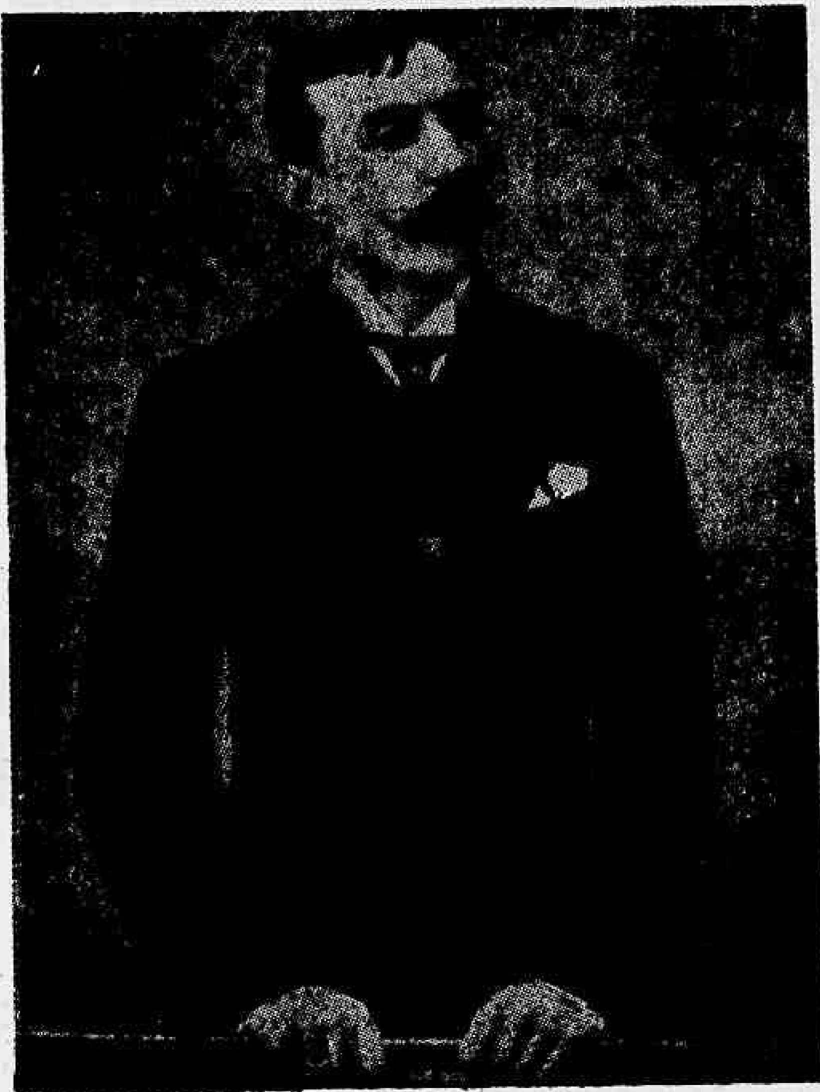
Gonzaga Duque aparece em livro exatamente em 1900, com uma obra-prima de nosso romance, "Mocidade Morta", a que se seguiram um admirável livro de contos, "Hôrto de Mágoas", e os livros de crítica e de estética, "Graves e Frívolos" e "Contemporâneos". A propósito de "Mocidade Morta", falando de Mário, Lima Campos fixou a atitude do grupo de "Fon-Fon": "*Dêste pequeno grupo de rebelados com quem convivo e onde formei o meu espírito, é o primeiro que publica um livro*".

E Mário Pederneiras, o poeta do outono, falando sôbre Duque e Lima Campos, diria num poema:

"Nessa trindade irmã
Que formamos na Vida,
Para a rude escalada à mansão da
[Quimera..."

Vamos encontrar ali os nomes altíssimos de Alvaro Moreyra, Eduardo Guimarães, Felipe D'Oliveira, Olegário Mariano — cujo poema "As últimas cigarras", permanecerá como uma das obras mais originais e mais belas da poesia brasileira de todos os tempos — Hermes Fontes, Homero Prates, Rodrigo Otávio Filho, Sertório de Castro, Cláudio Ganns, Gustavo Barroso, Américo Facó, "toute la Lyre"...

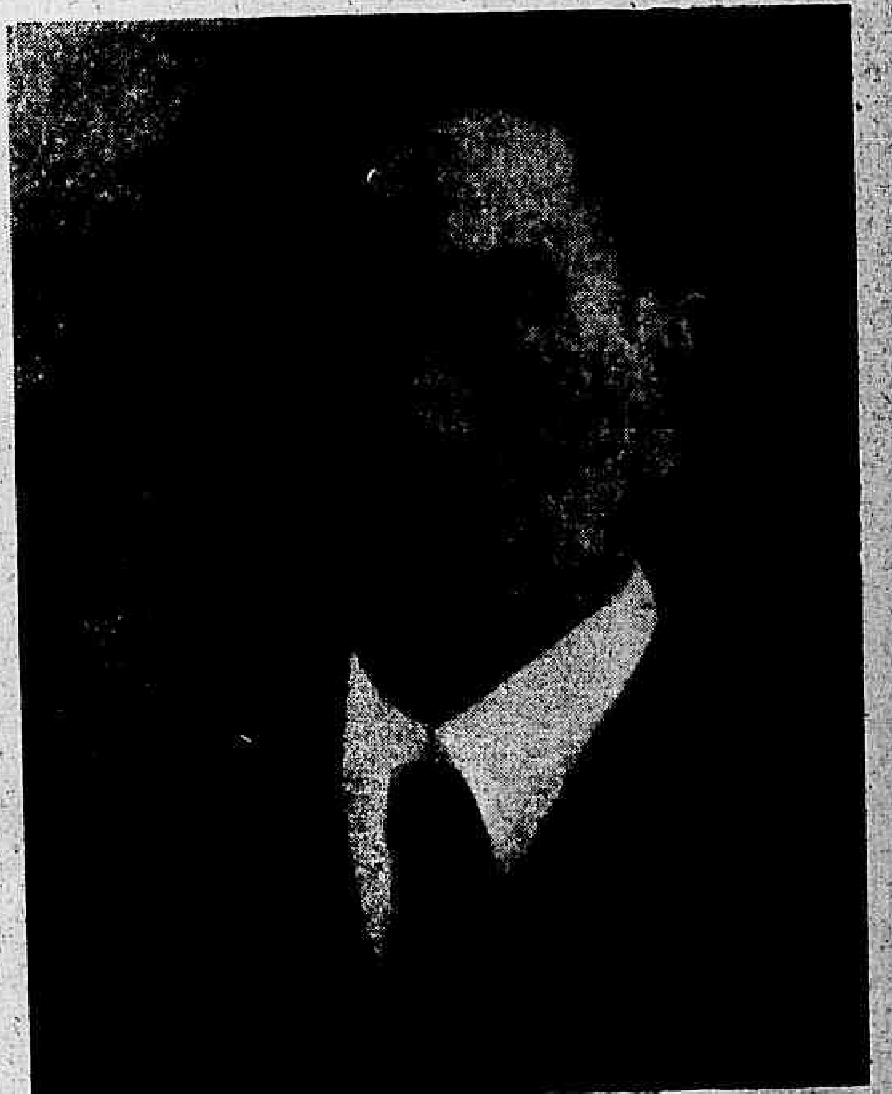
Ao mesmo tempo, e fora da "igrejinha simbolista do "Fon-Fon", como a denominavam os conservadores, floresce a poesia de Leal de Souza, Heitor Lima, Aníbal Teófilo — um mestre do soneto que nos legaria, em "A Cegonha", uma das mais belas sínteses de nossa poesia filosófica —



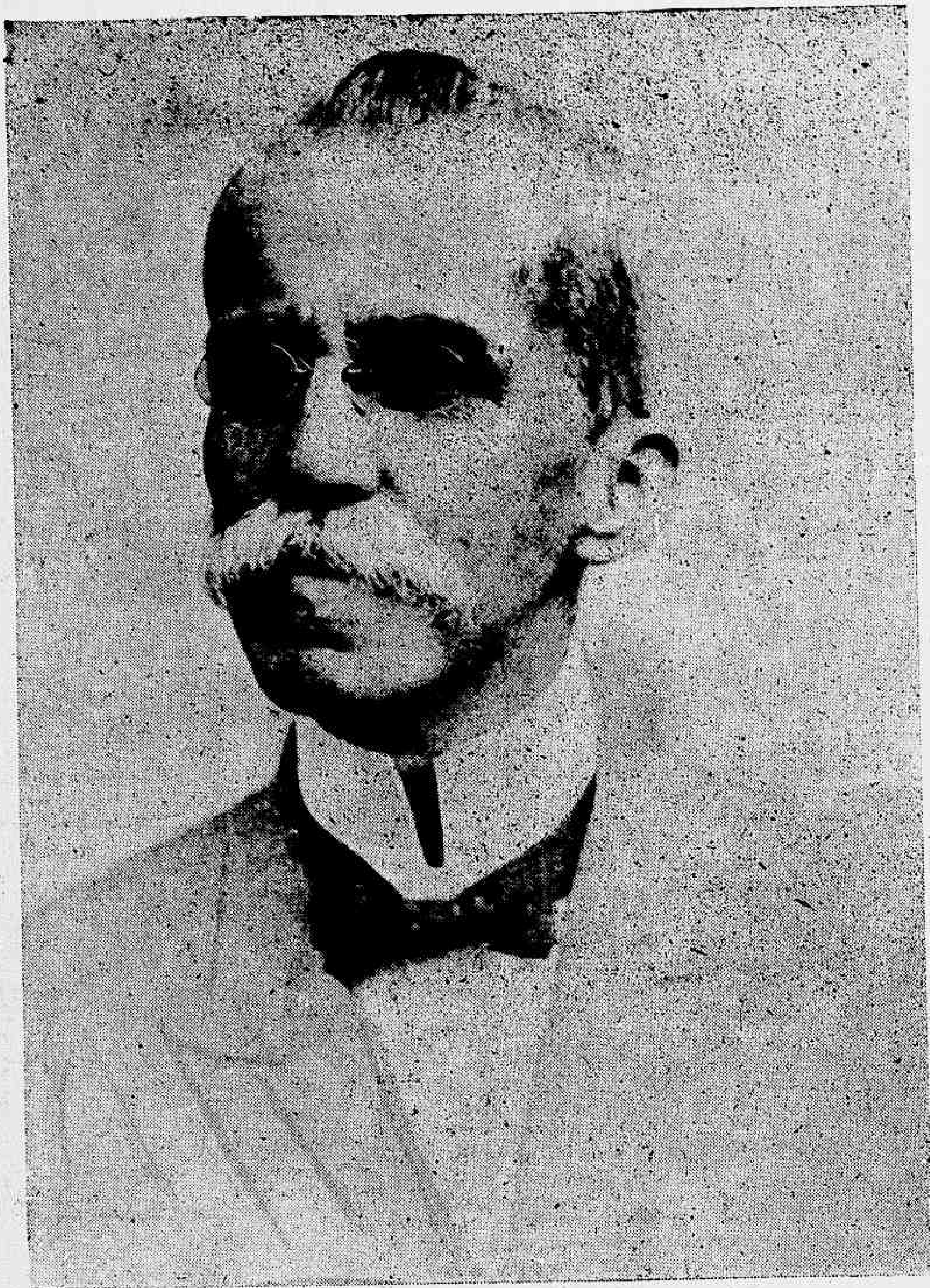
EÇA DE QUEIROZ



MACHADO DE ASSIS



COELHO NETO



RUY BARBOSA



GILKA MACHADO



RIBEIRO COUTO



IRINEU MARINHO



GRAÇA ARANHA

Moacir de Almeida, Alceu Walmosy, Júlio Salusse, Amaral Ornelas, Alberto Ramos, Pereira da Silva, Luis Edmundo, Belmiro Braga, Da Costa e Silva, Ciro Costa, Raul Machado, Martin Fontes, Onestaldo de Pennaforte, Edgar Mota, Djalma Andrade, Maria Eugênia Celso, e de muitos outros.

A obra de Álvaro Moreyra que, em Pôrto Alegre, já publicara um livro de versos, data dêsse movimento do "Fon-Fon", o mais importante depois da batalha parnasiano-naturalista. A obra e a ação, pois Álvaro, a exemplo de Mário e Duque, foi também um líder com uma extraordinária capacidade de congraçamento e de estímulo para os jovens, como se viu no próprio "Fon-Fon" e, depois, em "O Malho", no "Para todos" e na "Ilustração Brasileira", tendo sido êle o *descobridor* de muitos dos maiores nomes das letras atuais, bastando-nos citar aqui Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, cujas primeiras páginas êle publicou no Rio.

Data de 1922 o movimento modernista, determinado pela inquietação do após-guerra e, entre nós, pelas influências francesa e italiana, pela fadiga do artificialismo acadêmico e dos exageros simbolistas.

Através dos néo-simbolistas de maior fôrça, como Manuel Bandeira, cujo "Carnaval" vinha romper, desde a primeira página com "Os Sapos", tôdas as convenções literárias de um e de outro lado; Ribeiro Couto, o criador de um sestro poético a que a crítica "high brow" logo denominou pejorativamente "penumbrismo", e de outros poetas e prosadores, inclusive o próprio Álvaro Moreyra, com seus livros de prosa e suas peças de teatro, acentuava-se cada vez mais a evolução de nossa literatura. A editôra de Monteiro Lobato — consagrado já como um de nossos grandes contistas, com Afonso Arinos e Hugo de Carvalho Ramos — abria espaço aos inéditos, aparecendo então prosadores como Hilário Tácito e Leo Vaz, poetas como Menotti del Picchia e Honório Harmond, entre outros.

Alguns dos principais valores dessa época integraram-se no modernismo, embora menos ortodoxos do que os líderes do movimento.

Graça Aranna fazia à época o seu famoso discurso da Academia, propondo o *slogan* revolucionário — "renovar-se ou perecer" — a que Coelho Neto terá oposto o seu grito: "Eu sou o último Heleno!" E, quase simultâneamente, em São Paulo, um grupo de jovens escritores e artistas realizava a *Semana de Arte Moderna*. Surgiu depois a "Klaxon", revista oficial do grupo, batizada de acôrdo com uma denominação bizarra e representativa do tempo, pois essa palavra, como é sabido, designa as modernas businas de automóvel.

Uma das particularidades da "Klaxon", além das extravagâncias gráficas, foi ter inaugurado entre nós a crítica de cinema considerando, pois, como uma arte, o que até então fôra simples diversão. Embora, muito subsidiária dos movimentos estrangeiros, publicando colaboração de Marinetti, de Guilherme De Tôrre e de Antônio Ferro, já delineava os rumos nacionalistas que o modernismo veio seguir depois, com a *poesia Pau Brasil*, a tendência *verde-amarela*, o *antropofagismo* — correntes paulistas — o *tradicionalismo-dinâmico*, surgido num manifesto de Carlos Chiacchio, na Bahia, e outros. Vale a pena citar êste trecho do n. 6, de "Klaxon": *"O Sr. Hermes Fontes também é dêsses. Pelo "Imparcial", uma vez, afirmou que um livro era moderno... por quê?... Porque... era "boulevardier"... Pois não sabe o Sr. Hermes Fontes que o gênero "boulevardier" é velho como Victor Hugo? Hoje ninguém acredita em "boulevards", como ninguém crê, tampouco, no simbolismo. São coisas essas que, mesmo se existissem, deveriam ser negadas."*

"Klaxon", depois seguida de "Terra Roxa" e de "Revistas de Antropofagia", teve aqui no Rio a sua réplica, com o mensário "Estética" — a que os reacionários acrescentavam um *B* inicial — publicação séria que congregava os mais fortes espíritos do modernismo, obra depois continuada na "Revista do Brasil", sob a direção de Monteiro Lobato e, posteriormente, de Rodrigo M. F. de Andrade. Aqui devemos incluir também "Festa", revista de um grupo liderado por Andrade Murici, já numa pronunciada tendência para a direita conservadora e bem comportada, embora às exquisitices da apresentação tipográfica.

O movimento modernista teve como seu líder mais credenciado Mário de Andrade. Ao poeta de "Paulicéia Desvairada", por sua cultura, pelo vigor de sua inteligência, por sua capacidade de simpatia, estava naturalmente reservada essa posição. E o que representa sua obra, de tão larga influência, sua fecunda atividade, em todos os domínios da arte e da literatura, aí está para demonstrar que Mário de Andrade era naturalmente um chefe.

Impossível registrar todos os nomes surgidos no clima criado pelo modernismo. Citemos contudo aquêles que entre outros embora de tendências diversas, não pereceram, passada a novidade, ao lado dos líderes como Mário e Osvaldo de Andrade, Manuel Bandeira, Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Peregrino Júnior, Murilo Araújo, Raul Bopp, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Gastão Cruls, Cassiano Ricardo, Dante Costa, Tasso da Silveira, Augusto Meyer, Guilherme de Almeida, Jorge Amado, Renato Almeida, Ronald de Carvalho, Afonso Arinos de Melo Franco, Tristão de Ataíde, Prudente de Morais, Tomas Murat, Gilberto Freyre, Graciliano Ramos, Jackson de Figueiredo, José Lins do Rêgo, Ascenso Ferreira, Mário Peixoto, Emílio Moura, Abgar Renault, Austen Amaro, Eduardo Frieiro, Paulo Prado, Oscar Mendes, Mário Casassanta, Gustavo Capanema, Oscar Mendes, Ciro dos Anjos, João Dormas, Enrique de Resende, Rosário Fusco, Guilhermino César, Ascânio Lopes — a propósito dos quatro últimos é indispensável citar o movimento da revista "Verde", de Cataguazes, de tanta repercussão — Anibal Machado, Martins de Almeida, Guimarães Menegale, Francisco Karan, Teodemiro Tostes, Augusto Frederico Schmidt, Henrique Pongetti, Jaime de Barros, Paulo Tôrres, Godofredo Filho, Eugênio Gomes, Pinheiro de Lemos, Rafael Barbosa, Herman Lima — sendo áqui o lugar para uma referência ao movimento baiano, animado pela revista "Arco e Flexa" e pelo "Jornal de Ala" — Antônio de Alcantara Machado, João Alfonsus, Pedro Nava, Enriqueta Lisboa, Mieta Santiago, Cecilia Meireles, Judas Isgorogota e outros.

O movimento modernista estendeu-se com seu núcleo ortodoxo até os anos de 1930-31. Já então começavam a se tornar mais flexíveis os dogmas da "escola" a que os mais novos chamavam precisamente "escola modernista", sem esconder a ironia, valendo, pois, a denominação por uma sentença de morte, contra um movimento que visava, justamente, o extermínio das "escolas".

Não seria justo deixar de incluir aqui mais alguns nomes, como, por exemplo, Agripino Grieco, que tão compreensivamente acolheu o movimento modernista e, antes dêle, Antônio Tôrres, o intemerato combativo, cujos artigos sôbre a estagnação do academismo tanto lugar abriram aos novos. Como, depois dêles, Gondin da Fonseca, Jorge Jobin, Paulo da Silveira, Martin Damy, na sua seção do "Jornal do Comércio", de São Paulo, o velho e sábio João Ribeiro, um clássico de espírito liberal, acolhedor para tôdas as inteliiências, Galeão Coutinho e outros críticos e ensaistas.

E' natural que num breve itinerário, realizado apressadamente, existam várias omissões imperdoáveis. Esperamos a complacência dos vivos — pois, os mortos não se incomodam com a glória — não citamos aqui, certos que poderão estar de que procuramos ser honestos e imparciais nesta resenha. E, antes do mais, não nos esqueçamos de que Rui Barbosa, o monumental polígrafo brasileiro, agitou com o seu verbo, ainda reboando pelo Brasil, o primeiro quarto de novecentos; que Carlos de Laet, o maior polemista nacional, viveu até há poucos anos, ágil e combativo; que Roquette Pinto, um escritor de espírito seleto e avançado, convivendo ainda conosco neste meio-século, foi o introdutor, no Brasil, das novas técnicas do rádio e de cinema aplicadas à educação e à cultura; finalmente, que jornalistas como Irineu Marinho, Medeiros e Albuquerque, Assis Chateaubriand, Mário Rodrigues, Cândido de Campos e outros representam grandes fôrças em nossa evolução literária.

★

Queremos acrescentar alguns detalhes a êste balanço.

Da mesma forma que os livreiros Garnier, Alves e Briguiet representaram elementos de nosso florescimento literário, no passado, o aparecimento mais recente de casas editôras como a Editôra Americana, a Globo, a Editôra Nacional, a Livraria Martins, a Livraria Católica, a Ariel Editôra, a Pongetti, a Freitas Bastos e, por último, a editôra Zélio Valverde, a Editôra A Noite, a Vecchi, a Livraria José Olympio e a Civilização têm sido elementos preciosos de nossa evolução.

Outro detalhe não menos importante é o da referência a jornais e revistas que muito e diretamente serviram ao movimento de nossas letras, como sejam, além dos já referidos, os seguintes: "Nova Era", "Phoenix", "Boletim de Ariel", "A Revista" — de Belo Horizonte — "Revista do Globo", "A. B. C.", "Revista Souza Cruz" — dirigida por Castro Menezes, um nome inesquecível — "Lanterna Verde", "Bazar", etc.

Além da Academia Brasileira, cuja obra meritória tanto tem representado em favor ad cultura nacional, e das várias Academias estaduais, outras instituições de espírito moderno também vieram reunir esforços proveitosos para as nossas letras, como sejam a *Sociedade de Homens de Letras*, na sua fase inicial reunindo nomes significativos, entre os quais os de Bilac e Luís Edmundo, a *Fundação Graça Aranha* e a *Sociedade Felipe D'Oliveira*, as duas últimas distribuindo prêmios anuais aos valores novos e, assim, dando largo estímulo aos iniciantes. E aqui se impõe uma menção ao velho livreiro Francisco Alves, que legou sua grande fortuna à Academia Brasileira, para instituição de prêmios, também anuais, que muito têm estimulado nossas vocações literárias, além de somar à ação e à vitalidade da *Casa de Machado de Assis*.

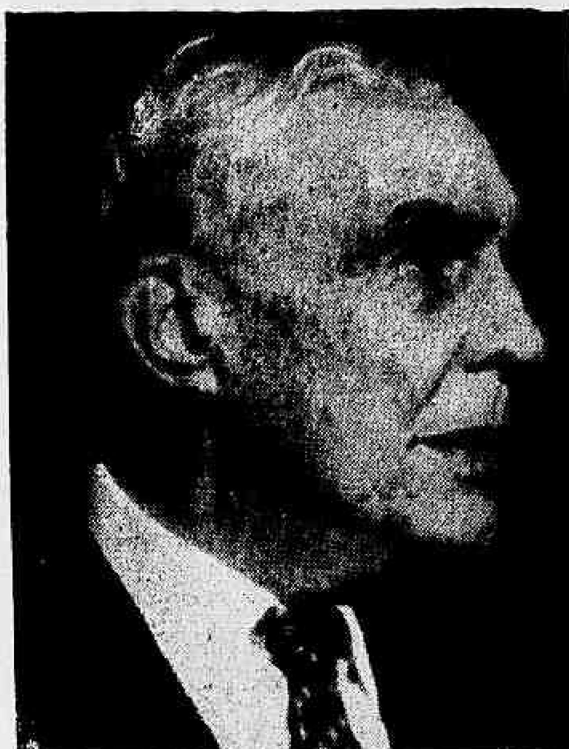
Finalmente, não é possível deixar de referir aqui os nomes de alguns escritores portuguêses que, vivendo entre nós ou publicando em jornais e revistas de nosso país, também contribuiram para o brilho dêste nosso meio-século de literatura, tais como Eça de Queiroz, Filinto de Almeida, João de Barros, João Luso, Malheiros Dias — primeiro diretor de "O Cruzeiro" — Alberto d'Oliveira, Visconde de Santo Thyrso, Justino de Montalvão, Pinto da Rocha e Júlio Dantas, além de outros.

★

Depois de 1930, nossa literatura se decide em várias direções. Muitos dos valores já aparecidos ou aparecendo — Marques Rebelo, Érico Veríssimo, Dionélio Machado, Viana Moog, Pedro Calmon, Osvaldo Orico, Câmara Cascudo, José Américo de Almeida, e outros, continuam como legítimos expoentes na atualidade. E continuam a surgir os valores novos, da geração post-modernista. Revistas, jornais, livros, suplementos dominicais, por último o "Jornal de Letras", dos irmãos Condé, aí estão para documentar o brilho e a significação de nossas atividades literárias.

Num balanço ligeiro como êste, seria temerária a citação de nomes, a não ser em casos muito especiais, de novos escritores já soberanamente consagrados pelo público e pela crítica — como sejam Álvaro Lins, Rubem Braga, Vinicius de Morais, Genolino Amado, Nelson Rodrigues, Mário Quintana, Brasil Gerson, Magalhães Júnior, Lúcio Cardoso, Luís Martins, Adalgisa Nery, Lêdo Ivo, Lúcia Miguel Pereira, Luís Jardim, Breno Acioly, Diná Silveira, além de muitíssimos outros.

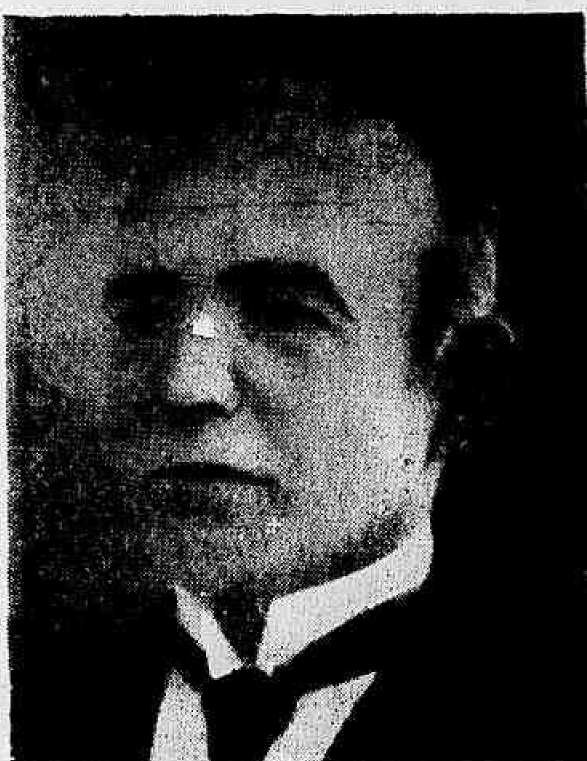
Falta-nos para uma opinião menos leviana sôbre os valores representativos da literatura brasileira de nosso tempo, mais larga perspectiva, a fim de evitar naturais equívocos a que a simpatia pessoal naturalmente nos conduz. A obra atual de nossos jovens escritores aí está em livros e jornais, abundante e significativa, digna das melhores tradições de nosso gênio criador, fazendo sensível o espírito novo do Brasil, falando a linguagem do tempo e expressando o pensamento da hora que vivemos, discutida pela crítica e, assim, em contacto diário com o leitor. Sua depuração se vem operando lenta e seguramente para o juizo do historiador do futuro que fará o inventário de seus valores — êle, e não nós — os leitores e críticos atuais — que a lemos e aceitamos como elemento de nossa própria vida, de nossas lutas, de nossas angústias e de nossos ideais.



JOÃO LUSO



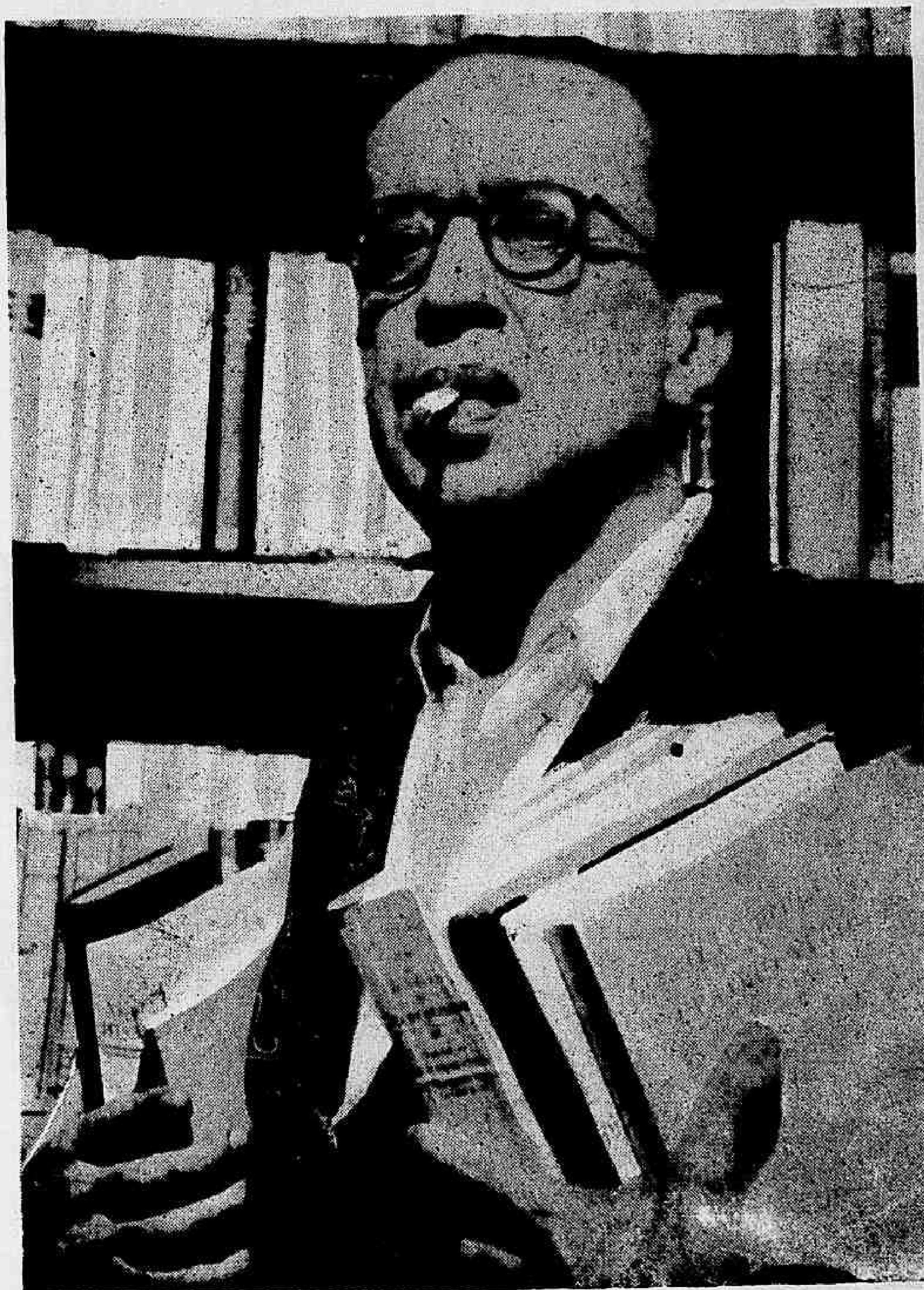
AGRIPINO GRIECO



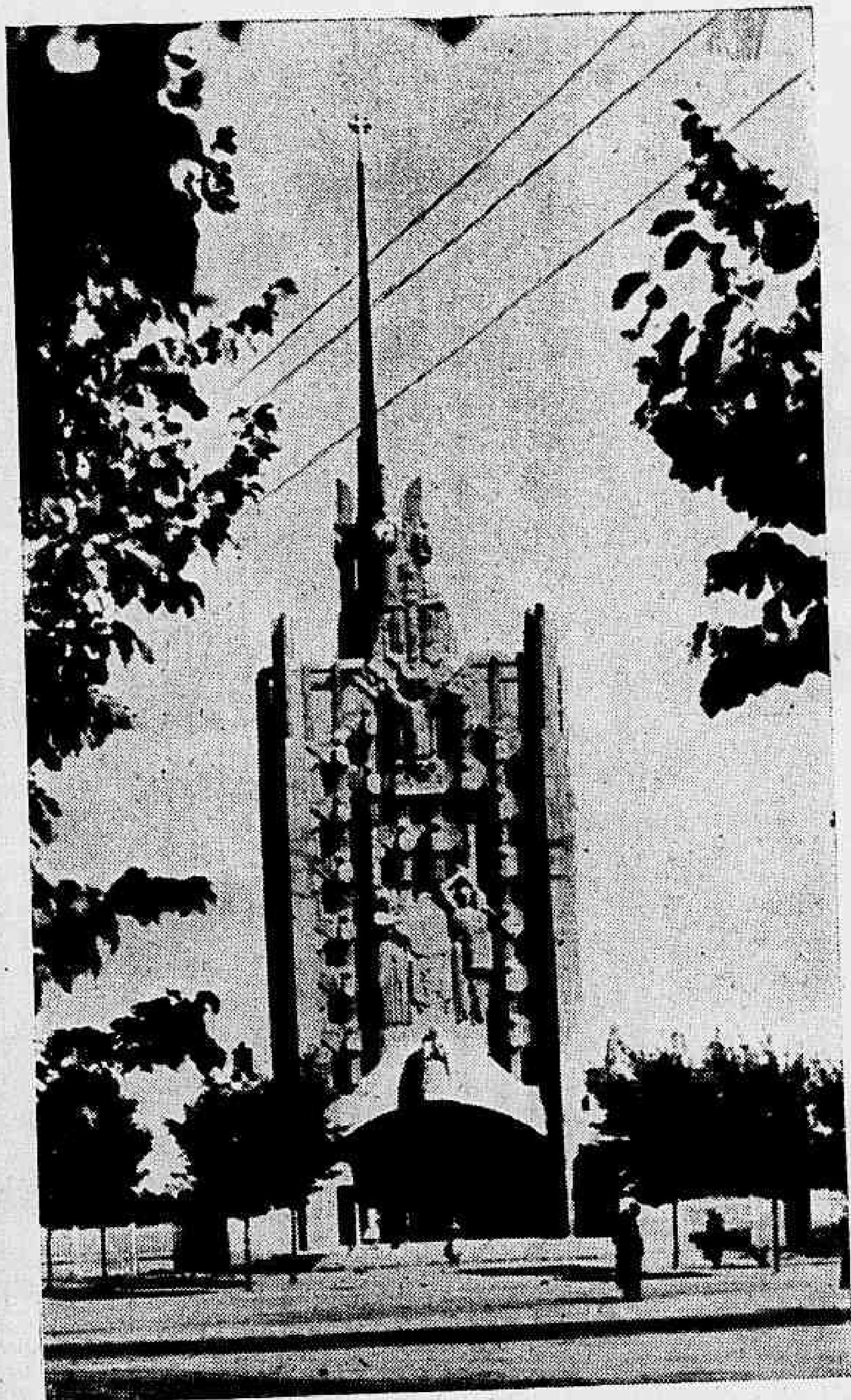
JOÃO RIBEIRO



ROQUETTE PINTO



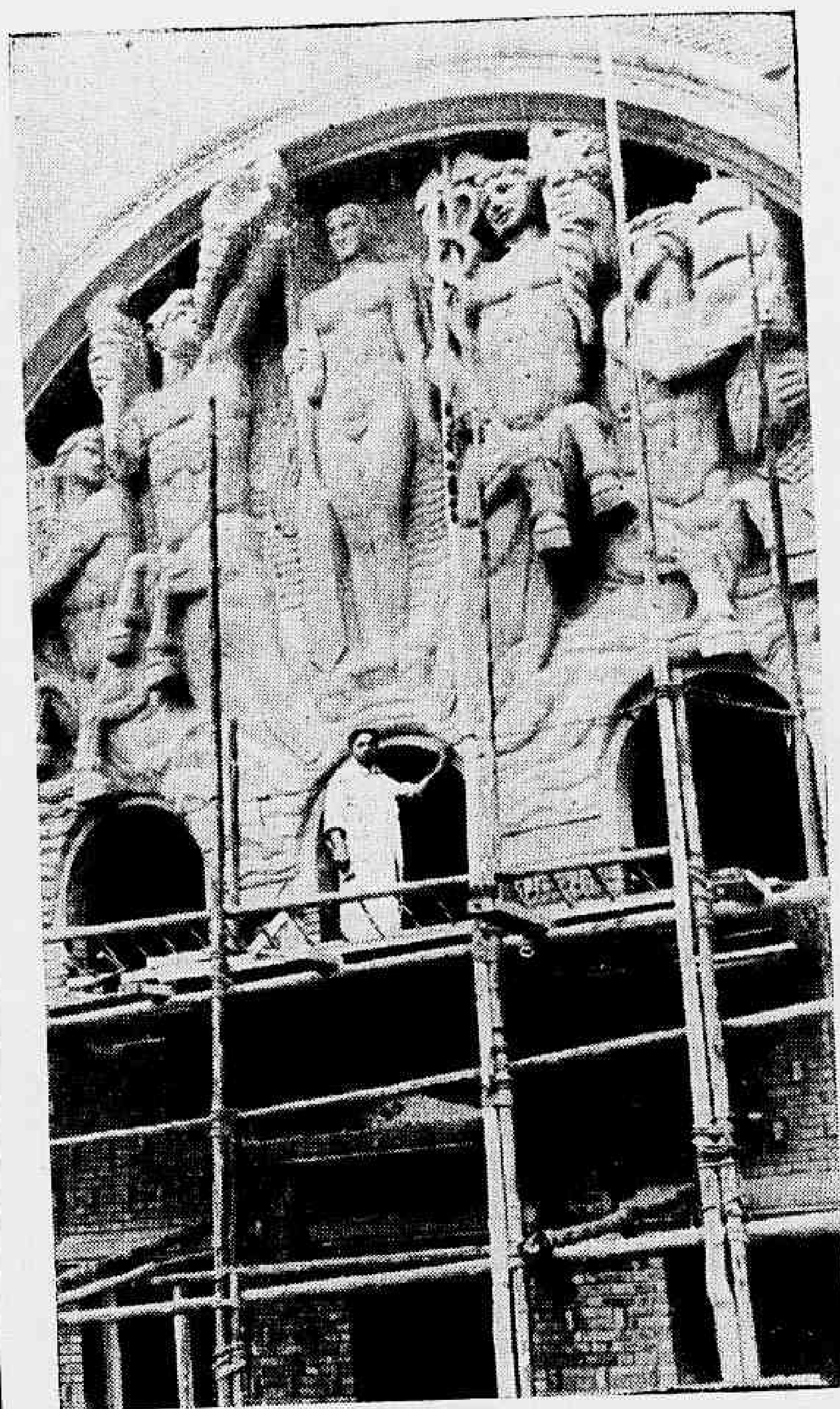
MANUEL BANDEIRA



A imponente fachada da Igreja de Elisabeth Ville, França

O CENTENÁRIO DO CONCRETO ARMADO

O recente transcurso do centenário do concreto armado foi, num preito de justa evocação aos seus inventores, condignamente comemorado na França, país em que teve a sua primeira aplicação. As homenagens com que a grande nação gaulesa festejou a data centenária do nascimento da nova técnica que veio revolucionar e enriquecer a história da arquitetura no mundo inteiro, tiveram no nosso país intensa repercussão, notadamente no seio da engenharia nacional e nos meios artísticos a ela ligados. A REVISTA DA SEMANA quis associar-se ao júbilo co mquo foram no Brasil recebidas as notícias das comemorações francesas, publicando nestas páginas, com variada ilustração de notáveis obras de engenharia à base de concreto armado, o artigo que se segue da autoria do Professor Antonio Alves de Noronha, ilustre engenheiro patrício e uma das maiores autoridades no assunto que focaliza e aborda com profundo conhecimento:



"Triomphe de le Seine" — alto-relêvo de Sarrabezolles

O CONCRETO ARMADO NO BRASIL

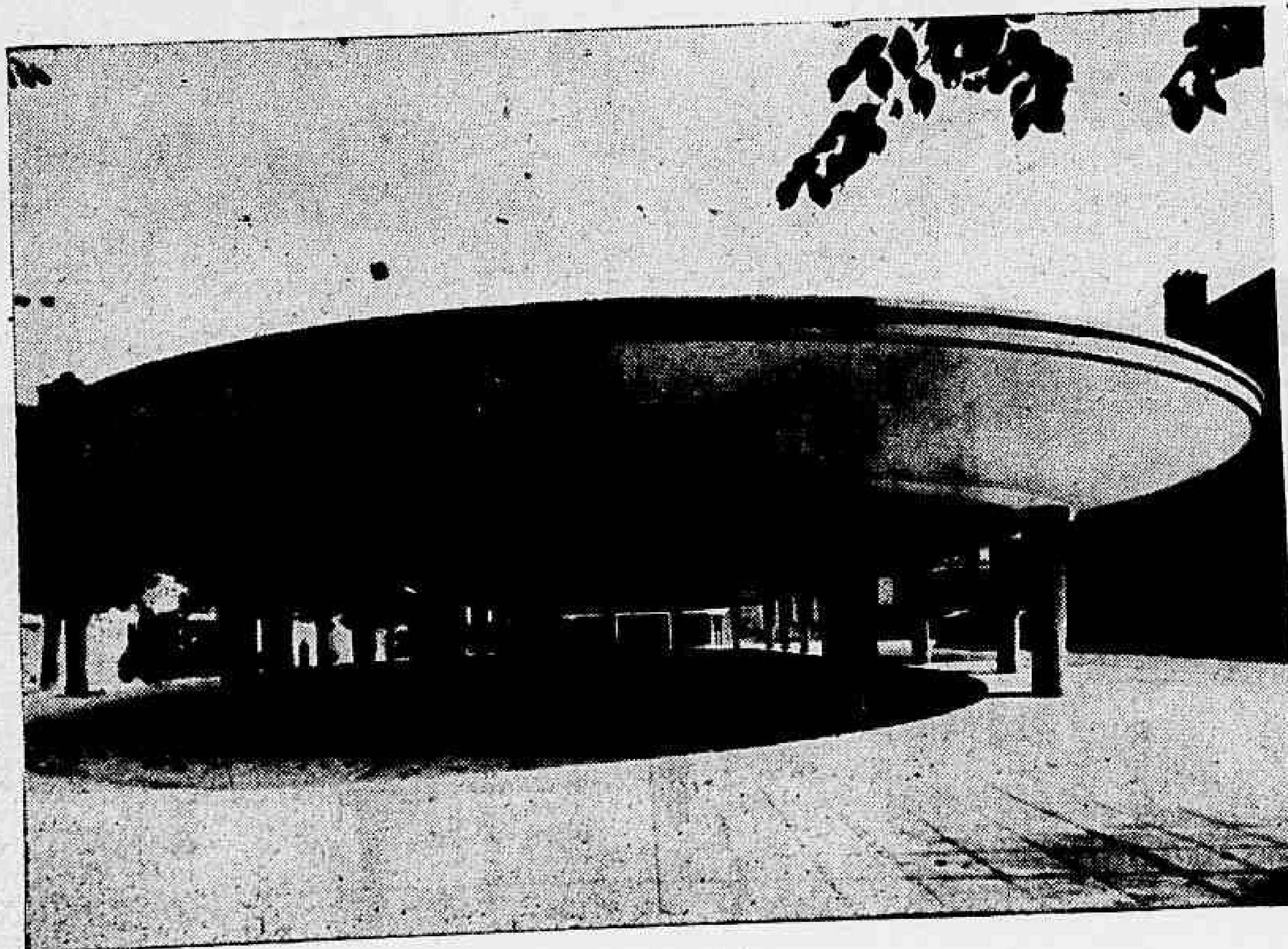
Pelo Prof. ANTÔNIO ALVES DE NORONHA

O desenvolvimento que a engenharia civil, por suas grandes realizações, atingiu no Brasil nestes últimos anos deve-se, quase que exclusivamente, ao uso, cada vez maior, que se vem fazendo dêste material de construção admirável que é o concreto armado.

Dotado de duas propriedades extremamente importantes, quais sejam a de tornar possível a obtenção de grandes blocos de construção monolíticos, isto é, sem nenhuma quebra de continuidade e a de permitir a construção de corpos de formas quaisquer, desde os massiços ciclópicos das fundações e das barragens de pêso até as estruturas excessivamente delgadas e leves das tôrres e coberturas, não podia o concreto armado deixar de ter, em todo o mundo, a aceitação que teve. E, se atendermos a que, além destas propriedades, o concreto armado tem grandes de durabilidade em presença dos agentes atmosféricos, é dotado de resistências elevadas às solicitações estáticas e dinâmicas e é de custo relativamente baixo, veremos por que é êle o material de construção mais interessante e mais fecundo de que dispõe, hoje, a humanidade. Empregamo-lo tanto nas construções civis e industriais como nas construções de pontes, portos, estradas e canais. E' imprescindível nas construções das grandes fundações.

Antes de 1920 o que se fazia no Brasil no domínio da construção civil, sob a orientação de engenheiros brasileiros, era tão rudimentar que quase todos êles preferiam dedicar-se a outras especialidades da engenharia. Nas cidades, os edifícios só tinham dois ou três pavimentos, não apresentando, em geral, interêsse nenhum estrutural. Seus projetos e construções ficavam a cargo de operários hábeis, que, com o tempo, se transformavam em mestres de obra e que, com os proventos obtidos com seus labôres, vinham a construir firmas construturas que dominavam totalmente a indústria das construções civis. Estas firmas, assim criadas, tomavam a si o projéto e a construção dêstes edifícios. A visão dêstes homens, por fôrça de sua educação rudimentar, não era das mais largas, de modo que tôdas as suas obras deixaram muito a desejar, tanto sob o ponto de vista arquitetônico, como sob o ponto de vista estrutural.

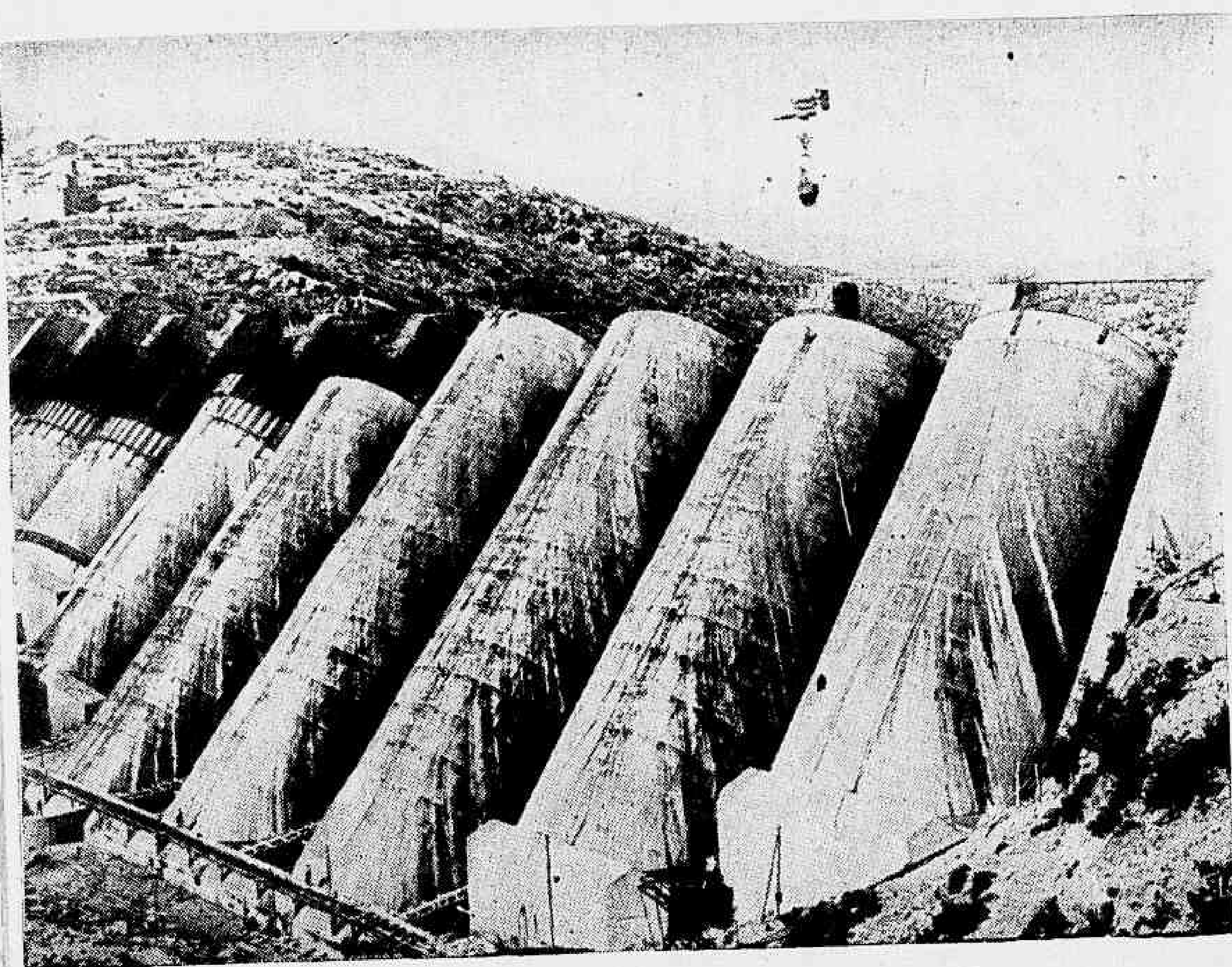
Os poucos edifícios que eram projetados e construídos com mais de três pavimentos, tinham os seus planos elaborados por engenheiros estrangeiros, radicados ou não no Brasil, e tinham estrutura metálica. Os engenheiros civis brasileiros, neste setor, não eram bem conceituados, pois, a não ser os que, por fôrça de função pública, eram obrigados a ter



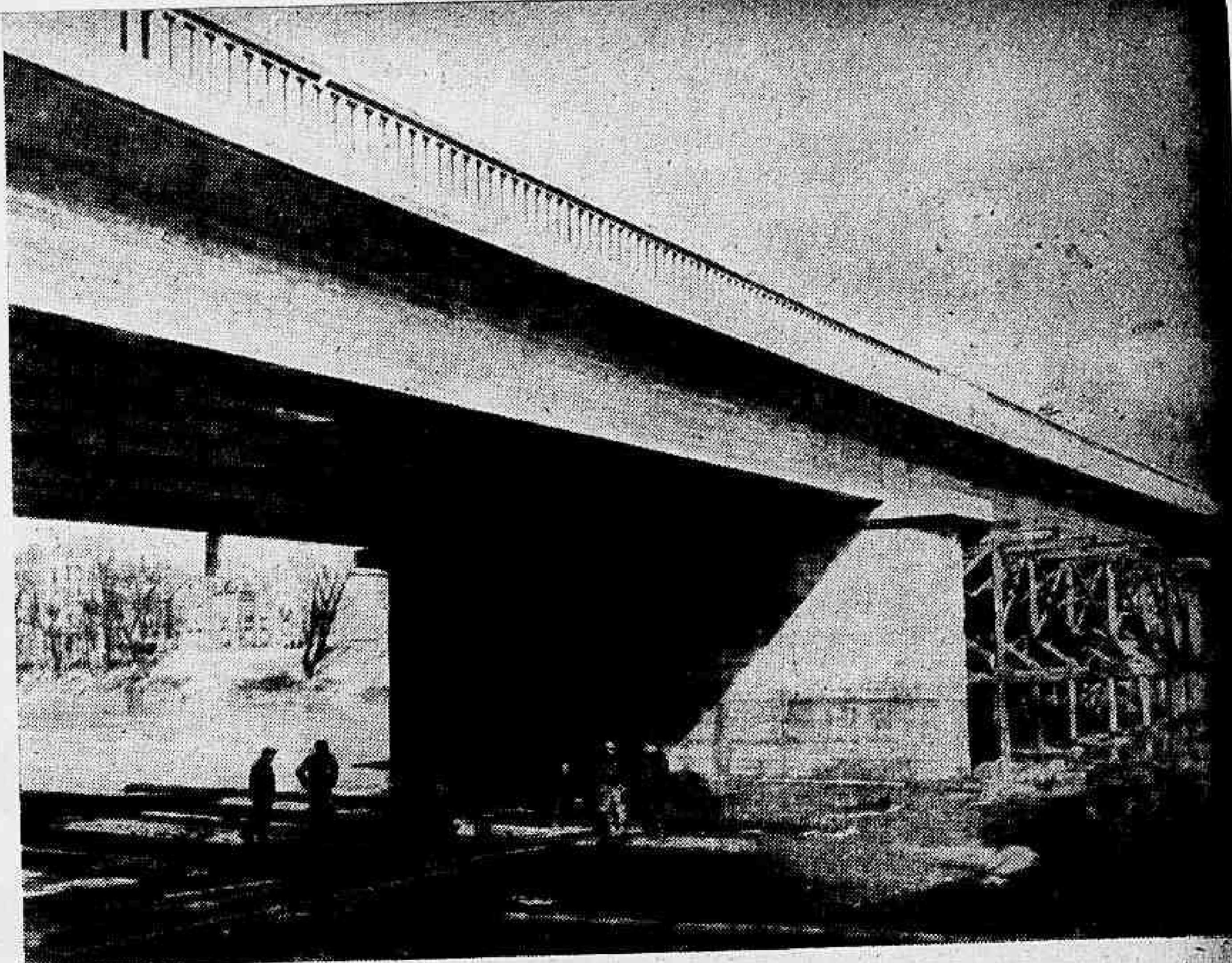
"Marché Couvert", de Fontainebleau



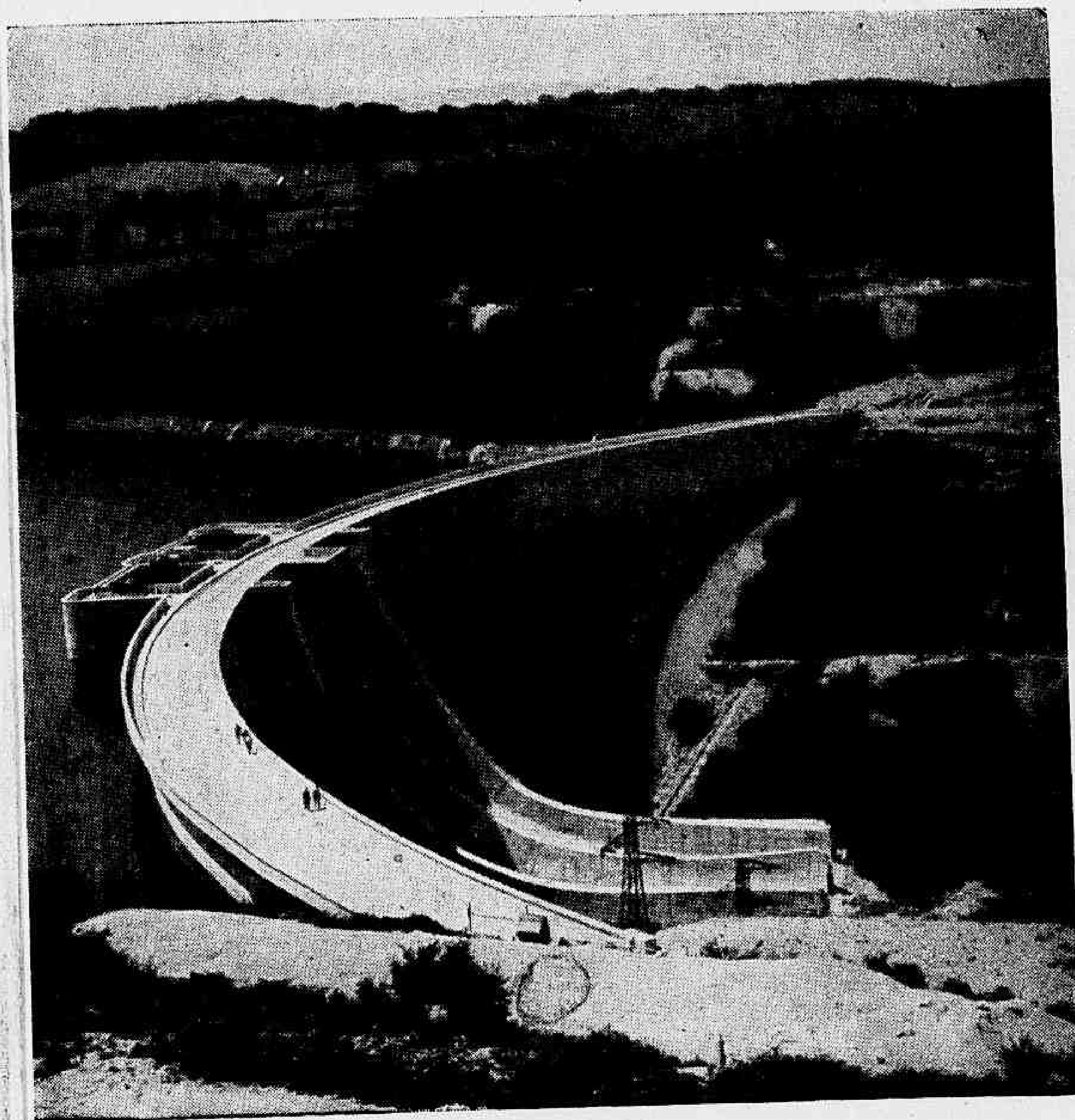
Escultura de Lambert Rucki

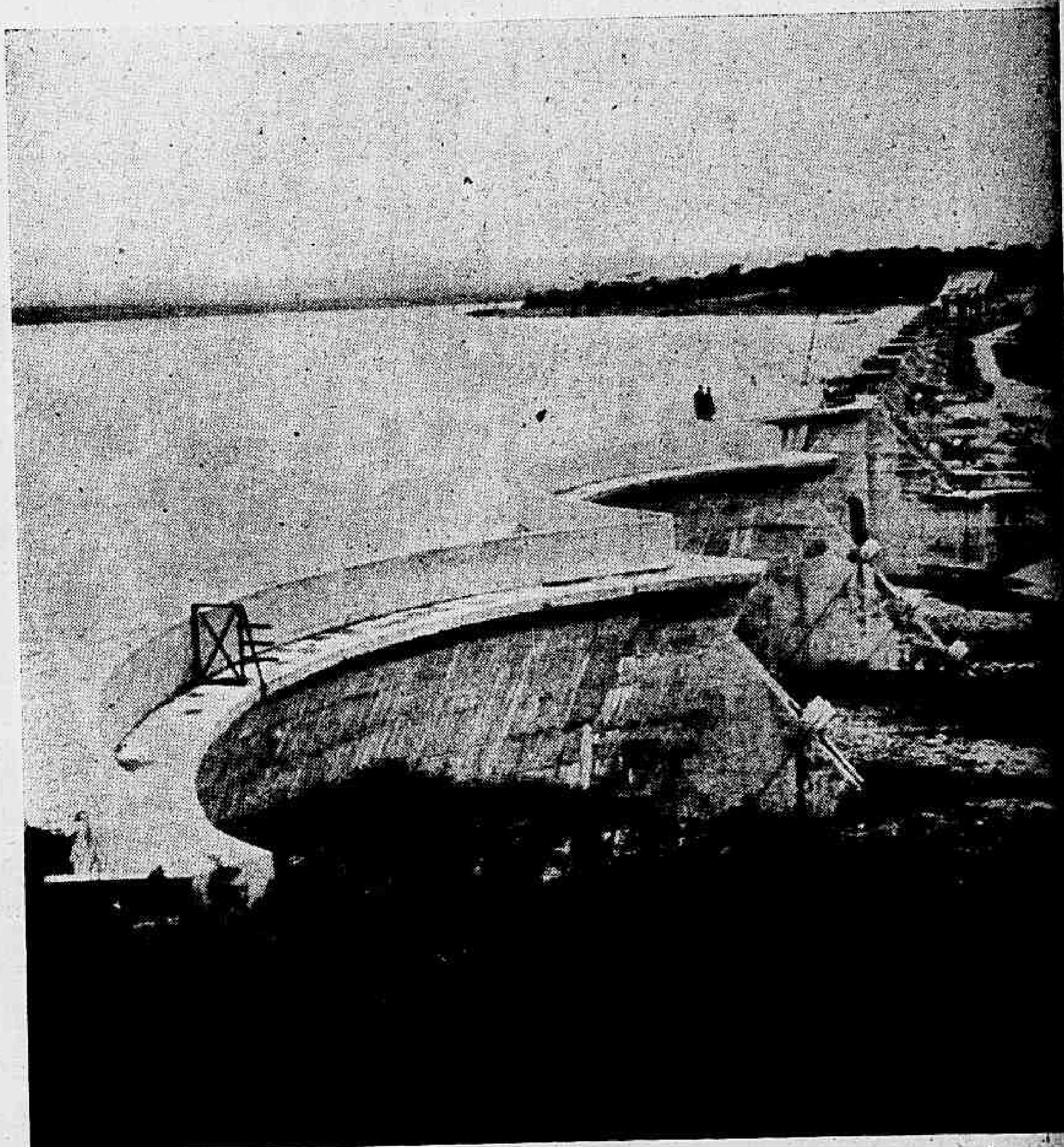


Barragem de Berri Bahdel, na França



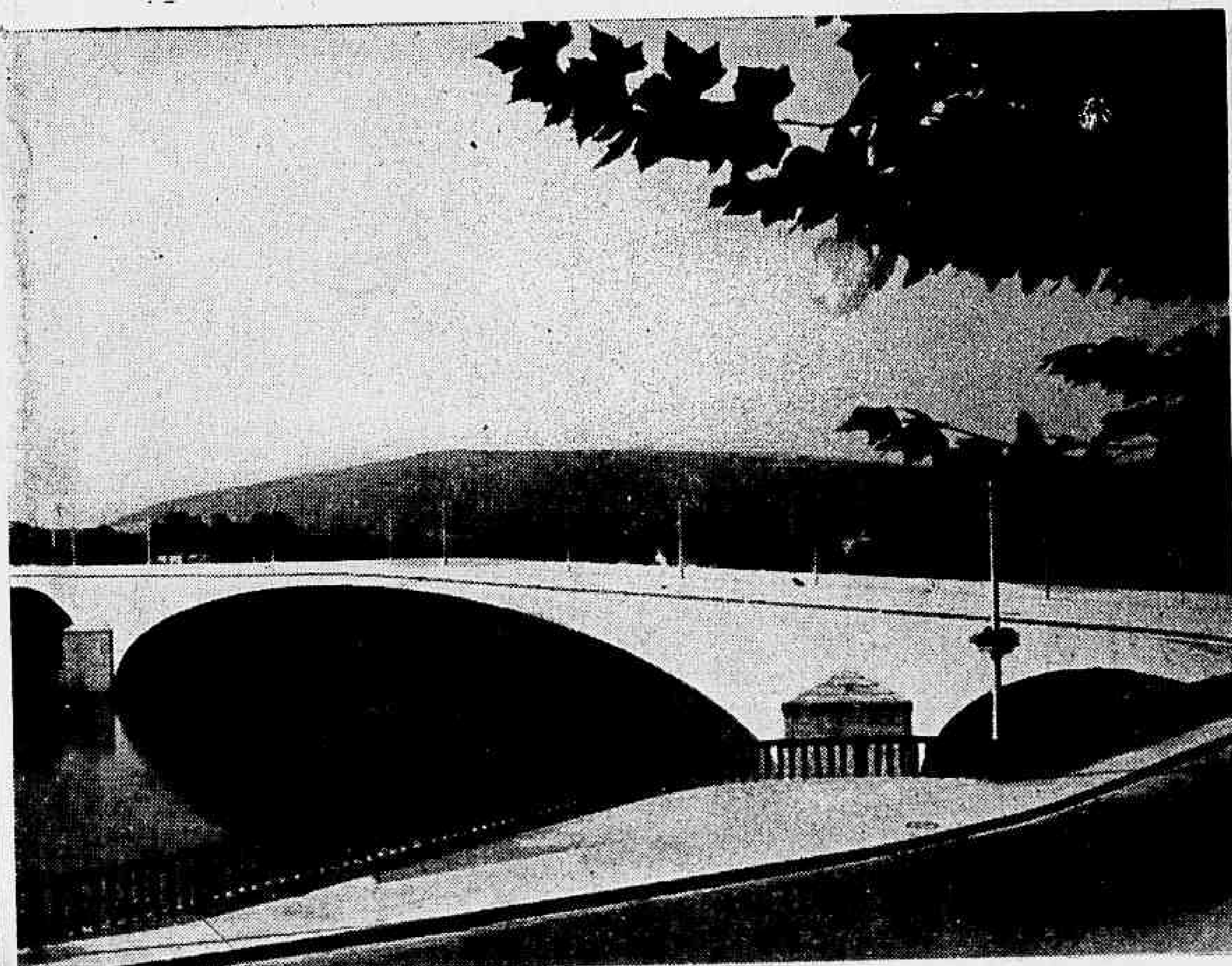
Ponte de Chalons sôbre o Marne

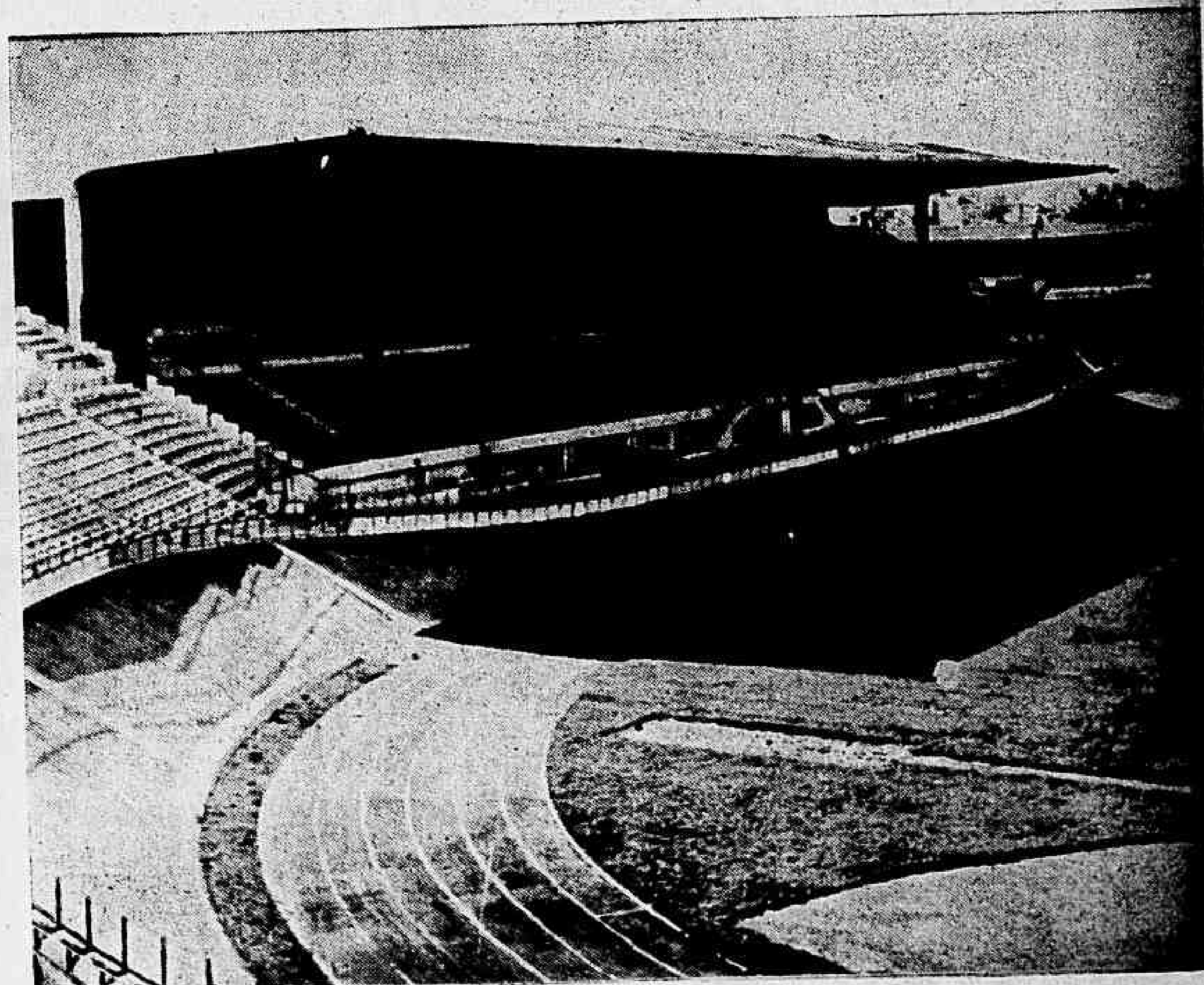




Ao alto, barragem de St. Etienne, França; em baixo, a "Pont de Vienne," cujo arco central mede 108 metros

Barragem de St. Michel (em cima) e um aspecto das arquibancadas do Estádio de Marselha

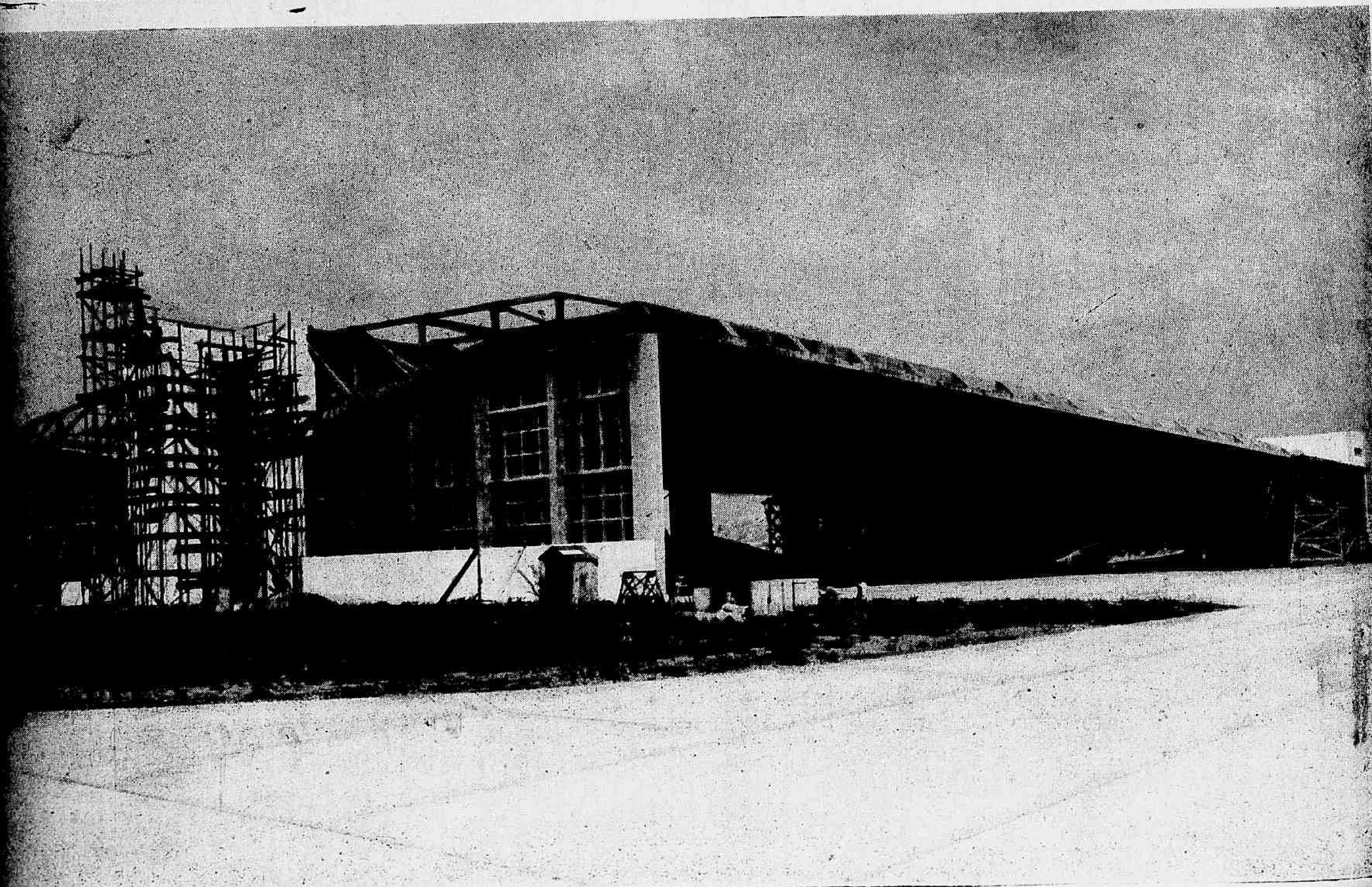




O CONCRETO ARMADO NO BRASIL



De 1930 para cá a nossa engenharia civil foi se impondo dadas as suas relações cada vez mais vultosas, principalmente nas estruturas de concreto armado. Vemos, nesta página, o Palácio do Ministério da Fazenda (em cima) e um dos hangares do Aeroporto Santos Dumont, obras essas que foram executadas exclusivamente por engenheiros nacionais



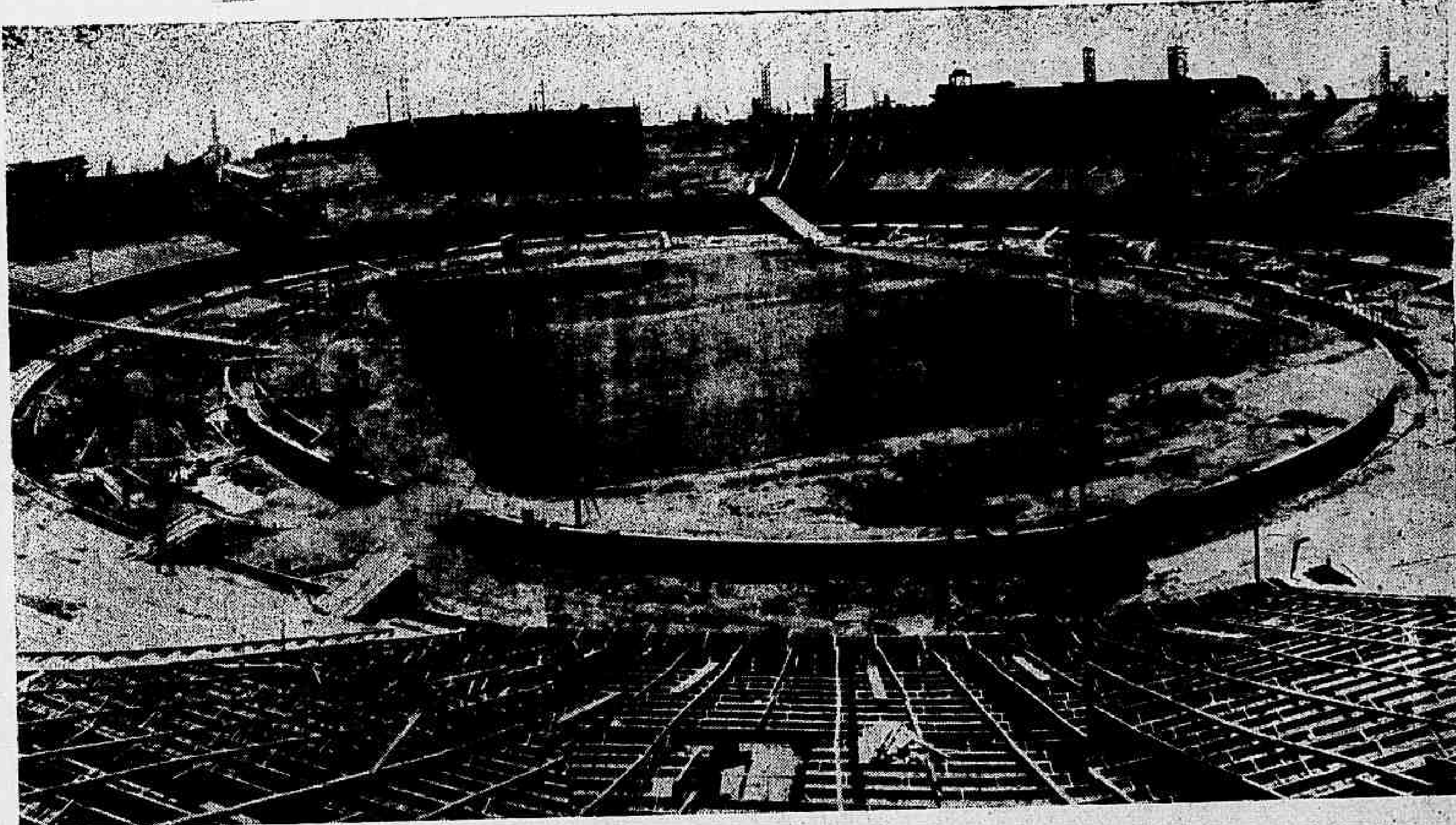
contacto com as construções civis, todos os outros se desinteressavam quase que completamente por elas. As firmas construtoras não os procuravam uma vez que não compreendiam a necessidade de sua colaboração.

As pontes e viadutos que foram feitos no Brasil até esta época pouco ou quase nada tinham dos engenheiros brasileiros. Quando, para vencer os obstáculos na construção de uma estrada, havia necessidade da execução de uma ponte ou viaduto, o trabalho de nossos engenheiros resumia-se em fornecer simplesmente a firmas que tivessem a orientação de técnicos estrangeiros, os elementos básicos para a execução daquela obra: levantamento topográfico, sondagens, seção de vasão e trem-tipo. Todo o projeto, que era de estrutura metálica, era elaborado sem o seu conhecimento e, portanto, sem a sua mínima colaboração. A execusão também era feita sob a orientação de técnicos estrangeiros, ficando para os brasileiros uma fiscalização que, no fundo, nada tinha de técnica, mas, apenas, de administração.

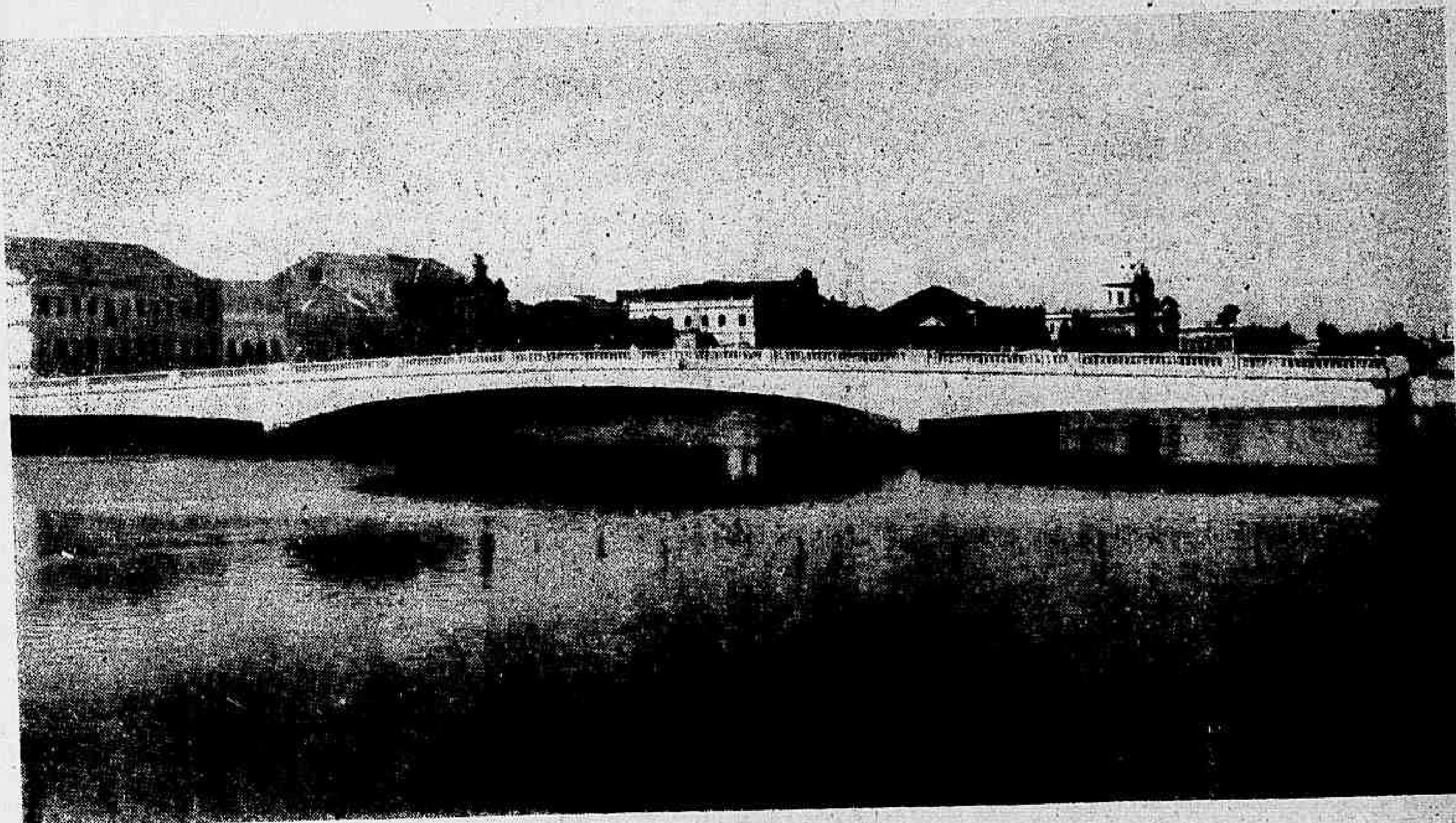
Era êste o panorama da engenharia civil no Brasil até o ano de 1920. As construções de edifícios e pontes constituiram uma especialidade que não existia para nós que ficavamos, apenas, como observadores. Nesta ocasião, esta especialização não era das mais promissoras e as poucas escolas de engenharia que existiam em nosso território, nos legavam, por ano, um número muito pequeno de engenheiros.

O progresso do Brasil, porém, vinha se acentuando cada vez mais e passou a reclamar de seus filhos uma assistência mais dedicada, mais perfeita e mais eficiente. Nenhum cidadão existe, num país, mais credenciado para prestar esta assistência que o engenheiro. Sua educação e sua cultura são as mais adequadas ou, senão, as únicas próprias para êste fim. Tornou-se, pois, evidente a necessidade de possuirmos mais engenheiros e, de aí, um maior afluxo de rapazes para nossas escolas de engenharia, o qual deu uma reação contra o meio técnico existente, reação esta facilitada extraordinariamente pela existência do concreto armado e por três grandes fatos marcantes ocorridos no decênio 1920-1930.

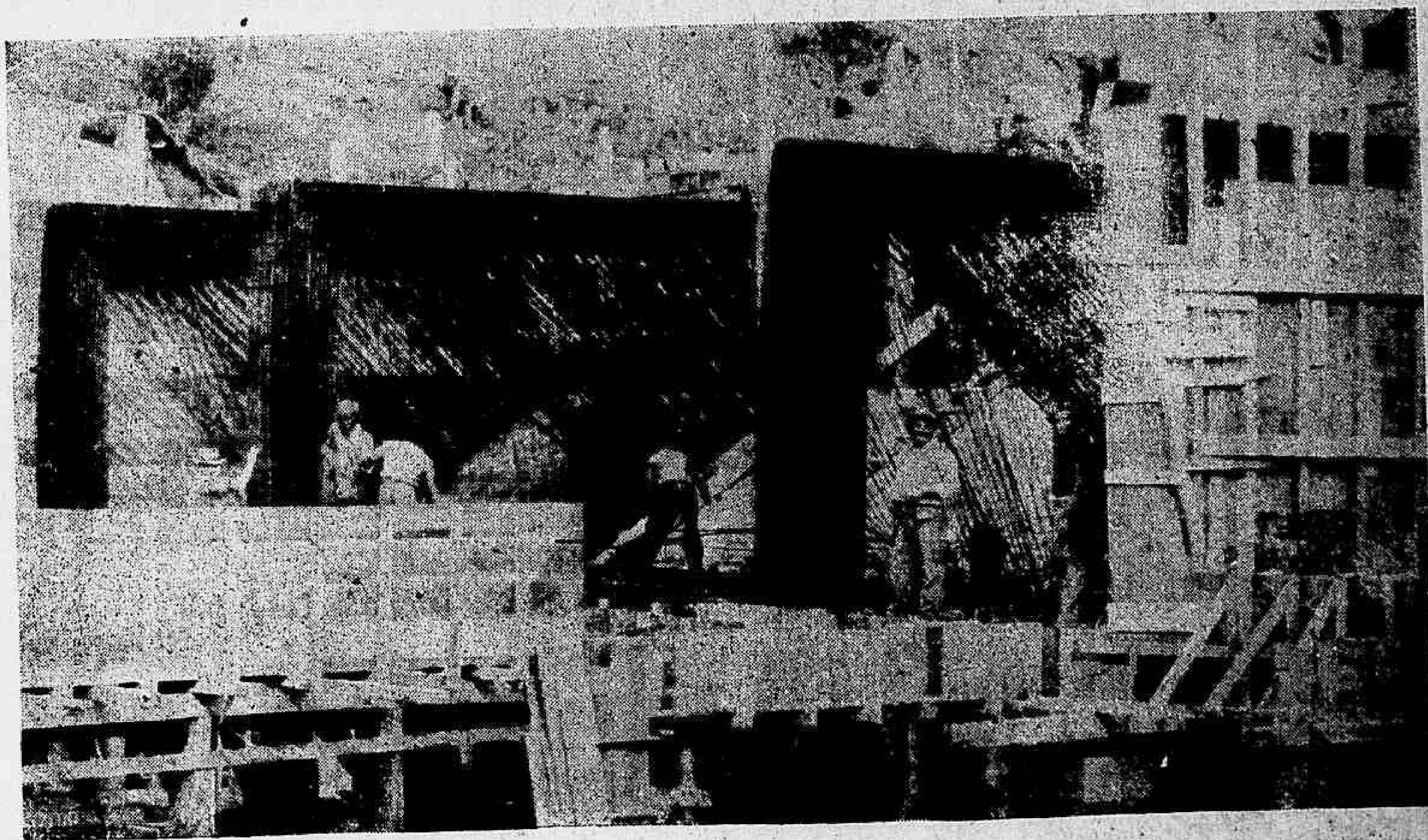
A necessidade premente que tinha nossa Marinha de Gerra de possuir um Arsenal de Marinha à altura de garantir nossa segurança internacional fez com que o Govêrno Federal assinasse, em 1922, um contrato com a Companhia Mecânica e Importadora de São Paulo para a execução de um arsenal na Ilha das Cobras. Para dar cumprimento a êste contrato, aquela Companhia fez vir da Alemanha um de seus maiores técnicos em obras marítimas, o engenheiro H. Behrendt, o qual se radicando aqui no Brasil deu os melhores de seus esfôrços para a construção daquele Arsenal. O plano elaborado e executado foi dos mais grandiosos. Abrangeu a construção de diques, carreiras, muros de arrimo, edifícios e oficinas, todos de concreto armado e mais ainda a construção de vias corroçáveis e férreas, e a execução de serviços auxiliares como desmontes, atêrros, fundações pneumáticas, etc. Para dirigirem êstes trabalhos foram admitidos, por ordem do então engenheiro chefe da Fiscalização do Ministério da Marinha, Almirante Thiers Fleming, homem de cultura e caráter raros, engenheiros novos e inexperientes saídos recentemente de nossa Escola de Engenharia, os quais convivendo, diariamente, com aquêle grande engenheiro alemão e possuindo uma cultura técnica menor do que a que possuem os atuais engenheiros, tornaram-se profissionais notáveis aos serviços a seu cargo. Constituiram êles um dos três primeiros núcleos de reação da engenharia civil nacional. O Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras é uma das realizações da engenharia bra-



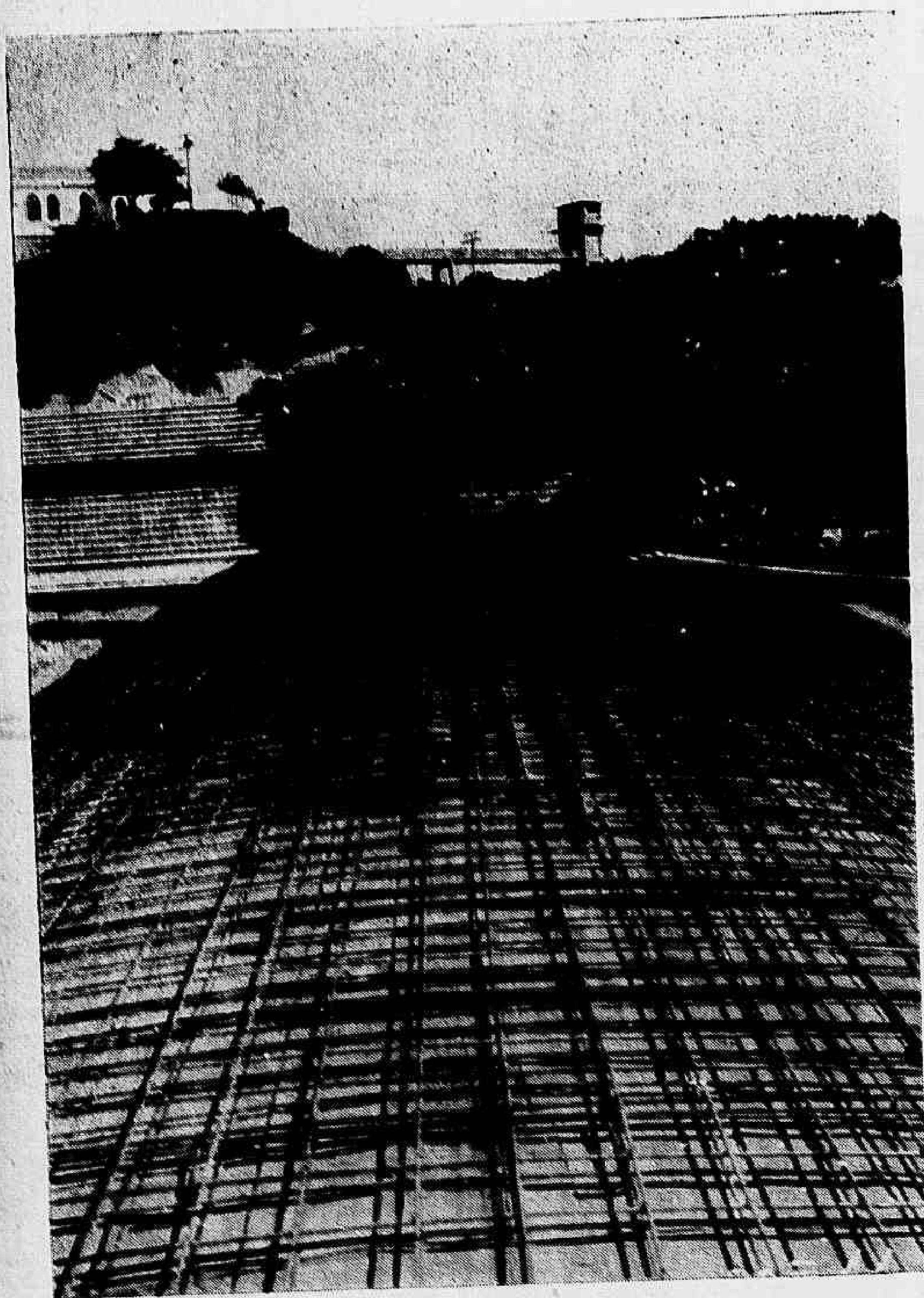
O Estádio Municipal, cuja parte principal já foi concluída e inaugurada, é um orgulho para nós, brasileiros. Caracterizado pela grandeza extraordinária de suas arquibancadas e cobertura, com capacidade para 150.000 pessoas, é considerado o maior do mundo



No Recife, as construções de concreto armado se avolumam dia a dia. A ponte sôbre o rio Capiberibe, que tem o nome de "Duarte Coelho", também, pelas suas características e pela sua esbelteza, se destaca entre as mais importantes construídas no Brasil

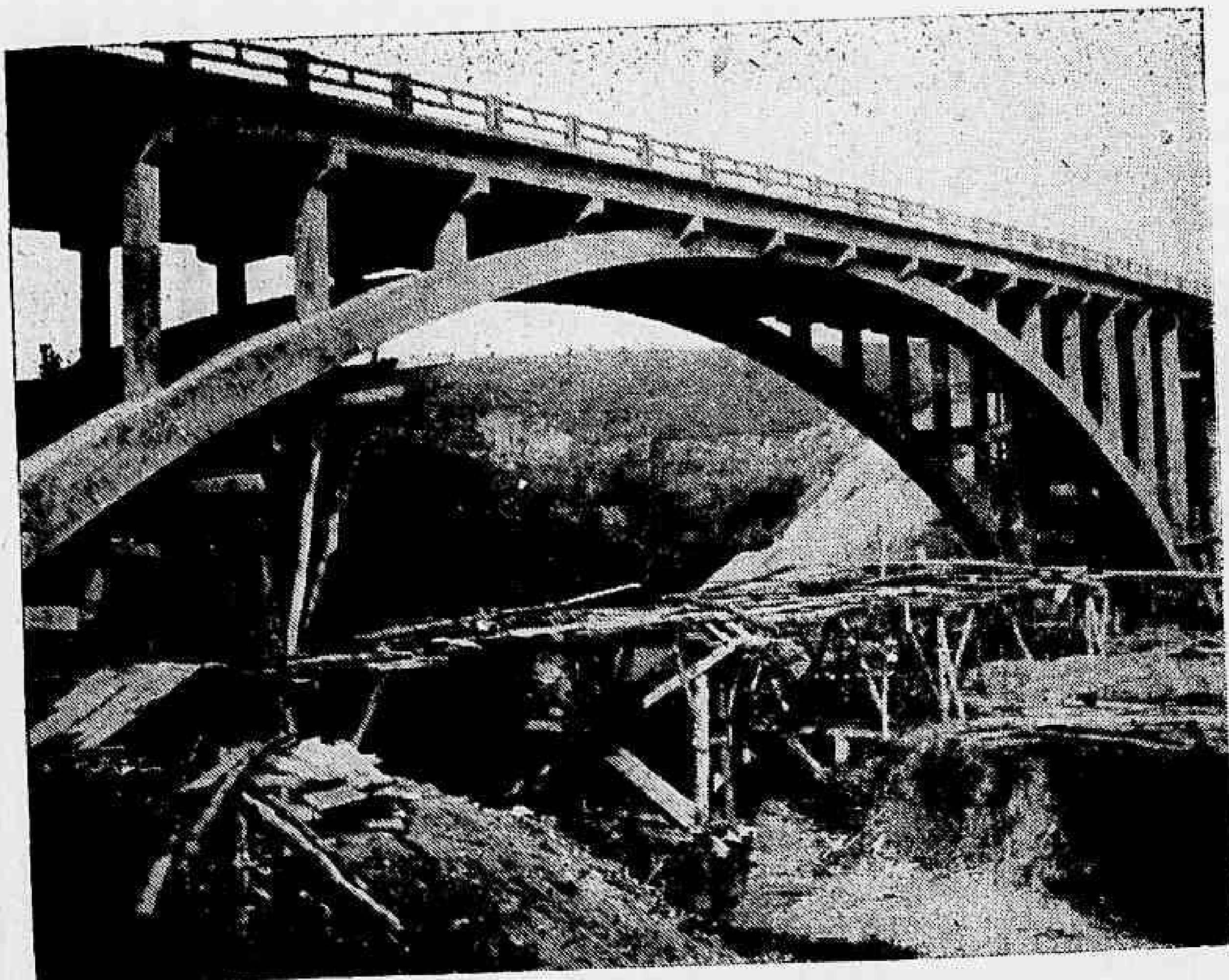


O Hotel Quitandinha, sob o ponto de vista estrutural, é o mais complexo edifício construído no Brasil. Vemos, na foto acima, quando ainda na fase de sua construção, a armação dos quadros que cobrem a pista de gêlo



Armação da casca da garage do Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras, e, em baixo, a armação de duas sapatas de fundação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio





Construção de uma ponte sôbre a rodovia Presidente Dutra

sileira mais perfeita e mais completa, graças à multiplicidade de seus problemas de construção e à felicidade das soluções alcançadas.

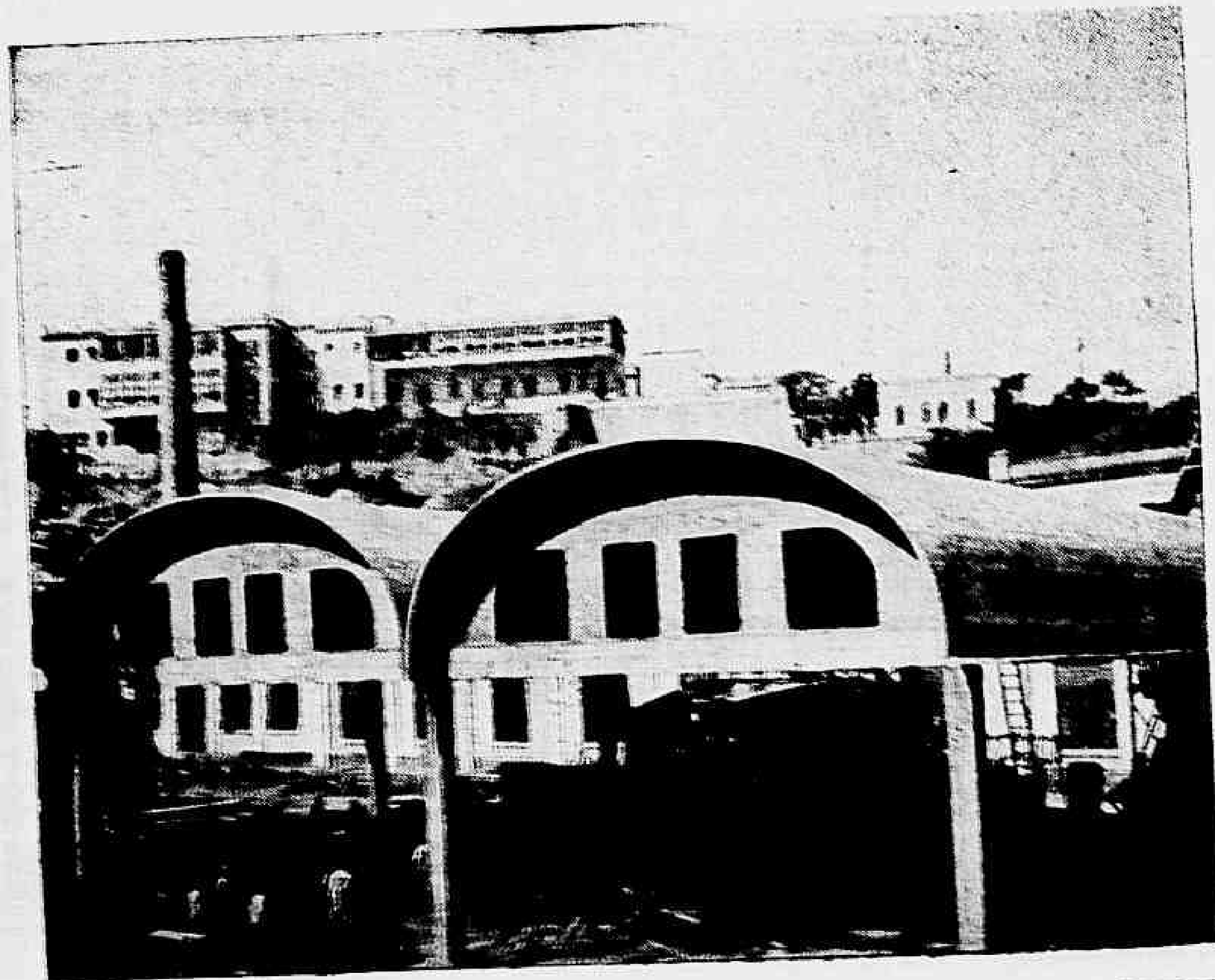
A transformação do Gabinete de Resistência dos Materiais da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo em Laboratório Didático e Industrial, ocorrida em 1926, sob a orientação de Ary Tôrres e graças à iniciativa de Ramos de Azevêdo foi outro fator decisivo para a reação da engenharia civil brasileira.

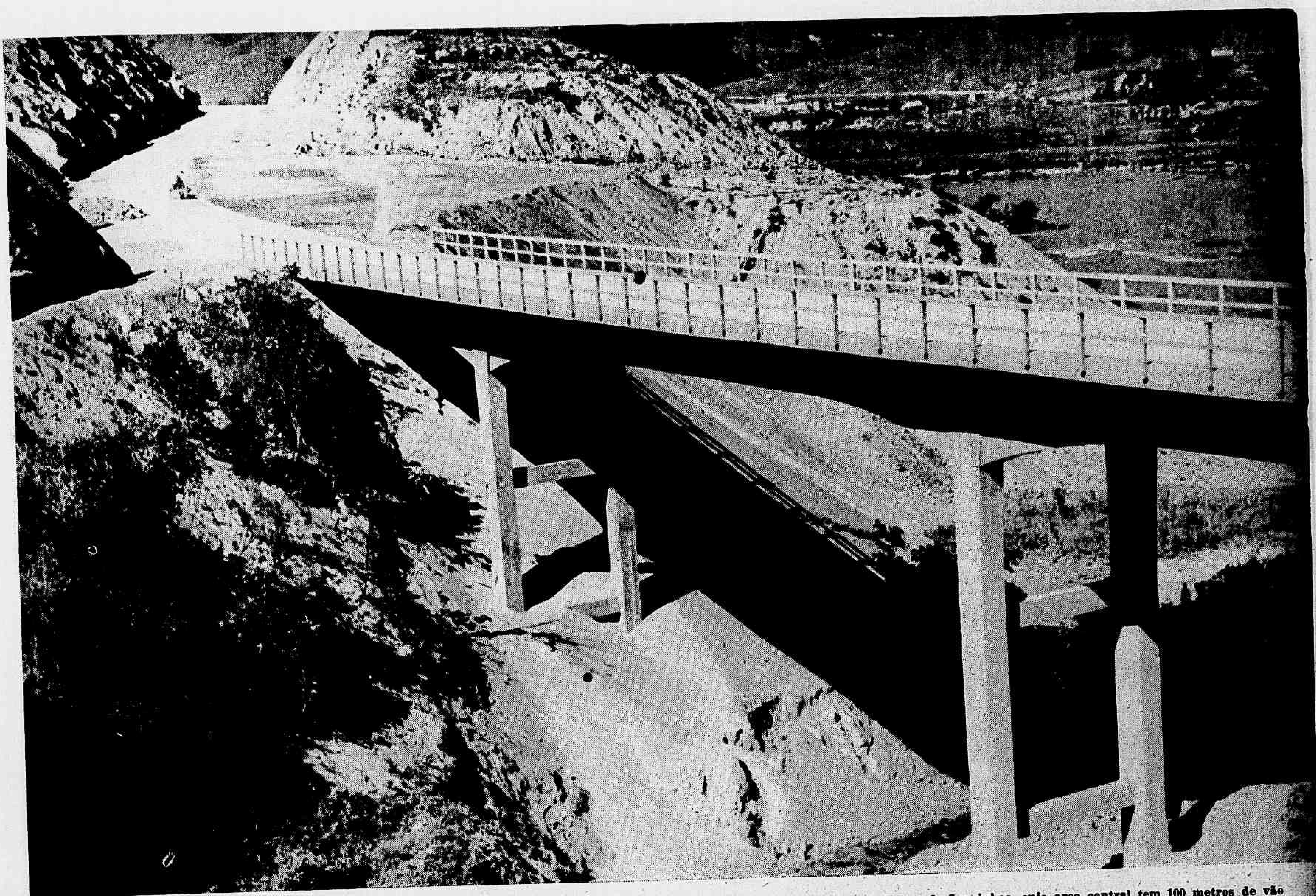
Aquêle gabinête, até êste ano, tinha uma finalidade exclusivamente didática. Servia, apenas, para o ensino da cadeira de Resistência dos Materiais aos alunos da Escola. A transformação operada permitiu que o gabinete atendesse não só aos interesses dos alunos, mas, também, aos pedidos de ensaios de materiais de construção feitos por particulares e às pesquisas de interêsse geral. Êste laboratório veio a constituir, em 1934, atual Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo que tem sido o padrão de todos os outros Institutos de Pesquisas que se criaram no Brasil, posteriormente.

O crescimento das duas maiores cidades brasileiras, Rio de Janeiro e São Paulo, que se vinha tornando cada vez mais acentuado no decênio 1920-1930 e o aumento da extensão das nossas vias férreas e rodoviárias neste mesmo decênio passaram a exigir construções de maior vulto e em maior número, o que fez com que empresas construtoras estrangeiras, principalmente alemãs, passassem a se interessar por aquelas construções, criando, no Brasil, filiais de suas matrizes. Estas filiais possuiam um corpo técnico de valôr, se bem que todo êle fôsse estrangeiro. Os engenheiros brasileiros, em muito pequeno número, conseguiram, porém, estágio para aprendizagem. Entre estas emprêsas merece destaque especial, por ter trabalhado nela como estagiário o mais notável engenheiro brasileiro especializado em concreto armado Emílio Baumgart, a Companhia Construtora Nacional que é filial de Wayssund Freytag da Alemanha. Baumgart, que, por sua visão, por seu senso e por suas realizações tornou-se um símbolo para todos os engenheiros estruturais brasileiros, criando seu Escritório Técnico em 1925, com a colaboração de engenheiros recém-formados e alunos de nossa Escola de Engenharia, promoveu o terceiro núcleo de reação da engenharia civil nacional.

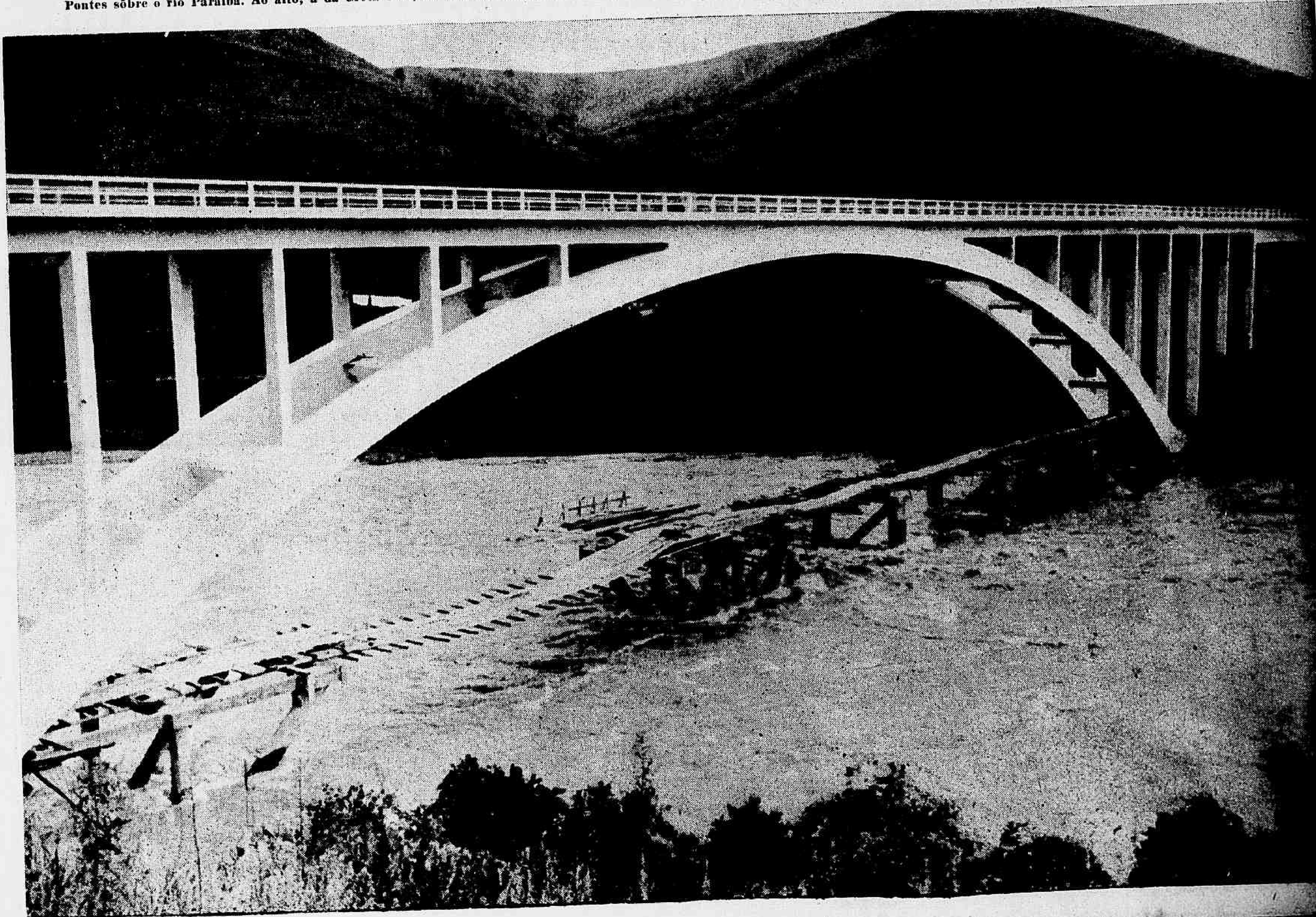
Nesta reação nenhum dos núcleos teve luta mais árdua do que a dêste terceiro, encabeçado por Emílio Baumgart. Suas realizações com o concreto armado, de um arrôjo admirável, eram analisadas por seus concorrentes. O senso das dimensões e do modo de trabalhar das estruturas, levam-no a adotar e a aconselhar uma utilização melhor do material de construção em que era mestre, empregando, para isso, taxas de trabalho bem mais elevadas e dimensões bem menores que as preconizadas, na época, pelas normas de

A garage em cascas, construída no Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras

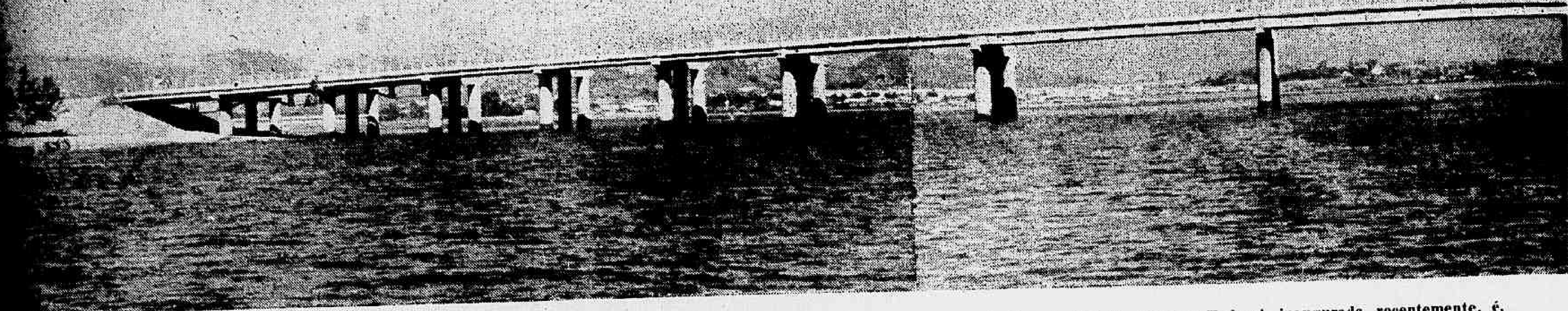




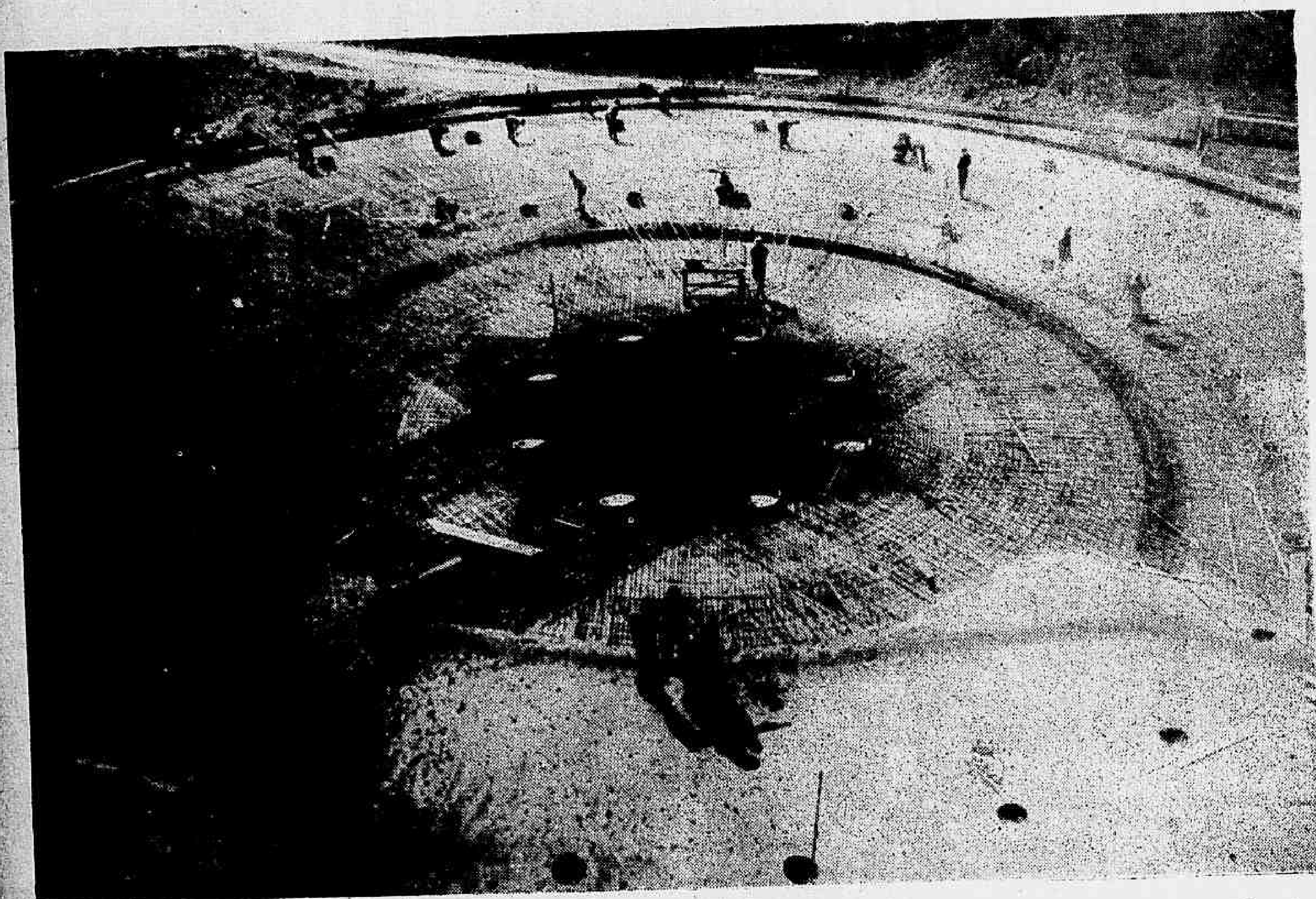
Pontes sôbre o rio Paraíba. Ao alto, a da Grota Fria, na rodovia Presidente Dutra, nas proximidades de Queluz, e, em baixo, a de Lavrinhas, cujo arco central tem 100 metros de vão



CONCRETO ARMADO NO BRASIL



A ponte que liga a ilha do Governador ao Distrito Federal, inaugurada recentemente, é,

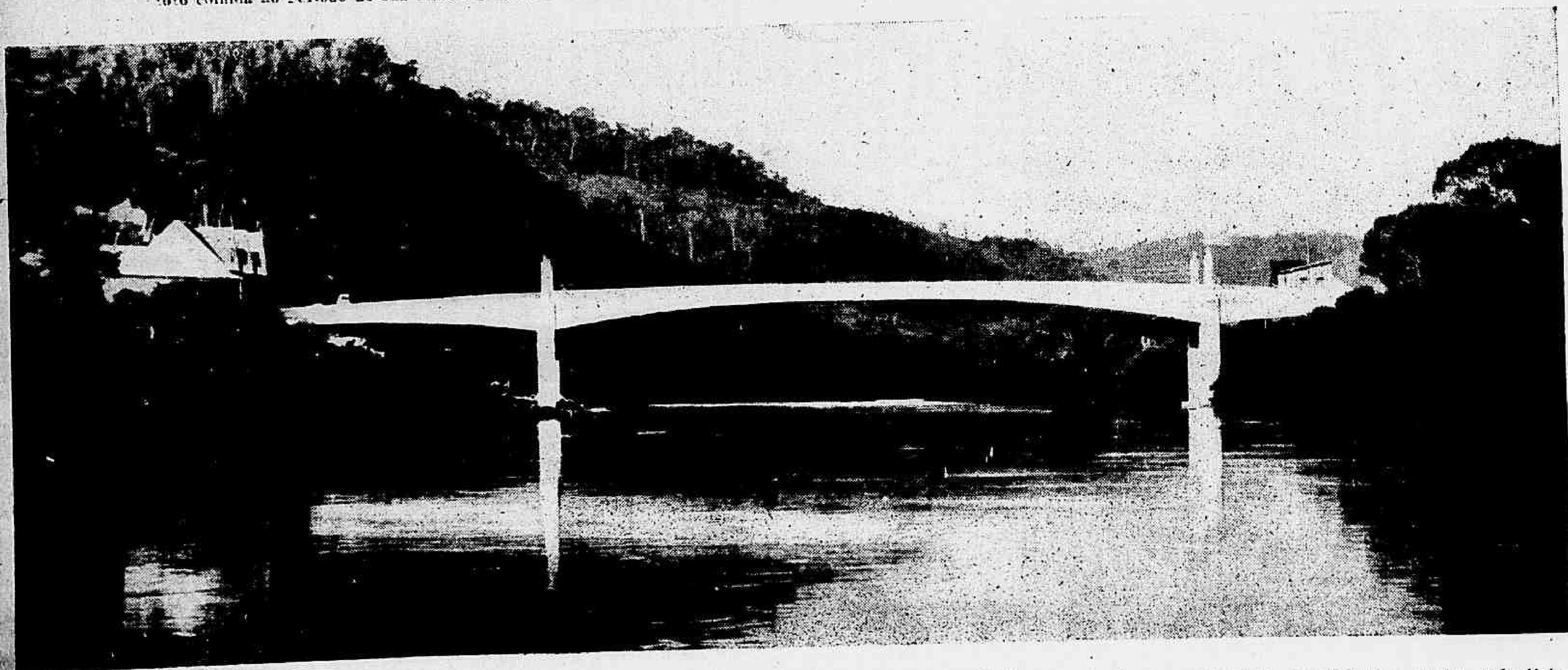


O esqueleto do Hotel Quitandinha, todo êle de concreto armado, foto colhida no período de sua construção, quan formado de sistemas estruturais os mais variados. Em cima, da armação da laje do piso do salão social

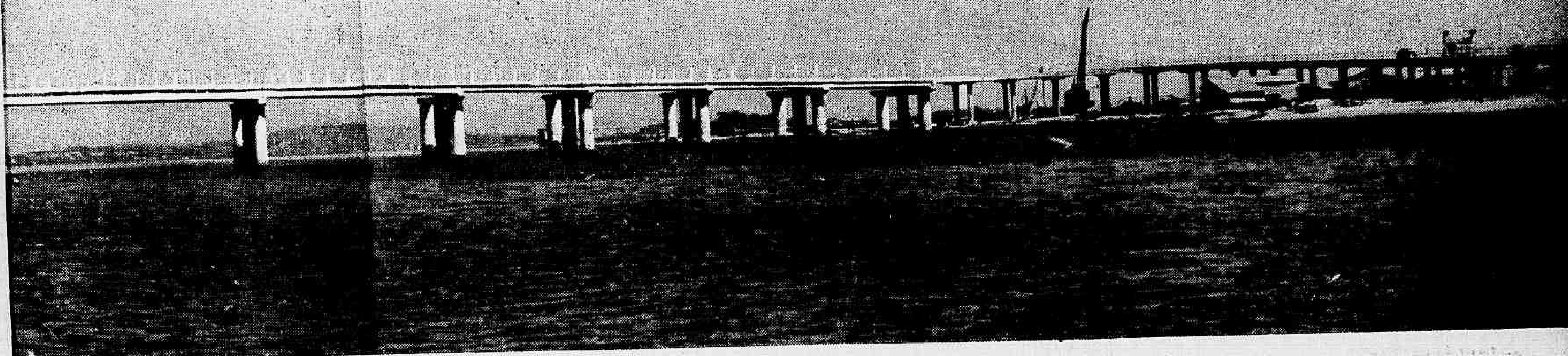
construção de estruturas de concreto armado estrangeiras, adotadas por nós na falta de normas brasileiras. Vale a pena acentuar que estas taxas altas e estas dimensões mínimas foram, posteriormente, introduzidas naquelas normas. O emprêgo destas taxas de trabalho elevadas e das dimensões mínimas era o ponto que parecia a seus rivais o mais vulmerável e, por causa disso, foram, muitas vêzes, êle e seus discípulos, classificados como loucos ou inconscientes. O tempo, porém, se encarregou de lhe dar a glória por demais merecida. As suas estruturas passaram a causar pasmo a todo o mundo técnico e são, hoje, um dos orgulhos de nossa engenharia.

Neste decênio 1920-1930 assistimos a um dos feitos mais singulares de tôda a historia da engenharia civil no Brasil. O engenheiro civil brasileiro passou de um simples observador de construção a um dos profissionais mais perfeitos de todo o mundo. E, isso, foi conseguido graças ao concreto armado, à reação dos três núcleos acima enumerados e à cultura teórica, mas sólida que nos proporcionam as Escolas de Engenharia brasileiras.

De 1930 em diante, firmado já o prestigio do engenheiro civil brasileiro, o número e o vulto de suas realizações acentuaram-se cada vez mais. As estruturas de concreto armado passaram a ser empregadas com frequência invulgar, aumentando consideravelmente nosso consu-



Ponte Emilio Baumgart, sôbre o rio do Peixe, em Santa Catarina. Construída em 1930, o seu vão central constituiu, naquela época, o "record" mundial para pontes rodoviárias



também, uma obra que se destaca pela grandiosidade e segurança de sua estrutura

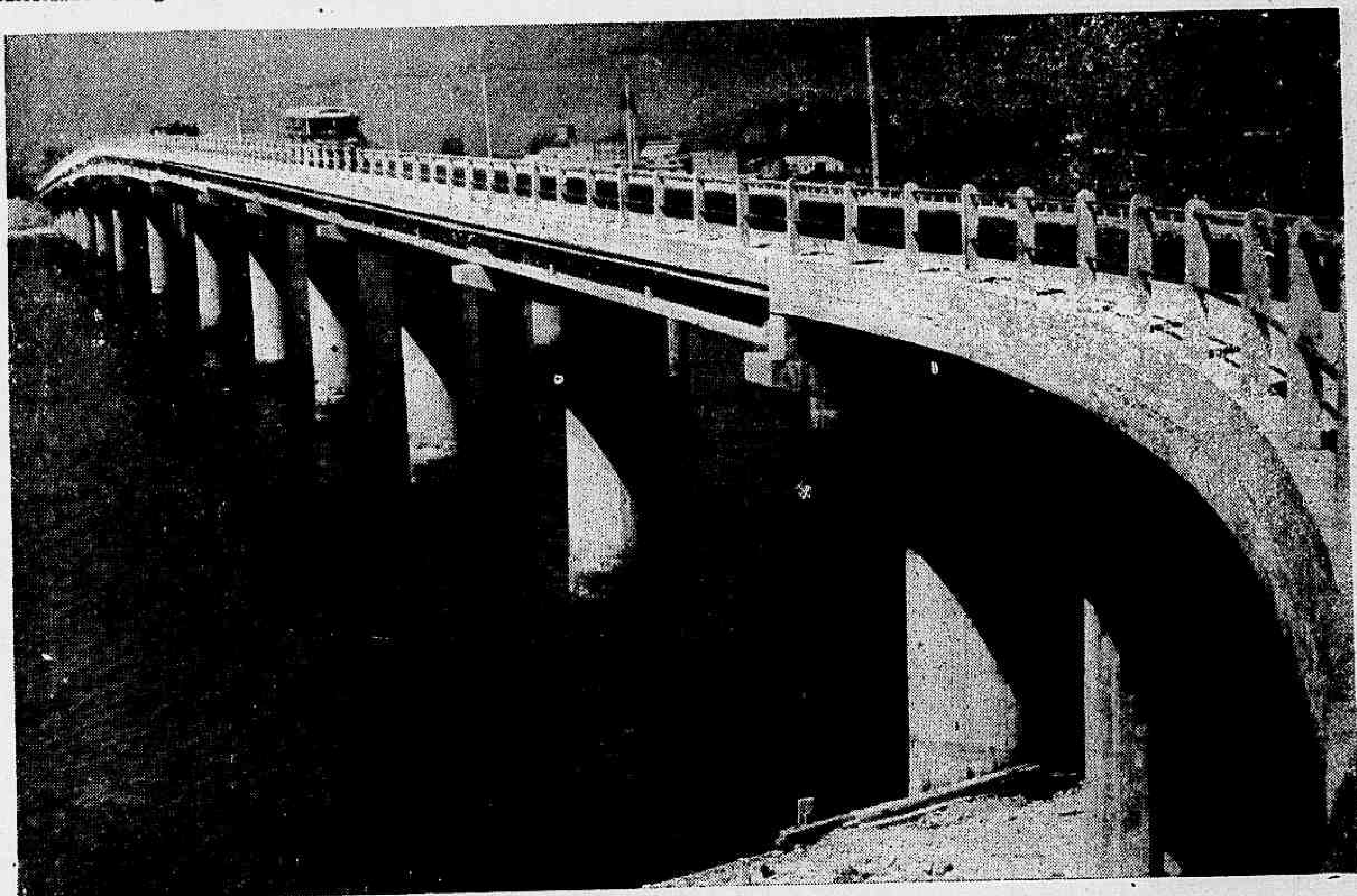
mo de cimento e de aço CA 37 em vergalhões.

A repercussão dêste acréscimo de consumo de cimento e de aço sôbre nosso meio industrial fez com que se montassem novas e grandes fábricas de cimento e que as usinas siderúrgicas não só ampliassem suas instalações como também multiplicassem seu número.

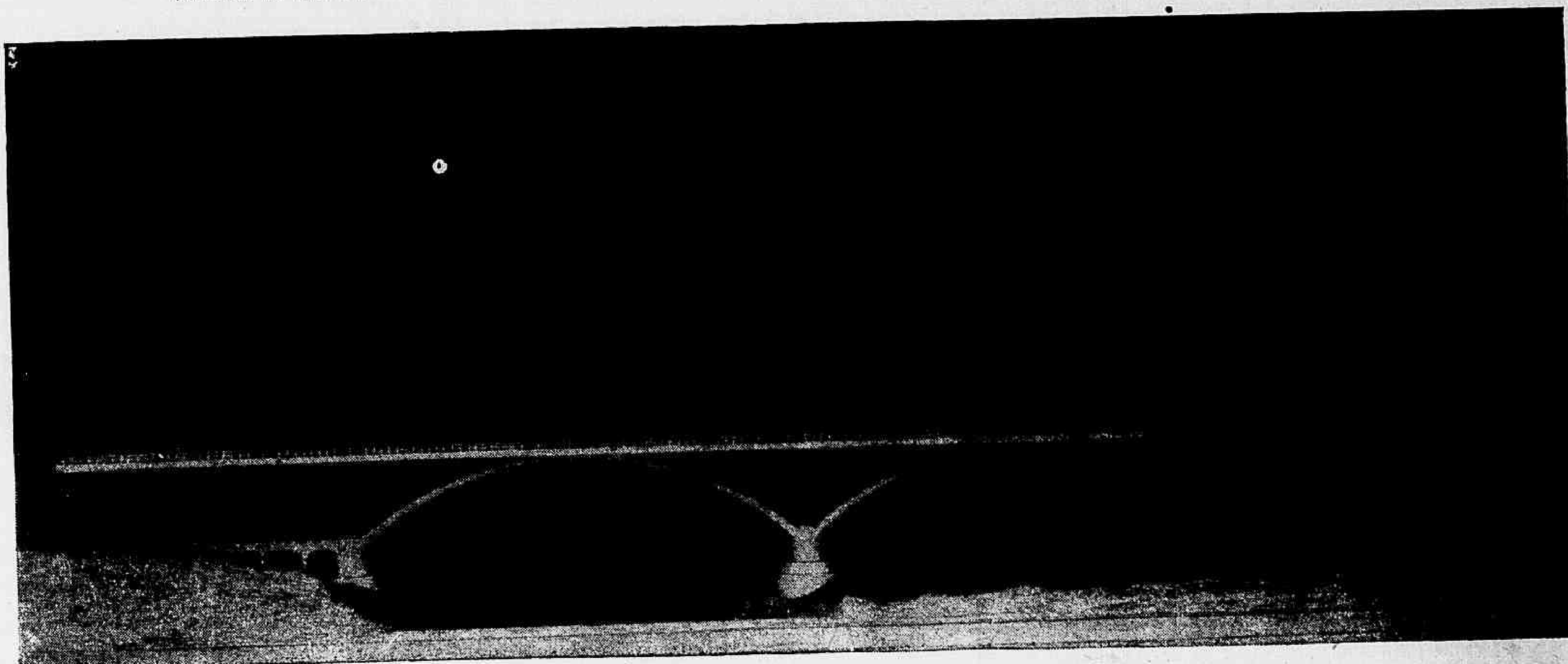
Obras monumentais de concreto armado, foram, desde então, executadas. Ao lado do Cinema Capitólio, primeiro prédio de concreto armado edificado nos terrenos do antigo Convento da Ajuda, surgiu todo aquêle bloco de arranha-céus que forma nossa Cinelândia. No lugar do antigo morro do Castelo vemos hoje avenidas e ruas em que todos os prédios trazem em si a marca dêste material admirável que é o concreto armado. Aí foram edificados os edifícios-sédes de três ministérios, os quais são perfeitos, tanto sob o ponto de vista arquitetônico como estrutural. São prédios projetados e construídos exclusivamente por engenheiros civis brasileiros, tendo sido alguns deles objeto de concurrências em que tomaram parte firmas construtoras orientadas por técnicos estrangeiros.

Copacabana de hoje é o maior orgulho da engenharia de concreto armado brasileira. A grandiosidade e variedade de seus prédios são um atestado eloquente da pujança e vigôr da capacidade técnica de nossos engenheiros civis.

(Continua na pág. 70)



A ponte da Ilha do Governador veio incrementar o desenvolvimento daquela localidade, possibilitando à população rápido acesso e grande facilidade nas relações com o continente.



Ponte Parnaíba, sôbre o rio do mesmo nome, no Estado de Minas Gerais. O escoramento dos arcos foi executado em concreto armado, para eliminar danos causados pelas enchentes



À PRAÇA DE ACHO foi fundada ao tempo dos vice-reis sendo ainda hoje um dos centros de divertimentos favoritos da população. Quando se discute, no Rio, a volta da corrida de touros, é oportuno êste flagrante, por onde se vê que no Peru essa classe de espetáculos desfruta de grande popularidade. As touradas são um divertimento do povo por excelência

LIMA, CIDADE DOS REIS

A EXTRAORDINÁRIA INFLUÊNCIA ESPANHOLA SÔBRE OS COSTUMES E EDIFICAÇÕES DA CAPITAL DO PERU. A MARAVILHA ARQUITETÔNICA DAS SUAS IGREJAS. OS PESCADORES FORAM SEUS HABITANTES PRIMITIVOS. RÍMAC, O RIO ADORADO. "KAUKI", DIALETO AIMARA, AINDA MANTÉM REMINISCÊNCIAS NO BAIRRO DE TUPE. PRAIAS DE AREIA MARROM E FORMADAS POR TERREMOTOS. A TOTAL AUSÊNCIA DA CHUVA IMPÕE O MILENAR SISTEMA DE IRRIGAÇÃO DOS INCAS.

Reportagem de ALBERTO CONRADO

REALMENTE, é muito pouco o que se conhece acêrca dos velhos tempos da cidade de Lima, embora o relato dos conquistadores espanhóis nos dêem a notícia de que era uma extensa zona de agrupação de indios, especializados no trabalho agricola. Antes, porém, da vinda dos senhores de Castela os investigadores se inclinaram para a hipótese de que os primitivos habitanets limenhos eram pescadores que deixaram rastros nas praias, nos utensilios toscos, nos vasos negros e nos trabalhos das conchas.

Os arqueólogos e simples observadores, como nós, reconhecem lastros inconfundiveis da civilização de Tiahuanaco, remoto Império americano de raza aimara, com a cidade de Lima onde tem deixado marcas concretas. Existem aimarismos no velho pôrto de Callao e nas serranias de Lima, onde fica localizado um lugar chamado Tupe, onde ainda se mantém reminiscências de um idioma, o "kauki", que se costuma considerar como um dialeto aimara. Lima tem um destino de síntesis e para que a explicação seja completa torna-se necessário considerar um remoto parentesco com Cuzco. Dizem que algumas edificações de Lima foram feitas por uma primitiva tribo cuzquenha, expulsa de seu território quando Manco Capac e seus descendentes começaram a forjar naquele lugar o vigoroso Império dos Incas.

Na tradição espiritual de Lima o rio Rimac ocupa um lugar proeminente. Os Incas, que não recuavam ante a ferocidade de qualquer inimigo nem se intimidavam em face da natureza ingrata e brava, capitularam diante do indefeso rio, caso inédito em tôda a história do Tahuantinsuyo.

Os historiadores ainda não se puseram de acôrdo com respeito ao nome de "Cidade dos Reis", dado a Lima. Uns afirmam que foi por causa dos reis Carlos e Joana, cujas iniciais aparecem precisamente no escudo da cidade. Outros afirmam que foi devido aos Reis Magos. Aceitemos, por uma lógica, esta última suposição. Ao nascimento de Lima acudiram, dessa forma, os três Reis que chegaram guiados pela luz misteriosa de uma estrêla. Era assim a união simbólica de três razas.

LIMA ANTIGA

As primeiras casas, como era de se esperar, foram edificadas nos arredores da praça de touros de Acho e nas cercanias do rio Rimac. Embora a sua magnificência se

achasse na amplitude dos solares e no cuidado dos jardins, é natural pensar-se que o enriquecimento de alguns de seus vizinhos fizessem com que fôssem alcançando alguma graça.

Mas, o que se caracteriza nas construções antigas de Lima são as igrejas e conventos. Em realidade, na preponderância indiscutível da arquitetura religiosa não foi sòmente revelada a intensa fé e o espirito de cooperação dos vizinhos, ou ainda a influência das congregações que tinham começado a desenvolver sua grande obra cristã no Peru, mas principalmente veio constituir o reconhecimento da importância política e religiosa ao mesmo tempo que fazia enriquecer a doutrina e os usos católicos.

Os conventos religiosos do século XVI tinham um caráter muito mais amplo do que a mera concentração de religiosos. Os missionários acompanhavam sempre os soldados espanhóis pela conquista tardia do Peru, fazendo uma infiltração pacifica, aclarando as consciências, ensinando oficios, difundindo o idioma de Castela, traçando cartas e mapas, efetuando investigações de ordem social, econômica, etnológica e histórica.

Assim, organizados pela Igreja, estimulados pela Coroa, os habitantes foram levantando nas ruas de Lima as maravilhosas igrejas e conventos sob a diretriz estabelecida pelos mercedários, franciscanos, dominicanos, agustinos e jesuitas.

Algumas dessas edificações ocupavam um quarteirão inteiro. E com o transcurso dos anos foram melhoradas a tal ponto, como, por exemplo, o convento de S. Francisco, com sua sucessão de pátios e cláustros, que não foram consideradas como simples residências, mas, sobretudo, como um exemplo de cidade conventual.

Diz-se aqui, que Lima é uma cidade que goza de um especial favor por parte de Nosso Senhor. E, com efeito, desde o primeiro século de vida de Lima, brotaram misticas flores de santidade que fizeram alternar seu fino aroma com o intenso perfume dos jardins e hortas. À austeridade dos conventos juntaram-se dessa forma essa graça divina que fizeram da cidade não sòmente um centro de vice-reinado, capital religiosa e politica, mas também num lugar onde se sobressairam suas virtudes.

Das suas figuras religiosas é Santa Rosa a mais depurada e a mais poética. Conta-nos a lenda que um dia ela fêz chover rosas sôbre Lima e noutra ocasião deteve com suas rezas uma ameaçadora incursão de piratas. Por êsse motivo os limenhos olham-na como um simbolo de graça, de leve sorriso e de carinho.

No principio do século XVII, Lima converteu-se numa capital de sessenta mil habitantes, sendo trinta mil escravos negros e cinco mil indios naturais do pais.

As residências particulares foram também evoluindo. Derrubadas quase tôdas as casas feitas de barro e esteiras, foram se edificando outras de maior custo feitas de fina pedra que se importava especialmente de Árica ou do Panamá. Outras das caracteristicas da Lima arquitetônica são os vivaces adornos de azulejos. Primeiramente, os conventos e depois as casas foram-se engalanando com êsses azulejos em que se unia a graça da cidade com o fulgurante sol de Andaluzia. O desenvolvimento de Lima deve-se, principalmente, ao auge das suas inúmeras minas de prata, notadamente as de Potosi, no Alto Peru.

A prata servia como meio de pagamento, enchia os porões dos navios espanhóis e transformava os preços e os costumes dos europeus: "Havia prata com tanta abundância" — dizia no ano de 1684, o pirata Ravenau de Lussan — "que a maior parte das cidades que nós fazemos na França com aço, cobre ou ferro, aqui o fazem com prata".

A opulenta riqueza do Peru se manifestava também no surpreendente número de carroças guarnecidas de ouro e sêda. Nas casas das pessoas mais humildes e pobres, raro era o vaso de ouro ou prata que não adornasse a sala de jantar. Esta abundância de riqueza servia para aumentar o crescimento pelo culto divino. As igrejas de Lima alcançaram, durante o século XVII, o seu maior

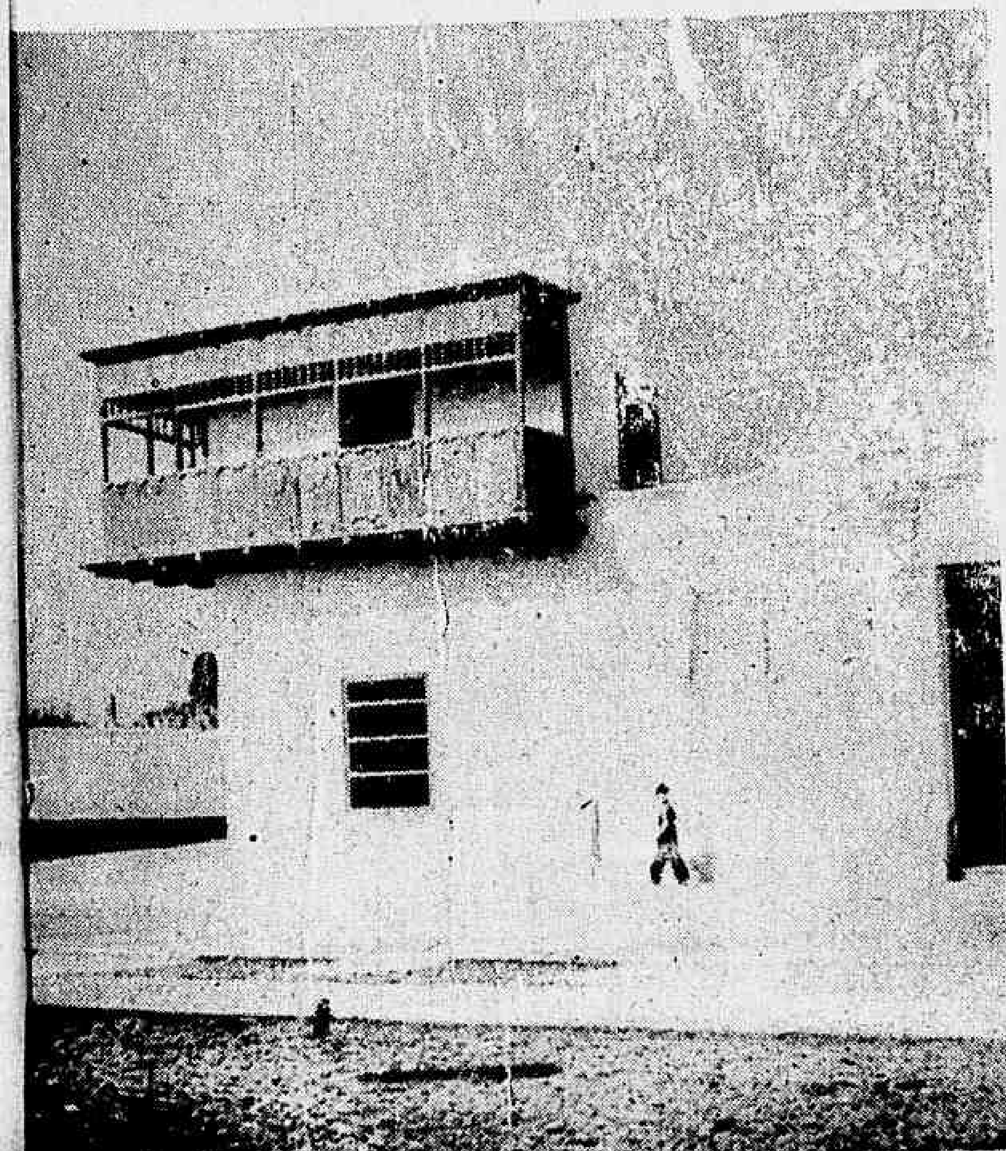


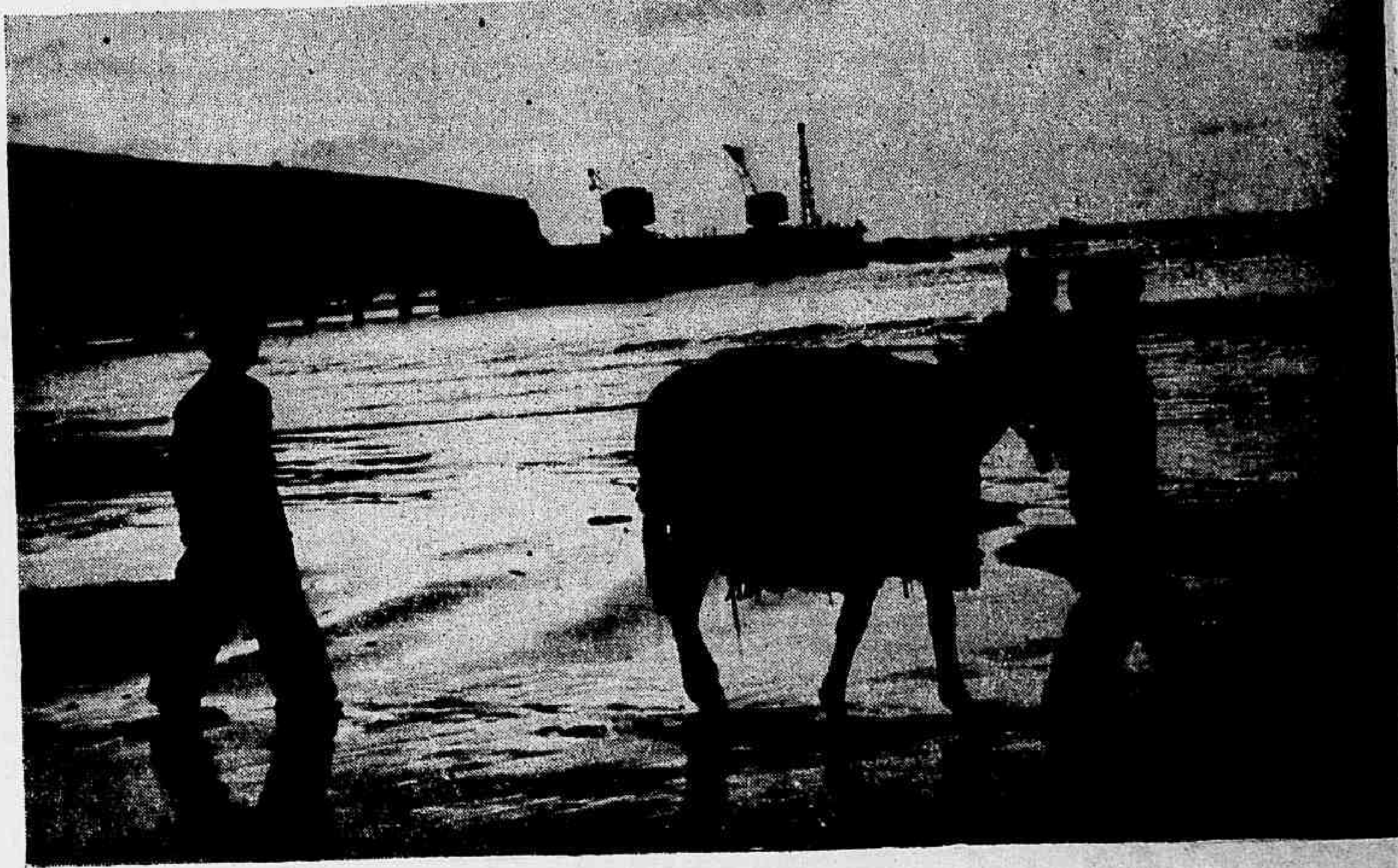
UMA DAS RUAS típicas de Lima, a do Milagros, onde se pode observar a influência espanhola nos clássicos balcões

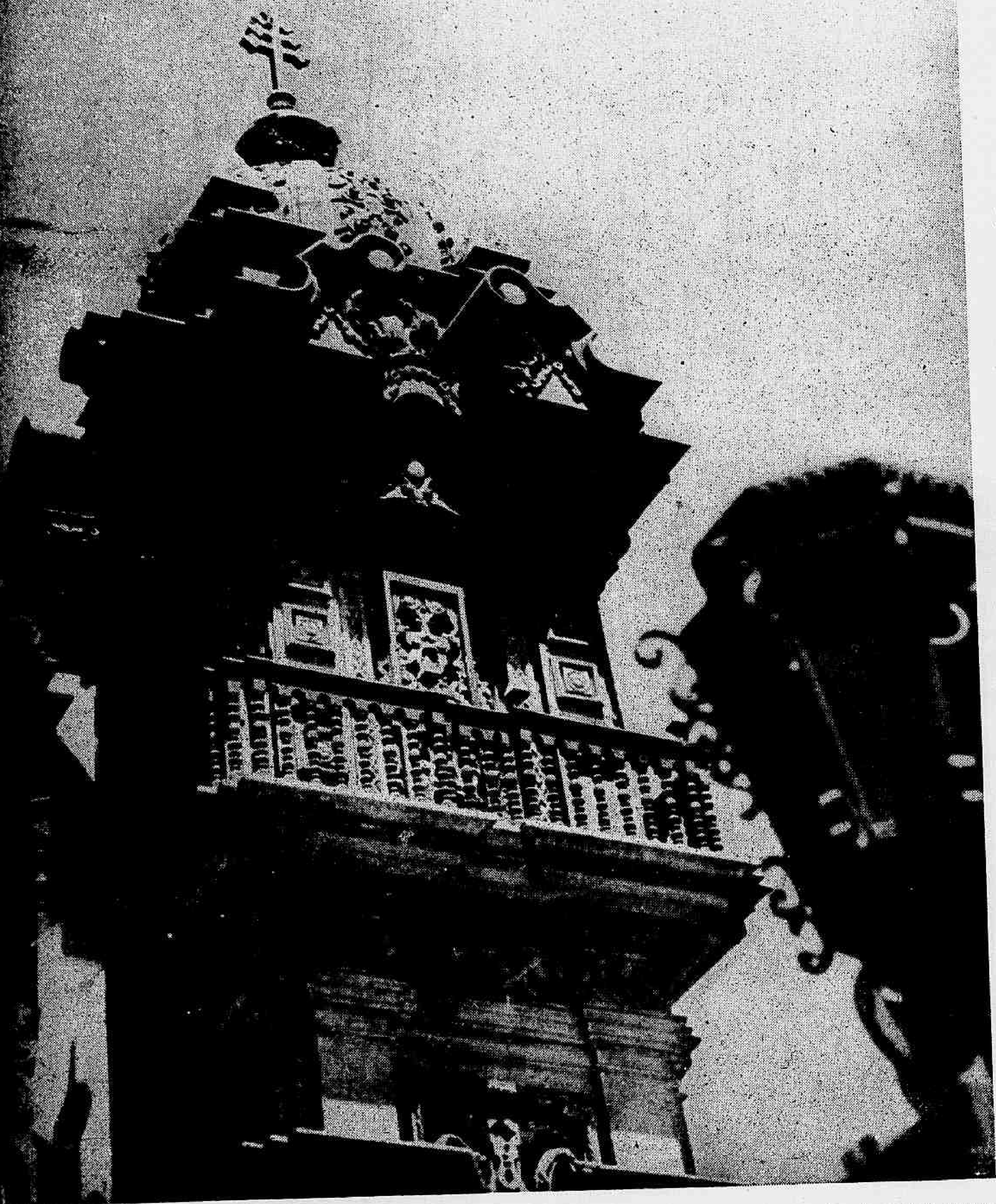


MONTADOS EM burricos os vendedores transitam pelas ruas de Lima. Em baixo: o grande pôrto comercial de Callao

A CASA DE Simon Bolivar. Dêsse balcão foi proclamada a independência do Peru. Hoje é monumento histórico







DE LINHAS ARQUITETÔNICAS perfeitas, a igreja de S. Marcelo figura entre as mais imponentes da capital peruana, competindo com a da Merced e a de São Francisco. Bem resistente, êsse templo tem suportado vários terremotos



AO ALTO, A ESQUERDA, pormenor da sacristia da igreja da Meed, trabalh
reita, entrada de «Francisco Pizarro», na imponente catedral de ha, conside
imagem do Senhor dos Milagros, cujo ritual signffica a tradição ais arraig
se o admirável trabalho de talha, que tem merecido dos estudiose jus os e h
tradição no Peru e freqüentemente se realizam novenas e procissi contra o



esplendor. Paredes talhadas a ouro, marcos das pinturas guarnecidos a ouro, cadeiras do côro, candelabros, tudo bordado a ouro. A multiplicação das igrejas e conventos, na cidade de Lima, dava uma idéia de desenvolvimento material ao mesmo tempo que demonstrava o estímulo que os santos limenhos tinham produzido na fervorosidade religiosa da cidade.

PIRATAS E TERREMOTOS

Na realidade, aos piratas se lhes tem engalanado quase com um falso prestígio. Tem sido o prestígio do estranho, a fascinação dos votos em contrário, êsse gôsto que vive no fundo de todos os homens para sair fora da lei, embora — como sucede neste caso — as conseqüências sejam às vêzes trágicas. Os piratas eram broncos e rudes, não obstante fôssem considerados como uma espécie de bandidos galantes; eram cruéis, e se lhes tem imaginado generosos; possuiam uma essencial e fria cobiça, mas têm sido pintados muitas vêzes com certo desprendimento literário e romântico. E' bem verdade que, na maior parte dos casos, a lenda partiu dos mesmos paises de onde procediam os corsários, porque nessa guerra imprecisa de pirataria significavam o desmembramento da Espanha, a quebra dos seus extensos laços econômicos, o prazer de fazer irritar a rica metrópole rival.

Noutras circunstâncias a lenda foi forjada pelos mesmos perseguidos; e assim foi como em Lima, pela primeira vez se propagou que o pirata francês Hermite Clerk tinha perecido junto à ilha de São Lourenço — não ferido por armas — senão por uma infinita pena de amor. Entretanto, nem todos os limenhos tinham tão lírica idéia. Os nobres se preparavam para a defesa e até partiam para combater e perseguir os filbusteiros. Os vice-reis fortificavam os portos da costa, adestravam seus soldados no manejo dos canhões, cercavam de sólidas pedras as muralhas da cidade. E assim se explica como Lima é rodeada por uma extensa muralha de areia e pedra muito semelhante com as famosas muralhas de Cadiz, na Espanha. Aos piratas se lhes podia deter com canhões e muralhas mas não existia, por desgraça, nenhum sistema para conter os terremotos. Com alarmante freqüência sacudia-se a vida sossegada da florescente Cidade dos Reis e eram destruídas as fábricas lavradas com tanto carinho e com tanta arte.

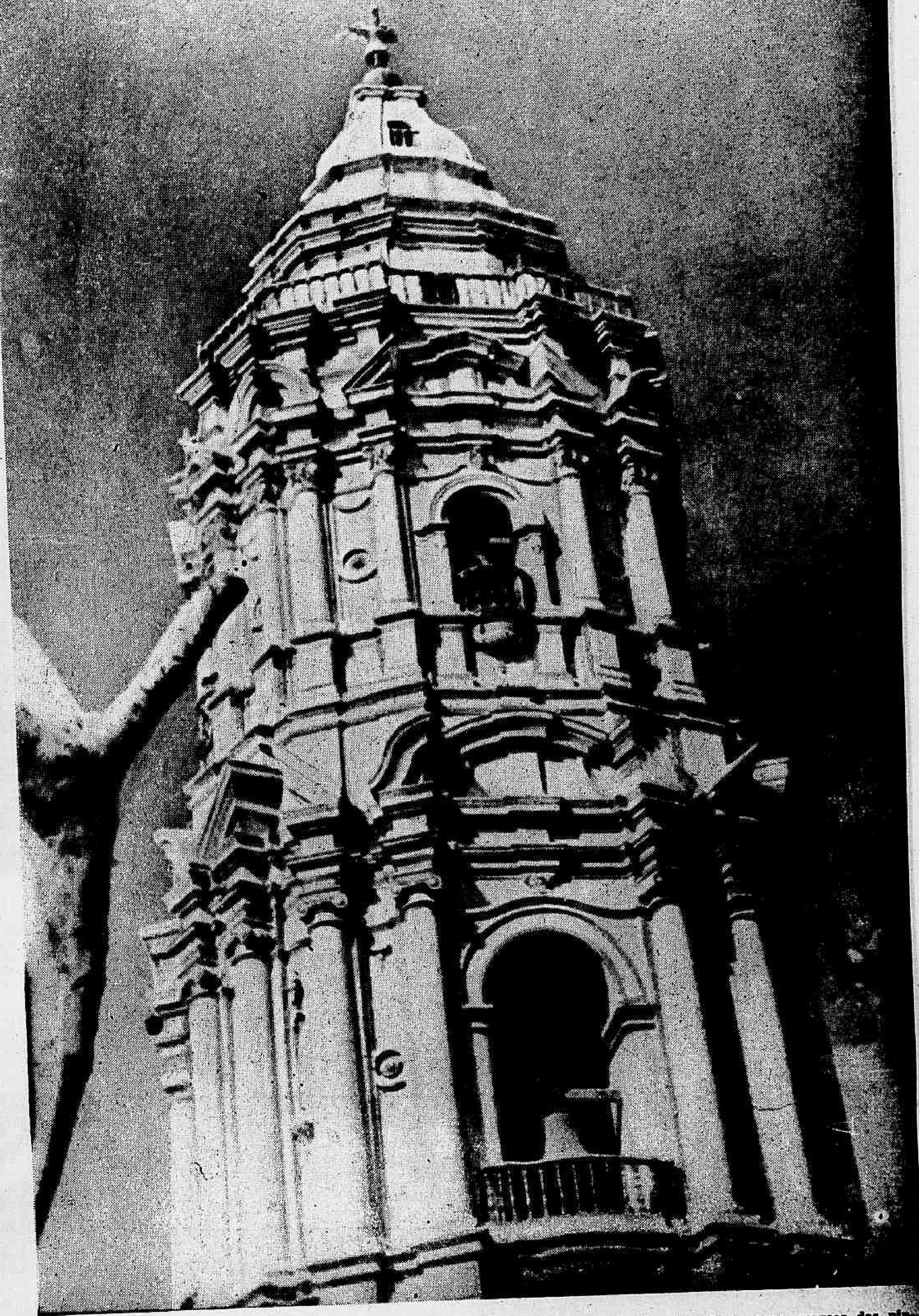
Mesmo antes da fundação de Lima, quando Hernando Pizarro e seus companheiros passaram em viagem para Pichacámac, ao começar o ano de 1533, foram surpreendidos por um inquietante tremor na região. Os indios que acompanhavam o Conquistador espanhol fugiram de mêdo dizendo que Pachacámac se zangava por que êles se dirigiam para aquêle local e que deviam ser destruídos. Era como um anúncio das sacudidas que se haveriam de repetir inúmeras vêzes em Lima, trazendo consigo tantos danos, espantos e momentos de grave meditação para a cidade.

Assim, nos anos de 1552, 1553, 1578, 1586, 1609, 1618,



la igreja da Meed, trabalho de extraordinário valor, confeccionado em ouro e prata; à di-
te catedral de lna, considerada, no gênero, autêntica obra-prima. Em baixo, à esquerda,
fica a tradição ais arraigada dessa capital; à direita, fachada na igreja da Merced. Observe-
o dos estudioso jus'os e honrosos elogios. As festas religiosas são características e de larga
venas e procissi contra o estremecimento da terra. O ritual é celebrado a 18 e 19 de outubro





AS IGREJAS DE LIMA alcançaram, desde o século XVII, o maior esplendor. Paredes talhadas a ouro, marcos das pin-turas guarnecidas com o mesmo metal, tudo de extraordinário valor histórico. Na gravura, a imponente tôrre da Catedr

1630, 1650, 1655, 1678 e 1687,, produziram-se tremores mais ou menos violentos.

Os terremotos destruiram muitas coisas valiosas como, por exemplo, as fábricas de Lima, mas deixaram em compensação a sua tradição mais arraigada: a do Senhor dos Milagres. Todos os anos, no dia 18 de outubro, para continuar no dia 19 a determinação da novena, essa imagem percorre as artérias da cidade, entre uma multidão de fiéis que passeia o patrono de Lima contra os estremecimentos da terra. Se detendo apenas para almoçar numa igreja ou para dormir pela noite noutra, a procissão percorre os bairros mais longinquos da cidade. Essa tradição, que forma agora uma das cenas mais típicas de Lima, começou faz três séculos, numa modesta confraria de negros angolanos. Um dêles pintou um dia, com sua mão anônima e humilde, sôbre um pedaço de adobe, uma efigie de Cristo na Cruz, acompanhado pela Virgem Maria e por Madalena. Uma vez se procurou apagar a pintura; mas, segundo repete a lenda, o braço de quem se dispunha a fazê-lo ficou imediatamente paralisado. No terremoto de 1655 tôda a fábrica que ficava nas cercanias foi completamente destruida. Não obstante, o pedaço de adobe com a pintura ficou ileso, por um estranho prodigio. Assim sucedeu também em 1687 e se voltaria a repetir, mais adiante, cada vez que a terra tremia. Dessa forma estabelecida a solene procissão de 18 de outubro, a tradição do Senhor dos Milagres ficou incorporada definitivamente à cidade, a cujo desfile pelas ruas de Lima o povo se emociona, acreditando que com o arrependimento de êsses dias os pecados de todo o an ficam perdoados. Um dos maiores, senão o maior terremoto de Lima, produziu-se no dia 28 de outubro de 1746. O estremecimento da terra, que durou até o extrem de se contar cêrca de duzentas sacudidas num dia, f cair quase tôdas as casas, assim como os templos de Lima. No Callao, pôrto mais importante, o mar se retirou, re gressando com espuma fervendo, incrustando as naves praia. Da catástrofe muito pouca coisa ficou de pé.

Até o dia 2 de novembro — segundo dados colhid nos arquivos da Municipalidade local, haviam se ente rado 4.000 cadáveres e no populoso pôrto de Callao sal varam-se menos de 200 pessoas. Passado o momento d dor, iniciou-se intensa e entusiàsticamente a reconstruçã da cidade.

Dessa forma, a Lima colonial que agora apreciam apenas data de 1746 com muita propriedade classific como a segunda Lima do Império dos Incas.

LIMA MODERNA

Desde 1884 Lima avançou para o progresso, principal mente nos novos conceitos práticos, motivados pela in fluência do assombroso desenvolvimento material d Estados Unidos. Também a folga econômica que a al cotização dos produtos produziu no Peru, durante a pr meira grande guerra, resultaram num grande desenvolv mento no sentido urbano. Multiplicam-se as novas co

(Continua na pág.



GIPSY ROSE LEE NA TELEVISÃO: UM LINDO PALMINHO DE CARA... E DE PERNAS!

TELEVISÃO
ESSA COISA NOVA

Por AL NETO



ABE BURROWS e Roslyn Glass, como se apresentam no programa «This is show business» televisionado pela CBS

A televisão vem tentando roubar grandes nomes ao cinema, ao teatro, até à ópera e à literatura. Sendo uma arte nova, ainda não possui astros próprios. Há, por enquanto, muito empirismo, tratando-se de aproveitar gente cujo talento já foi comprovado, de uma ou de outra forma, em algum setor artistico.

Um caso tipico de como a televisão está utilizando, com bons resultados, aliás, gente de cinema, é o de Billy Gilbert. Billy tornou-se famoso em Hollywood. Embora jamais tivesse chegado à linha dos galãs, foi considerado um dos melhores atores caracteristicos que o cinema possui. Atualmente, entretanto, êle está sendo solicitado, cada vez mais, pelas estações de televisão.

Rise Stevens e Gladys Swarthout, duas cantoras de expressão, de nome feito e consagrado, são exemplos de como a televisão vai também buscar "estrêlas" no Metropolitan Opera House, de Nova York. George S. Kaufman hoje faz parte do quadro de escritores de televisão da Columbia Broadcasting Company. Kaufman é um dos mais conhecidos escritores do teatro dos Estados Unidos, desfrutando as honras de ter conquistado um prêmio Pulitzer, o que constitui, para qualquer dramaturgo, titulo por demais invejável.

Da Broadway para a televisão foi Abe Burrows, o cómico gorduchinho, que só usa peruca se fôr de peles caras, e não dessas comuns, de cabelo, que todo o mundo pode comprar... (Essa é uma de suas graças para justificar a calvicie).

Vera Zorina, bailarina que tem conseguido grande êxito

(Continua na pág. 46)



O VAUDEVILLE está ressurgindo com a nova modalidade de divertimento nos EE. UU. Um arremêdo do can-can de 1900, dançado por «girls» princípio-do-século. A «dançarina» da esquerda, traída pelos sapatos, vê-se logo: é homem!



VERA ZORINA, famosa bailarina e «estrêla» de cinema, agora também na televisão, à esquerda. Depois, George S. Kaufman, Leonora Corbett e Abe Burrows, que também participam do mesmo programa, hoje um dos mais populares, competindo com o rádio



RISE STEVENS (de pé), e Gladys Swarthout, num intervalo de ensaio. O gorducho Billy Gilbert (de camisa escura), e sentados, artistas e Abe Burrows. A televisão, como se vê, procura roubar grandes nomes ao cinema, ao teatro e também à ópera



O terceiro aniversário da administração do prefeito Mendes de Morais, foi assinalado com diversas solenidades inaugurais de notáveis obras que, em benefício da população carioca, se juntaram a muitas outras já inauguradas nesses três anos de sua dinâmica e proficua gestão, espalhadas pelo Distrito Federal, desde o centro urbano ao mais longinquo subúrbio. A população carioca, reconhecendo e proclamando as grandes realizações do govêrno da cidade, não poderá jamais esquecer aquêle a cuja visão e capacidade de trabalho se devem obras como as do Estádio Municipal, de hospitais em profusão espalhados em todos os quadrantes da cidade, de pontes, de aberturas de avenidas, pavimentações e perfurações de túneis, tudo num montante gigantesco.

Entre as inúmeras obras inauguradas, destaca-se a do Estádio Municipal, que, dado o vulto de sua realização, bastaria para marcar eloquentemente a data aniversária de uma administração.

Trata-se, com efeito, do maior estádio do mundo, um

Em cima e à esquerda: dois aspectos do Haspital "Manuel Villaboim", o primeiro nosocômio construído em Paquetá e que será brevemente entregue à população da ilha

TRÊS ANOS DE AÇÃO CONSTRUTIVA







Aspectos dos pavilhões já em funcionamento da Oficina e Pôsto de Lubrificação do Sup. de Transportes, cujo projeto consta de 18, ao todo. Nestes pavilhões estão funcionando

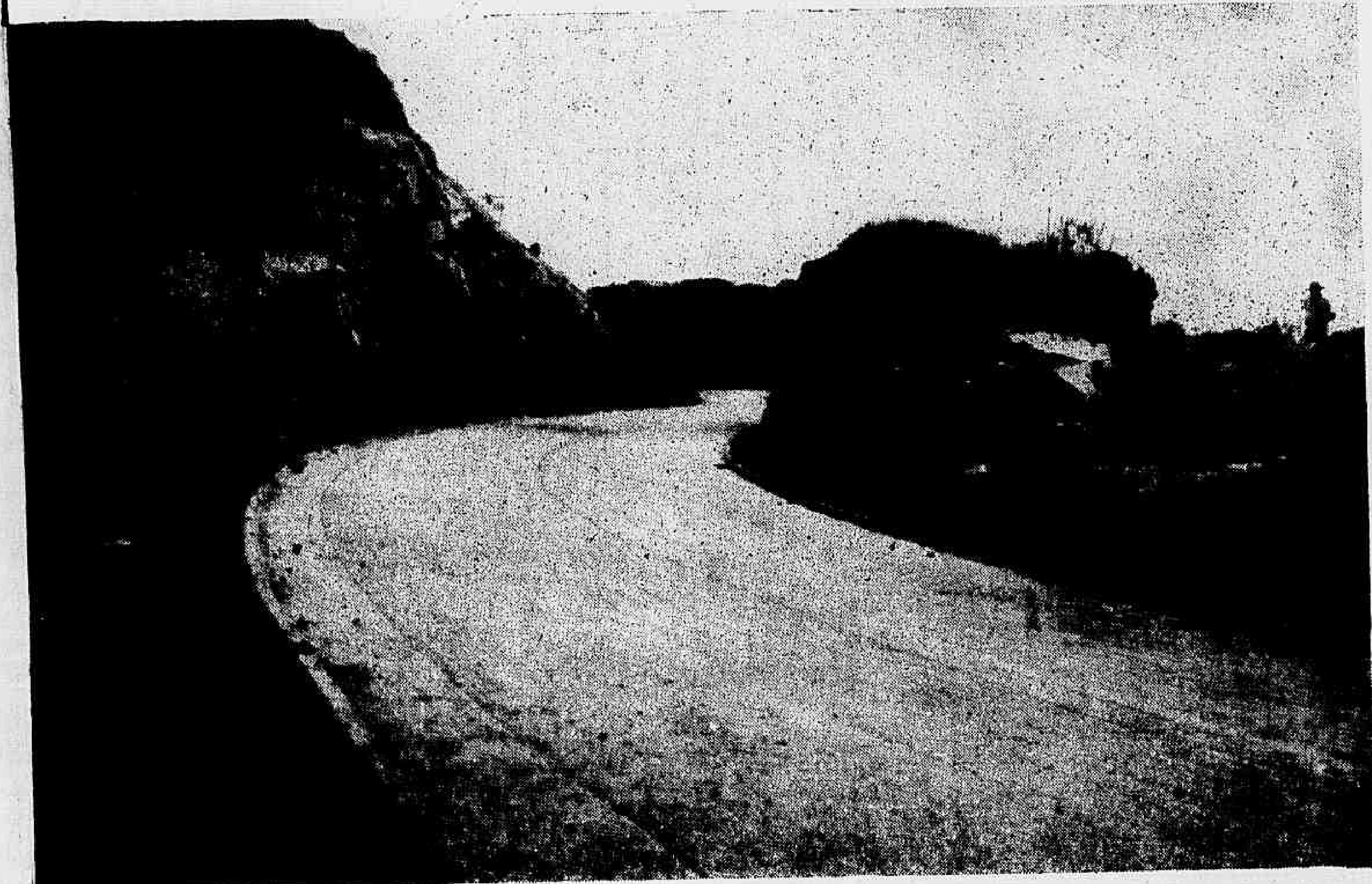
trabalho de imensa beleza arquitetônica, cujas instalações, dentro das normas as mais modernas, oferecem o máximo de confôrto às assistências nas competições esportivas nacionais e internacionais, a começar pela "Copa do Mundo".

Quis o operoso prefeito da cidade presentear o povo no dia em que atingiu o término da terceira etapa de sua fecunda gestão com obras já executadas que fôssem atendendo uma a uma as necessidades do carioca. Assim é que foram construídas várias escolas rurais em pontos distantes do centro; foram construidos parques de recreação infantil, postos de salvamento nas praias, estradas, avenidas, ruas ou pavimentação destas, conjuntos residenciais, e introduzidos diversos outros melhoramentos nos serviços públicos da Prefeitura, além da ampliação da rêde hospitalar.

Damos nestas páginas alguns aspectos de obras recentemente construídas, a fim de que o leitor tenha uma idéia do trabalho que vem realizando o general Mendes



Em cima e à esquerda: dois aspectos do trecho inaugurado da rodovia Grajaú-Jacarepaguá, compreendido entre a garganta da serra dos Pretos Forros e av. João Calazans



de Morais, tais como a Estrada Grajaú-Jacarepaguá, Superintendência de Transportes da Prefeitura, o embelezamento do Largo do Machado, Escola Rural Almirante Tamandaré, Estádio Municipal e Núcleo Residencial do Pedregulho.

A Escola Rural Almirante Tamandaré, que faz parte do plano que o general Mendes de Morais traçou para a disseminação dessas escolas por todos os subúrbios longínquos e sertão carioca, conta com quatro classes, arejadas e bem aparelhadas, e está situada na Avenida Nyemeier, esquina com a estrada da Gávea.

A Estrada Grajaú-Jacarepaguá, que representa também uma necessidade inadiável, pois aproxima sensivelmente êste último subúrbio do centro urbano, facilitando assim aos seus habitantes se locomoverem para a cidade, foi inaugurada no trecho compreendido entre a Garganta dos Pretos-Forros e a avenida João Calazans.

A Superintendência dos Transportes compreende um total de 18 pavilhões. Nos quatro que foram agora inaugurados, funcionarão o Parque Central de Material Automóvel, o Depósito Central de Material Automóvel, compre-

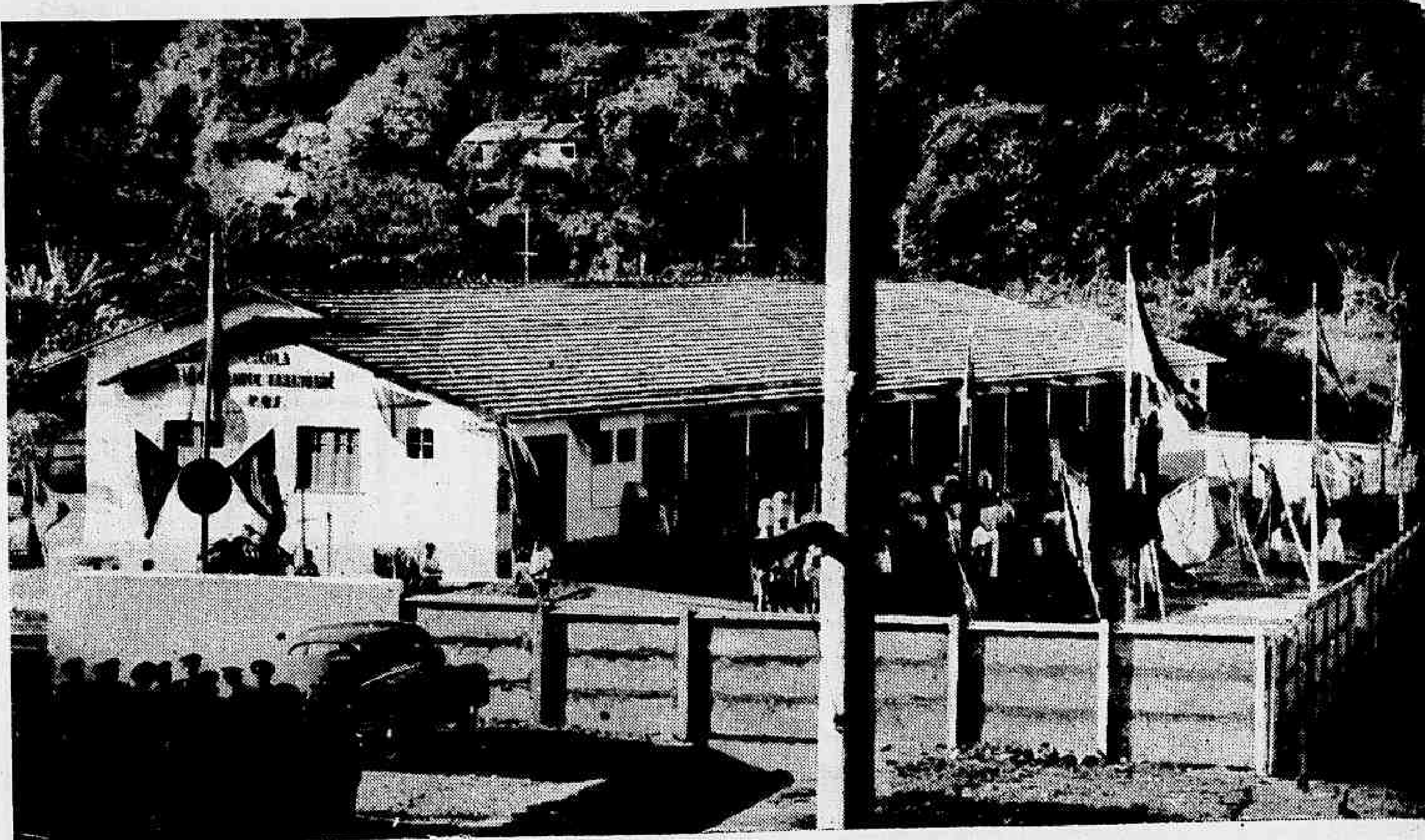


o Parque Central e o Depósito de Material Automóvel



No Largo do Machado, no local onde antigamente se erguia a estátua de Caxias foi construída uma fonte luminosa

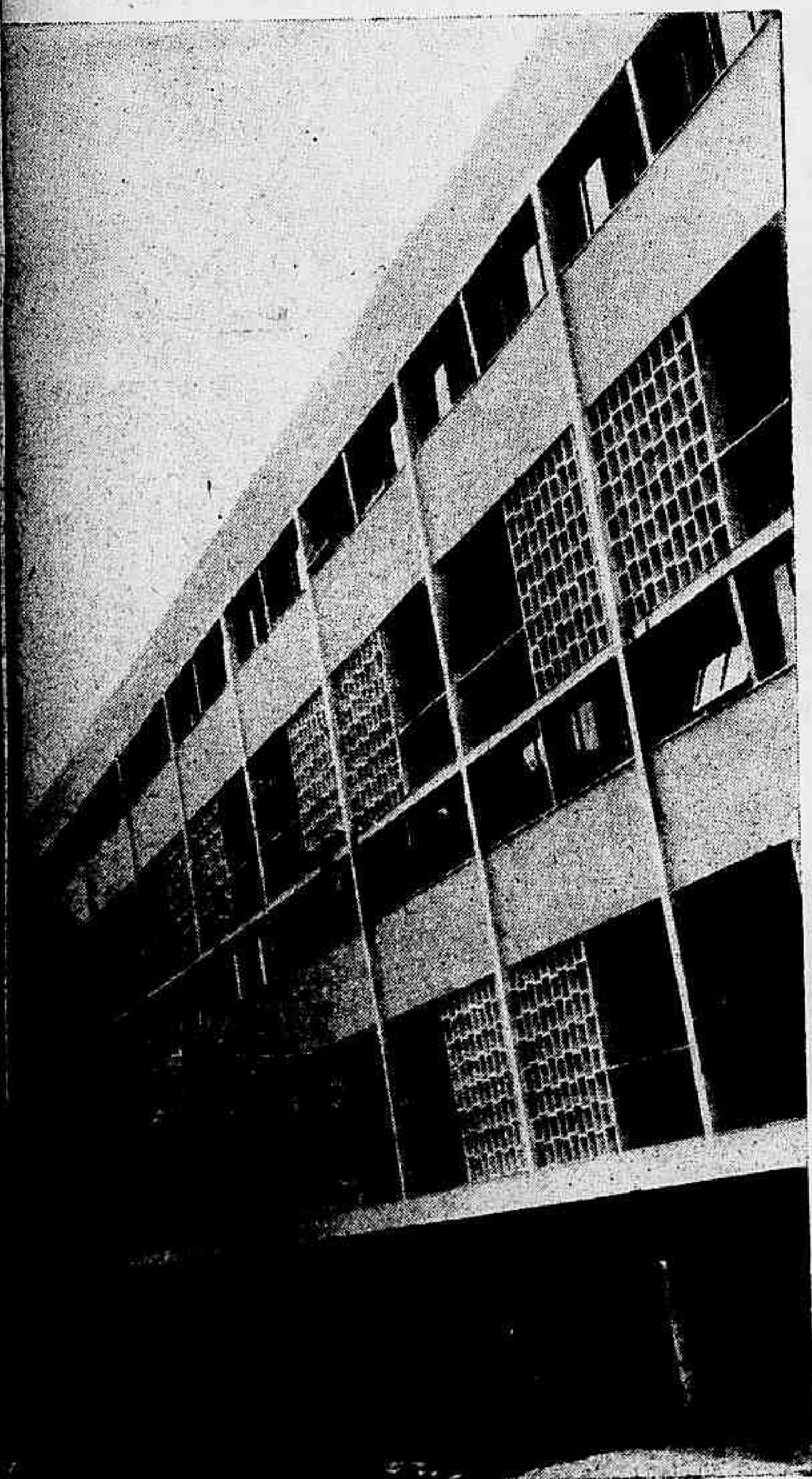
Ao lado: a Escola Rural Almirante Tamandaré, situada na avenida Niemeyer, é uma das inúmeras já construídas pelo interior carioca. Em baixo: bloco de casas populares na Gávea cuja construção se acha em pleno andamento e que faz parte do plano de assistência aos favelados

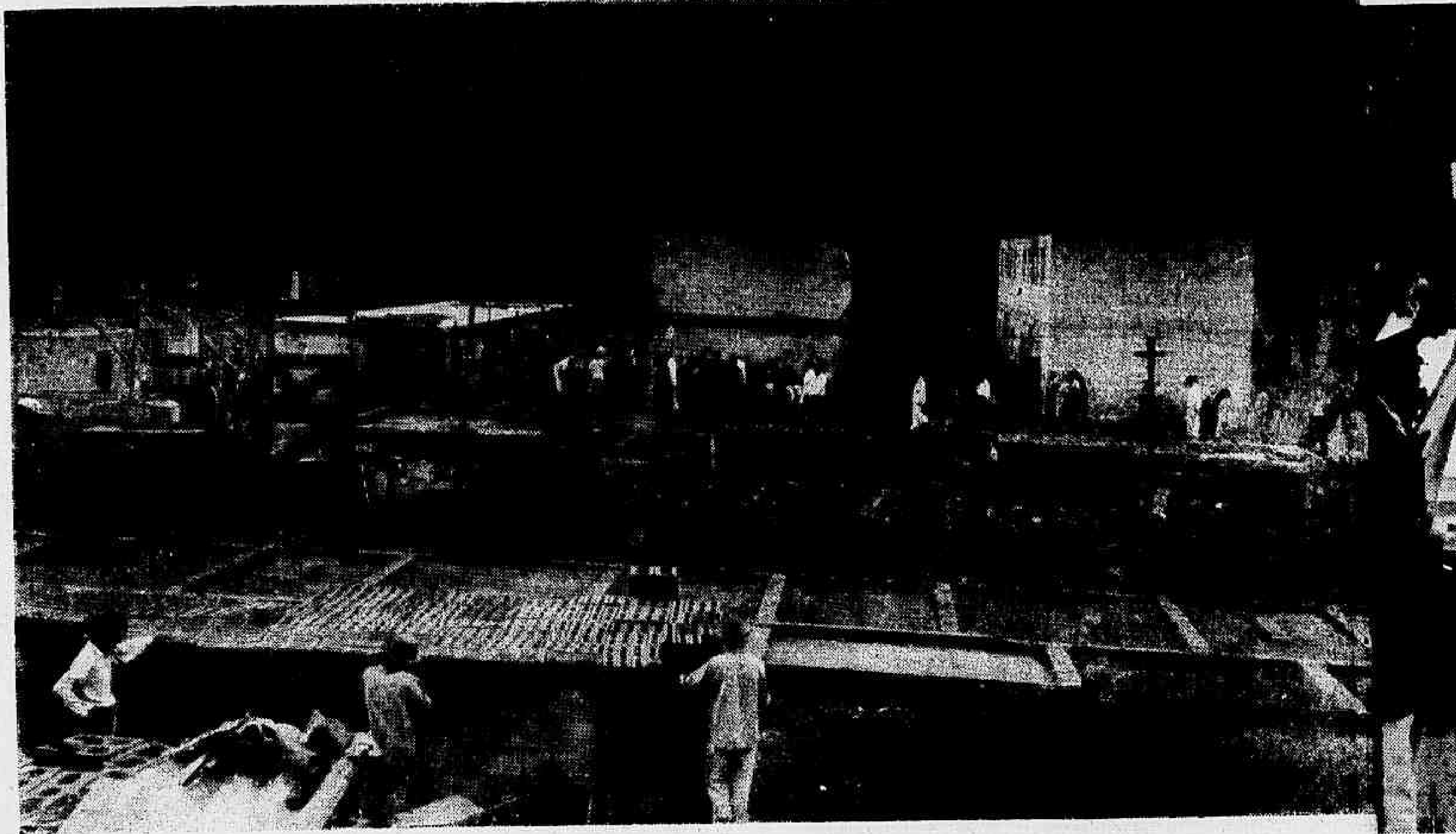


endendo a seção de óleos e combustíveis e lubrificantes, e peças, em um pavilhão com quatro boxes para lubrificação de veículos, todos providos de elevadores, sendo dois com capacidade para quatro toneladas e dois para dez toneladas (caminhões). Sob o castelo d'água já construído, funcionarão rampas de acesso para lavagem de carros, com capacidade para dois em cada rampa. O serviço de lubrificação será perfeito, pois está dotado de aparelhagem técnica, com compressores e tubulações em côres, para cada tipo de óleo. Também foram instaladas duas bombas elétricas ligadas a dois tanques de gasolina, com capacidade para 25 mil litros.

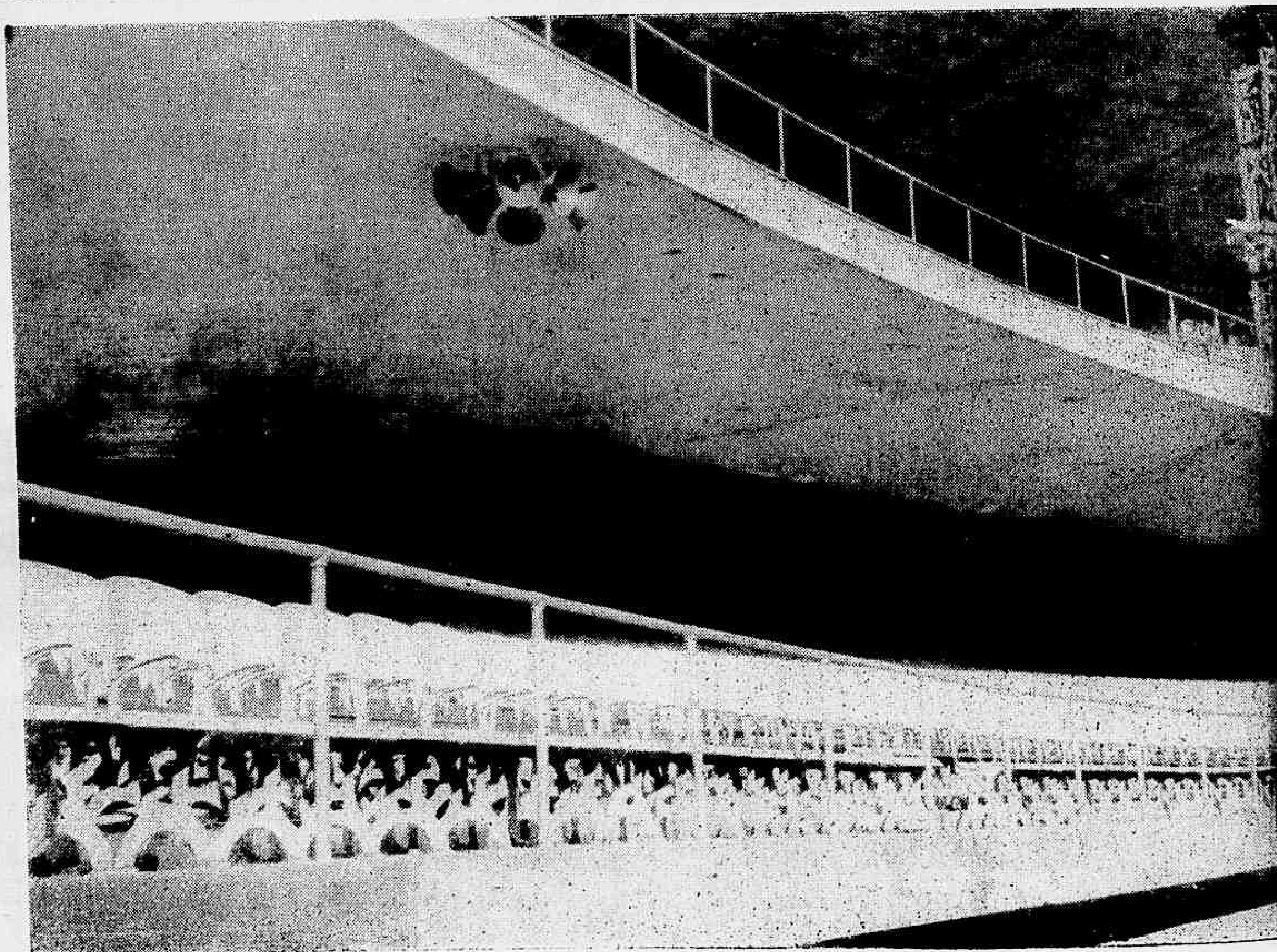
O Núcleo Residencial de Pedregulho é uma das obras mais importantes das recentemente inauguradas e entregues ao povo. Trata-se de um conjunto de residências destinadas ao funcionalismo da Prefeitura, contando com 540 apartamentos dotados de todo o confôrto oferecido pela técnica moderna, dispostos em 4 blocos. O núcleo conta ainda com uma creche, ambulatório com dois postos de saúde e enfermarias para crianças, homens e mulheres, e dependências para pequenas intervenções cirúrgicas; uma escola natural, uma lavanderia, cooperativa, padaria e uma confeitaria elétrica, além de uma farmácia, gabinete

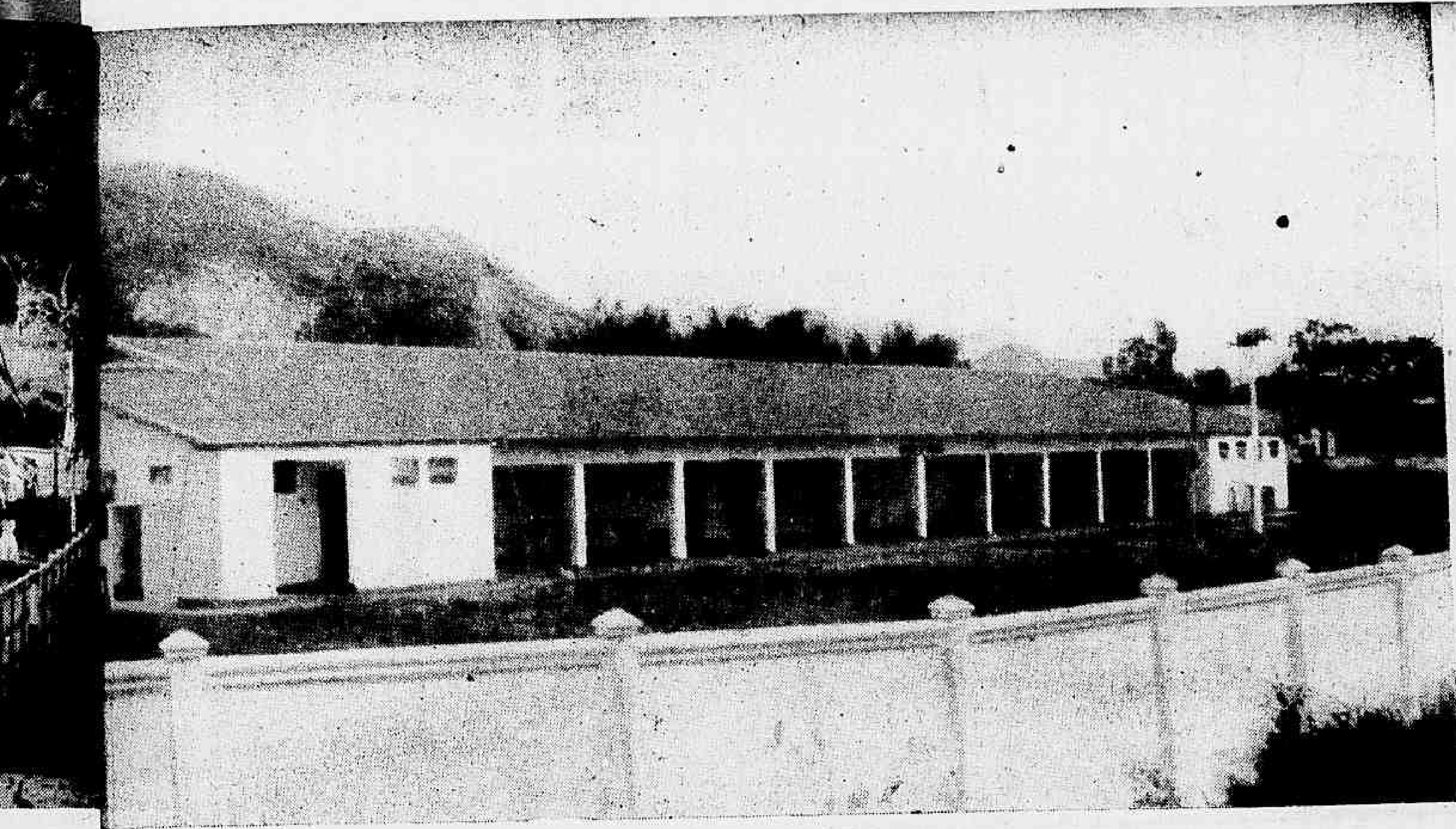
Fachada de um dos edifícios que constituem o Conjunto Residencial de Pedrgeulho, realização que é o comêço de uma obra que o General Mendes de Morais está realizando para resolver o problema de habitação do funcionalismo



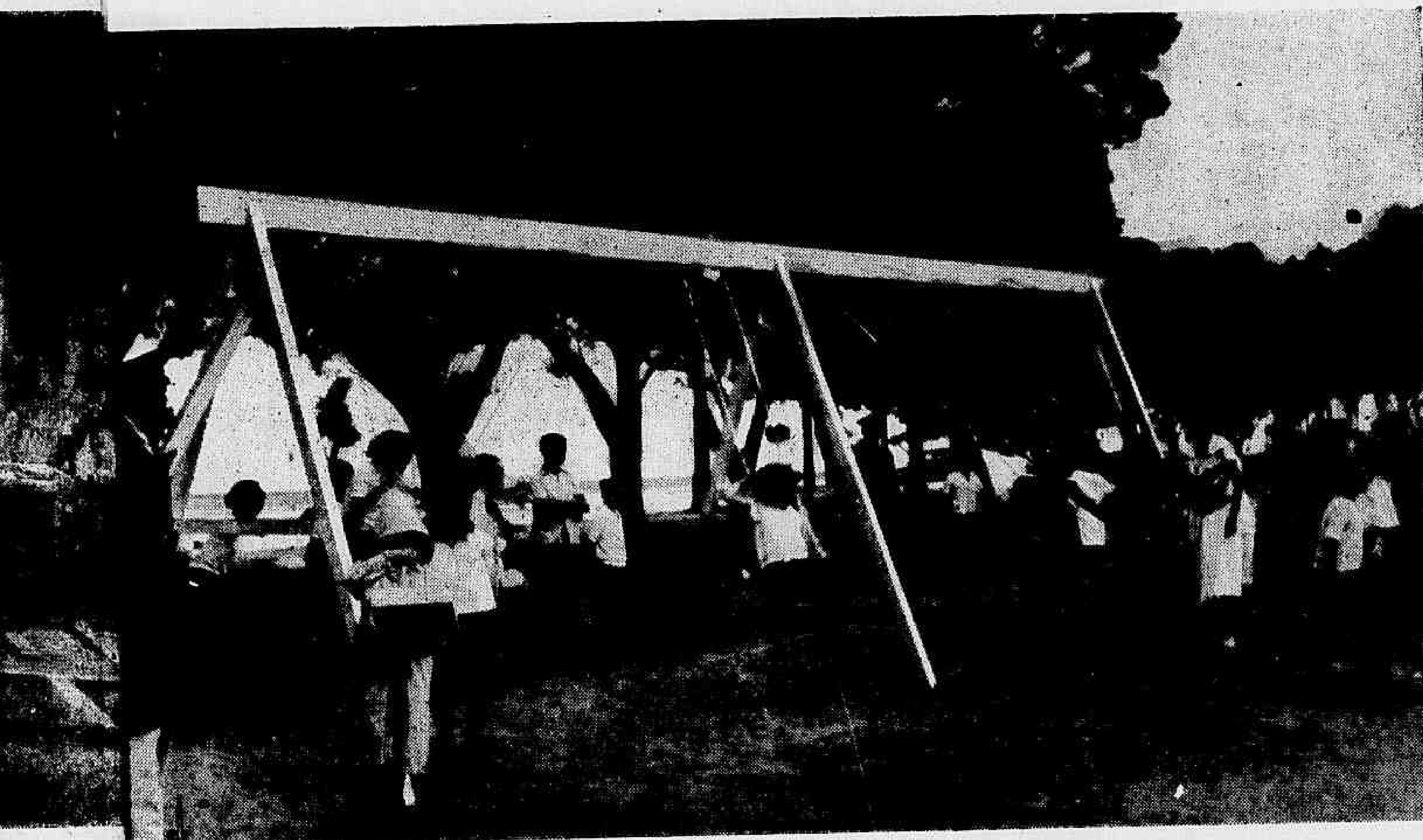


Vista parcial das cadeiras cativas do Estádio Municipal, que são em número de 30.000. Por trás das cadeiras cativas, desfrutando de situação privilegiada, estão localizados os camarotes e em cima, as arquibancadas populares





Ao lado: aspecto de uma das escolas rurais, que geralmente contam com quatro amplas salas de aula, e que fazem parte do plano educacional orientado pelo prefeito. Em baixo: à população infantil carioca, o general Mendes de Morais, tem dedicado sua especial atenção. Ei-la, aqui, a divertir-se alegremente no Parque Infantil da Praia do Russel, um dentre os inúmeros parques já construídos



dentário, câmara de refrigeração para conservação de lacticínios, um açougue com frigorífico, uma escola primária e um ginásio para exercício físico e uma grande piscina.

Tanto no Largo do Machado como na Praça Tiradentes foram introduzidos melhoramentos. No primeiro, no lugar onde antigamente estava a estátua equestre do Duque de Caxias, agora é um lago com uma linda fonte luminosa, e na segunda foi feita a pavimentação e embelezamento. E, além dessas inaugurações várias outras foram realizadas, como a da nova sede do 6º Distrito Sanitário, apetrechado modernamente e que fica localizado na Av. do Exército, melhoramentos do Jardim Zoológico, Parque das Florestas, Parque dos Camelos, Pôsto de Puericultura n. 4 e Lactários situado à rua Marquês de São Vicente, Centro de Recreação e Cultura da Praça Cardeal Arcoverde, a duplicação da Avenida Brasil no trecho entre o rio Fari e a Av. New York, além de inúmeras pavimentações a concreto de ruas e avenidas, como também de iluminação elétrica de várias estradas.

Outra obra de grande importância é a do Hospital "Manuel Villaboim", na Ilha de Paquetá, que, pràticamente concluído, será inaugurado em data próxima. Suas instalações moderníssimas, contam com serviço de Pronto Socorro e enfermarias para clínica médica com 17 leitos cada uma, Ambulatório de Clínica Geral e Cirurgia Obstétrica-Oto-Rino-Pediatria e Odontologia. Ainda funcionará no mesmo prédio o Centro de Saúde do Departamento de Higiene. Cumpre notar que é o Hospital "Manuel Vilaboim" o primeiro a ser construído naquela ilha da Guanabara.

Visão do que será o Estádio Municipal, quando concluídas as obras, dispondo, além da parte destinada ao futebol, de quadras de basquete, vôlei, tênis, piscinas, ginásio, concha acústica para canto orfeônico, etc.. Por enquanto, com apenas dois anos de construção, está pronta apenas a parte destinada ao futebol, a maior do mundo, para 150.000 espectadores



INAUGURADAS AS NOVAS INSTALAÇÕES DO MARAVILHOSO

PARQUE SHANGAI

na

QUINTA DA BÔA VISTA



"O TREM FANTASMA" — As pequeninas passageiras preparam-se para a viagem das mil surprêsas



Como tôda e qualquer criança, o pequenino maestro italiano Ferruccio Burco, que veio recentemente de encerrar sua brilhante temporada entre nós como regente da Orquestra Sinfônica Brasileira, não dispensa também seus momentos de folguedos, quando chegada a hora. Ei-lo preparando-se para uma voltazinha nas «Cadeiras-Voadoras» do Parque Shangai, centro de diversões freqüentado pelas pessoas da melhor sociedade



Pela expressão da garotinha no colo da mamãe, parece mesmo que êsse "CHICOTE é MALUCO"



O "AUTO-PISTA" — A pequerrucha parece bem disposta a demonstrar também sua perícia ao volante



O "LINGD-LOOPING" é um verdadeiro deleite para as crianças e também para as mamães



A "MONTANHA RUSSA", com 1.128 metros é a segunda do mundo em extensão. Ela é, para tôdas as idades, excelente diversão



Como não poderia deixar de ser, lá também está armada a imponente e popularíssima «Roda Gigante»



Tanto para moços como para velhos o "BICHO DA SEDA" é uma atração, principalmente para os noivos e namorados

★

Nesta página estampamos expressivos aspectos fotográficos colhidos no dia da inauguração

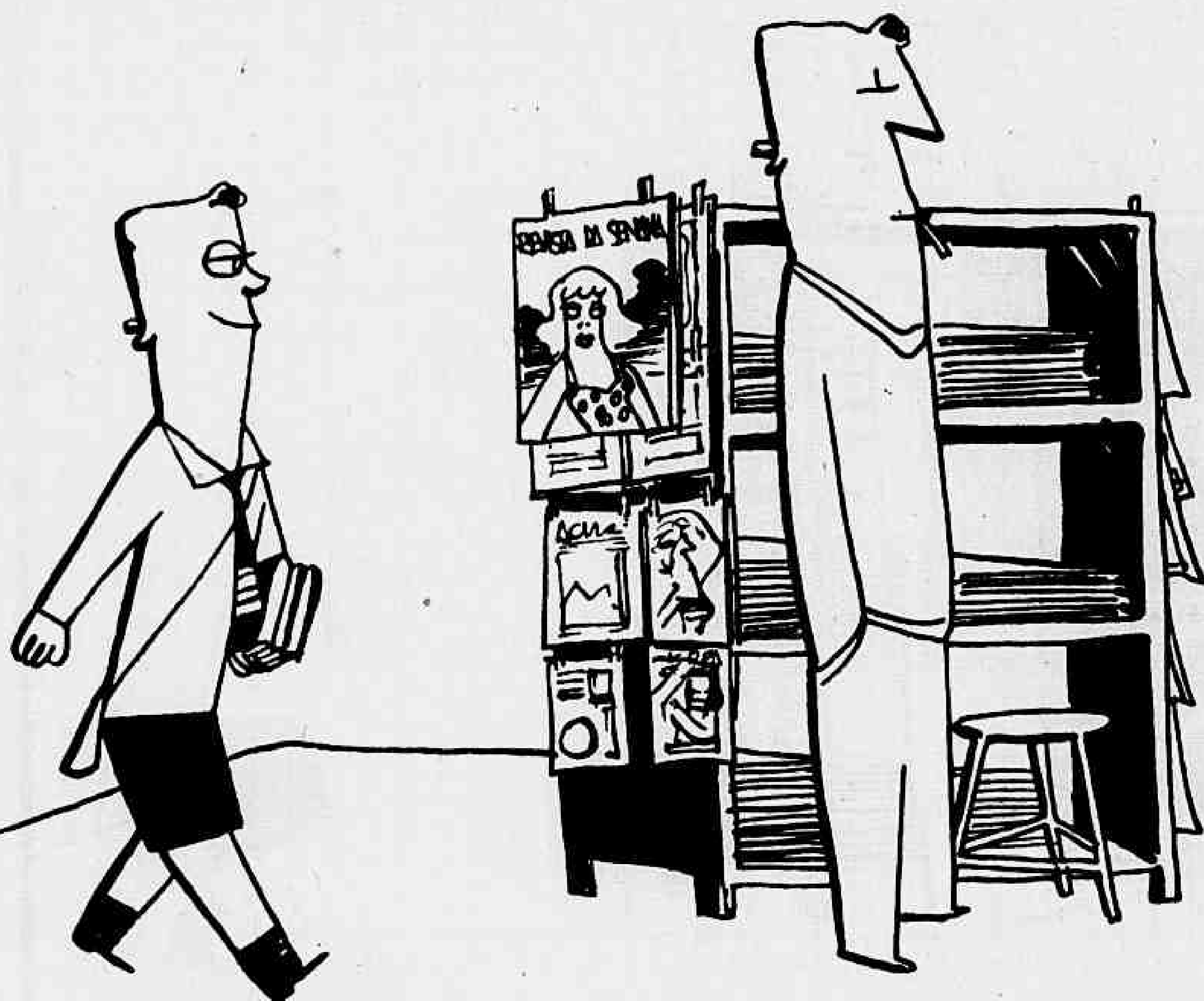
JUNTO AO JARDIM ZOOLÓGICO ★ ENTRADA FRANCA

ILMA. SRA

REVISTA DA SEMANA

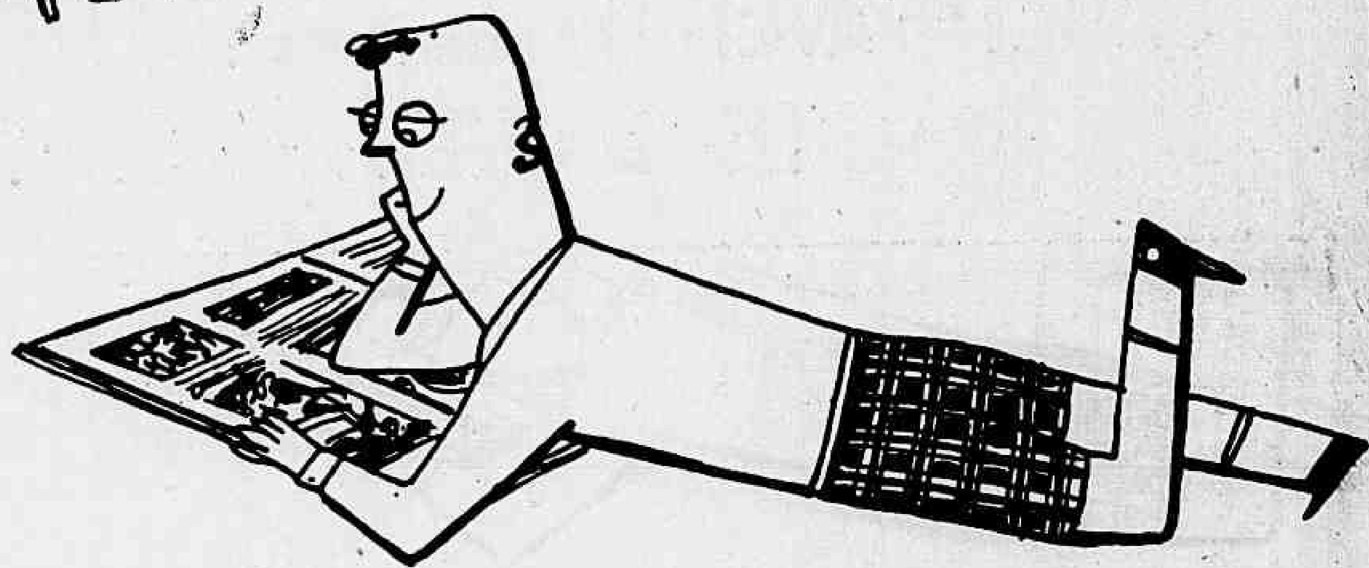
ASSIM DE REPENTE, CREIO QUE
POSSA LHE PARECER UM POUCO ATREVIDO,
POIS LHE ENVIO UM GRANDE ABRAÇO,
MAS UM GRANDE E FORTE ABRAÇO
PELA PASSAGEM DO SEU
50º ANIVERSARIO.
MAS, SOMOS VELHOS AMIGOS...
FAZ MUITO TEMPO, A SRA. DEVIA TER
ENTÃO UNS 23 ANOS, QUANDO VIM AO
MUNDO. LEMBRA-SE DE QUE EU A OLHAVA
MUITO, OLHAVA COMO UM HOMEM
OLHA UMA MULHER, ISTO E',
SEM A COMPRENDER?





DEPOIS, POR DIVERSAS VEZES
TRILHAMOS CAMINHOS DIFEREN-
TES, 1 MÊS, DOIS, SEM NOS
VERMOS...
MAS UM DIA MENOS OUTRO
LA' NOS ENCONTRAVAMOS
POR ACASO
NA ESQUINA...

... E COMO AS HORAS
PASSAVAM
NUM
MINUTO...



E ASSIM FOI,
O TEMPO FOI CORRENDO...

AGORA A SRA. E' UMA DE MINHAS
PATRÕAS; UM DOS QUE TRABALHA
EM SUA CASA AH, VEJO QUE SABE QUEM EU SOU...
POIS BEM, EM HONRA A UMA VELHA AMISADE
ACEITE OS MAIS SINCEROS VOTOS DE CONSTANTE EXITO
NA IMPRENSA E MUITA, MUITA FELICIDADE.
APROVEITO O ENSEJO PARA LEMBRAR-LHE
AQUELE AUMENTO QUE ME FOI PROMETIDO.
SEM MAIS, O

Nicodemus

GEOTÉCNICA LTDA.

ENGENHEIROS CONSULTORES

ESTUDOS E INVESTIGAÇÕES COMPLETAS DO SUB-SOLO PARA PROJETOS DE FUNDAÇÕES DE EDIFÍCIOS, PONTES, BARRAGENS E OBRAS DE TERRA

SONDAGENS DE RECONHECIMENTO
EXTRAÇÃO DE AMOSTRAS INDEFORMADAS
SONDAGENS DE ROCHA COM BROCAS DE DIAMANTE
PROVAS DE CARGA
ENSAIOS E ANÁLISES DE SOLOS E ROCHAS
ABAIXAMENTO DO LENÇOL D'ÁGUA
REFÔRÇO DE FUNDAÇÕES
FISCALIZAÇÃO DE FUNDAÇÕES E DE OBRAS DE TERRA

RIO DE JANEIRO
Rua Santa Luzia, 799 — Grupo 1402
Tels. — 22-2882 — 32-9414

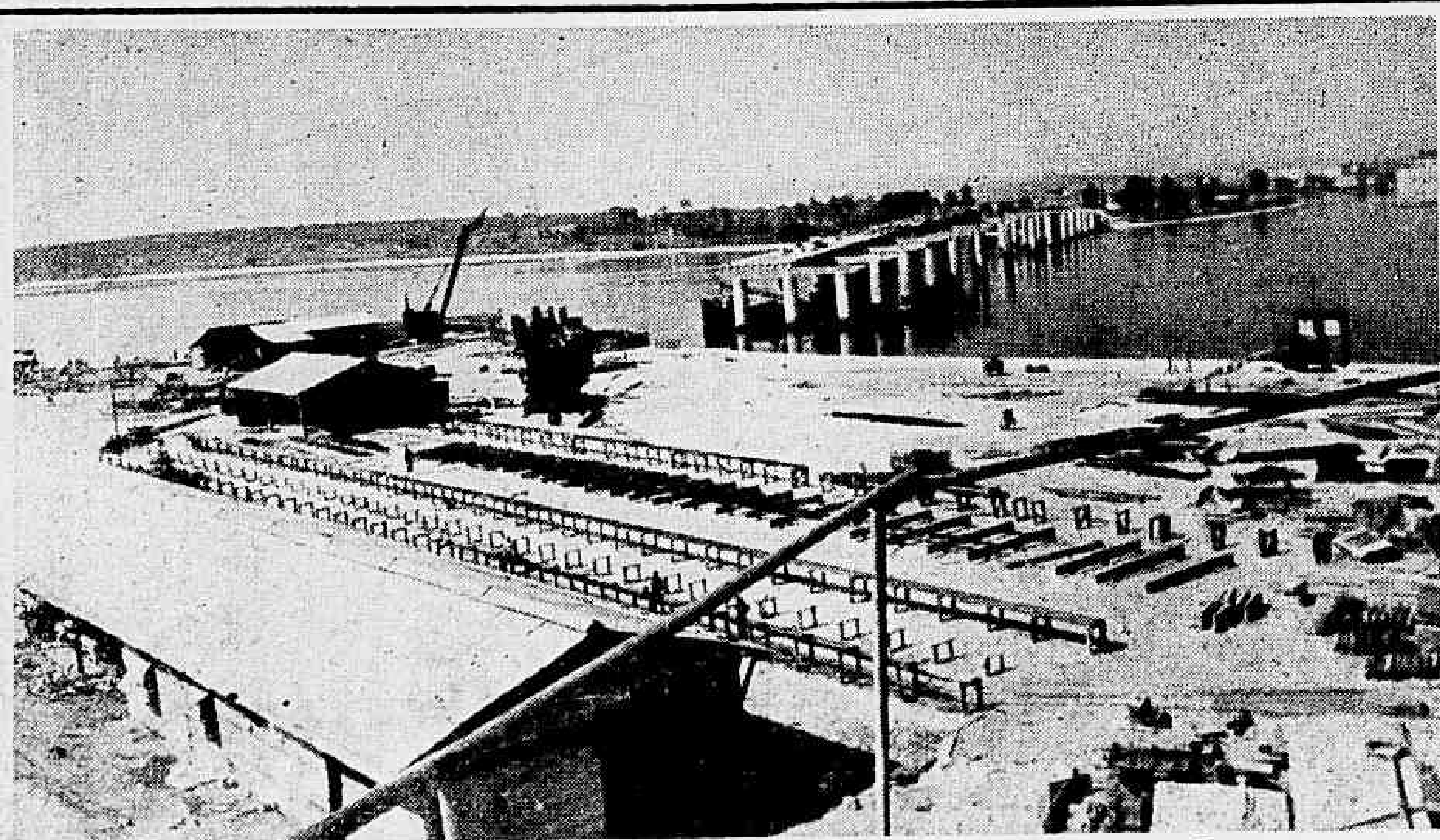
SÃO PAULO
Rua Líbero Badaró, 158 — Sala 1801/4
Tel. — 6-2186

ENDERÊÇO TELEGRÁFICO: "SONDAGEM"

COMPANHIA NACIONAL DE CONSTRUÇÕES CIVIS E HIDRAULICAS

CIVILHIDRO

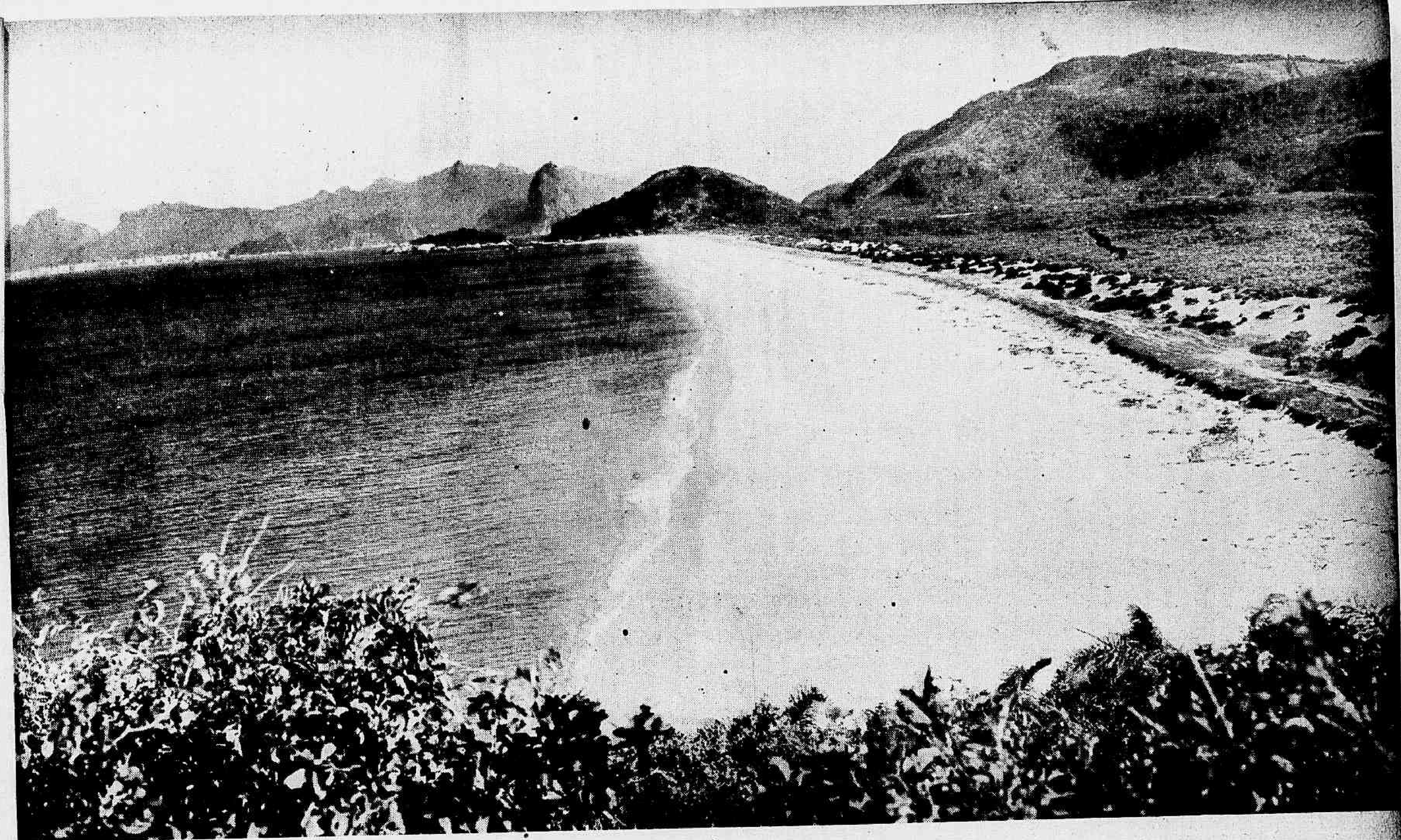
SÉDE: — AVENIDA MARECHAL CAMARA, 350 — 3° ANDAR
TELEFONES: — 32-7172 — 22-9598



PONTE DO GALEÃO DURANTE A CONSTRUÇÃO

ESPECIALIDADES:—

ATERRO
DRAGAGEM
OBRAS MARITIMAS
CONCRETO PROTENDIDO
FUNDAÇÕES PNEUMATICAS
CONSTRUÇÃO E REPARAÇÃO NAVAL



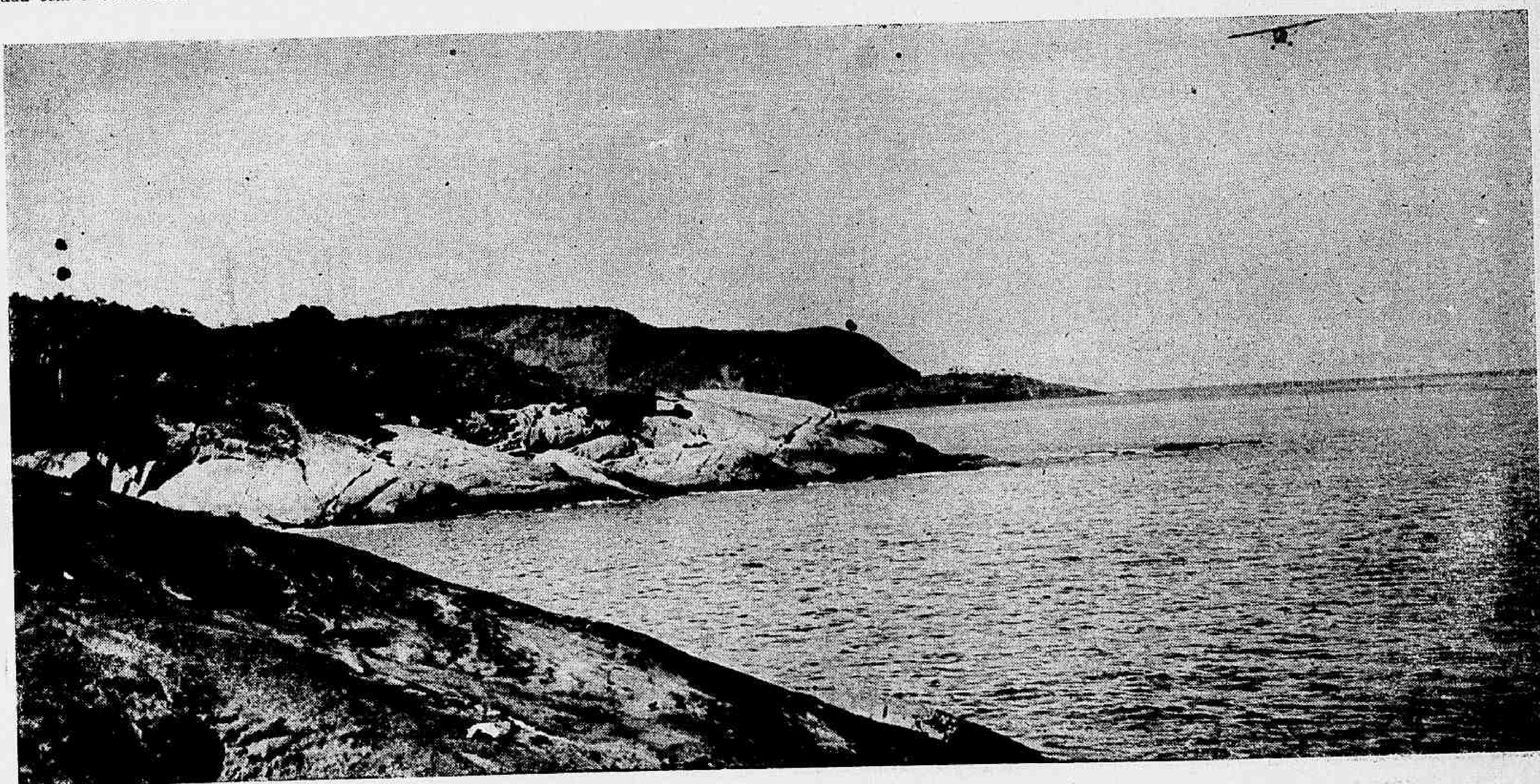
A PRAIA DE PIRATININGA é de uma semelhança a tôda prova com Copacabana, que daí podemos avistá-la, como ao Pão de Açúcar e, futuramente, também, quantas sereias...

A COPACABANA QUE SURGE EM NITEROI

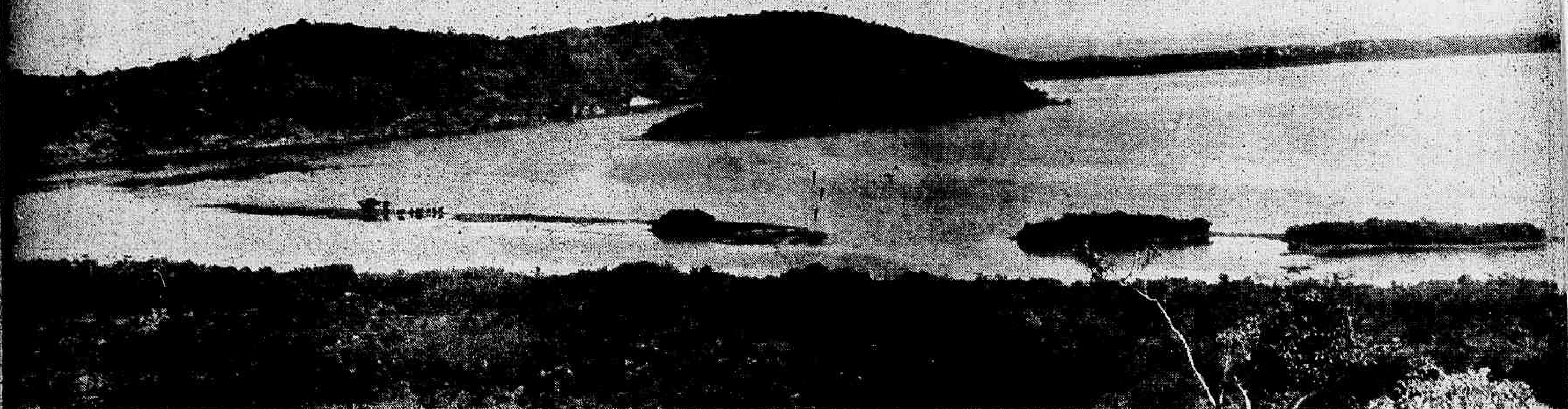
O BAIRRO DE PIRATININGA, COM EXTENSÃO APROXIMADA ÀS DE COPACABANA, IPANEMA E JARDIM BOTÂNICO REUNIDAS, ESTÁ AÍ PARA RESOLVER O PROBLEMA DE ESPAÇO QUE AFLIGE AS POPULAÇÕES DO RIO E DE NITERÓI

Com a assustadora expansão da Cidade Maravilhosa, os inúmeros arranha-céus que se vão multiplicando, a vida do centro agitada com o borborinho dessa enorme massa humana a se movimentar, começaram as buscas aos terrenos dos arredores, onde se possa construir uma vivenda num local aprazível, arejado e que nos traga o descanso de que tanto nosso organismo necessita.

Não há nada melhor mesmo que ter-se a certeza que após os dias de estafante trabalho, um repouso agradável, reconfortante, longe do bulício das ruas movimentadas, nos espera na nossa própria casa. E por êsse motivo é que vão surgindo os no-



O céu azul, e verde claro das águas e fundo montanhoso, um cenário de eterna beleza. A costa alta, logo depois da praia, com essas pedras à beira dágua, são um convite à pesca.



Esta é a lagoa de Piratininga. Depois da faixa de terra que vemos ao fundo, está a praia. Sua superfície é maior do que a da Lagoa Rodrigo de Freitas. A Companhia Geral de Em-

vos bairros, agradáveis, poéticos, de aspectos aprazíveis.

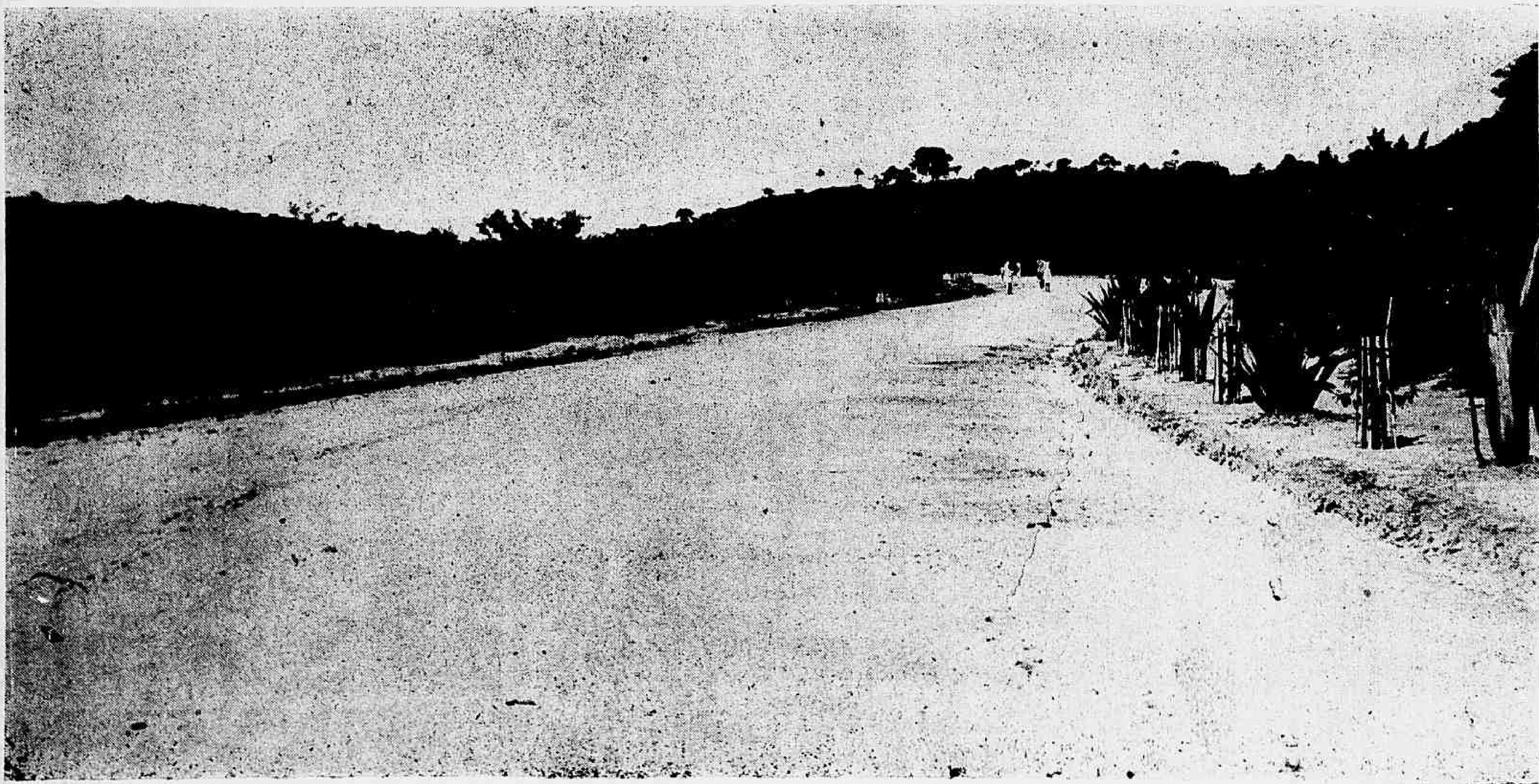
No cenário desta terra maravilhosa assim ergueram-se Copacabana, Ipanema, Leblon e tantos outros bairros praianos, que são verdadeiro orgulho de nossa metrópole, e que há poucos anos, mesmo há coisa de 20 anos, não passavam de terrenos baldios que acenavam promissores para o futuro.

A realidade, porém, aí está. Copacabana e suas vizinhas se agigantaram. População densíssima tomou-lhes conta, e hoje para se adquirir por lá um lugarzinho, é preciso, além de fortuna, dispender um tremendo esfôrço para se tornar um dos pretendentes. E quantos há hoje em dia que se arrependem do momento em que desistiram naqueles tempos de adquirir seu terrenozinho em Copacabana, duvidando muito do futuro daqueles terrenos areiosos.

Entretanto, que essas pessoas e muitas outras, ávidas por um lugar assim como Copacabana para construir sua morada, não desanimem. Há ainda Piratininga! Aquela praia hoje ainda deserta, entre Niterói e Itaipu.

Sim, não resta a menor dúvida que será Piratininga uma nova Copacabana. E, coincidência interessante, além de situada em frente dela, podendo perfeitamente de lá divisar-se-lhe a orla e o fundo de edifícios e morros, além do Corcovado e Pão de Açúcar, o seu aspecto topográfico e o seu clima são idênticos aos da praia maravilhosa.

Fica, Piratininga situada na fazenda do mesmo nome, cuja extensão corresponde às de Copacabana, Ipanema e Jardim Botânico reunidas. E' uma imensidão acenando para o futuro, pois, além da paisagem tão bela que já descrevemos, do clima e da



A estrada principal, larga e plana, construída dentro de todos os princípios de rodovias modernas, a qual, partindo da que liga a Niterói, e cortando a fazenda, vai ter à praia.



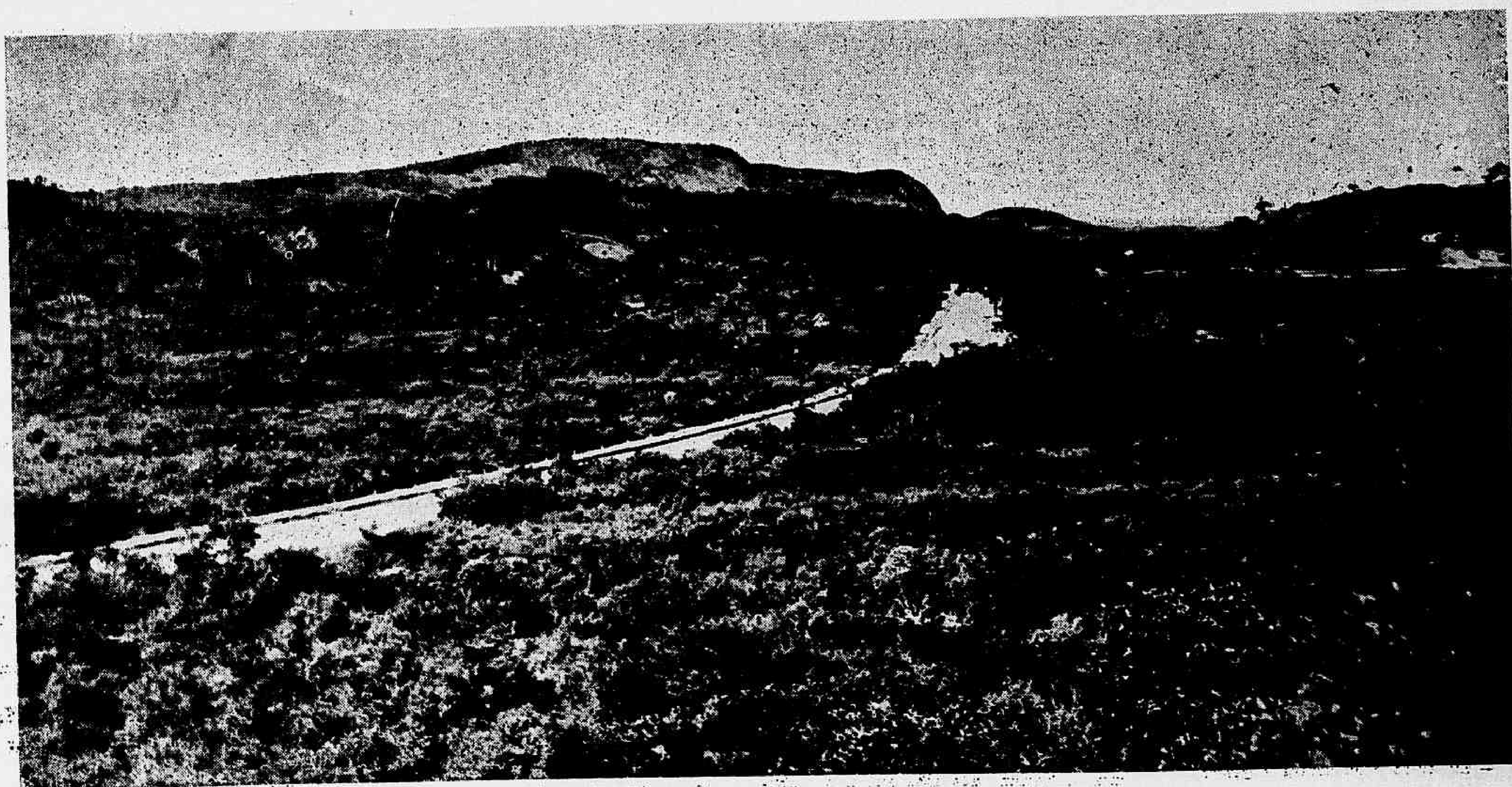
preendimentos já iniciou as obras de retificação das margens, prometendo torná-la, mais tarde, um recanto agradável, de atração turística, tal como é hoje sua semelhante da Gávea.

fertilidade da terra, a distância até as barcas, em Niterói, pode ser coberta, sem excessos de velocidade, e, portanto, sem atropelos, em 20 minutos, por uma rodovia bem conservada, num percurso de 12 quilômetros. Atualmente, duas emprêsas de ônibus passam por essa estrada, uma delas ligando diretamente a praia de Piratininga às Barcas, com uma freqüência de 8 viagens em dia de semana e 20 aos domingos.

A Cia. Geral de Empreendimentos, com escritórios na Avenida Rio Branco 311, 6.º andar, e que está encarregada pelos proprietários da fazenda para a urbanização daquelas terras, projeta torná-las num bairro digno das necessidades das populações aglomeradas inconfortàvelmente aqui pelo Rio de Janeiro, onde a carência de espaço é um dos problemas insolúveis. Quem der um saltinho até lá já pode ver construídas modernissimas estradas, cortando o terreno, largas avenidas abertas, além dos trabalhos de retificação da lagoa.

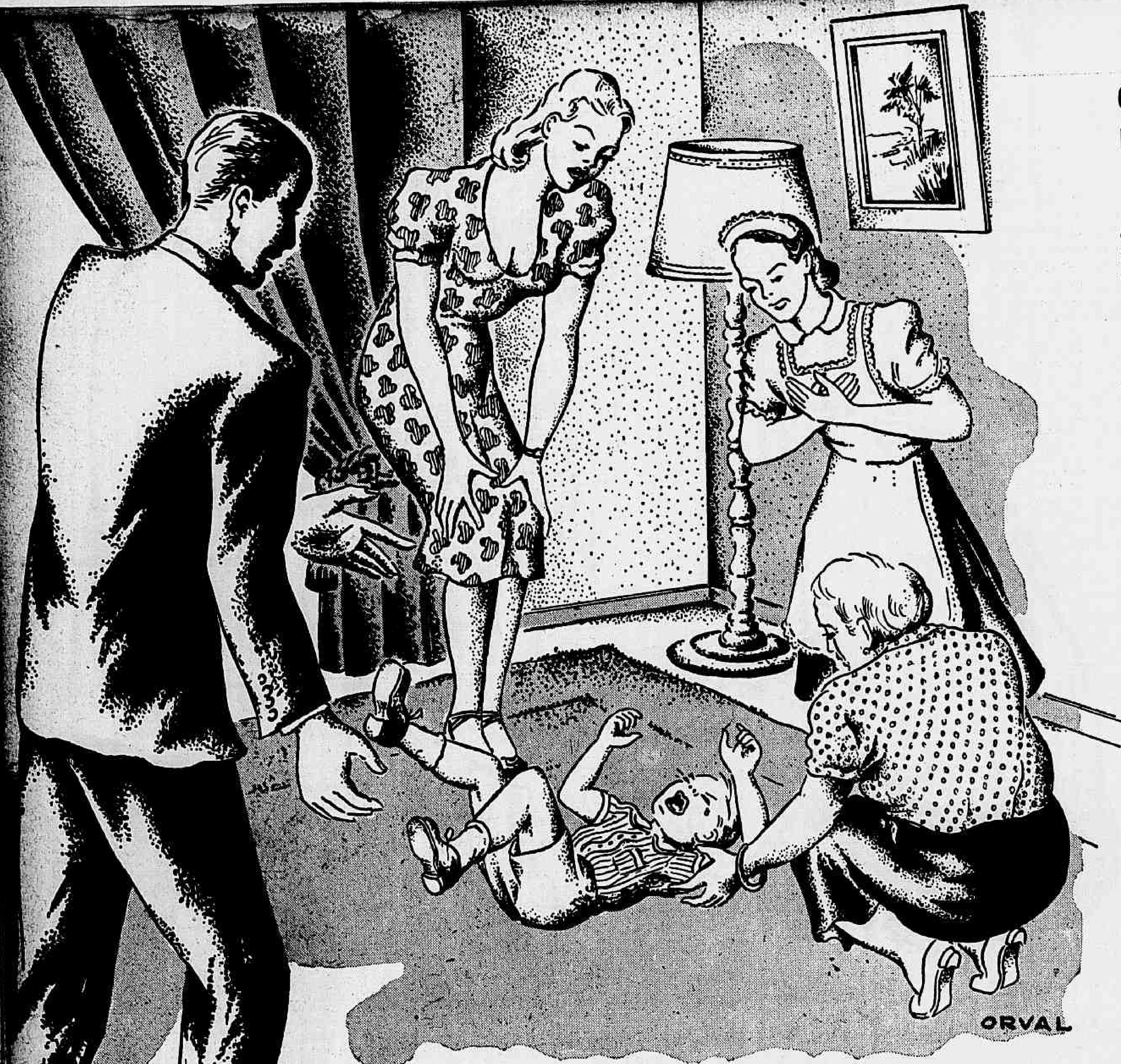
Essa lagoa, tão vasta quanto a Rodrigo de Freitas, na Gávea, está localizada paralelamente à praia, sendo que a faixa de terreno que as separam mede em largura, aproximadamente, uns quinhentos metros.

Não resta a menor dúvida de que Piratininga é uma solução para aquêles que não compraram terrenos em Copacabana ou Ipanema antes da tremenda valorização, e que, quando o bairro estiver construído, a entrada da nossa bela Guanabara ficará com uma das mais belas ornamentações. Copacabana de um lado, Piratininga do outro.



Vista aérea da estrada principal que corta Piratininga; em cujo terreno, fertilíssimo, encontra-se inúmeras árvores frutíferas, como bananeiras, laranjeiras, cajueiros, milharais, etc.

Conto de GITA DE BARROS
ILUSTRAÇÃO DE ORVAL



O BENTINHO

POR falar em crianças, vou lhe contar o que sucedeu sábado passado em casa dos Motas.

Costumam êles, nesse dia, reunir alguns amigos, para matar o tempo com o divertimento preferido por todos: o jôgo de cartas.

Nesta última vez, a mesa compunha-se do casal, de D. Etelvina, do Mendes e consorte, do Oscar, irmão de Mme. Mota e de mim.

Estávamos já entretidos, cada qual com seu jôgo, procurando defender seu dinheirinho, apesar das paradas serem de pouca monta, pois jogávamos por entretenimento, sem espírito de lucro, quando, inesperadamente, o silêncio que se fizera, foi quebrado por grandes gritos do Bentinho, garoto de 6 anos, filho do casal, que irrompeu pela sala, aos berros:

— Mamãe, quero bôlo! Quero bôlo

Mme. Mota atarantou-se. Não sabia o que fazer: se atendia o filho, se continuava o jôgo.

Nao havendo outra alternativa, parou de jogar. Pediu-nos licença e atendeu o menino.

— Cale a bôca, Bentinho. Que bobagem é essa! Fique quietinho senão eu o ponho de castigo.

O garoto nada de parar.

— Eu quero bôlo!

— Mas, Bentinho, hoje não há bôlo! Só amanhã a Maria vai fazê-lo.

— Eu quero bôlo, urrava o garoto.

— Olhe, Bentinho, continuou a mãe, paciente, vou lhe dar um cruzeiro para você comprar balas, mas seja bonzinho e pare de chorar, sim?

— Quero bôlo!

— Meu filho, se você não parar, amanhã não terá bôlo nenhum.

— Quero bôlo!

— Você quer ir passear com a Maria?

— Não. Quero bôlo!

Nisso, da nossa mesa, a voz grossa do pai interferiu:

— Pare com essa choradeira, Bentinho. Você é homem ou mulher?

E nós, os parceiros, de cartas na mão, aguardávamos ansiosos, que Bentinho desistisse do bôlo, permitindo que sua mãe voltasse ao jôgo interrompido.

Vendo que as súplicas, as promessas, as ameaças da mãe, de nada valiam, o Mota, farto da teimosia do filho, perdeu a paciência e, com passos firmes, dirigiu-se à outra sala, deparando com êste encantador quadro: o Bentinho estatelado no chão, aos berros; a avó, de cócoras, oferecia-lhe bombons; Mme. Mota, com o olhar desesperado; e Maria, a empregada, falando mansinho que deixasse de choros, que era feio, etc.

Assim que o pirralho viu o Mota, cessou de chorar. Contudo, foi só um instante para tomar fôlego e berrar novamente:

— Quero bôlo! Quero bôlo!

— Bentinho, disse o Mota, quem está falando agora é seu pai. Vamos, de homem a homem: não acha que isso é abuso? Que tolice é essa?

— Quero bôlo!

— Cale a bôca de uma vez, seu pamonha. Você é a vergonha da casa!

As duas mulheres, mãe e avó, levantaram-se indignadas, com as palavras do Mota.

— Que absurdo! Essas coisas não se dizem às crianças.

— O meu genro, como homem educado que supõe ser, deveria se impôr ao filho e não, humilhá-lo.

O Mota, esgotado, respondeu, rispido:

— Minha sogra: é conveniente calar sua bôca. Eu não respondo por mim se êsse garoto não cessar de berrar.

— Êsse garoto! Está vendo, mamãe?! Fala como se o filho não fôsse dêle, comentou Mme. Mota.

— Eu bem bizia, minha filha, que seu marido é um bruto!

O Mota estava para estourar.

— Quem avisa, amigo é! Ou a senhora sai daqui já, ou eu lhe parto esta cadeira na cabeça!

A discussão ia crescendo. Mme. Mota, finalmente, resolveu mandar fazer um bôlo, porém, o Mota não permitiu:

— A senhora não vai mandar fazer bôlo! Isso é manha e eu não admito que me desautorem.

O Bentinho continuava:

— Quero bôlo! Quero...

Nós, admirados, olhávamos aquela maravilha que paralisara o jôgo e, há mais de duas horas, guinchava:

— Quero bôlo!

Em certo momento, quando D. Etelvina contou que o mesmo sucedera a uma sua irmã, com a diferença do objeto, motivo do desejo, ser morangos e não bôlo, nós todos olhamo-la como se fôsse a nossa tábua de salvação, perguntando, a «una voce»: que houve?

— Nada. Sete meses depois a criança veio à luz com um morango na testa.

O menino, cansado, já não berrava: lamuriava, apenas:

— Quero bôlo... quero...

Faltava-lhe fôrça.

Nós, os infelizes parceiros, odiamos aquela criança que estragara uma boa partida. Os pais, calados, olhavam, espantados aquêle fenômeno que pedia bôlo.

Nisso o Oscar, tio do menino, inspirado, indagou:

— Você quer mesmo bôlo?

— Quero!

Oscar saiu, voltando com uma régua.

— Estenda a mão.

O menino, com espanto nosso, espontâneamente, estendeu-a, parando de chorar.

O Oscar aplicou-lhe meia dúzia de fortes bolos, perguntando:

— Chega?

— Sim, titio. Obrigado!

Nós, que esperávamos o recrudescimento do chôro, não sabíamos o que pensar, pois o menino, após apanhar, ficara sorridente, satisfeito...

Era espantoso!

Os que presenciaram a cena, olharam-se, boquiabertos, em busca de uma explicação.

Eu, intimamente, rememorei as atitudes, os gestos, ora calmos, ora bruscos do Mota, chegando à conclusão de que o «masoquismo» paterno fôra intensamente herdado pelo Bentinho.

D. Etelvina, por sua vez, comentou com o Mendes:

— Não costumo falar dos outros. Mas dizem que a avó do garoto foi «terrível» em sua mocidade. O menino tem a quem puxar.

Os pais, encabuladíssimos, perderam a fala.

Eu, querendo tornar a situação menos embaraçosa, saí-me com esta:

Enfim, podia ser pior. Suponhamos que êle gostasse de bater...

O Mendes retrucou-me que, se assim fôsse, não tornaria o caso normal. Que, se o filho fôsse dêle, consultaria um especialista em moléstias mentais.

Nesse momento, entrou o Bentinho, sorridente. Olhamo-lo como se olha um ser estranho.

Mme. Mota, solícita, acarinhando o filho, perguntou-lhe:

— Sente-se bem? Não está com dor de cabeça?

— Não tenho nada, mamãe. Eu queria que você ligasse o telefone para o Nico. Eu quero falar com êle.

Mme. Mota discou, tendo atendido a chamada, parece-me, a mãe do tal Nico.

— D. Emília, como está a senhora?

— Bem.

— Telefonei a pedido do Bentinho. Êle quer falar com o Nico.

Passando telefone ao menino, ouvimos algo de estarrecer:

— Olhe Nico, eu também apanhei bôlo e não chorei, ouviu? Pode perguntar à mamãe!

Os pais suspiraram, aliviados!

Afinal, Bentinho era, apenas, uma criança valente!

BILHETE A MARIA LUIZA

É uma consulta perigosa a que você me faz em sua carta e de boa vontade eu preferia silenciar, negando-lhe resposta. Mas você não merece essa desconsideração — que afinal não seria desconsideração e apenas covardia de minha parte. E' perigosa a sua consulta, porque não quero assumir a responsabilidade da deliberação que você tomar. E o destino da mulher só à mulher pertence traçá-lo, a ela mesma, sem a interferência de outra.

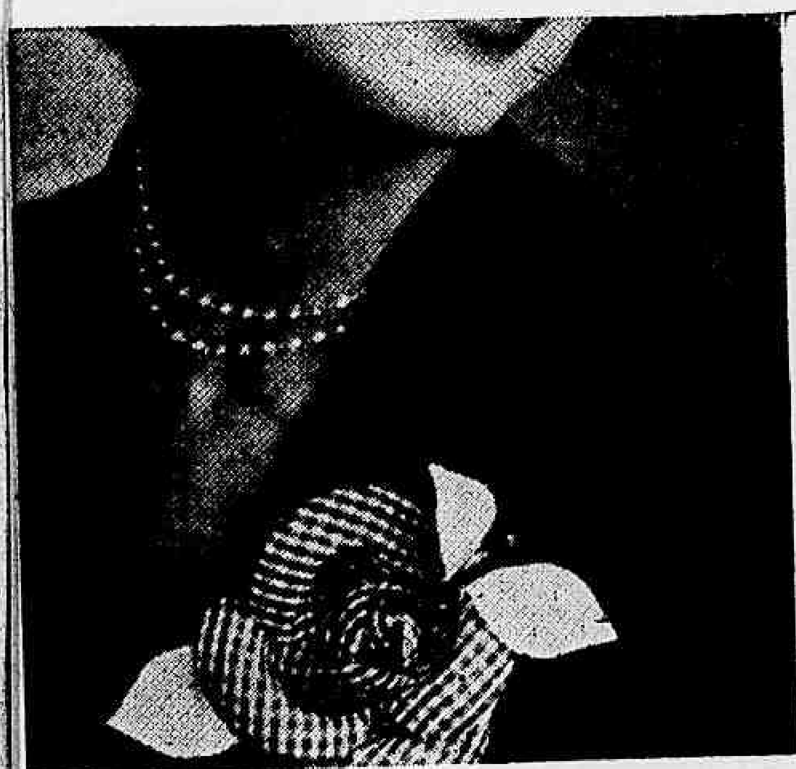
Diz você: «Sinto que a minha vocação está no teatro. Desejaria ser uma atriz, e desde os tempos de colégio — lembra-se, querida? — nas festas de encerramento das aulas, essa vocação ia se revelando. Mas não encontro amparo de meus pais, e na minha família, convenções dessa natureza ainda são muito respeitadas. Que devo fazer? Enfrentar a contra-vontade de mamãe e papai ou curvar-me a ela? Sou maior, poderei agir como bem entender, mas o dilema está diante de mim traçado e inapelável: Meus pais ou a minha vocação?»

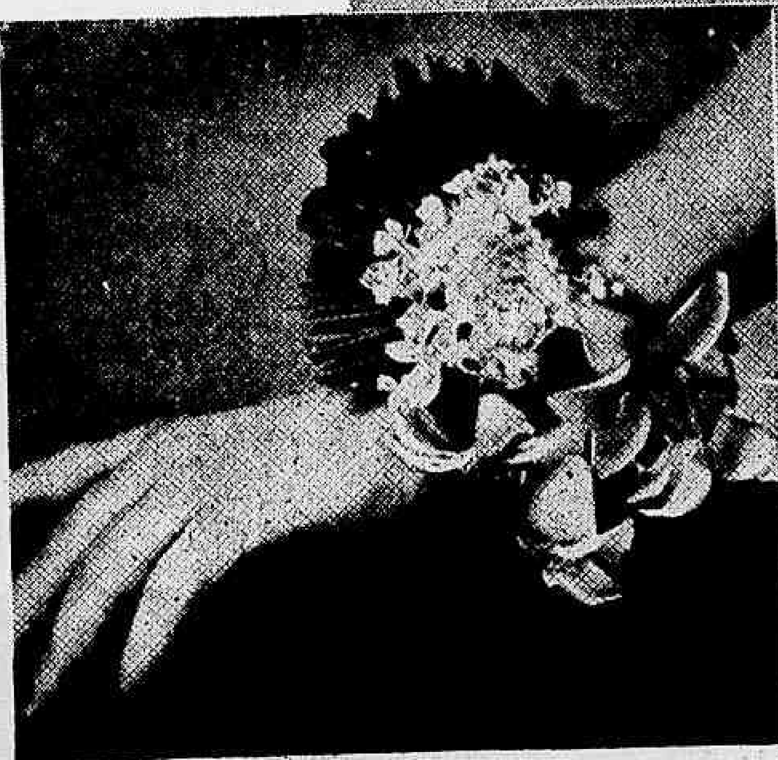
Veja você: e sou eu que devo aconselhar. E' a mim que você recorre em última análise. Mas está mesmo disposta a seguir o meu conselho? Se lhe disser que siga a vocação, porque algum dia, como sempre acontece, seus pais compreenderão melhor as coisas e a aceitarão — atriz — não me arrependerei mais tarde? Encontrará no teatro essa cabecinha adorada a realização dos sonhos de felicidade e o ideal que tanto ambicionou? Bom seria se isso acontecesse. Mas convenhamos que o destino fôsse ingrato com você. Que julgamento faria da sua amiga e conselheira? Por outro lado, se aconselhar você a renúncia ao seu ideal e a submissão à vontade daqueles que só podem desejar o seu bem — antes de tudo, você me atenderá? E se atender, não poderá tambem, algum dia, responsabilizar-me porque jamais se realizou nesta vida e ficou sendo apenas uma mulher vencida pelas convenções de família?

Melhor será, portanto, deixar tudo como está. Sem iniciativa precipitada de sua parte. O que tem de acontecer, acontece mesmo. E o destino da mulher cumpre-se, mau ou bom, ainda quando não o desejamos tal como se apresenta. Algum dia aplaudirei em você a atriz laureada que tanto ambiciona ser — ou terei de admirar a filha obediente, e quem sabe se também a espôsa amorosa — e a mamãezinha adorada!

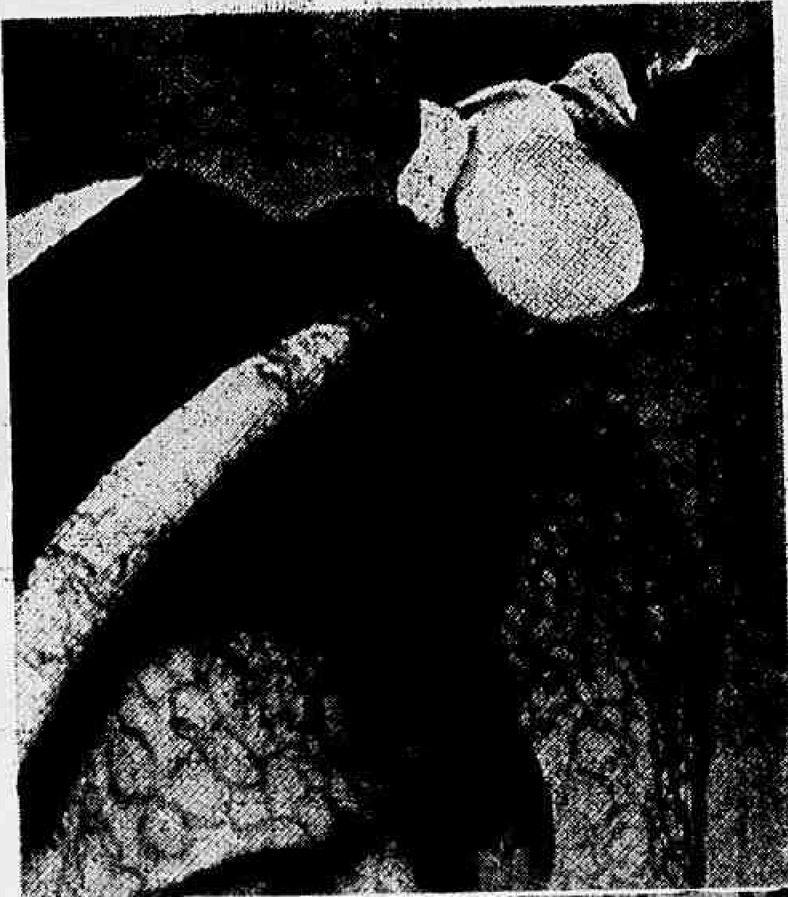
De qualquer forma, você terá representado um papel. Se a vida é um teatro, todos nós participamos dêste espetáculo contínuo que é a nossa própria existência. Espere, querida. E não desespere... — **DIVA.**











FLORES

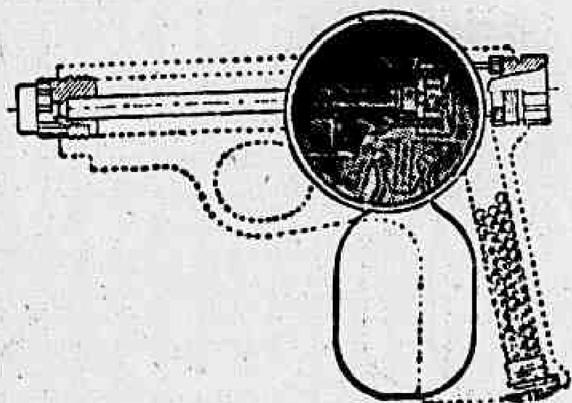
COMPLEMENTO DE ELEGÂNCIA

CADA ano varia completamente a moda e as flores acompanham as suas transições. Executadas em matérias diversas, copiando com perfeição a natureza, são empregadas para os mais variados efeitos. Marcel Rochas coloca na frente de um vestido de "mousseline", uma grinalda de flores que vai desde os quadris até ao ombro esquerdo. Geneviève Bernard adorna a aba dêste pequeno chapéu de feltro com uma rosa, que colocada na ponta de um alfinete, pode variar de posição. Simone Cange confeccionou esta camélia em tecido quadriculado verde e branco, destinada à lapela dos costumes pretos. Rose Valois propõe à elegância feminina êste lindo bracelete de narcisos e violetas. Jacques Fath é o criador dêste ramo de margaridas para ser usado na cintura de um casaco de costume.

Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAISES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

★

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15,00



Não seja do "Contra"! Faça o regime E N O — "Sal de Fructa" E N O, laxante e anti-ácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de tôda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

A beleza dos seus móveis consiste ùnicamente em tratá-los constantemente com óleo de peroba.

O MILAGRE DO AMOR

(Continuação da pág. 24)

Com efeito, não se passara duas horas e Daise já fizera conhecimentos utilíssimos para os seus fins. Êsse fato se repetia em todos os "night-clubs" da cidade.

Finalmente, chegou a esperada quinta-feira. Mr. Tracy, o milionário solteirão não se lembrava de ter passado uma tarde mais agradável do que aquela. Daise foi uma anfitriã maravilhosa. O chá estava esplêndido, mas o que se seguiu ultrapassou qualquer expectativa: Daise sentou-se ao piano e cantou só para Tracy. Sua voz suave e profunda, era inexcedìvelmente agradável. O milionário teria dado tôda sua fortuna (e a estava dando) pela possibilidade de ficar indefinidamente naquela situação. Daise chegou a permitir que êle a beijasse. Mais ainda, retribuiu êsses beijos com um ardor inesperado, como só ela sabia empregar. Quando Tracy deixou o solar, levava a promessa de Daise de pensar em seu pedido de casamento.

Mas em casa, uma terrível surprêsa aguardava o milionário. Uma limpeza em regra fôra feita em seu apartamento. Seu cofre estava aberto, inteiramente "limpo". Seus criados foram interrogados mas confessaram onde se encontravam na ausência de Mr. Tracy. A polícia foi notificada e as diligências feitas de nada adiantaram. Daise enviou uma carta a Mr. Tracy, na qual expressava seu pesar pelo ocorrido e convidava-o a almoçar com ela.

Aquêle gesto de solidariedade mais cativou o milionário, que se mostrou agradecido por êsse interêsse em hora de amarga decepção. Como a jovem parecesse ficar preocupada com o fato, Tracy assegurou-lhe não ter perdido tôda sua fortuna, pois possuía ainda, consideráveis depósitos nos Bancos da cidade, não sendo, portanto, total o seu prejuízo. Daise, num gesto que pareceu ao milionário de extrema delicadeza, colocou a própria fortuna a sua disposição. Tracy agradeceu penhorado.

Os dias foram passando e Daise hàbilmente evitava o assunto casamento. A polícia continuava em suas infrutíferas pesquisas, não encontrando, todavia, qualquer pista que lhe indicasse um ponto de partida. Felizmente para Daise, suas relações com a vítima não chegaram a transpirar, ficando ela, livre de quaisquer suspeitas. Como o prosseguimento das investigações tomassem grande parte do tempo de Tracy, suas visitas ao solar tornavam-se mais espaçadas e êsse fato favorecia os projetos de Daise. Ignorando inteiramente qualquer ligação que o milionário pudesse ter com a jovem, Bennett, o magnata do óleo não teve o menor cuidado quando deixou o seu casarão para jantar com Daise, aproveitando a rápida viagem de sua espôsa à casa de campo do casal.

Era infernal aquêle Regis. Conseguiu seduzir justamente a camareira de Mrs. Bennett, convidou-a a ir ao cinema, e, ao voltar, abraçou-a junto à porta, de modo a colocá-la em frente à fechadura. Enquanto seu braço a envolvia e seus lábios esmagavam os da moça, sua mão livre tomava o molde da fechadura sem que ela o percebesse. Tudo fôra muito fácil não restando qualquer dúvida quanto ao êxito dêste novo golpe. Regis esfregava as mãos de contentamento. Acreditava que Daise não encontraria quem o substituísse e isto era um fator a mais, em prol dos seus propósitos. Era seu desejo desposar Daise e tudo faria para consegui-lo. Estava disposto a tudo, inclusive denunciá-la. Regis sonhava com o momento em que sentiria o derretimento integral daquela maravilhosa pedra de gêlo. Seu corpo estremecia só à lembrança de tal momento. Infeliz daquele que se lhe atravessasse no caminho. Mas, voltemos ao Bennett. Devorando gulosamente os acepipes que a empregada lhe vinha colocando à frente, o famoso gastrônomo que tôda Heiknéa conhecia, não imaginava que naquela hora precisa, Regis retirava-lhe do cofre tudo quanto re-

(Continua na pág. 62)

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.

A SAÚDE DO BEBÊ

JARDINS DE INFANC'A

DR. SABOIA RIBEIRO

OS jardins de infância visam principalmente a algumas situações da criança durante a época anterior ao período escolar, quando já se afirmam nela certas qualidades de seu próprio desenvolvimento intelectual, ali exercitados dentro das melhores normas e condições ajustadas à sua idade.

Como se sabe, ultrapassando o 30.º mês e até 6 ou 7 anos, ou seja, durante a 2.ª infância, apuram-se, cada vez mais, as faculdades mentais da criança, sobressaindo, entre todos, dois traços fundamentais — **curiosidade inata**, de um lado, e de outro, **o espírito de imitação.**

Êsses traços da inteligência dela, naturais como são, apenas acompanham a verdadeira sêde de aquisições mentais que lhe é própria. Um adulto, escreve um mestre, não poderá jamais num só dia ouvir tantas coisas desconhecidas, como a criança na época em que começa a perguntar. Na escola, o ensino é distribuído metòdicamente para cada dia, mês e ano; procura-se evitar que a dose didática quotidiana ultrapasse a capacidade assimiladora normal. Nas casas onde ninguém tem tempo de sobra para dedicar às crianças, é claro que raramente encontrarão elas oportunidade de conversar com adultos e, assim, aprender na medida de sua capacidade.

Quando, porém, estão reunidas muitas crianças, entre as quais existem pequenas diferenças de idade, tendem elas a se ocupar umas com as outras, deixando de arguir insistentemente os adultos.

Imagine-se agora a situação de crianças que são filhos únicos, ou o caso de vários filhos com espaçamento de muitos anos. Se, então, dispõem os pais de tempo para entreter-se com êles, acontece, muitas vêzes, que os conhecimentos que lhes ministram nem sempre estão de acôrdo com a idade de cada qual, havendo, consequentemente, às mais das vêzes excesso de conhecimentos.

Nos jardins de infância outros sãos os métodos, outro o próprio ambiente da criança. As tarefas e os brinquedos que se lhes destinam, consultam a idade de cada um ou de grupos de crianças do mesmo nível.

De resto, não existe a preocupação de "encher" o cérebro da criança, como no aprendizado pròpriamente doméstico, ante a sêde de conhecimentos da criança.

Mais interessam ali os folguedos ao ar livre, os cânticos infantis, as danças de roda.

Ocupações também tomam o tempo da criança, maxime com vistas a exercitar-lhe o **poder de observação.**

Em geral, dão à criança peças de madeira a fim de com elas edificar qualquer coisa de acôrdo com um modêlo.

Com isto fica a criança obrigada a observar exatamente o modêlo, tornando-se o brinquedo, assim, um meio educativo recomendável.

Em casa, nada disso é observado, e em geral, o que se vê é a criança cercada de peças para que delas faça o que lhe aprouver, ou cercada de muitos brinquedos ao mesmo tempo ou oferecendo dificuldades acima de sua própria idade.

Outro aspecto da educação da criança, nessa fase, que só nos jardins de infância encontra condições de melhor possibilitação, são os exercícios destinados a desenvolver-lhe o vigor físico. Ora, feitos em casa, os exercícios musculares sôbre ser de realização cheia de dificuldades, quase nunca fogem ao enfaramento e à monotonia.

Observa Czerny, com razão, que as crianças só fazem exercícios metódicos quando reunidas em grande número. "A criançaa, diz êle, se aborrece quando é obrigada a fazer isoladamente exercícios físicos. Se nêles tomam parte vários meninos, torna-se fácil despertar em todos interêsse e prazer pelos mesmos". E sentencia: "Os exercícios ginásticos dos primeiros anos devem limitar-se à marcha e jogos adequados ao ar livre". E adiante: "Aquêles que têm menos de 7 anos preferem exercícios de trepar em varas, em cordas, ou em escadas. Êstes desportos são úteis porque fa-

(Continua na pág. 62)

FAÇA-O HERDEIRO DE SUA
ALEGRIA DE VIVER
...GARANTINDO-LHE O
FUTURO COM
UM SEGURO
DE VIDA!



COMPANHIA DE SEGUROS
MINAS-BRASIL
SEGUROS DE VIDA
OS PLANOS MAIS MODERNOS
NA APÓLICE MAIS LIBERAL

INCÊNDIO — TRANSPORTES — ACIDENTES PESSOAIS — ACIDENTES DO TRABALHO



VARIAÇÕES SÔBRE O TAFETÁ



A grande moda no momento são os modelos em tafetá, liso, quadriculado ou adamascado, em qualquer espécie de traje. Ao alto, temos um lindo modêlo para a noite, em tafetá quadriculado; à esquerda, gracioso modêlo em tafetá quadriculado, enfeitado com branco. A saia na frente forma quatro babados e atrás é lisa. — Conjunto formado por blusa em tafetá liso, com decote baixo e saia com bastante godé, em tecido quadriculado. — Em baixo, elegante e exótico, êste modêlo em tafetá estampado, saia e busto drapeados.









O "TAILLEUR" DE CASEMIRA



QUATRO modelos de "tailleurs" confeccionados em casemira, o tecido mais apropriado para a Estação. Diversos estilos são exibidos, em casemira lisa ou mescla. Para as saídas pela manhã ou para o trabalho são adotados os modelos de linhas clássicas e para a noite os modelos mais luxuosos. Em cima, vemos, à esquerda, modêlo em casemira cinza, bolsos pespontados. À direita, modêlo em lã azul-marinho, e outros elegantes modelos em casemira, modernos e sugestivos.



BANCO RIBEIRO JUNQUEIRA S. A.

FUNDADO EM 1912

Sede: — LEOPOLDINA — Estado de Minas Gerais
Filial: — Rua da Quitanda, 72 — Rio de Janeiro

DEPARTAMENTOS

ESTADO DE MINAS GERAIS: Argirita — Belo Horizonte — Bom Jesus do Galho — Caratinga — Francisco Sales — Palma — Patrocínio do Muriaé — Pirapetinga — Pôrto Novo — Recreio — São João Nepomuceno — São Lourenço — Silvestre Ferraz.

★

ESTADO DO RIO DE JANEIRO: Areal — Barra Mansa — Cambuci — Campos — Cardoso Moreira — Carmo — Itaperuna — Miracema — Niterói — Pádua — Petrópolis — Porciúncula — Portela — Pureza — Rezende — São Fidélis — Sapucaia — Volta Redonda.

★

ESTADO DE SÃO PAULO: Cachoeira Paulista — Presidente Bernardes.

★

ESTADO DO ESPIRITO SANTO: Mimoso do Sul — Muqui.

OPERAÇÕES

DEPÓSITOS ★ REMESSAS PARA O INTERIOR
COBRANÇAS ★ DESCONTOS ★ CAUÇÕES
GUARDA DE VALORES

MUSICA

YEHUDI MENUHIN E CAROL BRICE

ROBERTO LYRA FILHO

ESTAMOS acompanhando, êste ano, as atividades musicais de uma temporada bastante movimentada. A estréia de novo conjunto sinfônico abriu largas perspectivas em setôr logo enriquecido com a prometida visita de Erich Kleiber. Já tivemos a atuação correta de Kruger, à frente da Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, e a mesma orquestra apresentada, agora, Jasha Horenstein, regente que deixou boa recordação de sua última passagem pelo Rio, quando comandou a O.S.B. numa excelente série de concêrtos.

Brailowski voltou, recentemente, servindo aos seus admiradores o mesmo produto artístico a que os habituou. Discordamos dos que classificam êsse pianista entre os de primeira categória, mas não podemos negar sua popularidade e a predileção de uma parte do público pela sua arte, se tal nome merecem os seus dons. Imperfeições técnicas, êrros evidentes, nada disso diminui o entusiasmo dos fãs de Brailowski. A estadia dêle aqui prolongou-se, desta vez, para a organização de um ciclo de Chopin: Brailowski com Chopin é um "cocktail" da moda, saboreado nas sessões elegantes, os famosos recitais das cinco horas da tarde, uma espécie de aperitivo musical muito apreciado em certos setores.

Além de Brailowski, duas surprêsas — uma boa, outra má — impressionaram os que frequentam o Teatro Municipal. Solomon, pianista que ainda não conheciamos, revelou-se um elemento de real valor, aguda sensibilidade aliada a técnica segura. Conquistou o público por etapas. Quando estreou, pouca gente havia na sala. A maioria ficara em casa à espera das repercussões do primeiro concêrto, para ver se valia a pena arriscar o prêço da entrada. As notícias favoráveis vieram, logo, dissipar as dúvidas e, já na despedida, Solomon era aplaudido por numerosa e seleta assistência.

Mas somos forçados a fazer referências à má surprêsa. Trata-se de Yehudi Menuhin.

Quando se falou na presença dêsse violinista no Rio, armou-se logo uma expectativa de grandes momentos de arte. Nada disso nos deu Menuhin, que, embora moço, já é um veterano, e se mostra cansado. E' cêdo para darmos a palavra às vozes de mal agouro, anunciando uma decadência. Mas, por isso mesmo, a atitude do artista ainda é mais reprovável. Afinal de contas, da decadência ninguém escapa, é um fenômeno natural que visita até os gênios, essa companhia seleta, êsse "scratch", para falar na linguagem própria ao ano em que se disputa a Copa do Mundo... Mas Menuhin ainda não entrou no declínio — apresentou-se, s'mplesmente, com estranha displicência, indiferença e desconsideração aos ouvintes dotados de discernimento. Seu prestígio salvou as aparências e garantiu a cordialidade da recepção. Mas nem mesmo um prestígio como o de Menuhin resistirá muito tempo ao pêso da negligência, dos descuidos. Precipitando andamentos, agindo como quem se desembaraça, às pressas, de uma incumbência desagradável, êle não matou, inteiramente, a nossa confiança no seu talento, mas provocou uma viva reação da critica que, não obstante o respeito que impõe a reputação do artista, apontou as falhas que macularam as suas interpretações.

Esperemos que êle volte breve, com mais vontade de acertar, apresentando-se em melhor forma, sem a "pôse" antipática do *gênio* que espera ver consagradas tôdas as suas execuções, mesmo quando elas nada têm de geniais e revelam arbitrariedades e imperfeições que não se harmonizam com a sua fama.

Felizmente, mal Menuhin abandonou o Teatro Municipal, depois de seus infelizes recitais, a A.B.C., que já conseguira um bom crédito, êste ano, com a escolha de Solomon, lançou uma cantora, Carol Brice, dígna, realmente, das palavras de estímulo de Serge Koussevitsky, divulgadas a título de apresentação.

Menos à vontade no repertório clássico, que não se ajusta ao seu temperamento, Carol Brice conseguiu, nos românticos *lieder* alemães de Schubert e ,sobretudo, nos "spirituals" momentos da mais rica e preciosa emoção artística. Se certas peças como "Divinités du Styx" forçam, indevidamente, sua voz, no setor do repertório mais dentro de seus recursos vocais ela nada fica a dever, em requinte, às cantoras de outras raça. Páginas de Schubert, Brahms, Reynaldo Hahn atestaram a riqueza de sua sensibilidade.

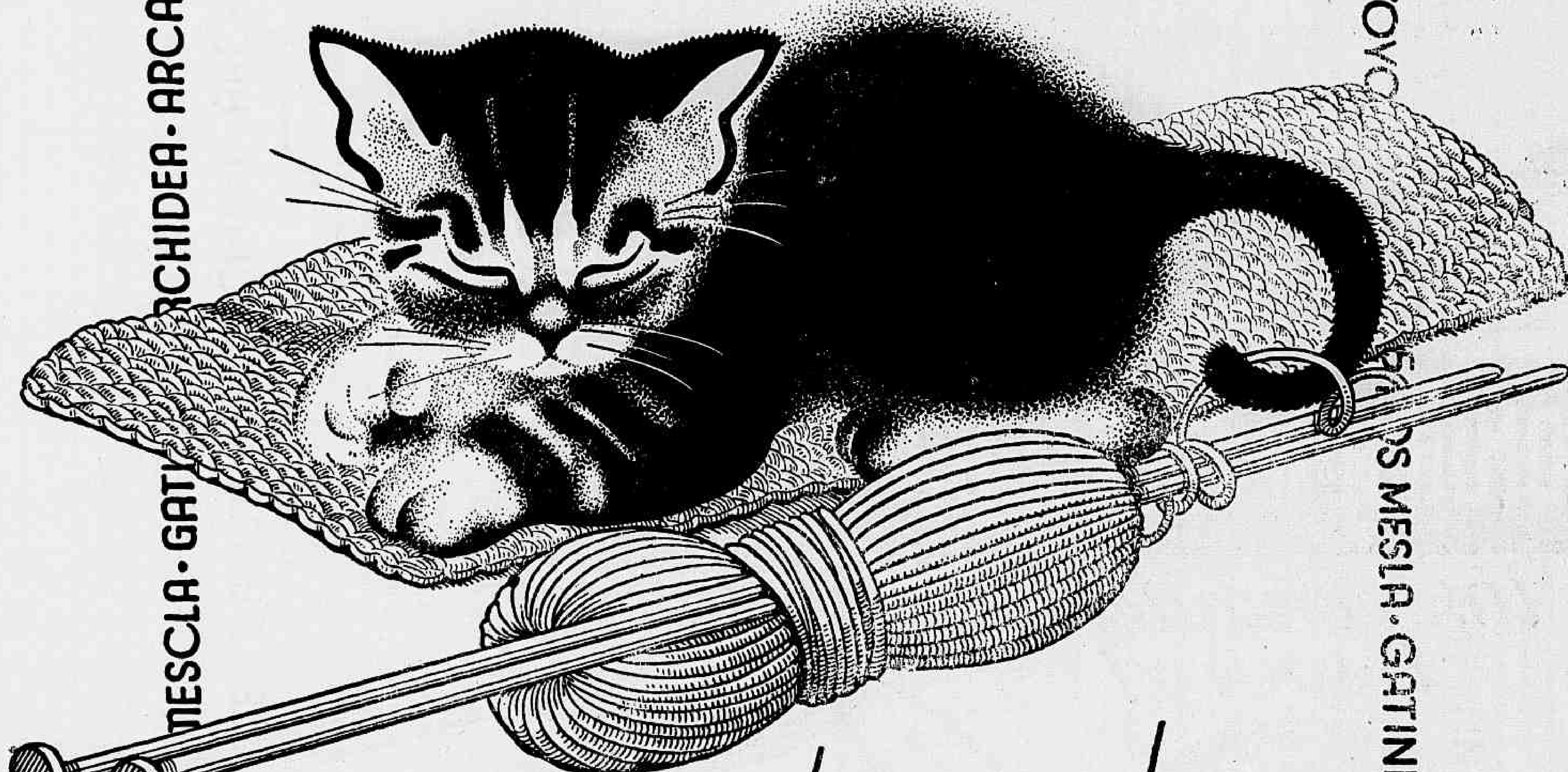
Voz extensa, atingindo uma maior segurança de efeitos nas páginas carregadas de dramaticidade, comoveu os ouvintes com as pungentes melodias dos "spirituals", provando a sua capacidade de brilhar, também, em outro terreno, no *Erlkonig*, por exemplo, interpretado com uma dicção purissima que pôs em destaque o texto de Goethe, realçado pela música de Schubert, cuja sugestão trágica a cantora reproduziu admiravelmente.

Não podemos encerrar êste comentário sem uma palavra sôbre acompanhamento de Jonathn Brice, irmão de Carol. A precisão com que êle ofereceu a ela o apôio do piano contribuiu largamente para o sucesso obtido. Apesar de manter, deliberadamente, uma atitude discreta, êle sobressaiu pela propriedade e correção, sendo especialmente digna de nota a sua capacidade de transmitir o sabôr bem nacional de páginas como a Casinha Pequenina.

A melhor ornamentação do lar resume-se na conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.

POMPEIA · BORBOLETA · KEAMOR · PLUMA · ALASKA · SOLAR · CASTOR · ARCANCIEL · ORCHIDEA · YOYO · 5 FIOS MESLA · GATINHO · KEAMOR · ROSICLER · BORBOLETA · PLUMA

Do bom... e do melhor



para tricô e crochê

Lãs SAMS

um produto

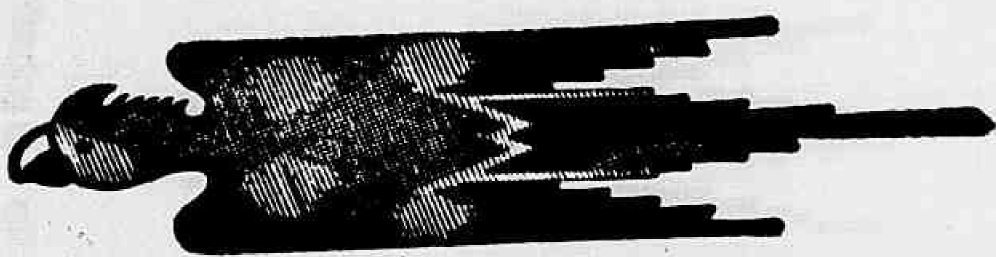


S. A. MOINHO SANTISTA
INDUSTRIAS GERAIS

CASTOR · SOLAR · ALASKA · PLUMA · ROSICLER · 5 FIOS MESCLA · GATINHO · ORCHIDEA · ARCANCIEL · YOYO · SIBERIA · POMPEIA

MARCOS

AEROVIAS



ANÁPOLIS • ARACAJÚ • ARAGUARÍ • BELÉM • BELO HORIZONTE • BOM JESUS DA LAPA • CAROLINA • CORONEL FABRICIANO • CURITIBA • FORTALEZA • GOIÂNIA • ILHÉUS • LA GUAIRA (Venezuela) • LONDRINA • MACEIÓ • MIAMI (Estados Unidos) • NATAL • PARAMARIBO (Guiânia Holandeza) • PARNAIBA • PEDRO AFONSO • PETROLINA • PORTO ALEGRE • PORTO NACIONAL • PORT OF SPAIN (Trinidad) • RECIFE • RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO • SÃO LUIZ • SALVADOR • TEREZINA • TRUJILLO (Rep. Dominicana) • UBERABA • UBERLÂNDIA • VARGINHA • VITÓRIA

BRASIL

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

WEEK-END

MANTEIGA DE ERVAS

100 gr. de manteiga, 1 colher de suco de limão, 1 pitada de sal, salsa e cebolinha bem picadas. Misturam-se muito bem todos êsses ingredientes. Esta receita da para 20 a 30 pãezinhos.

FRIOS

Frango assado e salsichas

1 frango assado, e 300 gr. de diversas salsichas. Pica-se o frango e colocam-se os pedaços no centro de um prato. Em volta, arruman-se fatias de diversas salsichas, guarnecendo-se com pepinos em conserva e salsa. Êste prato pode ser servido, em dias quentes com chá ao jantar.

OVOS COM QUEIJO

Arrumam-se 6 a 8 ovos cozidos em um prato. Numa caçarola se esquenta uma colher de azeite ou manteiga, acrescentando-se 1 colher de farinha, mexendo-se bem. Juntam-se em seguida queijo ralado e 1 xícara e meia de leite frio. Ferve-se êste môlho durante 5 minutos, mexendo sempre. Despeja-se sôbre os ovos que se pulverizam com queijo ralado. Servem-se imediatamente.

Servem-se ao jantar com salada e batatas.

MACARRÃO

1/2 k. de macarrão, bastante água com sal, 1 colher de farinha de rosca e manteiga. Põe-se o macarrão em água fervendo com sal. Quando estiver mole, despeja-se num passador, sôbre o qual se deita um pouquinho de água morna. Enquanto se deixa escorrer bem, a água, leva-se a manteiga ao fogo. Quando ela estiver quente, junta-se-lhe a farinha de rosca. Despeja-se a manteiga assim misturada com a farinha de rosca sôbre o macarrão que se serve.

BOLSAS RECHEADAS

Massa: 375 gr. de farinha, 4 ovos, 200 gr. de água. Em uma tigela, batem-se muito bem os ovos, acrescentando-se ao mesmo tempo algumas gotas de vinagre e, aos poucos, a farinha. Arruma-se tudo muito bem. Reparte-se em 4 pedaços, estendendo-se cada pedaço com o rolo até ficar bem fininho. Depois de estendidos, colocam-se sôbre um pano limpo, cobrindo-se então com o seguinte recheio: 125 gr. de carne ou presunto, 2 ou 3 pãezinhos de leite, 2 a 3 ovos, sal, pimenta, cebolas, salsa, 500 gr. de espinafre, 1 colher de toucinho defumado cortado em quadradinhos, 1 colher de manteiga. Frege-se ligeiramente o toucinho, juntando-se-lhe a cebola e a salsa picada, os pãezinhos embebidos em água e expremidos e o espinafre picado cru ou cozido. Quando tudo estiver bem refogado, tira-se do fogo e deixa-se esfriar. Em seguida, acrescentam-se os ovos, a carne picada e refogada à parte, sal e pimenta.

Vão se tirando colheradas dêste recheio que se vão depondo sôbre a massa estendida. Com um pincél molhado em água molham-se os bordos da massa, ao redor do recheio. Cobre-se tudo então com outra massa estendida, cortam-se quadrados ao redor do recheio, comprimindo-se os bordos da massa, como para pasteis. Cozinham-se estas balsas em água com sal, durante dez minutos. Tiram-se, deixa-se escorrer a água e cobrem-se com manteiga derretida e farinha de roscas. Estas balsas podem ser servidas com peixe.

TORRADAS

500 gr. de farinha de trigo, 100 gr. de açúcar, 3 colheres de sôpa de nata, 8 a 9 colheres de sôpa de água, 28 gr. de fermento fresco, 100 gr. de manteiga, 4 ovos e sal.

Tomam-se 150 gr. de farinha, a nata e a água que se devem amornar, desmancha-se nela o fermento, faz-se uma massa que deverá crescer em lugar quente. Misture nesta massa o resto da farinha e os outros ingrediente, bate-se bem e enrola-se em um pano polvilhado em farinha e assim se deixa durante uma noite em lugar quente.

No dia seguinte unta-se bem uma forma comprida, do feitio retangular, põe-se dentro a massa e leva-se ao forno quente, porém, com pouco calôr em baixo. Estando frio, corta-se em fatias iguais, coloca-se em uma assadeira untada e torna-se a levar ao fôrno para que tome uma cor alourada. Pode-se também dar à massa a forma de pão comprido e levar ao forno em assadeira, untada.

BÔLO DE BATATAS

500 gr. de farinha de trigo, 125 gr. de manteiga, 80 gr. de açúcar, uma pitada de sal, um pouquinho de noz moscada ralada, 28 gr. de fermento



NA COZINHA

fresco e 5 a 6 batatas de tamanho regular. Faz-se uma massa da farinha com o fermento que se dissolve em pouca água morna, com a manteiga, o açúcar a noz moscada e o sal, juntando-se por último as batatas cozidas e amassadas, e um pouco resfriadas. Trabalha-se bem na massa estendendo-se uma camada não muito fina em assadeira e deixa-se crescer em lugar quente.

Tomam-se 200 gr. de manteiga fresca derretida e espalha-se sôbre o bolo para dar-lhe bom gôsto. Ao sair do forno, polvilha-se vom bastante açúcar e canela. Este bolo deve ser servido quente porque seca muito depressa.

OMELETES

1/2 litro de leite, 250 gr. de farinha de trigo, 3 ovos, 1 pitada de sal, açúcar à vontade, 28 gr. de fermento fresco, manteiga fresca e ameixas amassadas para rechear. Aquecem-se ligeiramente os ingredientes secos, desmancha-se o fermento em leite morno e mistura-se tudo muito bem. Deixa-se crescer esta massa em lugar quente durante 1 hora. Põe-se no fogo uma frigideira de ferro, com manteiga fresca, mexendo esta para não ficar escura enquanto derrete. Com uma colher grande, despeja-se a massa suficiente para cobrir o fundo da frigideira em pequena espessura. Tira-se da frigideira, passa-se em cima a massa das ameixas (à qual se pode acrescentar um pouco de rum) e enrolam-se as omeletes. Devem ser servidas quentes como sobremesa ou com café. Ponha-se em forno aquecido enquanto se acaba de frigir as outras.

OVOS COM SARDINHAS

Cortam-se os ovos cozidos ao meio, no sentido do comprimento. Tiram-se as gemas que se misturam com "filets" de sardinhas. (Calcula-se 1 "filet" para cada gema). Passa-se esta mistura por uma peneira fina, junta-se-lhe em seguida maionese enchendo-se com ela as cavidades. Servem-se como "hors d'oeuvre" ou com salada russa. Calculam-se 2 metades para cada pessoa.

TOMATES COMO ARGOLA DE GUARDANAPO

Tomam-se alguns tomates bem bonitos e redondos, cortam-se as duas pontas e retiram-se as sementes. Nas argolas assim formadas enfiam-se espargos temperados com manteiga. Estes tomates se prestam para guarnecer frios ou então para serem servidos como salada. Nêste caso, devem ser colocados sôbre uma folha de alface e ser cobertos com molho maionese.

ESPINAFRE COM OVOS ESTRELADOS

Arrumam-se os espinafres temperados e cozidos, em uma travessa funda. Abrem-se alguns ovos sôbre os mesmos e leva-se a travessa ao forno. Quem não tiver forno, frija os ovos aparte e coloque-os em seguida sôbre o espinafre.

Podem-se servir como "hors-d'oeuvre" ou, com batatas, para o almoço.

PANQUECAS DE SEMOLINA

125 gr. de semolina, 1 xícara de leite, 2 colheres de açúcar, 2 ovos, sal, casca ralada de 1 limão. Cozinha-se a semolina no leite e põe-se de lado para esfriar. Em seguida juntam-se os outros ingredientes desta massa fazem-se panquecas que que se frigem dos dois lados.

MONTE BRANCO

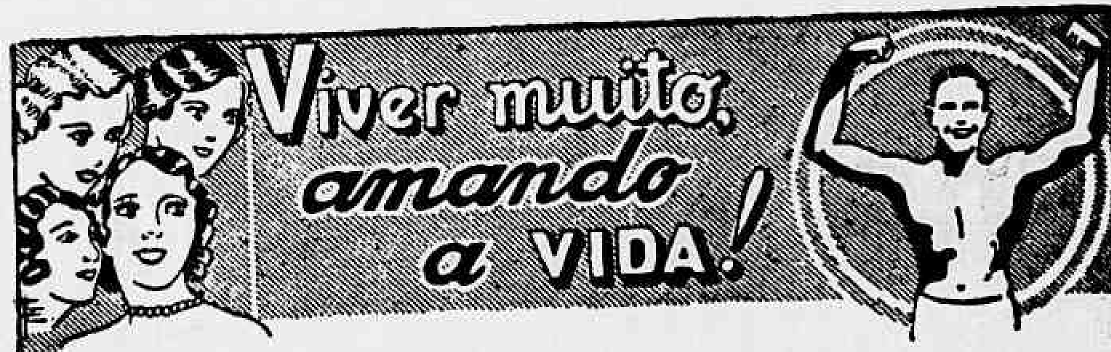
500 gr. de amoras vermelhas, 5 a 10 morangos grandes, 6 cascas de suspiros, 1/2 litro de crême Chantilly.

Polvilham-se com açúcar as amoras lavadas. Depois de uns 20 minutos põem-se os suspiros em um prato, e arrumam-se com as amoras. Põe-se no centro, em pirâmide, o crême Chantilly e guarnece-se àrida com os morangos passados no açúcar.

BOLINHOS DE TAMARAS

3 claras, 200 gr. de tamaras, 200 gs. de amendoas raladas com casca, 200 gr. de açúcar, um pouco de baunilha. Lavam-se e enxugam-se as amendoas, juntam-se às tamaras, sem caroços, e passa-se tudo na máquina. Batem-se bem as claras, mistura-se o açúcar e a baunilha e adiciona-se à massa das amendoas e das tamaras.

Com o auxílio de uma colherinha formam-se montículos sôbre uma assadeira untada, achatam-se um pouco com a colher e levam-se ao forno moderado.



A vida humana vae-se tornando cada vez mais curta. Os Patriarchas biblicos viviam de seiscentos a novecentos annos; ainda nos tempos dos nossos tetra-avós eram muito communs os que iam além dos cem annos.

Hoje em dia são rarissimos os centenarios.

Ha quem diga que os «microbios» deram cabo dos «macrobios»...

E não está longe da verdade quem tal affirma, em tom gracioso; de facto, com a civilisação appareceram muitas molestias nocivas, produzidas por novos microbios.

Mas é a vida intensa do mundo civilisado, a vida de excitação, de movimento, de constante inquietação que abala de forma tal o systema nervoso do Homem Moderno, que elle se sente fatigado, abatido, envelhecido, muito antes de chegar a velhice.

Felizmente a medicina dispõe hoje de um remedio poderosissimo para esse envelhecimento precoce: chama-se DYNAMOGENOL.

DYNAMOGENOL é um verdadeiro revitalisador do systema nervoso; DYNAMOGENOL restitue o vigor e a alegria da mocidade àquelles que, antes de tempo, se deixaram vencer pelos trabalhos e pelas amarguras da vida.

DYNAMOGENOL fortifica, tonifica, rejuvenesce, restitue aos traços a coragem, o enthusiasmo e as energias de uma juventude saudavel. DYNAMOGENOL é uma fonte perenne de vigor juvenil. DYNAMOGENOL liquido 2 a 4 colheres de sopa por dia. DYNAMOGENOL comprimidos 2 a 4 comprimidos por dia.

Os medicos dizem: os productos do Laboratorio Sian são o *symbolo da saude.*

A' VENDA EM TODAS AS BÔAS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL



Eis o ideal de quantos se casam e desejam constituir familia, perpetuando o sangue e o nome de uma nova geração.

Mas, assim como o homem de bem faz questão de transmittir aos filhos um nome limpo e honrado, assim tambem deve ter o maximo empenho em transmittir-lhes o sangue puro, inteiramente livre de germens venenosos de doenças, principalmente do mais terrivel delles: o da syphilis.

Um tratamento prévio com a maravilhosa ESSENCIA PASSOS é o que ha de mais aconselhavel aos que pretendem mudar de estado. A ESSENCIA PASSOS é o maior depurativo do sangue; elimina todas as impurezas, combate a escrophula, o lymphatismo, faz cicatrizarem as feridas e evita o rheumatismo de origem syphilitica

A ESSENCIA PASSOS é uma combinação, scientificamente dosada de salsaparrilha, carobinha, salycilato de sodio, ioduretο e citrato de ferro. Contem, assim, os mais preciosos elementos para a limpeza e o enriquecimento do sangue

Defenda, com a ESSENCIA PASSOS, a sua saude actual e torne-se apto a dar á patria filhos fortes e sadios, e não indivíduos debeis, rachiticos, ou mesmo aleijões e casos theratologicos, victimas do sangue envenenado pela syphilis.

É ASSIM QUE COMEÇA...



Com a chuva ou com a mudança da temperatura, vêm o espirro... o resfriado... a tosse... a bronquite... E depois? Para elimina-los, tome

PONCHE DE SIAN

O Jôgo

da criança não é o mesmo do adulto...



- e também o fortificante!

Para as crianças do Brasil

só o

Não é qualquer fortificante que serve para as crianças. Os delicados organismos infantis exigem um tônico completo em sua fórmula, com ingredientes cientìficamente dosados: TÔNICO INFANTIL! As crianças de hoje tornam-se mais fortes, mais inteligentes e alegres com o uso do TÔNICO INFANTIL, um preparado moderno.



TÔNICO INFANTIL



Ag. Pettinati

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

A saúde do bebê

(Continuação da pág. 54)

vorecem o desenvolvimento da musculatura da metade superior do tronco".

De fato, de um modo geral, não há tanta necessidade de cuidar do desenvolvimento da musculatura das pernas, por quesão são suficientes, em si mesmas, a marcha e as carreiras: o que se mostra mais atrasado, em quase todos, são os músculos dos braços, ombros e o dorso, daí a inteira vantagem daqueles exercícios beneficiando principalmente o tronco e membros respectivos.

Tais em poucas palavras o que se pode esperar dos **jardins de infância** e sua finalidade e resultados. **Jardins** que não devem ser condicionados, como muitos pensam, em meros depósitos de criança, para descanso das mães e meios de ter a casa sempre arrumada.

Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação de óleo de peroba.

O MILAGRE DO AMOR

(Continuação da pág. 52)

presentasse valor. Daise desfazia-se em atenções, tornando aquêle jantar duplamente saboroso.

Finda a refeição, passaram para a sala de estar, onde o magnata do óleo passou a intercalar os goles de champagne com baforadas de legítimo Havana. A convite de Daise, seguiram para a sala de música, onde a jovem usaria o seu infalível entorpecente: uma canção romântica na sua voz cálida e profunda. Tudo foi uma segunda edição do que aconteceu a Tracy com leves modificações.

Quando Bennett chegou em casa, aí pelas vinte-e-três e trinta horas, não reparou, de início, em qualquer anormalidade. Só quando entrou em seu gabinete para apanhar um talão de cheques é que percebeu o cofre entre-aberto e os papéis espalhados. Sem tocar em coisa alguma, Bennett ligou para a polícia.

Estava ficando monótono aquilo tudo. Daise começava a se aborrecer. "Depenara" aqueles *pássaros* ingênuos sem qualquer dificuldade e não sentia qualquer emoção. Bastara-lhe três meses para isto. Decididamente, a sorte era sua verdadeira aliada. Aquêles discretos homens de dinheiro não concebiam a menor idéia que pudesse estabelecer ligação entre Daise e os roubos de que foram vitimas. Os jornais publicavam em manchettes, fazendo espalhafatosa propaganda da perícia do incrível ladrão. Não ficara qualquer pista com que pudessem iniciar as pesquisas. Todos estavam no ar. As imaginações mais exaltadas evocavam a Scotland Yard, outros chegavam a falar em Charlie Chan, em Sherlock Holmes e houve mesmo quem atribuísse o roubo ao romântico Lupin. Regis não cabia em si de contente. Um sorriso de triunfo estabelecera-se em seus lábios não os abandonando jamais. Cada vez mais se mostrava insinuante e às vêzes atrevido com Daise. Resolvera decidir de uma vez por tôdas o seu caso sentimental, como êle próprio o chamava.

— E' preciso que você...

— Que atrevimento é êsse? Desde quando o autorizei a tratar-me assim?

— A partir de agora não a tratarei de outro modo. Será "você".

— Está despedido, Regis. Não mais o desejo em meu serviço.

— Quanta coragem, Daise. Só você é capaz de brincar assim, com dinamite. Eu

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos, passe levemente, com uma flanela, óleo de peroba.

MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

TACOS DE 1ª QUALIDADE COLOCAÇÃO ESMERADA

ALBINO MESQUITA & CIA.

Rua D. Manoel, 22 e 26
Telefone: 42-1427
RIO DE JANEIRO

COMPANHIA T. JANÉR, COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Distribuidora exclusiva para o Brasil de:

MATERIAL CIRÚRGICO STILLE — AÇO INOXIDÁVEL SUECO — APARELHOS DE RAIOS X G. SCHONANDER, SUÉCIA — LINHA COMPLETA DE APARELHOS DIAGNÓSTICOS E ACESSÓRIOS EM GERAL

Exposição e vendas:

Av. Rio Branco, 85, 12.º andar — Fone 23-5931 — Rio de Janeiro

Filiais:

S. Paulo — Curitiba — Pôrto Alegre — Belo Horizonte — Recife

COTTO BLANC

UM BRANCO PARA SAPATOS



UM PRODUTO

COTTOMAR

Seção de vendas:
AVENIDA VENEZUELA, 27 - S. 1303
TEL. 23-1093 - RIO DE JANEIRO

sou dinamite para você, Daise. Dinamite que está prestes a explodir.

— Você vai explodir agora, Regis. Agora mesmo, ouviu bem? Retire-se de minha casa. Vou dar o que lhe pertence e nunca mais desejo vê-lo em minha frente.

— Eu só quero uma coisa, Daise: Você. Quero vê-la encolhida nos meus braços, implorando amor. Quero vê-la trêmula como uma colegial ao conceder o primeiro beijo. E você não me poderá fugir, Daise. Experimente...

Enquanto falava, Regis avançava lentamente para Daise. Esta encarava-o com olhar frio, cheio de ódio. Regis não era feio, conquanto não chegasse a ser um Apolo.

Boa estatura, compleição sólida, traços regulares, enfim, um tipo que agradaria qualquer burguesa. Neste momento, um tremendo desejo dominava-lhe inteiramente o ser: Queria Daise a qualquer preço. Avançando para ela, seu olhar brilhava estranhamente e seus lábios contraiam-se num ritus de furor. Daise continuava a encará-lo friamente. Não se lhe contraia um músculo.

— Ja não sou seu empregado. Não poderia ser o criado de minha noiva.

— Noiva? — perguntou surdamente. — Você perdeu a razão. Aviso-lhe que se não esquecer tais idéias arrepender-se-á.

— Esperei demais, Miss Breston... "miss" o diabo que a carregue: Daise... Daise, isto sim. Acabou-se a desigualdade.

Daise continuava a fitá-lo cheia de ódio e quando falou sua voz vibrava ameaçadora:

— Aconselho-o a esquecer o que disse.

— Por quê? — perguntou desabrido. — Não sou homem inteligente? Não a tenho ajudado a acumular tôda essa riqueza, "limpando" os milionários imbecis?

— Um idiota é o que você é — rugiu Daise. — Previno-o de que não terei culpa do que lhe venha a acontecer. Culpe a própria estupidez.

— Ameaça-me? Esquece que uma palavra minha e a famosa cantora irá gorgear nas grades de ferro de uma gaiola?

— Se um de nós perdeu a memória foi você, Regis. Se prefere ser meu inimigo...

— Não. Prefiro ser seu espôso... porque a amo.

— Mas eu o detesto, entendeu? Detesto. Você é um reles assalariado.

— Sei que você não tem coração, Daise. Você é fria como o mármore, traidora como a serpente e sedutora como um anjo. Só eu a conheço, tal como você é e a quero assim mesmo. Serei capaz de qualquer vileza para consegui-la.

— Inutilmente, Regis. Você está assinando sua sentença de morte. Exijo que abandone esta casa ainda hoje.

— Como pretende liquidar-me? Se eu me fôr, não poderá fazê-lo.

— Não se apresse. Daise Breston sabe como agir com os importunos.

— Estamos em guerra, então?

— Se você o deseja...

— Não, querida. Desejo amá-la, simplesmente. — o desejo arrafecido pela troca de palavras, voltava agora a gritar dentro de Regis, com maior vigor. Reiniciou o

A melhor ornamentação do lar resume-se na conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.

MELLO DE AZEVEDO & CIA.

ENGENHEIROS

Construção de Estradas de Rodagem e Ferro

RUA SAO PAULO, 638
BELO HORIZONTE

GRUPO DE SALAS, 510
TEL. 2-3677



A SAUDE DA MULHER

QUANTAS vezes um sorriso feminino se transforma num rictus de dôr! O doloroso soffrimento, resultante do funccionamento irregular do organismo, e que tanta mocidade e belleza rouba á mulher, desapparece, no entretanto, com o uso de A SAUDE DA MULHER. A SAUDE DA MULHER é o remedio que traz no nome o resumo das suas virtudes.



POLYDOR-SIEMENS

-MUSICA EM CASA-

Siemens oferece obras primas em

DISCOS POLYDOR
ALEMÃO - FRANCÊS

Música Clássica e popular

DOS ARTISTAS DE FAMA MUNDIAL

Comp. Brasileira de Eletricidade
SIEMENS-SCHUCKERT S. A.

Rio de Janeiro — Avenida Pres. Vargas, 409
São Paulo — Rua Florêncio de Abreu, 217
Pôrto Alegre — Rua Siqueira Campos, 1189



BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL

SOCIEDADE ANONIMA

Agência do Castelo: Av. Graça Aranha, 206-B

Matriz:
RIO DE JANEIRO
Rua da Candelaria, 24

Conselho Administrativo:

ERNESTO G. FONTES — Presidente
ANTONIO LEITE GARCIA — T. MARCONDES FERREIRA
RAYMUNDO O. DE CASTRO MAYA — EVARISTO M. DE NOVAIS
ERNESTO DA CRUZ SOARES-Dir.-Gerente — ALBERTO DE FARIA FILHO - Dir.-Gerente
RUY LOWNDES - Diretor-Gerente

Filiais:
SÃO PAULO — Rua 15 de Novembro, 194
SANTOS — Rua 15 de Novembro, 122

DEZEMBRO	DEPÓSITOS CR$	CAPITAL E RESERVAS CR$	EMPRÉSTIMOS E DESCONTOS CR$
1939	98.721.844,05	[illegible]	78.806.155,80
1940	139.528.817,63	21.149.889,00	128.574.223,80
1941	202.991.354,90	21.289.663,90	171.723 624,10
1942	276.505.901;60	21.543.764,50	209.428.821,30
1943	368.423.192,50	36.845.938,70	322.637.469,80
1944	518.848.170,90	40.987.371,90	367.361.091,10
1945	533.812.988,50	63.233.622,90	404.421.819,60
1946	625.525.230,10	75.190.500,10	491.514.695,80
1947	626.404.539,00	84.459.055,60	520.591.857,70
1948	700.028.662,80	87.689.318,00	535.488.220,20
1949	722.177.876,20	94.870.760,80	592.787.659,00

A beleza dos seus móveis consiste ùnicamente em tratá-los constantemente com óleo de peroba.

TELEVISÃO — ESSA COISA NOVA

(Cont. na pág. 24)

nos Estados Unidos, nome que o cinema também consagrou, desde quando apareceu no memorável "Goldwyn Follies", é uma das que tem aparecido em melhores condições em programas de televisão.

Recentemente, Vera e a atriz Leonora Corbett tomaram parte, como convidadas de honra, no programa "This Is Show Business", da Columbia, e desde logo viram a projeção de seus nomes largamente ampliada.

Porque a televisão faz chegar, sem demora, às mais remotas distâncias, os elementos que aparecem em seus programas. E embora ela esteja apenas em seus primórdios — mas já existe um milhão, pelo menos, de receptores nas residências de famílias norte-americanas — é fora de dúvida que a televisão está sendo, para todos os efeitos, a grande revolução artística da atualidade, irradiando dos Estados Unidos para o mundo inteiro.

Se bem que exista uma tendência a exagerar, no estrangeiro, a influência dos lindos palminhos de caras e pernas na televisão, não há dúvida que êsse é também um aspecto da nova arte. O vaudeville, por exemplo, há tanto tempo desaparecido, e só apresentado a título de extravagância, em espetáculos da Broadway, está ressurgindo nas telas televisoras. Com grande agrado, diga-se a verdade.

E os "brotinhos", tipo Gipsy Rose Lee, aparecem frequentemente.

LIMA — CIDADE DOS REIS

(Cont. da pág. 39)

truções, incorporam-se à cidade antigos campos rústicos, levantam-se bancos, novos edifícios residenciais, palácios para os poderes do Estado, avenidas floridas, monumentos etc.

O centro comercial da cidade apresenta, no seu conjunto, um aspecto modesto e até pobre. Mas, entretanto, crescem os novos bairros residenciais que se estendem por largas avenidas com suas casas alegres e bonitas, pequenos "bibelots".

Em lima, são poucas as famílias que vivem em apartamentos. Encerrada durante bastante tempo em suas muralhas, limitada no seu extremo meridional até começar o século XX, pelas hortas de Santa Beatriz, os jardins da exposição e o moderno bairro popular de La Victoria, surpreende que sòmente no transcurso de uns poucos anos Lima houvesse crescido por quilômetros até encontrar-se pràticamente unida com os seus tradicionais balneários do Sul: Miraflores, Barranco e Corrillos. Neste singular crescimento da cidade, feito sem lineas prévias, mas como uma espécie de plano subconsciente, tem-se aproveitado com lógica e com arte, as condições naturais da plataforma escolhida pelo Conquistador Pizarro. Lima tem agora uma marcada forma triangular. Desde a velha Praça de Armas, Lima estendeu-se como um leque, sendo um rio um de seus extremos e o outro o caminho exterior

(Continua na pág. 70)

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

Metais não ferrosos — Canos de chumbo — Bob'nas de cobre — Chapas de cobre, Latão, Alumínio — ZINCO PARA CLICHÊS

METAIS MADUREIRA LTDA.

(Metais em geral)

RUA FIGUEIRA DE MELO, 256-A
São Cristóvão ★ Fone 48-6344 ★ RIO



COMO APRENDER A DANÇAR
AGORA EM 3.ª EDIÇÃO

Ampliada, com os últimos passos de Bolero, Swing e Samba, contendo 94 gráficos e 254 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira.

Método de ritmos modernos pelo Professor Gino Fornaciari, Diretor e professor de "Aulas Práticas de Danças Ritz". Aulas particulares e a domicílio

RUA DA LIBERDADE, 120 — PREÇO CR$ 41.00 — Pedidos pelo Reembolso Postal, com o autor — CAIXA POSTAL, 649 — S. PAULO

BAIRRO
PIRATININGA

...A COPACABANA QUE SURGE EM NITEROI...

lotes desde CR$ 150,00 mensais

COMPANHIA GERAL DE EMPREENDIMENTOS
AV. RIO BRANCO, 311-6.º ANDAR
FONES: 32-9042 — 42-3812

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-o novos aplicando óleo de peroba.

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr Cr$	Extratos 50 gr Cr$	Loções ¼ Cr$
Jasmim Super .	10,00	22,00	30,00
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs — Super	15,00	25,00	35,00
Fl. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitzko — Super ..	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super ..	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super ..	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super ..	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super ..	25,00	35,00	40,00
Narcisse N — Super	25,00	35,00	40,00
Pretx — Super ...	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escandalo — Super	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super	35,00		
Flor Maçã LF ...	50,00	70,00	70,00
Soupplesse LF ...	50,00	70,00	70,00
Biarritz LF	50,00	70,00	70,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	70,00
Arabesque LF	60,00	80,00	80,00
Heno del Campo LF	60,00	80,00	80,00
Casino LF	60,00	80,00	80,00
Violette Feuilles LF	85,00	105,00	105,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	105,00
Despesas Reembôlso	6,00	6,00	6,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100.00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

Vendas pelo REEMBOLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 Sob. — RIO DE JANEIRO

ANGELO SANTUCCI & Cia. Ltda.

TINTAS PARA IMPRESSÃO

DISTRIBUIDOR NO RIO DE JANEIRO DAS TINTAS DA

Sun. Chemical Corporation — New York

RUA DO SENADO, 10 — Tel. 22-4869

GRANDES ESTRUTURAS

CONCRETO, AÇO, MADEIRA

Serviços de Engenharia

Emilio Baumgart Ltda.

AV. GRAÇA ARANHA, 206

7.º ANDAR — TEL. 42-4515

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 63-65

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

avanço interrompido enquanto um sorriso bestial lhe contraia os lábios:

— Não vou perdê-la assim, Daise. Não sou um idiota.

— Detenha-se, selvagem, ou arreperder-se-á — murmurou Daise surdamente.

— Selvagem ou não, você será minha...

— Mais um passo e será um miserável a menos sôbre a terra.

— Você não teria coragem, Daise, vou arriscar.

Sem que Regis soubesse de onde viera, um minúsculo revólver brilhou entre os dedos de Daise, apontando em sua direção.

— De onde veio êsse brinquedinho? Vamos ver se funciona.

Regis deu um passo e uma bala silenciosa rasgou-lhe o lóbulo da orelha.

— Quer continuar, Regis? — perguntou Daise sem que se lhe alterasse a voz, como se nada tivesse acontecido. — E' fácil mudar um pouco a direção. Isto foi um aviso, apenas, já que as palavras não lhe fizeram efeito.

— Você ganhou, Daise. Vejo que não posso continuar aqui. Dê-me a parte que me cabe e deixarei a cidade ainda hoje.

— Muito bem. Venha ao meu escritório.

Regis acompanhou Daise e ambos entraram no luxuoso escritório do solar. A jovem abriu o cofre dêle tirando alguns pacotes.

— Miss Breston... — falou Regis timidamente.

— Algo mais? — perguntou Daise altiva.

— Não, não é nada.

— Muito bem. Aqui está a sua parte. Dois milhões de cruzeiros dos que eu já possuia, pois os dessa última aquisição ofereceriam perigo. Leve ainda essas jóias minhas que lhe renderão bom dinheiro.

— Pode colocar tudo neste pacote.

— Estamos quites. Espero nunca mais voltar a vê-lo.

— Não sei se isto acontecerá. Longe de você pensarei melhor no que devo fazer.

Duas horas depois Regis deixava o solar dirigindo o seu próprio carro. Quinze minutos depois o carro explodia em plena corrida e Regis perdia a vida sem disso se aperceber.

Quando Daise foi notificada do ocorrido logo recordou que Regis dissera ser dinamite. Foi aberto inquérito, Daise ficou desesperada com a invasão de policiais e repórteres, bendizendo não ter telefone no solar. A polícia chegou à conclusão de que se tratava de um ladrão em fuga. Encontraram a pouca distância do sinistro a valise contendo as jóias e o dinheiro, tendo Daise reconhecido suas próprias jóias. Assediada pelos repórteres, Daise declarara que preferia perder as jóias a ver seu desonesto empregado perder a vida. Estas palavras foram recebidas com muita simpatia pela população.

Mais do que nunca Heiknéa enfastiava agora, a irrequieta criminosa. Chamando o advogado Skyb, mandou cancelar todos os seus contratos e passou a viver em absoluta reclusão. Não atendia a qualquer visita nem aceitava convites. Certa vez, entretanto, recebeu um cartão contendo uma noticia muito interessante:

"Temos prazer em convidá-la a tomar parte em um baile a fantasia que faremos realizar com o objetivo de apresentar o "Rei dos Diamantes", recém-hecgado a esta cidade."

Muito interessante. Com efeito não era conveniente perder tão excelente oportunidade. Talvez ali Daise encontrasse um substituto para Regis.

Voltemos algumas semanas atrás e vejamos o que se está passando no escritório do velho advogado Skyb:

— Como tem passado, dr. Skyb?

— Salve. Quem eu vejo... Sr. Grayson. Que surprêsa agradável. Quando chegou?

— Há duas semanas, aproximadamente.

— E como foi de viagem. Aproveitou muita coisa por êste mundo...

— Se aproveitei... O sr. tinha razão. Quanta vantagem nos trouxe as novas invenções.

— Já se habituou com o telefone?

— Claro que já. Sua cliente instalou o que desejava?

— Qual nada. Miss Breston continua respeitando sua exigência.

— Pois que instale... ou melhor: Eu vou mandar instalar o telefone para ela.

— Agora é tarde. Miss Breston deixou-se empolgar pela novidade... sim, a novidade que é *não ter telefone*.

— Não diga. A déspota exigente, segundo suas palavras, não quer êsse modernismo?

— O senhor não sabe nada. Ela não se quer aborrecer. O telefone a ligaria diretamente aos fãs, e ela os detesta.

— Sèriamente? E' a primeira atriz que vejo detestar os fãs.

— Mais do que isto. Ela mandou cancelar os contratos e pagou uma fortuna de multa. E' uma pena. Um talento tão mal aproveitado.

— Disse bem. Um grande talento... e que beleza. Como é linda essa Miss Breston. Nunca supus existisse beleza igual.

— Então a conhece? Ela não distribui fotografia.

— Das estações de rádio. Eu possuo um aparelho de televisão.

— Quanto luxo, sr. Grayson. Então soube mesmo aproveitar as invenções.

Sidney conversou ainda algum tempo com Gregory, ficando sabendo de tôdas as novidades. Quando êste sugeriu que o rapaz tentasse uma aproximação com Daise, que talvez daí resultasse algum romance, êle respondeu:

— Para quê? Sou apenas um fidalgo arruinado.

Sem que Gregory soubesse, prestara grandes e utilíssimas informações a Sidney.

Voltemos agora a Miss Breston. Com a meticulosidade costumeira, Daise dedicava-se a orientar a costureira na confecção de sua fantasia para o próximo baile. A imaginação mais fértil não conseguiria idealizar a maravilha concebida por Daise.

A casa onde se devia realizar o baile, era, tal como o solar dos Grayson, uma construção antiga contada entre as coisas tradicionais de Heiknéa. Nessa noite, assumira seu esplendor máximo, como não o fizera em todo seu passado de romantismo.

Ao longo da estrada particular que marginava o castelo, estendia-se a fila de carros. Os pares entravam e eram anunciados cerimoniosamente. Daise entrara só, como de costume e logo monopolizava as atenções.

As apresentações foram feitas a esmo, sem as cerimônias anteriores, e sòmente entre os intimos que casualmente se encontravam em grupos esparsos. Todos brincavam, cantavam, riam, tomados de uma alegria exuberante e espalhafatosa. Daise, impecável no seu traje azul bordado a ouro, fazendo sobressair as linhas de um corpo harmonioso e o brilho invulgar dos seus cabelos de ouro, conservava-se fria como sempre. Altiva e orgulhosa até naquele ambiente de loucuras. Seu olhar azul percorria o salão numa inspeção "gestapiana". De repente, eis que seu olhar se imobiliza e um brilho curioso nêle se espalha. Sigamos êsse olhar. Ah! Eis o seu objetivo. Um cavalheiro do século XV, um soberbo cavaleiro metido numa armadura brilhante. Está de máscara mas se lhe pode distinguir uns olhos cinzentos, ùnicamente uns olhos cinzentos. A jovem Daise não o desfita. Mas, ela se move... caminha para êle. Viu-a. Caminha para ela. Penso que estão sorrindo um para o outro. Pelo menos os olhos estão sorrindo. Êle a enlaça, e saem dançando. Êle fala-lhe qualquer coisa e ela... riu, caros leitores. O nosso "iceberg" riu. Mas não é o fim do mundo? A fria calculista, a consumada criminosa humanizou-se. Vejamos o que dizem.

— Você é divina.

— Galanteador...

— Sincero, apenas. Quer erguer êsse pedaço de renda para que eu conheça o pedaço de sonho que êle esconde?

— Mataria sua ilusão. E' um pedaço de pesadelo.

— Não creio. Quem é a deusa que tenho agora nos braços?

— E' uma fugitiva do inferno. Não se deixe iludir.

— Fugitiva do céu, quis dizer.

— Do inferno, eu disse. Mas aqui é o céu, onde eu devia ter estado sempre.

— Mas você não saiu daqui.

— E' a primeira vez que aqui venho, ao céu.

— Onde você estiver, aí será o céu.

— Por estranho que pareça, tem sido o contrário.

(Cont. na pág. 12)

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.

PRODUTOS SUÉCOS DE ALTA QUALIDADE

FAMOSOS EM TODO O MUNDO exijam estas marcas

A VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

Q U A L I D A D E

POLAR STAR

SCANDIA — RELIANCE

MAQUINAS PARA USO DOMÉSTICO — Husqvarna — MAQUINAS DE COSTURA BICICLETAS

FOGAREIROS, COSINHAS, LANTERNAS, FERROS PARA SOLDAR, LAMPARINAS

PRIMUS

NAVALHAS PARA BARBA E TESOURAS TRÊS CORÔAS

MACHADOS HULTS

BAHCO

DOBRADIÇAS, PARAFUSOS, ETC. STENMAN

SUENCO

STRIDSBERG

Serras Para ... — Facas Para Maquinas ...

LUSTRES

DE CRISTAL

GRANDE VARIEDADE

CASA EMOINGT

SETE SETEMBRO, 75

MARAVISTA

ITAIPÚ

O MAIS LINDO VALE PERTO DA MAIS LINDA PRAIA.

Lotes desde Cr$ 7.200 com entrada de Cr$ 200 e prestações de Cr$ 100 sem juros

Av. Erasmo Braga, 227 S. 703 - Castelo Tel. 52-5613

BANCO DA PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL

SOCIEDADE ANÓNIMA

FAZ TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

AV. RIO BRANCO, 39-41

RIO DE JANEIRO

BANCO DO BRASIL S. A.

1808 - 1950

SEDE: RUA 1.º DE MARÇ N. 66 — RIO DE JANEIRO (DF.)

TAXAS DE DEPÓSITOS

DEPÓSITO SEM LIMITE	2 % a.a.
DEPÓSITOS POPULARES	
Limite de Cr$ 10.000,00	4 ½ % "
DEPÓSITOS LIMITADOS	
Limite de Cr$ 50.000,00	4 % "
Limite de Cr$ 100.000,00	3 % "
DEPÓSITOS A PRAZO FIXO:	
Por 6 meses	4 % "
Por 12 meses	5 % "
COM RETIRADA MENSAL DE JUROS:	
Por 6 meses	3 ½ % "
Por 12 meses	4 ½ % "
DEPÓSITOS DE AVISO PRÉVIO:	
30 dias	3 ½ % "
60 dias	4 % "
90 dias	4 ½ % "

LETRAS A PRÊMIO (sêlo proporcional)

Condições idênticas às de depósitos a prazo fixo:

O Banco faz tôdas as operações do seu ramo — descontos, empréstimos em conta corrente, cobranças, transferências, etc. e mantém filiais ou correspondentes nas principais cidades do país ou do exterior, possuindo, no Distrito Federal, além da Agência Central, na Rua 1.º de Março n. 66, mais as seguintes:

Bandeira, Rua Mariz e Barros n. 44 — Botafogo, Rua Voluntários da Pátria n. 449 — Campo Grande, Rua Campo Grande n. 100 — Copacabana, Avenida Nossa Senhora de Copacabana n. 1.292 — Glória, Rua do Catete n. 238-A — Madureira, Rua Carvalho de Souza n. 299 — Méier, Avenida Amaro Cavalcanti n. 95 — Ramos, Rua Leopoldina Rêgo n. 78 — São Cristóvão, Rua Figueira de Melo n.360 (esquina da Rua São Cristóvão) — Saúde, Rua do Livramento n. 63 — Tijuca, Rua General Roca n. 661 — Tiradentes, Avenida Gomes Freire, 20/22.

Além das operações normais, a Agência Metropolitana da Glória está habilitada a receber depósitos fora das horas de expediente, quer durante o dia, quer à noite, utilizando-se do Receptor Automático instalado na referida Agência, e a Metropolitana de Copacabana oferece, mediante aluguel mensal, cofres de vários tipos para guarda de valores (títulos, jóias, etc.) em casa forte dotada de moderno equipamento.



ORLANDO ANTONIO DE AZEVEDO

Comissões — Consignações

Representações — Conta Própria



CIA. GERAL DA AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO (CIA. VELHA — PÔRTO) ★ M. SALDANHA & CIA. LTDA. (LISBOA) ★ H. M. BORGES, SUCRS. LTDA. (FUNCHAL) ★ ALBINO FILIPE BARBOSA (PÔRTO)



TRAVESSA DO COMÉRCIO, 26 - 1.º (Esq. da rua do Ouvidor)

TELEFONE 43-2624 — RIO DE JANEIRO

Tinja seu CABÊLO com

ORF-LÉNE *Liquido*

É um produto do AMÉRICO

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 COMO SE CHAMAVA O GENERAL FRANCÊS, QUE, SEGUNDO O PRÓPRIO NAPOLEÃO, FOI A CAUSA DA DERROTA DE WATERLOO:
— Ney ?
— Wellington ?
— Grouchy ?

2 EM QUE LUGAR DO BRASIL FOI PROCLAMADA A REPÚBLICA, PELA PRIMEIRA VEZ:
— Em Vila Rica de Ouro Prêto ?
— Em Piratini, Rio Grande ?
— Em Olinda, Pernambuco ?

3 O QUE ERA DE D. PEDRO II, Da. MARIA I, RAINHA DE PORTUGAL QUE ORDENOU AS PRISÕES DOS INCONFIDENTES:
— Tia ?
— Avó ?
— Bisavó ?

4 QUANTO VALIA UMA PATACA:
— 400 réis ?
— 320 réis ?
— 640 réis ?

5 PORQUE É MEMORÁVEL O DIA 22 DE JUNHO NO BRASIL:
— Pela inauguração do cabo submarino para a Europa ?
— Emancipação dos escravos ?
— Abertura dos Portos ?

6 EM QUE EDIFÍCIO SE REUNIU, A 15 DE NOVEMBRO DE 1890, A PRIMEIRA CONSTITUINTE BRASILEIRA:
— No Palácio do Catete ?
— No Paço, atual edifício dos Correios e Telégrafos ?
— No Palácio da Quinta da Boa Vista ?

7 QUAL A PRIMEIRA CIDADE DA AMÉRICA DO SUL QUE INAUGUROU SERVIÇO PÚBLICO DE ILUMINAÇÃO ELÉTRICA:
— Buenos Aires ?
— Campos, E. do Rio ?
— Rio de Janeiro ?

8 QUANTOS SÃO, ATUALMENTE, OS MINISTÉRIOS DO GOVÊRNO BRASILEIRO:
— Oito ?
— Nove ?
— Dez ?

9 QUE QUER DIZER, PODER LEGISLATIVO:
— A organização Judiciária ?
— O Presidente da República ?
— O Parlamento Nacional ?

10 QUAL O PAÍS DA AMÉRICA DO SUL QUE TEVE O PRIMEIRO CARDEAL:
— O Brasil ?
— O Chile ?
— A Argentina ?

11 EM QUE ESTADO DO BRASIL JÁ SE REGISTROU A MAIS ALTA TEMPERATURA À SOMBRA:
— No do Amazonas ?
— No Ceará ?
— Na Bahia ?

12 E, QUANTO À MAIS BAIXA TEMPERATURA, EM QUE PONTO DO NOSSO TERRITÓRIO SE VERIFICOU:
— No Rio Grande do Sul ?
— No Paraná ?
— Em Santa Catarina ?

13 QUAL O ESCRITOR QUE CRIOU A RIDÍCULA PERSONAGEM DE PACHECO:
— Coelho Neto ?
— Eça de Queiroz ?
— Machado de Assis ?

14 DE QUE AUTOR É O FAMOSO CONTO, «A GATA BORRALHEIRA»:
— Monteiro Lobato ?
— Charles Perrault ?
— Leon Tolstoi ?

15 QUE NOME TINHA, ANTIGAMENTE, A CIDADE DE LAMBARI:
— Águas Virtuosas ?
— Caxambu-Mirim ?
— Caminho de S. Lourenço ?

16 QUAL ERA A ANTIGA CAPITAL DO PIAUÍ:
— Parnaíba ?
— Amarante ?
— Oeiras ?

17 QUE NOME SE DÁ AO CAJU QUANDO AINDA ESTÁ NOVINHO:
— Caturrita ?
— Maturi ?
— Cajuí ?

18 AO LARGO DE QUE ESTADO FICA A ILHA DA TRINDADE:
— De Sergipe ?
— Do E. do Rio ?
— Do Espírito Santo ?

19 QUE OUTRO NOME TEM O NORTE:
— Setentrião ?
— Meridional ?
— Capricórnio ?

20 EM QUE GOVÊRNO FOI NOMEADO O BARÃO DO RIO BRANCO, MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES:
— Prudente de Morais ?
— Rodrigues Alves ?
— Campos Sales ?

(Respostas na pág. 74)

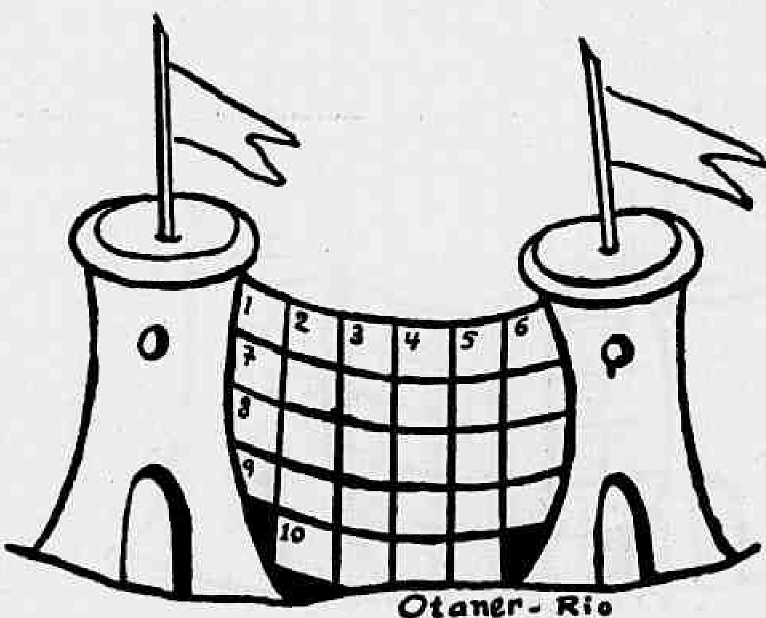
PALAVRAS CRUZADAS

PARA VETERANOS

PROBLEMA N.º 9

HORIZONTAIS: 1. Fingido — 7. Metamorfose — 8. Flâmula — 9. Gênero de plantas terebentáceas (pl.) — 10. Fôlhas de palma.

VERTICAIS: 1. Insensibilidade — 2. Moldura principal do capitel dórico — 3. Rabeca mourisca — 4. Curto — 5. Entregarás — 6. Serra do Ceará.





PARA NOVATOS

PROBLEMA N.º 9

HORIZONTAIS: 1. 6.ª nota musical — 3. Aqui — 4. Piche — 6. Grito do gato — 7. Substância doce formada pelas abelhas — 8. Satélite da terra — 9. Caminho ladeado de casas — 10. Título abissínio.

VERTICAIS: 2. Afeição profunda — 3. Grude — 4. Pata — 5. Pronome pessoal feminino plural — 7. Oceano.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NÚMERO ANTERIOR

PARA VETERANOS

Horizontais: Era — Orgia — Sito — Leves — S.O.S. **Verticais:** Argivo — Erses — Aites — Aos.

PARA NOVATOS

Horizontais: Roma — Orador — Calor — Ocorrer — As — Ou. **Verticais:** Ralos — Odor — Morro — An — Oco — Raça — Ar — Eu.

★

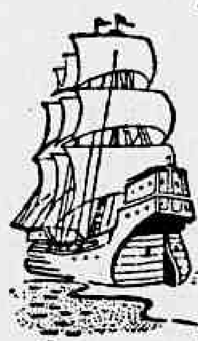
Colaboração e correspondência para: Red. da REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

CORRIGENDA

O problema n.º 6 para Novatos foi publicado com falhas. O conceito da vertical 4 é VENERAS e o da 5 é o que saiu como sendo 4 (correia que sustenta o estribo) — pl.)

Confeitaria
Colombo

AS MAIS DELICADAS IGUARIAS EM UM AMBIENTE DA MAIOR DISTINÇAO



A Colombo caracterisa a vida social do Rio de Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almôço, chás, lunchs e "cocktails" acolhem diàriamente o escol da sociedade carioca para os sutis prazeres do espirito, do coração e do paladar.

Serviço irrepreensível, a domicilio, de banquetes e recepções

GONÇALVES DIAS, 32/36 22-7650

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

ASSEMBLÉIA, 90

A 10 metros da Avenida

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

NESTE MÊS VAI SOFRER OUTRA VEZ?

Esta pergunta dirigimo-la a você prezada leitora. A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terriveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. Terriveis males sim porque além de transformarem a sua existência num verdadeiro martirio esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza. Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras. Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. O Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2, conforme o seu caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade, a boa disposição física e moral. O Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o Nº 1 e o Nº 2 — de acôrdo com as naturezas diferentes dos males femininos. O Nº 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas conseqüências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. O Nº 2 se aplica na falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas conseqüências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc. O Regulador Xavier lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os meses do ano.



Leon Eliachar esboça Caricatu-grafias...

MICRO-BIOS



ESTHER WILLIAMS Um minuto depois de nascer, colocaram-na numa bacia de água quente; foi a primeira vez que demonstrou suas qualidades de exímia nadadora. Uma semana depois, seu pai deu-lhe de presente um maiô de duas peças — que ela faz questão de usar até hoje. O tecido do maiô é muito bom, mas Esther ainda tem esperanças que êle encolha qualquer dias dêstes. E nós também.



VAN JOHNSON Por trás de um amontoado de sardas veio um garoto que era um amor. As sardas cresceram e o garoto também. Um descobridor de sardas contratou-o para a Metro. Os maquiladores acrescentaram algumas dezenas e mandaram fotografá-lo em tecnicolor. A popularidade de suas sardas cresceu tanto que Van Johnson ficou conhecido da noite para o dia. E nunca tão pouco deveu tanto a tantas.



YVONNE DE CARLO Sua ficha diz que sabe dançar, cantar, representar. Pena que nunca tenha mostrado isso. Entrou no cinema por intermédio de um concurso de beleza. De fato, um dos "bambas" da U-International achou-a linda e fêz uma "fezinha" na menina. Mas ela continua solteira. Milhares de dólares são gastos em seu tecnicolor. Em verdade, seu talento só se nota mesmo com a interferência de Natalie Kalmus.



JOAN CRAWFORD — indiscutivelmente uma grande atriz dramática, iniciou sua carreira fazendo filmes musicais. Já a vimos como corista, cantora de cabaré, mulher fatal e adjacências. Está no cinema há vinte anos e é uma das poucas que não consegue enganar a idade. Adora os maquiladores, o que vem confirmar a célebre teoria de Lavoisier: "Na natureza nada se cria e nada se perde; tudo se transforma".



CHARLES BOYER Não se sabe quem nasceu primeiro, se a sua careca ou o seu sotaque. No entanto, êle consegue encobrir a careca, mas não pode esconder o sotaque. Quando fala em francês, as meninas suspiram; quando fala em inglês, as meninas também suspiram, porque quase não há diferença. Quando o seu sotaque se aposentar, Charles Boyer irá junto. E os maridos poderão dormir sossegados, amen.



HUMPHREY BOGART Antes de ingressar no cinema tinha uma vida de aventureiro. Depois que ingressou, continuou suas aventuras na tela, sendo que nunca poderá se esquecer daquela aventura na Martinica: casou com Lauren Bacall. No cinema, Bogart apanha por beijar mulheres; na vida real, beija-as para apanhá-las. E' um dos raros artistas que têm 49 anos e aparenta ter 49 anos.



FRED ASTAIRE Deve à cabeça o talento das pernas.



BETTY GRABLE Deve ás pernas o talento da cabeça.



DOROTHY LAMOUR Com "amour" ou sem "amour", o fato é que 'há... Dorothy", com trocadilho ou sem êle. Mas uma coisa é inegável: sem "sarong", nada feito. Mesmo porque, desde que ela apareceu, fica-se sempre na dúvida se foi ela quem lançou o sarong ou se o sarong é que a lançou. Era melhor que ela tivesse lançado o "sarong", só assim ficaríamos livre dele. E melhor seria que quando ela o lançasse, não saísse de dentro.



VERONICA LAKE Desde criança revelou sua preguiça. Quando lhe nasceram os primeiros fios de cabelo, ela não se preocupou em penteá-los. Ficaram caídos sôbre os olhos até que ela cresceu. A bem dizer, só lhe cresceram mesmo os cabelos. Só fuma "guimbas", a fim de não parecer menor que o cigarro. Vocês já imaginaram o que acontecerá à sua popularidade quando ela cortar os cabelos? Pois isso já aconteceu.



JANE RUSSELL Uma das mais lindas e sensuais mulheres do cinema, provocou escândalo quando apareceu em "O Proscrito". A censura trancou o filme durante dois anos na América, com a esperança de guardar a atriz. No Rio, colocaram Jeanne Russell nas prateleiras durante quatro anos e quando a soltaram, ela estava impossível. Mas Jane venceu. Para entrar no cinema bastou meter os peitos.



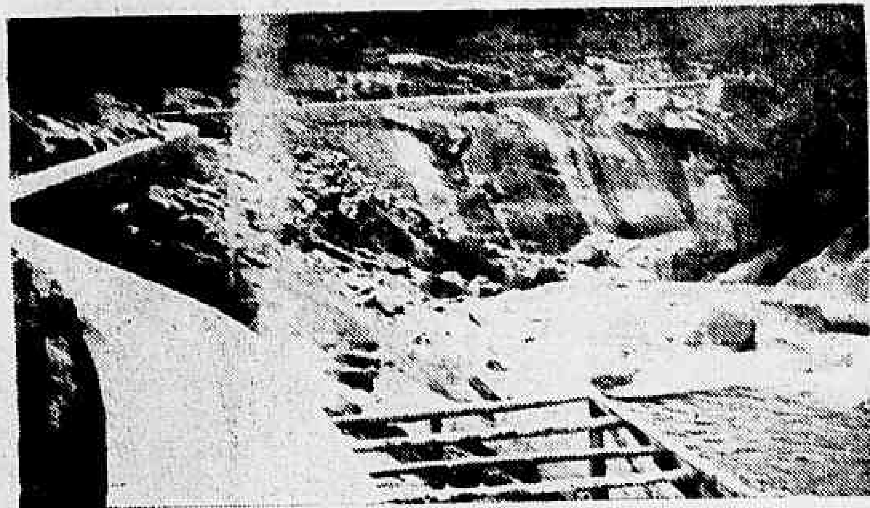
LANA TURNER E' o que se pode denominar de "uma composição química", fabricada nos milagrosos estúdios de Hollywood. Usava uma suéter, quando foi "descoberta". Ficou sem a suéter. O descobridor de talentos viu naquele pedacinho de lã, um pouco de talento, e não hesitou: contratou-o. Lana fêz questão de ficar dentro da suéter. O resultado aí está: três casamentos, uma cabeleira platinada e uma carreira. O destino bateu à sua porta — mas a felicidade vem depois.. De qulquer forma, "quero-te como és..."



INGRID BERGMAN Na Suécia, era a mulher do futuro; em Hollywood, a mulher do presente, e em Stromboli — a mulher do passado. Quando conheceu Rossellini, não pensou que iria levar uma vida strombólica, esquecendo que Roma é uma cidade aberta. Atualmente, Ingrid é combatida pela Igreja que vem fazendo forte campanha contra a sua conduta na vida real. O dr. Peter Lindstrom, seu "ex" — está se aperfeiçoando na operação de cérebros. Quem sabe se êle ainda conseguirá virar a cabeça da atriz?



ALAN LADD Nasceu como qualquer outro menino: careca. E como qualquer outro menino, nasceram-lhe os cabelos, que logo foram demonstrando suas inclinações para topete. Já homem feito, seu topete foi contratado para trabalhar no cinema. Alan não podia separar-se dele, por isso foi também. E apesar da luta entre ambos, convenhamos que o topete está sempre por cima.



ABASTECIMENTO D'AGUA DE FLORIANÓPOLIS

O Escritório Saturnino de Brito realizou, no govêrno Aderbal Ramos, as obras de abastecimento dágua de Florianópolis. As fotografias dos lados são uma visão do acueduto (à esquerda) de concreto de 0,60x0,070m2 de secão e 2.600m de extensão, entre a barragem de captação e o início da linha adutora de tubos de ferro fundido, e (à direita) reservatório de 4.000m3, onde chega a linha adutora de 450mm de diâmetro e de 27 Kms. de extensão.



O CONCRETO...

(Cont. da pág. 28)

O Hotel Quitandinha, sob o ponto de vista estrutural, é o mais complexa edifício do Brasil. Seu esqueleto, todo êle de concreto armado, é formado de sistemas estruturais, os mais variados. Há, além dos sistemas em treliças, em quadro rijo e em cascas. A cobertura do Salão de Diversões é uma casca de revolução de quase 50 metros de diâmetro recebendo como carga uma cobertura formada de lajes apoiadas diretamente em pilares. No seu gênero é única no mundo.

No domínio das construções industriais, o que se tem feito no Brasil, nestes últimos vinte anos, em concreto armado, é, também, espantoso. Todos os edifícios e oficinas do Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras e quase todos os da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda são aplicações valiosas dêste material. As estruturas que aí encontramos são as mais diversas possíveis e apresentam, tôdas elas, as características marcantes de nosso desenvolvimento neste setor da engenharia e que são segurança, arrôjo e beleza. Em Volta Redonda, os engenheiros norte-americanos, muitas vêzes, formulavam dúvidas que eram fàcilmente desfeitas por nossos técnicos estruturais.

No domínio da construção de pontes e viadutos de concreto armado estamos, também, na vanguarda de todos os países. No trecho da Estrada de Ferro Sorocabana que vai de Mayrink a Santos vários records mundiais foram obtidos pelo engenheiro patrício Humberto Fonseca na elaboração e execução de projetos de pontes ferroviárias. Nossas rodovias estão tôdas elas cheias de pontes de concreto armado dos tipos e sistemas os mais variados. Em tôdas elas sentimos a segurança ligada à esbelteza. A ponte rodoviária sôbre o rio do Peixe, projetada pelo engenheiro Emílio H. Baumgart, é uma outra realização record no gênero. A ponte de concreto armado que se vê, hoje, na cidade do Recife, sôbre o rio Capibaribe e que recebeu o nome de Duarte Coelho tem, também, características que a destacam das outras pontes.

No momento está sendo construida sôbre o rio das Antas, no Rio Grande do Sul, a ponte de concreto armado brasileira de maior vão: 186 metros. O projeto, que foi por nós elaborado, prevê um escoramento especial em quadros rijos de treliça de aço. São inúmeras as questões de ordem técnica que esttão sendo resolvidas nesta construção.

O Estádio Municipal e o Clube de Engenharia são duas obras monumentais de concreto armado que estão sendo executadas, atualmente, no Rio de Janeiro. A primeira é caracterizada pelas grandezas extraordinárias de sua arquibancada e sua cobertura, que são das maiores do mundo. A segunda prima por sua grande altura e grande esbelteza de seus elementos estruturais.

Somos hoje um dos paises do mundo onde as construções de concreto armado mais se destacam pela sua beleza e segurança, graças ao conhecimento cada vez mais profundo que têm os engenheiros brasileiros dêste material. As nossas normas, sàbiamente elaboradas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas são das mais avançadas do mundo e têm servido de padrão para normas de um grande número de paises. Muito devemos ao concreto armado e à sua técnica, mas, em compensação, o aperfeiçoamento dêste material também muito deve aos engenheiros brasileiros.

Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação de óleo de peroba.

LIMA CIDADE DOS...

(Continuação da pág. 64)

que conduz até Chorrilos, que finaliza na linea curva que formam as praias do Pacífico. Por outro lado, junto ao crescimento da área urbana, teem-se verificado, de imediato, um simultâneo e forte aumento no número de habitantes. Anteriormente, apesar de tôdas as melhoras, o movimento demográfico de Lima não demonstrava senão um ritmo muito débil. Assim, o censo de 1857 dava a Lima a população de 94.195 habitantes, e em 1876 estimou-se essa quantidade em 100.156 para depois de iniciar-se o novo século no ano 1908, aumentar para 151.624 almas. A partir de 1920, quando se contaram 198.875 habitantes, o avanço tem sido bastante intenso, alcançando a 334.159 no ano de 1931 e 520.585 em 1949, com o aumento de 55.8% entre êsses últimos anos. Continuando tal ritmo, Lima chegou em 1945 a uns 655.000 habitantes e calcula-se que nos próximos dez anos a cidade de Lima haja chegado à cifra de um milhão. O progresso de Lima tem tido, por outra parte, a virtude de não efetuar-se sòmente no aspecto estritamente urbano, isto é, no sentido de multiplicação ou elevação de edifícios. Lima saiu, pelo contrário, a ver o campo; debruçou-se sôbre a costa marítima. Produziu-se, não uma aglomeração daninha com a conseqüente asfixia moral e material, mas, sobretudo, um espontâneo achado. Poderia dizer-se que nos últimos anos a capital do Peru avançou em direção do campo, não para destruí-lo porém, sim, para assimilá-lo e incorporá-lo à sua função; Lima é o centro mais industrializado do país: pelo pôrto de Callao se mobiliza normalmente a metade do volume do comércio internacional do Peru. Os turistas que visitam esta cidade fazem notar nas suas impressões as avenidas pavimentadas com es-

(Continuação da pág. 22)

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

USEM
PAPEL
COUCHÉ
NACIONAL
KLABIN

A MELHOR FARINHA DE TRIGO



3 COROAS:
Especialmente fabricada para massas, doces, bolos, biscoitos e todos os demais usos culinarios



MOINHO DA LUZ

AGUARDEM NO PROXIMO NÚMERO O INICIO DE: ANTES DO MEU CASAMENTO

UMA PEQUENA VAIDOSA











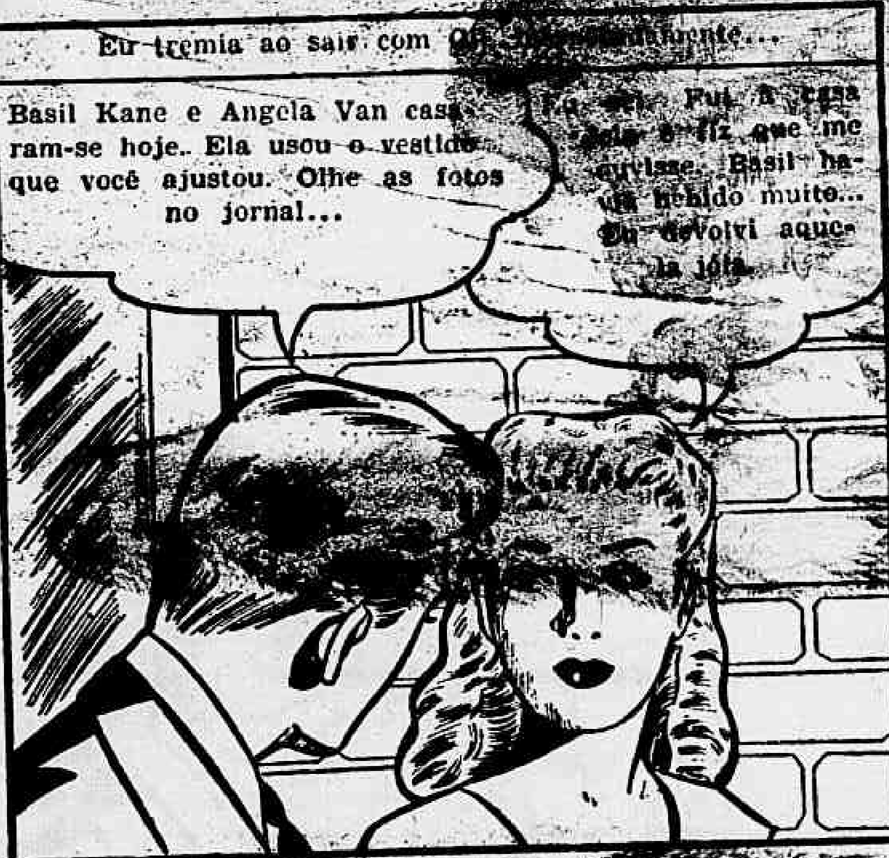














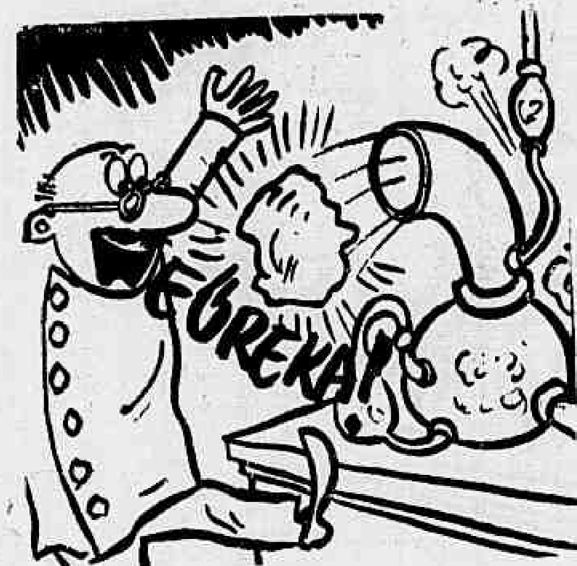


TUDO ISTO ACONTECEU...



JOANA DE BARRO

O leitor sabe o que é João de Barro? Não é um senhor negociante, nem funcionário público. Ésses têm um "s" no final do nome: Barros. O João de Barro, no singular, é um passarinho muito popular no Brasil, vivendo honestamente de extremo a extremo do país. E' o símbolo do sujeito que não quer pagar aluguel e levanta sua própria casa. Dizem coisas incríveis dêle. Até que costuma enfeitar o interior da residência com decorações coloridas, pedacinhos de vidro, etc. O certo é que tais lendas jamais se comprovaram. Mas isso em nada compromete o valor construtivo do nosso simpático João de Barro. Tudo isso vem a propósito de uma senhora que, na imensa e tumultuosa cidade de Nova York, decidiu bancar o João de Bárro, passando, pois, a ser uma Joana de Barro perfeita. Chama-se ela Agnes M. Taylor e tem apenas 84 anos. Oitenta-e-quatro, com tôdas as letras. Mrs. Taylor ocupava uma casa alugada. Tôdas as tardes costumava ela colocar uma cadeira de balanço na varanda e tomar uma fresca, terminando, quase sempre, em cochilos. Mas isso, um dia, aborreceu-a muito. Que coisa monótona, aos 84 anos dormitar numa cadeira de balanço, em casa alugada! E lhe veio êste impulso de atividade próprio de uma jovem de 25 anos: ia construir sua casa própria. Era professôra pública aposentada. Rendimentos certos, mas sem fazer nada para distrair-se. Então, escolheu um terreno seu, mandou buscar material de construção, madeira, pregos, etc., e meteu mãos à obra. Em meses, estava pronto o seu "bungalow", com um belo terraço, onde ela colocou a cadeira de balanço e pôde contemplar sua vitória!



FOTOGRAFIAS DO SOM

O fenômeno do som nunca deixou em paz os senhores físicos e cientistas. Depois de algumas pesquisas e estudos, descobriu-se que o som era o produto de vibrações de um corpo. Quando êste vibra, isto é, quando cada uma de suas moléculas executa um movimento rápido, as vibrações se propagam no espaço e ondas se espalham.

Para dar uma demonstração visível e fácil de ser compreendida por qualquer pessoa, citam os senhores físicos o exemplo da pedra jogada na superfície de um lago tranqüilo. Lago ou qualquer outra porção suficiente de água para a demonstração.

Caindo nágua o corpo pesado, partem em tôdas as direções, em círculos concêntricos que se vão ampliando à medida que se distanciam do centro provocador, "ondas" líquidas, marolas, ondinas, ou como lhes chamarmos.

Essas ondas, porém, vão diminuindo de volume à proporção que é mais longo o espaço a percorrer, até que se desfazem por completo. Assim, as ondas sonoras. Como a água vibrou em face da queda do corpo mais pesado que ela e expediu suas ondas, assim também o som. Basta que um corpo bata noutro, friccione-o mansa ou violentamente, para que se produzam sons.

Mas, como seriam êsses sons? A física, desde muito que descobriu sua estrutura, mediu-lhe a velocidade à superfície dágua e dentro dágua. O ar é composto de moléculas e é êle quem facilita a transmissão do som, embora não seja o ar o melhor condutor, e sim a água. Mas faltava uma coisa impressionante: fotografar o som. Foi o que fêz agora, de maneira definitiva um grupo de cientistas dos Laboratórios da Bell Telephone sob a direção de F. K. Harvey. Juntamente com W. E. Cock, aperfeiçoou a técnica e o demonstrou com absoluto êxito, fotografando ondas sonoras...

FABRICAS DE RUBIS

AS pedras preciosas sempre constituíram motivo de ganância entre os homens. E' uma repetição do ouro, ou da prata quando era êsse metal o mais precioso como motivo de troca e meio de valor.

Tão grande era a sêde de ouro que os antigos cientistas e mágicos viviam debruçados na busca da famosa pedra filosofal, com a qual esperavam converter qualquer metal ordinário e em excesso na natureza, em ouro de primeira qualidade.

Os séculos se passavam e nada de transformar-se ferro em ouro; mas o homem não descansa e a luta no sentido de fabricar-se pedra preciosa como quem fabrica cimento, continuou acesa.

E agora sucedeu esta coisa espantosa: os cientistas suíços da cidade de Genebra conseguiram o milagre que sòmente a natureza conhecia: fizeram rubis tão fortes, belos e legítimos como os das entranhas da terra.

Quantos gigantescos rubis, pesando 700 quilates cada um, foram feitos nos laboratórios da Suíça. São o produto de séculos de pesquisas. Formados de pós sintéticos, sob o calor espantoso de 3.722 graus Fahrenheit, não têm diferença alguma das gemas empregadas nos famosos relógios suíços.

Qual será o valor dessas pedras? Segundo informam de lá, muito elevado, uma vez que os fabricantes levaram meses para conseguir o surpreendente sucesso de agora. E' um milagre da técnica e da ciência obtida na mais antiga fábrica de pedras sintéticas do mundo, em Monthey, na Suíça.

Para isso foram construídos, de modo todo especial, fornos, foles, caldeiras e outros equipamentos. Os cientistas e técnicos, decididos a levar avante o sonho de alquimistas, trabalharam sem descanso durante meses, nada menos de 16 horas por dia. 30 mil quilates de rubis foram sacrificados; mas o homenm venceu!



CHOQUES EM BERLIM

DESDE que Berlim ficou ocupada pelas fôrças das nações aliadas e sua área dividida em zonas de influências, cada qual seguindo as diretivas dos governos de ocupação, os habitantes da grande capital alemã passaram a ser conhecidos como alemães do Ocidente e do Oriente. Estados Unidos, Inglaterra e França, unindo-se cada vez mais contra a penetração comunista no setor oriental que ameaçava invadir o ocidental, passaram a olhar o problema com certa acuidade e estabeleceram medidas para evitar a agravação do perigo que já tomara aspectos de natureza internacional. Por sua vez, os comunistas da zona oriental redobraram de atividade e organizaram desfiles de jovens em tôrno da Socialist Unitey, todos envergando uma nova camisa a camisa azul. A preparação para o dia 28 de maio teve repercussão pelo mundo inteiro, [illegible]ando-se mesmo choques perigosos, que poderiam provocar a terceira guerra mundial. Muito antes dêsse desfile soviético dos jovens da Berlim Oriental, vários tumultos se verificaram nas fronteiras das duas zonas, intervindo as polícias de ambas as correntes para dispersar os adeptos das correntes antagônicas.



NOSSA SENHORA APARECEU

NOS momentos aflitivos por que passa, de quando em quando, a desventurada humanidade, almas sensíveis e de forte crença na intervenção divina, se voltam para os Santos, para a Mãe de Cristo, numa rogativa cheia de piedade.

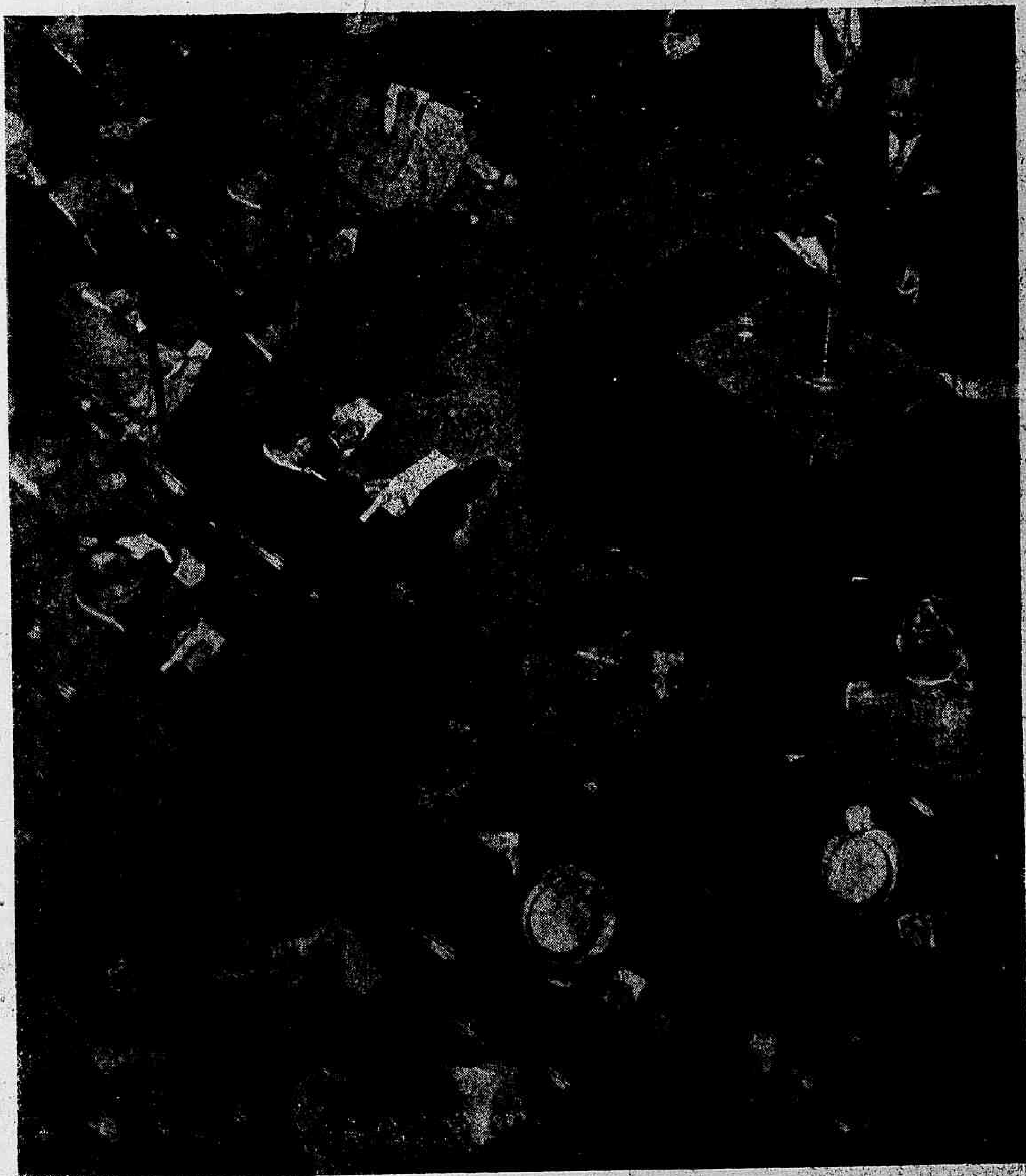
As orações à Virgem dominam as almas alimentadas pela fé. Suas preces diante dos altares na solidão dos cláustros e das catedrais, devem atingir os céus, são ouvidas pelo Infinito para atenuar os sofrimentos do mundo.

Daí, de quando em quando, surgirem pessoas, quase sempre meninas e mulheres, jurando em como viram Nossa Senhora, tôda vestida de azul, em meio de auréola deslumbrante.

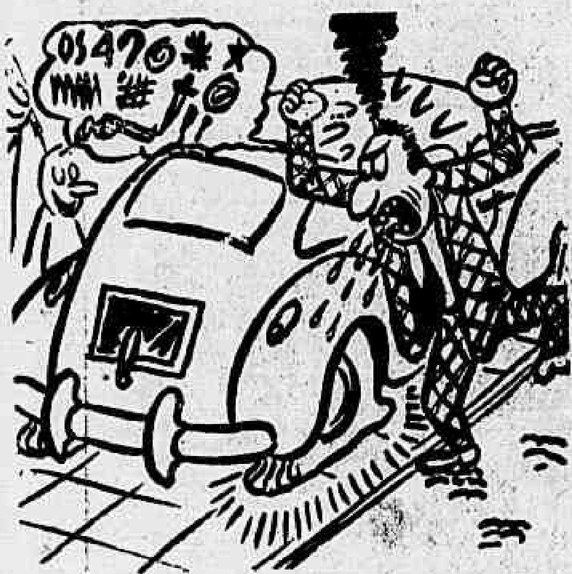
Em 1937, duas camponesas foram surpreendidas nas faldas da serra do Guarda, próxima à cidade de Pesqueira, Pernambuco, com a visão de Nossa Senhora. A notícia se espalhou com a rapidez da luz e enorme multidão afluiu, durante dias seguidos, ao sítio privilegiado para venerar a Virgem e trazer de lá garrafas dágua que filtravam de pedras no alto da montanha.

As laranjeiras da casa dos pais das duas irmãs ficaram sem uma folha, tôdas elas arrancadas e levadas pelos peregrinos como relíquias. Milagres e curas circulavam. Quem era entrevado passara a andar, quem não via já enxergava, quem era mudo falava. O poder da fé remove montanhas. Depois, tudo passou.

Agora, na cidade de Necodah, Wisconsin, Estados Unidos,, a senhora Mary Ann van Holt, declara que por quatro vêzes, Nossa Senhora lhe aparecera. A vidente mora numa pequena propriedade agrícola. A Virgem lhe prometera voltar mais uma vez no dia da festa do Coração de Jesus. Espalhada a notícia, considerável multidão de fiéis acorreu ao sítio das aparições e ali murmurava preces pela intervenção celeste nas loucuras do mundo.



É costume dos presidentes da República dos Estados Unidos da América do Norte, reunirem no salão da Imprensa da Casa Branca, em Washington, semanalmente, os repórteres do país, a fim de que sejam informados dos mais interessantes casos da administração nacional. Essas entrevistas se revestem, muitas vêzes, de aspectos imprevistos, quando alguns dos jornalistas presentes quebram a monotonia das exposições-chapas e fazem perguntas, por vêzes indiscretas. O chefe da nação, entretanto, não se mostra nunca aborrecido com a curiosidade ou o interêsse de tais repórteres e lhes dá as devidas respostas, guardando, evidentemente, as devidas cautelas para evitar mesmo complicações de caráter internacional... Depois daqueles encontros amistosos, os jornalistas correm às redações de suas agências ou jornais e transformam tudo em notícias para o país e para o mundo. Nesta foto reproduzimos um dêsses "bate-papos" comuns na grande República do Norte, como prova de sua praxe democrática, nivelando os mais altos dignitários do país aos mais modestos profissionais da imprensa.



MUITO BEM MAJOR!

A realização do campeonato mundial de futebol no Rio de Janeiro, com a inauguração do "Colosso do Maracanã", trouxe uma preocupação dominante entre as autoridades responsáveis pelo trânsito.

O estádio que então se construía no antigo terreno do Derby pelas proporções gigantescas, deveria contar em suas imediações, com grandes áreas para estacionamento de veículos e movimentação de pedestres. Esperavam-se colossais assistências, dada a capacidade do maior centro esportivo do mundo.

A Prefeitura, tomando a seu cargo o problema do espaço circunjacente, fêz o que lhe foi possível naquele exíguo espaço de tempo; restava, então, que o Serviço de Trânsito do Rio, estudasse o melhor sistema de acesso e escoamento de veículos prevendo-se uma afluência descomunal nos dias de jogos de maior importância.

O major Geraldo Côrtes, assumindo, pessoalmente, o comando da questão, estudou com os seus técnicos e auxiliares mais experimentados, o processo que deveria ser pôsto em prática. Mandou então distribuir por várias das ruas visadas pelo plano de circulação excepcional, avisos vistosos e deu instruções aos guardas para orientarem os motoristas. Avisos escritos e verbais proíbem estacionamentos em determinados locais. Mas, já disse certa vez um viajante espirituoso que "no Brasil só se faz o que é proibido". E no sábado, 24 de junho, quando o jôgo Brasil-México atraía ao Maracanã a maior assistência já registrada na América do Sul, as ordens e determinações da Diretoria do Trânsito foram desrespeitadas por avultado número de motoristas, dentre êstes, um vereador que, além de desobedecer o guarda, ainda lhe pediu o número...

Então o major Côrtes mandou aplicar, além da multa regulamentar, esta punição original e inédita em nosso país: esvaziar-lhes um pneu, sendo que o castigo do vereador foi dobrado: dois! Major Côrtes! Muito bem! Duro com os indisciplinados!

ESTA' PRA ELES

DIZEM as pessoas mais viajadas que, em várias cidades dos Estados Unidos há clubes de carecas. Não estamos bem a par de seus estatutos; mas, deve ser assim a gradação para dar direito à inclusão no quadro social: queda de cabelos com a formação da fatal "peladinha", aspirante; [illegible] mais forte do alto da cabeça [illegible] lustrosa, membro efetivo; queda completa de cabelos dando à cabeça o aspecto de legítima bola de bilhar, Sumo Sacerdote. Os americanos sabem levar a vida na pilhéria e se divertem com uma simples fatalidade capilar. No Brasil, com avultado número de carecas, já se tem feito alguma coisa em favor da classe, a partir daquela famosa e sempre cantada marchinha: "E' dos carecas que elas gostam mais..." e que constituiu o mais vivo êxito de um dos carnavais do Rio há cinco ou seis anos.

Afora a marchinha carnavalesca, porém, só se sabe da "Festa dos Carecas" da cidade fluminense de Cantagalo.

Que festa será essa? Uma delícia, leitor. Todos os anos, nos dias 28 e 29 de junho, realiza-se essa festança já tradicional naquela terra. E' a maior de tôda a zona e costuma atraír milhares de forasteiros. Êste ano, segundo dizem, foi indescritível



a "Festa dos Carecas" em Cantagalo. Além de dar-lhe muito brilho a filarmônica local, compareceu a dos Fuzileiros Navais do Rio, emprestando a Cantagalo um aspecto deslumbrante e entusiástico. Como não podia deixar de ser, houve jogos de futebol em homenagem aos carecas, encerrando-se os festejos com vários bailes de [illegible], sendo um deles realizado [illegible] Justiça, que é cega, mas [illegible] ta majestade nos carecas. [illegible] 28 e 29 de junho? Porque [illegible] é o padroeiro dos carecas e tem as chaves do Reino



KATHERINE — A FILHA DE UM NEGRO DE MADAGASCAR

PRESENTEMENTE no Rio, dando uma série de espetáculos em um dos nossos teatros, a dansarina norte-americana Katherine Dunham tem despertado invulgar curiosidade e justas referências da crítica. Após haver-se doutorado em antropologia na Universidade de Chicago, Katherine, que é filha de um negro de Madagascar e de uma professora franco-canadense, completou seus estudos em Antilhas. Em contacto com as civilizações afro-centro-americanas, recolheu farto material folclórico sôbre as atividades dos pretos africanos na dança e na música. Ninguém pode negar a forte influência dos ritmos dessa origem na música de tôdas as Américas. E Katherine Dunham quer provar ao mundo que os africanos, os pretos do mundo inteiro, possuem sentimento e poder criativo suficiente para influenciar manifestações artísticas nos povos que os subjugaram e os escravizaram. Raça, para ela, não passa de uma definição convencional dos homens para distinguir as diferentes côres com que os mesmos aparecem na face da terra. O que na realidade diferencia de modo marcante aos homens, é o temperamento. Espetáculos bonitos, considerados de relevante contribuição para a história da dança, eis o que ela e seu afinado conjunto de bailarinos, músicos e cantores, apresentam ao público carioca. Sôbre êsse gênero diferente de "ballet", daremos no próximo número, uma reportagem curiosa.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

1900-1950 (Sabino Canalini) ... 4/5
50 anos de Política em Revista (Renato de Alencar) 9/11
Lima — Cidade dos Reis (Alberto Conrado) 36/39

CURIOSIDADES

Meio Século (Redação) 3
Flagrante da Copa do Mundo . 7
Beijo... Linguagem Universal (Abdias Rodrigues) 19/21
Televisão — essa coisa nova (Al Neto) 40/41
Caricatugrafias (Leon Eliachar) 68/69

LITERATURA

O Milagre do Amor (Lysa Castro) 24
Meio Século de Literatura (Edmundo Lys) 25/27
«O Bentinho» (Gita de Barros) 52

HUMORISMO

Copa do Mundo (Theo) 6
«Revista da Semana» (Nicodemus) 47

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8
Personagem da Semana 8
A Saúde do Bebé (Dr. Saboia Ribeiro) 54
Música (Roberto Lyra Fº) 58
Puxe Pelo Cérebro 66
Palavras Cruzadas 67
Tudo isto aconteceu 72/73
Correio da Revista ....

FEMININAS

Flores, complemento de elegância 53
Variações sôbre Tafetá 56
«Tailleurs» de Casemira 57
Week-End na Cozinha 60/61

FOLHETIM

Uma pequena vaidosa 71

FOTOS:

Arnaldo Vieira — José Santos — Avulsas

BONECOS:

Rafael

ILUSTRAÇAO:

Orval

NA CAPA:

MARTHA TOREN

(Foto Universal-International)

RESPOSTAS AO TESTE

(Resposta ao Teste da pág. 66)

1) — Grouchy.
2) — Olinda, Pernambuco (1710).
3) — Bisavó.
4) — 320 réis.
5) — Pela inauguração do Cabo Submarino (1874).
6) — No Palácio da Quinta da Boa Vista (Hoje Museu Nacional).
7) — Campos, E. do Rio (1883).
8) — Dez.
9) — O Parlamento Nacional (Senado e Câmara).
10) — O Brasil (D. Joaquim Arcoverde).
11) — Na Bahia (Em Itajuru, próximo de Jequié, 43º, 8 centigrados).
12) — No Paraná (Palmas, 10º, 1 centigrado abaixo de zero).
13) — Eça de Queiroz.
14) — Charles Perrault (Cendrillon, em francês).
15) — Águas Virtuosas.
16) — Oeiras.
17) — Maturi (ou maturim, em alguns Estados do Sul).
18) — Espírito Santo.
19) — Setentrião.
20) — Rodrigues Alves (1902).



MOBILIÁRIOS E DECORAÇÕES

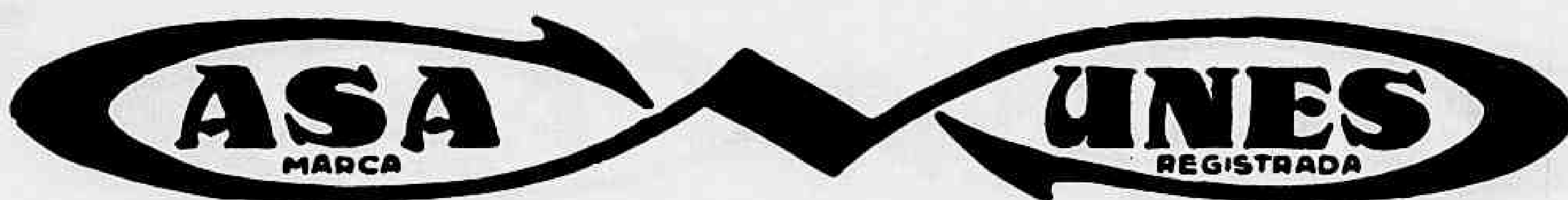
ORÇAMENTOS EXECUTADOS POR TÉCNICOS ESPECIALIZADOS

GRUPOS ESTOFADOS

para entrega imediata

TAPETES E PASSADEIRAS de todo o mundo, fabricados especialmente para a





65 · RUA DA CARIOCA · 67 · RIO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

A Sociedade Hipica Brasileira, no Rio de Janeiro, é o ponto de reunião predileto dos amantes da equitação.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Antes e depois da competição... cabe um Hollywood, o cigarro elegante por excelência. Hollywood torna ainda mais aprazíveis as horas de lazer. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados fizeram de Hollywood o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood!



cigarros
Hollywood
uma tradição de bom gosto.

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**

SS.030-II